



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**O PROCESSO REFERENCIAL DA DÊIXIS: por uma proposta de
recategorização**

Abniza Pontes de Barros Leal

Fortaleza
2015

ABNIZA PONTES DE BARROS LEAL

O processo referencial da dêixis:
por uma proposta de recategorização

Tese Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará/UFC, como requisito final para obtenção do título.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

L47p

Leal, Abniza Pontes de Barros.

O processo referencial da dêixis : por uma proposta de recategorização / Abniza Pontes de Barros Leal. – 2015.

291 f. , enc. ; 30 cm.

Tese(doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Linguística / Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Orientação: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

1.Língua portuguesa – Referência. 2.Língua portuguesa – Deixis. 3.Língua portuguesa – Categorias gramaticais. 4.Sequência(Linguística). I.Título.

CDD 469.5

O PROCESSO REFERENCIAL DA DÊIXIS: por uma proposta de recategorização

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa (1ª Examinadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Profa. Dra. Socorro Cláudia Tavares de Sousa (2ª Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Profa. Dra. Maria Elias Soares (3ª Examinadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (4ª Examinadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa (Suplente Externo)
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (Suplente Interno)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Data da Defesa: ____/____/____

Fortaleza

Dedico

Ao Amadeu Filho, meu querido esposo, por ser meu incentivador nas trilhas da vida acadêmica.

Aos meus filhos, Cristiane, Tatiana, Amadeu Neto e Sarah por terem dividido comigo os momentos de tensão.

Aos meus netos, à minha nora e ao meu genro.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa, minha amiga, que acreditou no meu sonho, me orientou e sempre me estimulou nos momentos de intranquilidade.

À minha amiga, professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, pelas sugestões de leitura e olhar crítico ao que nos foi possível discutir.

Às professoras Dra. Maria Helenice Araújo Costa, Dra. Socorro Cláudia Tavares de Sousa, Dra. Maria Elias Soares e Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, as quais compuseram a banca que avaliou este trabalho, pelas relevantes contribuições.

Aos professores (as) do Programa de Pós-Graduação da UFC pelos ensinamentos.

Aos meus amigos professores da UECE, em especial, à Ana Maria P. Lima, pelas palavras de estímulo, e à Maria Helenice A. Costa, pelas sugestões de leitura.

Aos amigos, professores e funcionários do UECEVest, por compreenderem minha ausência em alguns momentos.

À minha amiga Liduina Rodrigues, pela ajuda constante na leitura de textos em inglês.

Aos amigos, Dulcilene e Marílio, professores supervisores do Pibid Letras-Português, com quem divido a responsabilidade de orientar os nossos bolsistas.

Às amigas do Geteme, pelas palavras de estímulo à superação do medo de não concluir o trabalho.

RESUMO

Abordada como um fenômeno textual-discursivo e como uma proposta teórica que salienta aspectos dinâmicos do processo de construção dos referentes, a referencialização tem despertado, cada vez mais, o olhar de estudiosos por sua relevância para a produção e compreensão de sentidos. Dentre os princípios que ancoram a construção dos referentes, encontram-se a negociação dos interlocutores e a natureza sociocognitiva da referência, vista agora na perspectiva da instabilidade do real. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apontam a introdução referencial, a anáfora e a dêixis como as três categorias maiores de processos referenciais. De acordo com essa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar os processos referenciais dêiticos, evidenciando seu caráter recategorizador em gêneros predominantemente narrativos e, assim, responder à questão: como ocorre o uso das expressões dêiticas e das funções discursivas do processo evolutivo referencial dêítico na constituição de gêneros com predominância de sequências narrativas? Tomo como ponto de partida os enfoques sobre a reinterpretação dêítica (LYONS, 1977); a realização de um tipo de intersubjetividade que se dá entre o falante, o discurso e o contexto de criação (CAVALCANTE, 2000); a noção de que um antecedente sofre profundas mudanças do início ao fim do discurso (CHAROLLES; SCHNEDECKER, 1993.a) e a evolução dos referentes, conforme defendida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Cavalcante (2011), Koch (2004b). A partir, principalmente, desses estudos, elaboro a hipótese de que, na constituição de gêneros com predominância de sequências narrativas, o uso das expressões dêiticas e as funções sociodiscursivas do processo evolutivo referencial dêítico respondem pela formação de uma cadeia dêítica. Além de uma ampla pesquisa bibliográfica, montei um *corpus* de 30 textos, pertencentes a diversos gêneros, e optei por analisar um exemplário formado por 5 cadeias de cada uma das categorias de análise do presente trabalho: pessoal, temporal e espacial. Parto da ideia de que as funções desempenhadas pelas expressões dêiticas ampliam a compreensão da dêixis no panorama da Linguística Textual e, por esse motivo, priorizei apresentar uma lista das principais funções observadas, mas não me detive na elaboração de um quadro geral que abrigasse tais funções, a exemplo dos estudos de Cavalcante (2000) e Ciulla (2008). Os resultados da pesquisa me permitiram, em primeiro lugar, comprovar que, na formação das cadeias, as expressões dêiticas sofrem modificações, conforme propõe a Teoria da Mudança Dêítica; e ainda, que tais modificações se constituem recategorizações das expressões dêiticas.

Palavras-chave: Referencialização. Dêixis. Recategorização. Sequências narrativas.

ABSTRACT: Usually interpreted as a textual-discursive phenomenon and used as theoretical basis that focus on dynamic aspects about the construction of references, referentiation has attracted the scholars' attention for this relevance to production and understanding of meaning. Among the main principles to construct referents, it is the negotiation between speakers as well as the socio-cognitive nature of referents, this last one being considered in the perspective about the instability of reality. Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014) claim that initial reference, anaphora and deixis are three major categories for referential processes. According to this view, this study aims to analyze deictic referential processes, focusing on its recategorization role in narrative genres in order to answer the question: how does it apply the use of deictic expressions and discursive functions of deictic referential developing process to the constitution of genres with a predominance of narrative sequences? Initially I selected some concepts namely: 1) the deictic reinterpretation (LYONS, 1977); 2) the inter-subjectivity relation among speaker, discourse and context (CAVALCANTE, 2000), 3) the previous referent can change at any time while the discursive interaction occurs (CHAROLLES; SCHNEDECKER, 1993a) and 4) the evolution of referent, as advocated by Apothélos and Reichler-Béguelin (1995), Cavalcante (2011), Koch (2004b). Based on these studies, I developed the hypothesis that the use of deictic expressions and socio-discursive functions of the deictic referential developing process is responsible to form a deictic chain in the constitution of genres with a predominance of narrative sequences. Plus an extensive research, 30 texts of different genres were selected, the analysis were conducted considering personal, temporal and spatial categories, 5 chains of each category. Since the role of deictic expressions expand the understanding of deictic processes in Textual Linguistics field, I present a list of the main features observed without develop a general framework as proposed by Cavalcante (2000) and Ciulla (2008). The results show that, in the formation of chains, deictic expressions had been changed, as the Deictic Shift Theory proposes, and these changes are, in fact, deictic expressions re-categorized.

KEYWORDS: Referentiation. Deixis. Recategorization. Narrative sequences.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	DÊIXIS: CAMINHOS PARA UMA PROPOSTA DE RECATEGORIZAÇÃO.....	22
2.1	Referência <i>versus</i> referenciação	23
2.1.1	A noção de referência	23
2.1.2	A referência em novo cenário	25
2.2	Processos referenciais	29
2.2.1	Categorização.....	30
2.2.2	Como se organizam as categorias.....	32
2.2.3	O acesso às expressões referenciais.....	34
2.3	A dêixis: processo referencial	38
2.3.1	Expressões referenciais: anafóricas e dêíticas	40
2.3.2	Deiticidade.....	45
2.4	Recategorização	48
2.4.1	Da noção de référents évolutifs à noção atual de recategorização	50
2.4.2	O modelo proposto por Apothéloz; Reichler-Béguelin	53
2.4.3	Outras contribuições à proposta de Apothéloz; Reichler-Béguelin.....	65
3	O FENÔMENO DA DÊIXIS.....	75
3.1.	Concepções sobre a dêixis	75
3.1.1	Bühler e as palavras dêíticas.....	76
3.1.2	A tríade dêítica sob a lente de Lyons.....	79
3.1.3	Fillmore e as funções dêíticas do material linguístico.....	84
3.1.4	Concepções sociodiscursiva da dêixis.....	90
3.2.	Sistema dêítico	94
3.2.1	Campo dêítico Bühleriano	95
3.2.2	Pilares do sistema dêítico.....	97
3.2.3	Campo dêítico na esfera das práticas sociais	103
3.3	Tipos de dêixis	109
3.3.1	Dêixis de pessoa	111
3.3.2	Dêixis de tempo	114
3.3.3	Dêixis de lugar	116

3.3.4 <i>Dêixis textual</i>	119
3.3.5 <i>Dêixis social</i>	121
3.3.6 <i>Dêixis de memória</i>	124
4 CAMINHOS DA MUDANÇA DÊÍTICA	127
4.1 Perspectiva da abordagem interacional	129
4.1.1 <i>Dimensão das interações meramente discursivas</i>	130
4.1.2 <i>Dimensão das interações discursivo-sociais</i>	137
4.2 Perspectiva interdisciplinar	143
4.3 Perspectiva narrativa	146
4.3.1 <i>O centro dêítico em textos narrativos</i>	149
4.3.2 <i>Os eus do texto narrativo</i>	156
4.3.3 <i>O paradoxo da categoria tempo</i>	167
4.3.4 <i>A localização no mundo da narrativa</i>	182
5 METODOLOGIA E ANÁLISE	194
5.1. Quadro metodológico	194
5.1.1 <i>A amostra</i>	194
5.1.2 <i>Procedimentos de coleta</i>	196
5.1.3 <i>Categorias de análise</i>	197
5.1.4 <i>Procedimentos de análise</i>	197
5.1.5 <i>Tratamento dos dados</i>	199
5.2. Análises/discussão dos resultados	200
5.2.1 <i>Análises da categoria de pessoa</i>	201
5.2.2 <i>Análises da categoria de tempo</i>	222
5.2.3 <i>Análises da categoria de espaço</i>	243
6 CONCLUSÃO	261
REFERÊNCIAS	265
ANEXOS.....	273

1 INTRODUÇÃO

O entendimento da dêixis, assumido nesta pesquisa, inscreve-se em um quadro teórico da Referenciação segundo o qual a referência é resultado de um processo dinâmico e intersubjetivo, em que predominam interações entre os locutores. Perceber a referência nessa forma de abordagem significa seguir o aporte teórico de inspiração sociocognitiva e interacionista da linguagem, defendido por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (1995), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi e Koch (2002), Cavalcante (2000, 2005), Ciulla (2008), dentre tantos estudiosos. Significa ainda ser uma abordagem que privilegie a produção do sentido como espaço cooperativo dos participantes no ato de comunicação e que, portanto, permitirá entender que a dêixis, como recurso interpretativo no processo de interação, pode ser recategorizada.

Na perspectiva da ideia de recategorização da dêixis e com base no suporte teórico de recategorização de anáforas no âmbito da Referenciação, a partir dos estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin ([1995], 2003), esta pesquisa evoca os pressupostos teóricos da Teoria da Mudança Dêítica, campo em que se destacam, dentre outros estudiosos, Segal (1995), Zubin e Hewitt (1995), Galbraith (1995), Monticelli (2005b). À luz desta vertente, a dêixis é evidenciada no processo de interpretação de texto narrativo e na representação mental que pode resultar deste processo. O centro dêítico pressupõe um mundo da história subjacente aos eventos da história particular que está sendo narrada, e o mundo da história fornece as coordenadas gerais de espaço-tempo dentro das quais a história se desenrola.

O interesse pelo tema nasceu quando, em orientações contidas nos livros didáticos (LD) sobre o ensino da língua, percebi que os elementos circunstanciais eram vistos pela escola sem qualquer relação com o propósito comunicativo. De acordo com essa orientação, o estudo da dêixis inexistia no contexto escolar e o sentido dos dêíticos dado aos enunciados leva em conta apenas o tempo e o espaço, não permitindo compreender, portanto, a presença do sujeito no discurso. Dizer, por exemplo, que *aqui*, *ali*, *acolá*, *no meio da rua*, *etc*, são advérbios de lugar e que “indicam circunstâncias em que se dá a ação verbal” (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 63-67) é uma visão reducionista do papel da linguagem.

Essa concepção do potencial da linguagem no processo de comunicação pode ser comprovada em diferentes manuais escolares. Tomo como exemplificação a

leitura de um cartaz do Projeto Tamar, reproduzido no livro didático acima citado, em que está escrito “Luzes nas praias desorientam e matam as tartarugas marinhas!” e em que alguns filhotes de tartarugas marinhas, recém-saídos dos ovos, se dirigem a um hotel na praia enquanto um único filhote sorridente, se dirigindo para o mar, diz: “Ei pessoal, olha o mar **aqui!!!**”. Na atividade de compreensão leitora, dentre as perguntas para a interpretação do texto, estão: “qual o advérbio presente? Como ele se classifica? Na sua opinião, em que se baseia a afirmação “luzes nas praias desorientam e matam as tartarugas marinhas”?”

O desconhecimento do valor discursivo do *aqui*, acentuado pela presença da interjeição, se evidencia quando os autores afirmam, como sugestão de resposta à última pergunta, que:

quando os filhotes de tartarugas marinhas saem dos ovos, eles precisam se dirigir imediatamente ao mar para sobreviver. Se houver luzes artificiais por perto, eles são atraídos por elas e deixam de ir para o mar e, estando fora dele, tornam-se presas fáceis de animais maiores. Assim, indiretamente, as luzes nas praias contribuem para a não sobrevivência de tartarugas marinhas. (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, P. 67).

Vejo, na sugestão de interpretação, que há o direcionamento para uma informação dada, “as luzes desorientam e matam”, que, de acordo com o propósito do texto, deveriam ser evitadas – esta é, afinal, a informação explícita que o Projeto Tamar quer divulgar – e, por outro lado, a desvalorização do sentido de sobrevivência característico da espécie, presente na expressão “olha o mar **aqui!!!**”, cujo dêitico expresso tanto na linguagem verbal quanto na não verbal (a tartaruguinha está olhando e se dirigindo para o mar) assinala para os outros filhotes que perto deles (**aqui**) está o seu habitat (o mar) e sua salvação.

Ainda com relação ao campo dêitico, as expressões indiciais demonstrativas são estudadas somente quanto à posição dos interlocutores no ato enunciativo (este, esse, aquele e formas variantes). É com base nas instruções de estudo dos pronomes demonstrativos, que destaco, na leitura de uma tira do Laerte, o fato de elementos dêiticos serem desconsiderados. Vale salientar que na tira: a) todos os personagens fazem uso de gestos; b) todos utilizam uma expressão dêitica em relação aos falantes do discurso; mas o LD ressalta somente os termos indiciais demonstrativos, acrescentando:

No 1º quadrinho, um dos piratas diz: “De quem é este olho aqui?”. O emprego de **este** ocorre porque o pirata que está falando (1ª pessoa do

discurso) tem o olho de vidro nas mãos. No 2º quadrinho, outro pirata responde: “**esse** aí é o meu!!”. O emprego de **esse** acontece porque o pirata se refere ao olho que está nas mãos de seu interlocutor (2ª pessoa do discurso). No 3º quadrinho, outro pirata explica: “O seu é **aquele** lá”. Note que, nessa situação, o olho não está próximo nem do pirata que falou inicialmente, nem do segundo; ele está próximo do papagaio-pirata, que voa com o olho no bico. Por isso, o pronome empregado na frase foi **aquele**. Palavras como **este**, **esse** e **aquele** são pronomes demonstrativos. Esses pronomes indicam a posição da pessoa ou coisa demonstrada em relação às três pessoas do discurso. Essa localização pode se dar no espaço, no tempo ou no próprio texto (CEREJA; MAGALHÃES, 7º Ano, 2010, p. 217).

O interesse inicial de constatar o tratamento dado à dêixis pelo LD foi me conduzindo a questões cada vez mais complexas do processo discursivo dêitico e me levou a um espaço de observação que excedia, por exemplo, a visão de que o tratamento dado pelo LD aos demonstrativos se coadunava mais com Fillmore e menos com Lyons. Com Fillmore (1982), quando trata de um quadro descritivo da dêixis espacial e se mostra interessado nas categorias gramaticais, com função de indexação no ato de comunicação; com Lyons (1977b), quando defende que a dêixis é localização e identificação de pessoas, objetos, eventos, processos e atividades, em relação ao contexto espaço-temporal criado e mantido pelo ato de enunciação, embora amparados pelos menos pressupostos.

Alguns posicionamentos sobre as funções discursivas dêíticas foram basilares para a construção do objeto desta pesquisa: a progressão dos dêíticos no discurso em uma dimensão de recategorização. Dentre eles, em um primeiro momento, o de Fillmore¹, por evidenciar que a ancoragem sócio-espaço-temporal nos atos de comunicação motiva a escolha das formas linguísticas, fornecendo, assim, material para a interpretação dos enunciados; e o de Lyons², por admitir que, no universo do discurso, noções espaciais podem ser transferidas para a dimensão temporal do contexto de enunciação e, assim, serem reinterpretadas.

A aproximação da dêixis com o contexto de enunciação e com a noção de (re)interpretação significou a possibilidade de o processo dêitico comportar a recategorização, na perspectiva descrita por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) para o processo anafórico. Enquanto o trabalho desses autores serviu de fonte para inúmeros

¹ (...) the socio-spatio-temporal anchoring of a communication act motivates the form, or provides material for the interpretation, of the utterance that manifest that act (FILLMORE, 1982, p. 35). **(Esta e todas as demais citações se constituem traduções livres da pesquisadora).**

² Anaphora involves the transference of what are basically spatial notions to the temporal dimension of the context-of-utterance and the reinterpretation of deictic location in terms of what may be called location in the universe-of-discourse (LYONS, 1977, p. 670).

estudos (MATOS, 2005; LIMA, 2009; MARTINS, 2011, dentre tantos outros), não há, na perspectiva de recategorização, estudo dos usos dêiticos na progressão de textos.

Dentre os posicionamentos teóricos que me permitiram um olhar mais acurado sobre a dêixis, encontram-se os de Cavalcante (2000 e 2011) e Ciulla (2008). Cavalcante, nas duas obras citadas, dedica-se ao estudo da referenciação e abre espaço para fazer um estudo minucioso sobre os tipos de dêixis, à luz dos ensinamentos de Lyons (1977), Bühler ([1934] 1982; 2011), Lahud (1979), Fillmore (1982; 1997), autores que também orientam a base teórica do presente trabalho. Embora no primeiro momento a autora particularize, no quadro da dêixis, os dêiticos discursivos, ela atribui importância às marcas de subjetividade entranhadas no texto, não as concebendo como mero reflexo da centralidade do sujeito na enunciação, mas vendo-as como sinais da realização de outro tipo de intersubjetividade, aquela que se dá entre o falante, o discurso e o contexto de criação (CAVALCANTE, 2000). É esse aspecto de intersubjetividade de base benvenistiana que norteará o estudo da progressão discursiva do fenômeno da dêixis na perspectiva de recategorização.

Ciulla (2008) teve como objetivo de pesquisa estabelecer critérios que permitissem uma visão ampliada dos processos referenciais, anafórico e dêitico, a qual não apenas revelasse funções, mas também levasse em conta a mutabilidade característica do processo de construção referencial. A autora sugeriu ainda uma classificação dos processos referenciais de acordo com suas funções de retomada e remissão.

De Ciulla (2008), destaco dois aspectos de seu trabalho que auxiliam na definição da proposta de recategorização dêitica. Para a autora, a dêixis acrescenta ao processo referencial funções de instrução sobre como localizar um referente, através da ativação de uma busca na memória ou através de expressões que auxiliam na reconstrução temporal e espacial. Ao fazer a distinção entre os anafóricos e os dêiticos, afiança que estes não recuperariam nem retomariam nenhum elemento do cotexto, mas remeteriam a objetos da situação extralinguística (CIULLA, 2008, p. 7).

A análise a que me proponho, contudo, se distancia da perspectiva de os dêiticos não retomarem elemento do cotexto. A autora tinha como propósito investigar as funções dêiticas e, conforme exemplo a seguir, seu olhar se limitava a ocorrências, quase sempre isoladas, em um mesmo segmento textual. Isso justifica seu posicionamento, mas não invalida a tese da recategorização dêitica.

[01] Ele: tirolês. Ela: odalisca; Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval.

Encontraram-se de novo no baile infantil do clube, **no ano seguinte**. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomençar o montinho (...) (Luis Fernando Veríssimo, *Conto de Verão* nr. 2: *Bandeira Branca*) (CIULLA E SILVA, 2008, p. 166)

Sobre a recategorização, deixei-me guiar, inicialmente, por Charolles e Schnedecker (1993.a), em cujo artigo sobre référents évolutifs³ é levantada a questão da correferência ao longo de um texto: “mais que peut signifier cette notion lorsque l’antécédent subit de profonds changements entre le début et la fin du texte?”⁴. O ponto de interseção entre este entendimento e a tese da recategorização dêitica explica-se, em primeiro lugar, pela “questão” (grifo da pesquisadora) colocada pelos autores, mas também pela presença de expressões pronominais e adverbiais tanto no processo anafórico quanto no dêitico, o que de certo modo aproxima os dois fenômenos no tocante às mudanças sofridas pelos referentes.

Em Charolles e Schnedecker (1993.b), encontrei mais elementos de apoio ao argumento da recategorização dêitica. Primeiro, porque os autores reforçam o estudo sobre a expressão discursiva dos referentes evolutivos, em que estão incluídas expressões pronominais e adverbiais, próprias dos dêiticos, acrescentando que as transformações no desenvolvimento do discurso são observadas em diferentes tipos de textos funcionais (receitas de cozinha, instruções, manuais etc) e ficcionais. De igual modo, a dêixis também se faz muito presente em textos funcionais e ficcionais.

Segundo, porque singularizam o uso de pronomes e fazem reflexões a propósito da evolução desse tipo de referente, sob o ponto de vista ontológico e fenomenológico, e não sob o ponto de vista do processo anafórico. Os autores apresentam dois corolários de ordem linguística que podem ser feitos sobre a identidade ou a alteridade de uma entidade transformada. Um diz respeito às possibilidades de designar um referente após sofrer mudança, ou seja, que SN utilizar (nome próprio, SN com demonstrativo, SN definido ou indefinido). O outro trata mais diretamente da permanência referencial, ou seja, quais expressões mantêm a referência a uma expressão

³ Charolles e Schnedecker (1993.a, p. 108) apontam Yule (1982) e Brown e Yule (1983) como os primeiros a levantar o problema do comportamento dos pronomes nos contextos evolutivos.

⁴ Mas o que pode significar esta noção quando o antecedente sofre profundas mudanças entre o início e o fim do discurso? (CHAROLLES; SCHNEDECKER (1993.a, p. 106)).

dada, quando o mesmo indivíduo que a designou assume outras posições discursivas durante o seu discurso. Conforme será visto em 4.2, este corolário também aparece quando a dêixis é entendida na perspectiva de um campo mostrativo e social.

Em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), as contribuições advêm da recolocação da problemática da evolução dos referentes⁵, tais como: colocarem a evolução da referência em um quadro mais amplo de análise; proporem uma tipologia das principais operações e estratégias discursivas; e, principalmente, destacarem o papel de o locutor ratificar as transformações sofridas pelo objeto de discurso, em uma alusão direta à plasticidade dos significados lexicais. É, exatamente, a concepção construtivista da referência e o ponto de vista, defendidos pelos autores, de que os objetos-de-discurso não preexistem "naturalmente" à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes que servirão de suporte à pesquisa sobre o processamento recategorizador da dêixis.

A contribuição de Koch (2002) é devida à exposição que faz acerca da progressão referencial e à compreensão de que o modelo textual é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referenciações. Para a autora, é durante o processo de compreensão que se desdobra uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas informações e/ou avaliações do referente (KOCH, 2002).

Sedimentadas as noções iniciamente defendidas por Apothéloz e Reichler-Béguelin, pontuo ainda o trabalho de Leite (2007), que defende, na análise dos processos referenciais, as relações entre as várias porções cotextuais; e o de Lima (2009), que centrou sua atenção em expressões referenciais recategorizadoras em que os referentes não eram textualmente explicitados. O fato de os autores terem colocado em primeiro plano os mecanismos da interpretação, em que a metáfora passa a ser concebida não apenas como um jogo de figuras, mas como processo de transformação de sentidos, manifestado em um nível discursivo, fez-me perceber que é possível abordar a dêixis em um paradigma em que os elementos do discurso passam pelo processo de recategorização.

Compreender que a recategorização demanda tanto os aspectos cognitivos como as pistas textuais e o conhecimento sociocultural necessários à construção do sentido permitiu olhar o processo dêitico sob outra dimensão, conforme demonstra o exemplo [2].

⁵ Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), para a questão da problemática da evolução dos referentes, tomam por base os estudos de Charolles e Schnedecker (1993).

[02] O louquinho estava parado com um cordão amarrado na ponta de uma vassoura, pescando, na maior concentração. Mas não tinha anzol no cordão. Mesmo assim, de vez em quando, o louco dava um puxão.

- Tá fazendo o que **aí**, ô biruta? – perguntou alguém que passava por **ali**.

- Tô pescando, não está vendo?

- Ah, é? Pescando sem anzol?

E daí? **Aqui** não tem peixe...

(In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 9, Ensino Fundamental. São Paulo: Editora Atual, 2010, p. 63).

Na introdução das expressões dêiticas, o **aí** denota o sentido preciso do lugar – as margens provavelmente de um lago ou rio, o equivalente a “nesse lugar” (como aparece nos livros didáticos) – e o fato de ser conhecido pelos interlocutores. O falante, contudo, não encontra amparo nos elementos da cena enunciativa, visto que “um cordão amarrado na ponta de uma vara” contraria a expectativa levantada e ele se dirige ao personagem tratando-o por “biruta”. A seguir, o mesmo espaço aparece na fala do narrador referido pelo dêitico **ali**. Essa ocorrência aponta, pelo deslocamento do centro dêitico, uma forma de progressão discursiva dêitica que, de certo modo, recategoriza a noção de espaço, que não é simplesmente retomada⁶. Ela traz implícita, à recolocação do lugar, a noção de que o narrador também tinha conhecimento de que a cena não legitima as condições em que se desenvolve a enunciação. Com base em Maingueneau (2001b, p. 87), entendo que “a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele”. Por esse entendimento, o leitor identifica, nas vozes do personagem e do narrador, pontos de vista coincidentes, o que dificilmente ocorreria se o texto tivesse apenas o seguinte enunciado: “- Tá fazendo o que aí, ô biruta? – perguntou alguém”.

Aqui, outra expressão dêitica que aparece na piada, embora seja um lugar mais próximo do falante, não tem o seu sentido recuperado apenas por essa proximidade. O **aqui** denota que houve mudança no centro dêitico, e o personagem reafirma o espaço anteriormente referido por outrem, quando disse “fazendo o que **aí**”. O uso do **aqui**, portanto, evidencia que, com a mudança do centro dêitico, é assegurada a certeza de que se tratava mesmo de um lugar de pescaria. O entendimento do dêitico

⁶ Retomar no sentido de “uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não” (KOCH, 2002, p. 84).

de espaço recategorizado é mais especificamente percebido se a forma empregada na ocorrência desta referência for confrontada a outras formas, em possíveis falas do louco (“E daí? Ø não tem peixe...” / “E daí? Neste lugar não tem peixe...”). A hipótese dessa(s) outra(s) forma(s) de discurso permite perceber com mais clareza os sentidos dêiticos definidos no texto, pois, se fosse essa a fala do louco, toda a carga semântica e determinação dêitica ficariam recuperadas apenas no uso do **aí**, no início do texto.

Cavalcante (2011) traz uma abordagem sobre recategorização que, para esta pesquisa, constitui ponto essencial: a ideia de que a recategorização não se restringe à perspectiva da menção às expressões referenciais, pois é um fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto.

De acordo com essa percepção, alio, ao posicionamento de Cavalcante, o de Koch (2004b), que, retomando o seu ponto de vista (KOCH, 2002) sobre progressão referencial, e agora, seguindo Schwarz (2000), admite que os nódulos cognitivos, já existentes e responsáveis pela operação de reconstrução/reativação, podem ser, a todo momento, modificados ou expandidos, ou seja, sofrem o acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente (KOCH, 2004b).

Após esboçar o arcabouço teórico que servirá de norte para esta pesquisa, assumo, no âmbito da Referenciação, a concepção de referente como objeto de discurso, concebido como produto cultural e assentado em bases sociocognitivas. Assumindo essa posição, tomo a liberdade de não tecer considerações filosóficas acerca da referência, visto que parto de um momento em que a noção de significado está atrelada à de referente, concebido como objeto de discurso. No âmbito da Teoria da Mudança Dêitica, tomando por base o trabalho de Segal (1995), reconheço que, em se tratando de narrativa, leitores e escritores algumas vezes imaginam-se estar em um mundo que não é literalmente presente. Nesse caso, interpretam o texto narrativo como se eles tivessem que vivê-lo de uma posição dentro do mundo da narrativa. Assim, a partir dessa visão, assumo que essa mudança dêitica tem importantes consequências interpretativas e que, portanto, o leitor desempenha um papel muito importante no estabelecimento de um ponto de vista textual. Reconstruir e ocupar um determinado ponto de vista significa criar um quadro para a interpretação de dêiticos no texto.

Dessa forma, tenho o seguinte objetivo geral:

I - Analisar os processos referenciais dêiticos, evidenciando seu caráter recategorizador em gêneros predominantemente narrativos.

A escolha por gêneros predominantemente narrativos do mundo real ou do mundo da ficção deve-se, inicialmente, à compreensão de que elementos dêiticos temporais, espaciais e pessoais ocorrem com mais frequência nesse tipo de texto. Reforçando essa ideia, os textos narrativos ficcionais exigem, muitas vezes, que o leitor assuma posições dentro do mundo da narrativa e interprete o texto a partir de perspectivas cognitivamente assumidas. A tomada de posição do leitor, dentro do mundo da narrativa, serve como o centro a partir do qual as expressões dêiticas devem ser interpretadas.

As reflexões e indagações em torno dos fenômenos a que me proponho analisar, conduziram-me a alguns objetivos específicos que pretendo atingir:

A) Analisar o comportamento discursivo das expressões dêiticas em contextos evolutivos, que fazem emergir um referente proeminente, sob a forma de uma expressão dêitica que inicia uma cadeia dêitica recategorizadora.

Partindo da noção de que o campo mostrativo na linguagem estende-se ao campo perceptivo compartilhado pelos interlocutores e aceitando a ideia de que as expressões dêiticas formam, a exemplo das anáforas, uma cadeia recategorizadora, a análise do comportamento discursivo das expressões dêiticas justifica-se pelos efeitos de ressignificação que tais referentes sofrem ao longo do discurso.

B) Definir como se mantém a referência dêitica a um referente dado.

O interesse em definir como se mantém a referência dêitica, em um processo evolutivo referencial, prende-se essencialmente às formas como os referentes da dêixis se expressam no texto.

C) Interpretar, a partir do diálogo entre a visão sociocognitiva discursiva da abordagem da Referenciação e a visão da mudança dêitica na narrativa ficcional da abordagem da Teoria da Mudança Dêitica, como expressões dêiticas colaboram para diferentes recategorizações ao longo de um discurso/texto.

Desses objetivos, surge a seguinte questão da pesquisa:

II - Como ocorre o uso das expressões dêiticas e das funções discursivas do processo evolutivo referencial dêitico na constituição de gêneros com predominância de sequências narrativas?

Da questão geradora, provêm três questões secundárias:

A) as expressões dêiticas mantêm a referência dêitica a um referente dado?

B) Como os dêiticos colaboram para diferentes recategorizações, a partir do diálogo entre a visão sociocognitiva discursiva da abordagem da Referenciação e a visão da mudança dêitica na narrativa ficcional da abordagem da Teoria da Mudança Dêitica?

Estes questionamentos possibilitaram a elaboração da hipótese básica e das hipóteses secundárias desta pesquisa.

III - Hipótese básica:

Tomando como ponto de partida os enfoques sobre a reinterpretação dêitica (LYONS, 1977); a realização de um tipo de intersubjetividade que se dá entre o falante, o discurso e o contexto de criação (CAVALCANTE, 2000); a noção de que um antecedente sofre profundas mudanças do início ao fim do discurso (CHAROLLES; SCHNEDECKER, 1993.a) e a evolução dos referentes, conforme defendida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Cavalcante (2011), Koch (2004b), dentre outros estudos, elaboro a hipótese central da pesquisa:

Na constituição de gêneros com predominância de sequências narrativas, o uso das expressões dêiticas e das funções sociodiscursivas do processo evolutivo referencial dêitico responde pela formação de uma cadeia dêitica. Esta mantém, de certa forma, uma correspondência com os critérios de formação de uma cadeia anafórica, significando dizer que os referentes presentes nessas cadeias estão, em primeiro lugar, a serviço da continuidade e da progressão textual, e a recorrência a novas expressões é dependente do gênero, da extensão do texto, do papel do enunciador e do coenunciador, dentre outros aspectos.

IV - Hipóteses secundárias:

A) Para o primeiro questionamento, no que diz respeito a como expressões dêiticas mantêm a referência a um dado referente, a hipótese de sustentação é a de que essas expressões em contextos evolutivos, a partir de uma expressão dêitica iniciadora da cadeia dêitica (ExD_0), passam por um processo de transformação (PrTr) em proposições que se sucedem como:

$$ExD_0 \rightarrow PrTr_0 \rightarrow ExD_1 \rightarrow PrTr_1 \rightarrow ExD_2 \dots ExD_n.$$

A referência dêitica a um referente dado, portanto, se mantém em uma base linguístico-enunciativa. Em primeiro lugar, porque a ancoragem sócio-espaco-temporal nos atos de comunicação motiva a escolha das formas linguísticas; em segundo lugar, porque a escolha de tais formas se deve ao contexto de interação entre os locutores em situação de fala do cotidiano ou em situação de fala do mundo da narrativa. O contexto,

aspecto enunciativo da base de sustentação da referência dêitica, responde pela dinâmica textual e pela interpretação do processo de evolução dêítico.

B) O processo referencial dêítico, a exemplo do processo referencial anafórico, lida com operações linguísticas, sociais, cognitivas e interativas. Por essa perspectiva, as informações são construídas cognitivamente, ou seja, os referentes, iniciados no discurso, estão respaldados por um contrato tácito de coparticipação dos destinatários (CAVALCANTE, 2004). Ademais, em consonância com o posicionamento de Ciulla (2008), a questão não é localizar o referente, mas compreender o ponto de vista que é construído sobre o referente ou a partir dele. A partir de tais ideias, defendo como aspecto significativo dessa pesquisa não apenas localizar ou tipificar os diferentes tipos de dêíticos no discurso, mas, principalmente, apontar a negociação de sentidos, assinalada pelos interlocutores.

Na tentativa de estender a concepção do processo referencial da dêixis, busco apoio no diálogo entre a visão da Referenciação e a visão da Teoria da Mudança Dêitica. Nesta vertente teórica, muitos dos trabalhos têm se voltado para o desenvolvimento e a articulação do processo pelo qual certas informações representam a estrutura de caráter espacial e temporal na produção e compreensão da narrativa (SEGAL, 1995). Para Zubin e Hewitt (1995), por exemplo, a dêixis não é apenas um subcomponente especial da linguagem narrativa, mas um quadro de estruturação central do qual a narrativa emerge. Como a teoria do centro dêítico tenta modelar a consequência da mudança dêitica fora do *aqui/agora/eu-tu* da interação face a face, onde ela está ancorada em situações do mundo real, para o reino puramente textual da ficção, pleiteio em favor de que as duas visões ampliarão o meu olhar sobre a forma como as coordenadas da dêixis são construídas e interpretadas e, assim, favorecerão apontar como os dêíticos colaboram para diferentes recategorizações.

Delineado o arcabouço teórico-metodológico que servirá de norte para esta pesquisa, defendo que sua relevância trará contribuições ao processo de referenciação do qual a dêixis faz parte. Propor uma análise que confira redesenhar o fenômeno da dêixis, na esfera discursiva, oportuniza contribuir com novas reflexões acerca da leitura de gêneros diversos com predominância de sequências narrativas. A justificativa por esse tipo de gêneros encontra-se na metodologia, mas esclarecendo brevemente, acredito que gêneros com sequências narrativas possuem ou utilizam frequentemente as coordenadas espaço-temporais do discurso em relação ao enunciador, e que se faz necessário, para sua interpretação, a busca de elementos, muitas vezes, extratextuais,

com o intuito de estabelecer a recuperação de determinados sentidos ou propósitos a partir de conhecimentos partilhados entre autor-leitor, sejam eles enciclopédicos, linguísticos ou interacionais.

Entendo que as contribuições desta pesquisa tem significativo valor para o meio acadêmico, onde são germinadas as bases de mudanças para a orientação dada aos processos de leitura e de produção de textos de que a escola básica tanto necessita. Ressalto, outrossim, que o diálogo entre a visão sociodiscursiva do processo de referenciação dêitico e a visão do modelo de mudança dêitico na narrativa, empreendido nesta investigação, possibilitará ampliar a compreensão das coordenadas do centro dêitico, o que servirá de base para a perspectiva da recategorização dêitica. Considero, enfim, que estudos dessa natureza fazem-se necessários ao atual patamar da Linguística Textual, em que as análises devem considerar, além do cotexto, a situação imediata de comunicação, o conhecimento sociocultural e o partilhamento sócio-cognitivo dos interlocutores em textos funcionais e ficcionais.

Este trabalho está organizado em (seis) capítulos, conforme descrevo:

No capítulo de *Introdução*, discuto sobre a relevância da pesquisa, assim como, a identificação de seu arcabouço teórico e, ainda, apresento os objetivos, as questões geradoras, as hipóteses, dentre outras informações que podem ser conferidas nesse item.

No capítulo 2, *Dêixis: caminhos para uma proposta de recategorização*, apresento a noção de referência e o sentido de referenciação; os processos referenciais, como essas categorias se organizam no discurso e algumas teorias de como ter acesso às expressões referenciais e trato da questão central: o processo referencial da dêixis e o mecanismo da recategorização.

Em *Fenômeno da dêixis*, Capítulo 3, destaco algumas das concepções consideradas clássicas pela literatura como o posicionamento de Bühler, de Lyons e de Fillmore, apresentando ao final do subitem a concepção sociodiscursiva. Saliento, ainda, nesse capítulo, a concepção de sistema dêitico e seus pilares de sustentação e, finalmente, a noção de campo dêitico na esfera das práticas sociais.

No capítulo 4, *Caminhos da mudança dêitica*, discuto a dêixis em uma perspectiva de evolução nos estudos da Linguística Textual e, em especial, nos da Referenciação. Dessa forma, discuto três caminhos para a mudança dêitica: a perspectiva da abordagem interacional, em que distingo duas dimensões: a das interações meramente discursivas e a das interações sociais. Ainda neste capítulo,

discuto, a partir de Hanks (2008), a noção de campo dêitico social em uma perspectiva interdisciplinar. Finalmente, para encerrar o capítulo, analiso a contribuição da Teoria da Mudança Dêitica para a tese da recategorização dêitica.

No capítulo 5, apresento o quadro metodológico e as análises, tomando por base os pressupostos teóricos desenvolvidos ao longo de todo o trabalho. No capítulo da *Conclusão*, enfim, aponto os resultados aferidos, os quais, de acordo com as hipóteses levantadas, comprovam a possibilidade de a dêixis ser estudada não apenas quanto aos tipos de expressões dêiticas, mas também quanto às mudanças ocorridas no desenvolvimento do discurso, em uma dimensão de recategorização, visto que, entre uma expressão dêitica e outra, é possível, inclusive, identificar o processo de transformação ao qual as expressões são submetidas.

2 DÊIXIS: CAMINHOS PARA UMA PROPOSTA DE RECATEGORIZAÇÃO

*Ainda que as palavras sejam nomes de coisas, usamos
as palavras para não dizer as coisas, mas para servir as
mudanças mentais que são causadas por nós pelas
coisas*

Boèce, commentaire du De Interpretatione⁷

Pesquisar sobre a dêixis em uma perspectiva de recategorização não se descortina uma tarefa fácil, tendo em vista o escopo teórico levantado e o caráter de “novidade” do tema.

No âmbito da recategorização, desde o trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), muitos pesquisadores se voltaram para a questão da recategorização, e o tema passou a ser questionado, inclusive em Cursos de Graduação. Dentre os trabalhos publicados pelo Protexto, grupo de pesquisa da UFC, ao qual me filio, são encontrados os de Lima (2003 e 2009) e Leite (2007), cujo objeto de investigação foi a recategorização nos domínios da metáfora e da metonímia.

No tocante à possibilidade de recategorização da dêixis, os trabalhos que mais me trouxeram contribuições foram os de Fonseca (1992), Cavalcante (2000) e Ciulla (2008). Com Fonseca, entendi que o falante, ao usar a linguagem, pode “desenraizar-se fictivamente” da sua situação de enunciação, deslocando-se a si próprio e ao seu interlocutor no tempo e no espaço, e que, ao deslocar-se, sua manifestação discursiva exerce uma função. Com Cavalcante e Ciulla, entendi que as funções discursivas desempenhadas por expressões dêíticas não se restringiam apenas a um tipo de dêixis, embora estas autoras tenham manifestado mais interesse pelos dêíticos discursivos, em especial, Cavalcante.

Mesmo sem tratar da recategorização nem das funções discursivas dêíticas, serviram-me também como ponto de partida para a defesa de minha tese, de um lado, os trabalhos voltados para a mudança dêítica, como os de Segal (1995), Galbraith (1995), Zubin e Hewitt (1995), que centram a atenção no processo de interpretação de texto narrativo e na representação mental que pode resultar desse processo. De outro lado, os trabalhos de Monticelli (2005b) e Barbéris (2005), para quem a interpretação da dêixis depende do contexto, ou seja, contribuições que se filiam a uma linha mais voltada para o enunciado e as circunstâncias de enunciação.

⁷ Citado por Apothéloz; Reichler-Béguelin (1995, p. 1)

Apesar de não haver uma relação estreita entre a minha tese e os trabalhos dos autores citados, tracei o meu próprio caminho, por perceber que a compreensão de um texto depende igualmente da forma como as expressões dêiticas reaparecem ao longo de um discurso.

Assim, neste capítulo, abordo inicialmente as noções sobre referência com o intuito de demonstrar na pesquisa que o sentido dos referentes dêiticos é dependente tanto do contexto imediato quanto da negociação entre os interlocutores. A seguir, trato da concepção de processos referenciais para poder situar a dêixis como parte do processo de referenciação. Finalmente, enveredo para a base de sustentação do objeto da minha pesquisa, a dêixis na perspectiva de recategorização, partindo dos pressupostos teóricos sobre a recategorização de anáforas, por acreditar que há entre esses dois fenômenos referenciais um espaço de convergência.

2.1 Referência *versus* referenciação

2.1.1 A noção de referência

A noção de referência ocupa espaço no âmbito da Filosofia da Linguagem⁸, da Linguística e da Psicolinguística, como uma questão das mais antigas e está diretamente ligada ao modo *como referimos o mundo com a língua* (MARCUSCHI, 2004, p.263). Na concepção de Charaudeau e Maingueneau (2004), referência “designa a propriedade do signo linguístico ou de uma expressão de remeter a uma realidade”, ou seja, o conhecimento sobre o mundo e, por consequência, a referência que a ele é feita resulta de um ato de linguagem.

De acordo com essa perspectiva, fica evidenciado que a relação entre as palavras, tomadas isoladamente, e os objetos do mundo que elas representam foi questionada desde os filósofos da Antiguidade, Platão e Aristóteles, por exemplo, até estudiosos dos nossos dias, e sempre motivou grandes discussões. Para os estoicos (século I a.C.), que distinguiam na linguagem, expressão, conteúdo e referente, a representação, que existia exteriormente à materialização da linguagem, era o referente. Para Santo Agostinho (354-430), conforme lembra Araújo (2004), a noção de referente

⁸ A respeito dessa temática, ver as significativas contribuições de Costa (2007).

se confundia com a de significado. Nessa perspectiva, a noção de referência se aproximava da de denotação.

Lyons, reconhecendo que para muitos autores um termo é tomado pelo outro, aponta uma distinção entre a denotação e a referência. A denotação, “tal como o sentido, é uma relação que se aplica aos lexemas e é válida independentemente das ocasiões de enunciação particulares, enquanto a referência é uma relação ligada ao enunciado e não se aplica aos lexemas, mas às expressões em contexto” (LYONS, 1977a, p.171). Isso significa que a denotação, diferentemente da referência, diz respeito à palavra fora de contexto, como aparece em dicionário, e, portanto, não está associada aos diferentes usos que os falantes fazem das expressões referenciais em situações comunicativas.

Contudo, a concepção de que referência designa a propriedade de o signo linguístico remeter a uma realidade, conforme reconhecem Charaudeau e Maingueneau (2004), não se restringe apenas ao meramente linguístico, na perspectiva de língua como algo simples, acabado e eficiente instrumento para representar o mundo. Ao contrário, ela é resultante de uma interpretação que emerge da capacidade de compreensão de que todo ser humano é dotado, a partir de suas vivências e experiências, não significando, por outro lado, que o mundo, as ideias sobre as coisas estão completamente prontas e definidas em nossas mentes, antes de nos referirmos a elas numa situação discursiva.

É possível, portanto, depreender que, não sendo a língua um “sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas”, conforme destacam Mondada e Dubois ([1995], 2003, p.17), o processo de a elas referir não pode ser compreendido como algo estanque, concebido em um modelo regular de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo, em que “a cada unidade lexical individual está relacionado um conjunto de condições que um segmento de realidade deve satisfazer para poder ser a referência⁹”.

Cavalcante (2010, 2011) traduz a evolução pela qual passaram os estudos sobre a noção de referência. No primeiro trabalho, a autora lembra que a atual perspectiva “se distancia bastante da noção de ‘referência’ descrita nos anos de 1980, após a proposta classificatória de Halliday e Hasan (1976)” (CAVALCANTE *et alii*, 2010, p. 234), segundo a qual, a referência se inseria no quadro de mecanismos

⁹ Citação à *referência virtual* proposta por Milner (1982:10). In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D., Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

coesivos, significando apenas que um elemento do texto poderia remeter a outro, necessário à sua interpretação.

Sob a influência dos trabalhos iniciais da Linguística Textual no Brasil, merece destaque o de Koch (1989)¹⁰, por ajudar a entender o desenrolar de concepções sobre referência textual. Nesse trabalho, a referência é descrita como itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, ou seja, fazia-se necessária a remissão a outros itens do discurso, uma espécie de “semântica da sintaxe textual”, nas palavras de Koch e Marcuschi (1998). A autora adota a classificação apontada por Halliday e Hasan (1976), em que a referência pode ser: pessoal, demonstrativa ou comparativa; situacional (remissão a elementos fora do texto) e textual (remissão a elementos expressos no próprio texto), e o tratamento denuncia o emprego de formas de expressão referencial, sob critérios de menção ao cotexto e de identificabilidade¹¹. Nesse sentido, por exemplo, os advérbios pronominais lá, aí, ali, acima, etc. são apresentados como “formas remissivas referenciais” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p.33), cujo valor indicial sequer é considerado nos casos de mecanismos coesivos anafóricos, em oposição aos catafóricos. De acordo com essa visão, a expressão dêitica sequer é mencionada¹².

2.1.2. A referência em novo cenário

No entendimento da relação entre a linguagem e o mundo, outras questões pertinentes ao estudo e à análise das práticas sociais mediadas pela língua, além das de ordem lógico-semântica, foram ocupando lugar de destaque. É nesse novo cenário, que a referência toma outra dimensão. Cavalcante (2011) lembra que o termo ‘referenciação’ é uma expressão cunhada, em 1994, por Mondada, orientada pelo prisma de que as práticas linguísticas não dependem apenas do sujeito face ao mundo, e que a “referência” pode ser compreendida “em uma perspectiva linguística interacionista e discursiva que considera os processos de referenciação em termos de

¹⁰ KOCH, Ingedore Villaça. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

¹¹ O termo está empregado no sentido de identificar para determinar a classificação taxonômica das formas e não no sentido de acessibilidade, conforme é encontrado em Givón (1993).

¹² O advento dessa teoria trouxe ao meio escolar um entendimento primário da importância dessas relações textuais, menos pela prematuridade de seus fundamentos, e mais pelos efeitos reducionistas ainda hoje presentes em alguns livros didáticos que privilegiam apenas o aspecto sintático-semântico dessas relações sem considerar que os elementos do texto e do discurso são interligados e coabitam o mesmo plano, compondo a própria dimensão discursiva.

construção de objetos de discurso e de negociação de modelos públicos” (MONDADA; DUBOIS, [1995], 2003, p. 48).

O termo *referenciação* surgiu, então, dentro do enfoque de reconsideração do processo de relacionar a correspondência entre as entidades no mundo e na língua, pressupondo-lhes não uma estabilidade *a priori*, mas uma instabilidade constitutiva, decorrente da pluralidade de atores situados que, segundo Mondada e Dubois ([1995], 2003, p.20), “discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades”. Por essa maneira de compreender, fica assegurado ao sujeito um *status* sociocognitivo de, por suas atividades sociais, construir o mundo e de, por suas manifestações discursivas, categorizá-lo e recategorizá-lo em diferentes contextos. Isto significa que o ato de referir é considerado como resultante de um processo dinâmico em que estão imbricados os propósitos comunicativos dos interlocutores, que elaboram os objetos de discurso no interior de suas atividades discursivas.

Lyons (1977) defende que a referência sendo bem sucedida, a expressão referencial permite ao interlocutor identificar o referente pretendido. Percebo, por esse posicionamento, que a negociação para o sentido do referente já desponta no modo de conceber e de designar os referentes. Contudo, essa identificação é mais bem compreendida a partir da contribuição de Mondada e Dubois (2003, p. 26-7) acerca da instabilidade inerente a eles, pois até mesmo o que é considerado como um ponto estável de referência para as categorias “pode ser 'descategorizado', tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista”. A concordância ao pensamento das autoras conduz, por outro lado, à aceitação de referentes como *objetos de discurso*¹³, ou seja, à compreensão de que referentes são categorias cognitivo-discursivas, que surgem no texto primeiramente pelos propósitos comunicativos do enunciador, mas que se consolidam por fatores como a audiência e o contexto imediato.

Cavalcante (2011) abraça a mesma linha de raciocínio quando divisa, nos trabalhos sobre referenciação, duas abordagens distintas sobre os objetos de discurso. Para a autora, posição que adoto como pressuposto teórico e como base para as análises,

¹³ A expressão “objeto de discurso” é também denominada “referente” pela literatura sobre referenciação. Dessa forma, faço, ao longo do trabalho, uso indistinto das duas expressões, respeitando sempre o caráter sociocognitivo-discursivo de algo que ocorre no interior do próprio discurso

uma abordagem prioriza a manifestação das expressões referenciais e possibilita descrever os diferentes tipos de processos referenciais (introdução, anáfora e dêixis). A outra, a construção sociocognitivo-discursiva desse objeto de discurso.

Em Apothéloz (2001), encontro fortalecimento às ideias dessas autoras, visto que ele considera que a construção do referente envolve ainda um processo social de interação e atenção. A interação para a negociação do reconhecimento de referentes já tem sido bastante lembrada, motivo pelo qual não avanço nesse aspecto. Quanto à atenção conjunta, acredito que, embora os participantes da comunicação se voltem para as entidades discursivas a que estejam interessados durante a interação e, assim, fiquem atentos aos meios linguísticos e não linguísticos, no caso do processo referencial dêitico, essa atenção parece não ter recebido o tratamento que as relações discursivas exigem.

Manifesto-me a favor desta impressão por perceber, nos trabalhos aqui discutidos, que as ocorrências dêiticas são vistas muitas vezes como entidades “isoladas”. Cavalcante (2000) me despertou para essa realidade ao tratar da relação forma-função-significado nos elementos indiciais. A autora prioriza o caso dos demonstrativos e afiança que “a forma demonstrativa tem, portanto, a capacidade de dosar a proximidade/distância não apenas física, mas, às vezes, “afetiva” do referente em relação ao ponto de vista do emissor.” (p. 107), conforme exemplo abaixo:

[03] “Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha. (G. Ramos)” (Cunha; Cintra, 1985:329. In: CAVALCANTE, 2000, p. 107).

Em sua análise, a autora diz que as regras, no plano da afetividade, são mais fluidas do que se pode suspeitar. Em [03], o neutro (mais apropriado para coisas) contribui para distanciar do enunciador o que lhe é motivo de repulsa. O sentido pejorativo se exacerba ainda mais quando o falante escolhe a terceira pessoa, como em [04]:

[04] “Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel. **Aquilo** é um desgraçado” (Cunha; Cintra, 1985:330. In: CAVALCANTE, 2000, p. 108).

Ademais, vale lembrar que os interlocutores do processo de comunicação necessitam para a negociação da referência e dos sentidos que atribuem aos referentes fazer uso de estratégias tanto na produção quanto na interpretação de enunciados em

diferentes gêneros e tipologias. Em uma cadeia dêitica, em que os referentes são reelaborados, os participantes da interação, por conseguinte, utilizam estratégias quando, por exemplo, atentam para as relações entre os elementos linguísticos, valorizam as pistas extralinguísticas e, principalmente, fazem uso de inferências.

Adianto que a referência não existe sem a cooperação que se estabelece entre os participantes da enunciação, os quais, de alguma forma, favorecem que os referentes atendam aos propósitos da comunicação e, assim, o texto seja construído de modo coerente. Aproveito a ocasião para ressaltar que a cooperação entre os interlocutores não é estabelecida de qualquer maneira, pois os referentes se constituem a partir de uma dimensão cognitivo-discursiva e sociocultural. É esperado, portanto, que os referentes apresentados pelo enunciador sejam recuperados pelas pistas deixadas ao longo do texto, que servirão de acesso ao coenunciador, cujo trabalho será o de estabelecer uma relação entre referência¹⁴ (no sentido de identificação do referente, do *objeto de discurso*) e sentido. De acordo com essa ideia, reafirmo o pensamento de Ciulla (2008) quando menciona que o referente não é precisamente o mesmo para a mente dos interlocutores e que haverá sempre um viés de diferença no modo como cada um concebe e percebe as coisas. Mesmo concordando com a autora, lembro que o viés de diferença não pode ser desautorizado pelos aspectos socioculturais e discursivos.

Finalizo esta sessão assumindo que a noção de referência/referenciação tem, portanto, um caráter inteiramente pragmático-discursivo, que não coincide com noções funcionalistas, em que a caracterização da referência criada no discurso está condicionada ao mundo de eventos e estados nele construído (CAVALCANTE, 2011). Assumo ainda que a noção de referente, por conseguinte, é a de uma construção discursiva, em que os interlocutores negociam e cooperam constantemente, durante todo um ato de comunicação.

2.2. Processos referenciais

Os processos referenciais resultam de uma conjunção de vários fatores, que não dependem exclusivamente de imposições de ordem gramatical. Em consonância com Apothéloz (2001), construir um referente envolve um processo sociocognitivo e interacional, visto que só se pode tratar de referência dentro de situações efetivas de

¹⁴ Ao mencionar “referência”, quero mencionar o uso referencial e não o uso atributivo, cuja função é apresentar algum atributo do referente. A propósito dessa distinção, sugiro a leitura de Cavalcante (2011).

comunicação, em que os participantes se voltam, por meios linguísticos e não linguísticos, para cada entidade que estiverem focalizando durante a comunicação.

Os fatores a que estão submetidos os objetos de discurso fazem pressupor que a referenciação se evidencia como um processo, por cooperação, de construção e reconstrução desses objetos, nas interações comunicativas. Koch e Elias (2006) apontam a introdução como estratégia de construção e a retomada como estratégia de manutenção, além de destacarem a desfocalização como uma terceira estratégia¹⁵. Segundo esse entendimento, a introdução se caracteriza pela entrada de um objeto de discurso, até então, não mencionado no texto. A retomada, por sua vez, pelo reaparecimento de um objeto de discurso por meio de uma forma referencial, de modo a dar-lhe evidência, enquanto a desfocalização permite a introdução de um novo, não necessariamente introduz objeto de discurso a partir de um referente que lhe sirva de base. Desse movimento de introdução, retomada e desfocalização, firma-se a progressão referencial.

Isso quer significar que a construção de texto/discurso é resultante das diferentes possibilidades de os atores agirem sociocognitivamente pela linguagem e que os processos referenciais têm papel essencial nesse agir social, não obstante as categorias e os objetos de discurso sejam marcados pela instabilidade constitutiva, algo intrínseco do discurso e da cognição, conforme assinalaram Mondada e Dubois ([1995], 2003).

2.2.1 Categorização

O quadro descrito por Koch e Elias (2006) se harmoniza com a maneira como Mondada e Dubois ([1995], 2003) consideram a referenciação, em seus mecanismos de categorização e de recategorização. Contudo, algumas questões surgem dessas descrições como, por exemplo, o conceito de categorizar e recategorizar, as formas usadas para as duas ações e as condições para acessar essas formas.

Investigar sobre a conceituação do processo de categorizar é, inevitavelmente, levantar questões a respeito da relação entre as palavras e as coisas e da instabilidade existente nessa relação, visto que as categorias “são instáveis, variáveis

¹⁵ Neste trabalho, as estratégias aqui mencionadas servem, apenas, ao objetivo de situar a dêixis no panorama da referenciação. Portanto, não é relevante, na minha compreensão, fazer apreciações sobre as diferentes formas como essas estratégias se efetivam.

e flexíveis” (MONDADA; DUBOIS, [1995], 2003, p.22), ou seja, o que parece fazer sentido é procurar entender caso a caso como essas relações são estabelecidas, pois, mesmo falando de algo que pareça evidentemente real, uma pedra, por exemplo, seria necessário levar em conta a forma como ela estivesse sendo vista, um pedregulho, um paralelepípedo, uma rocha etc. (CARDOSO, 2003). Os discursos representativos das múltiplas possibilidades de categorizar as coisas sofrem a influência direta das variações sincrônicas e diacrônicas das línguas, tanto nos aspectos meramente linguísticos implicados, quanto nos aspectos sociocognitivos. Categorização, então, significa um processo linguístico-discursivo e sociocognitivo de como as coisas são observáveis nas práticas situadas dos falantes.

Aceitar essa definição, por sua vez, requer, mesmo que em rápidas pinceladas, falar de cada um dos elementos do processo de categorização. Por linguístico, destaco o fato de a linguagem ser simbólica e ter função essencialmente categorizadora; destaco, ainda, a fim de fazer uma conexão com os outros elementos, o fato de que:

a língua não é simplesmente uma ferramenta de comunicação, ela também reflecte a percepção do mundo vigente em dada comunidade cultural. Esse universo conceptual comporta muito mais noções – ou categorias conceptuais – do que as que encontramos na língua. Os conceitos de linguagem permitem-nos não só comunicar, como também nos levam a ver as coisas e o mundo de determinada forma (DELBECQUE, 2006, p. 17).

A autora deixa implícita a noção de que os sistemas cognitivos, em que as categorias conceptuais estão abrigadas, são passíveis e adaptados à construção de categorias flexíveis. Nesse sentido, fica, da mesma forma, implícito que as categorias podem ser reavaliadas, revalidadas ou modificadas em função das situações e dos papéis dos usuários da língua, fazendo surgir a noção de recategorização, tema que será tratado no item 2.4.

Compreender que a instabilidade das categorias está correlacionada a práticas contextualizadas e a atividades cognitivas é aceitar que a categorização é um problema de decisão que se coloca para os atores sociais, os quais escolhem as categorias que julgam adequadas, segundo determinados contextos. Quero dizer com isso que a organização do conhecimento humano é motivada por fins adaptativos, ou seja, que os sistemas cognitivos humanos parecem particularmente adaptados à construção de categorias flexíveis e não a representações simbólicas da visão clássica de

cognição. As alterações contextuais, por sua vez, produzem alterações tanto nas escolhas lexicais quanto na organização estrutural das categorias cognitivas. Vale destacar, ainda, que a ligação entre contexto e escolhas, ou entre contexto e adequação das categorias, corresponde à imbricação entre ato de enunciação, contexto e manifestações intersubjetivas do mundo, no sentido de que atividades cognitivas não estão separadas da vida social nem das interações com o meio.

Por outro lado, a instabilidade na categorização, orientada pelo contexto, não leva necessariamente a escolhas “caóticas ou desordenadas” (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 40), visto que os sujeitos se valem de estruturas cognitivas, arquivadas na memória, que lhes permitem dar estabilidade ao mundo. A questão que aqui se coloca é: como estão organizadas tais estruturas? Todas as respostas a esta pergunta fundam-se no escopo da ciência cognitiva que remonta à distinção clássica entre mente e corpo. Assunto sobre o qual trato no próximo item, com a finalidade de situar a dêixis no processo de referenciação e, assim, avançar em direção à tese da recategorização deste fenômeno.

2.2.2 *Como se organizam as categorias*

Explicar como as coisas que estavam fora conseguiam entrar na mente é uma tese que conduz às perspectivas de *res extensa* e *res cogitans* (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004a, p.258). A *res extensa* (coisa extensa, matéria extensa) proposta por Descartes compreendia “a natureza material das coisas que ocupam lugar no espaço, incluindo nosso corpo e tudo que os nossos sentidos podem captar”. A *res cogitans* (coisa pensante, matéria pensante), compreendia a substância imaterial, que incluiria a consciência humana e nossa mente racional.

Outra explicação para a questão formulada acima pode ser encontrada nas propostas baseadas nos modelos cognitivos, “construtos mentais simplificados que organizam vários domínios da experiência humana, tanto prática quanto teórica” (MCCAULEY, 1987, p. 292). Acompanhando o autor, depreendo que as estruturas são idealizadas e traços desses domínios são selecionados, quer práticos, quer teóricos, não para se ajustarem ao mundo, mas para, mediante a interação do próprio aparato cognitivo humano, atenderem necessidades, propósitos, valores e crenças, determinados pela interação sociocognitiva. Ou como disse Maturana (2001, p.126), ao tratar da cognição, no âmbito da linguagem, “na vida cotidiana agimos sob a compreensão

implícita de que a cognição tem a ver com nossas relações interpessoais e coordenações de ações”. Nesse sentido, busco em Feltes (2007, p. 89) amparo para a concepção de categorização¹⁶, à luz dos modelos cognitivos, como “uma relação entre o aparato cognitivo humano e o mundo de estímulos da realidade”.

Concluo que as categorias, se entendidas na concepção de estabilidade na relação entre linguagem/mundo, são formas que os sujeitos utilizariam apenas com a função de nomear as coisas da realidade por intermédio da língua; se entendidas na concepção sociocognitiva, como ‘objetos de discurso’, são construtos culturais, cuja representação na memória discursiva dos interlocutores é alimentada pela própria atividade linguística, ou seja, as categorias estão sujeitas, ao mesmo tempo, ao léxico e às operações cognitivas.

Sendo a categorização um processo sociocognitivo relacionado à referenciação, reconhecimento, assim como Ciulla (2008), que os processos e as categorizações que são promovidas na malha discursiva imbricam-se.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apontam a introdução referencial, a anáfora e a dêixis como as três categorias maiores de processos referenciais. Nessa sessão, abordo tão somente a introdução referencial, visto que a anáfora será rediscutida em outros espaços deste capítulo, e a dêixis, por ser o processo referencial de real importância para a minha pesquisa, além de ser estudada no capítulo seguinte, também é revista quando me volto para as formas de retomadas anafóricas.

Para os autores, a introdução referencial ocorre quando, “durante o processo de compreensão, um referente (ainda não manifestado por uma expressão referencial) é construído pela primeira vez na mente do coenunciador do texto/discurso. Esse referente pode (ou não) ser retomado anaforicamente ao longo do texto” (p. 60), e acrescentam que todas as demais expressões referenciais que guardarem relação com esse referente podem gerar diferentes processos de retomada anafórica, conforme no exemplo [05], retirado dos autores, as expressões *este retrato* em relação ao referente *pai*, introdução referencial.

[05] PAI
Este retrato é mais
E mais que a pedra branca,

¹⁶ Categorização é associada por muitos autores, dentre eles, Feltes, 2007; Lakoff, 2002, à Eleonor Rosch. Foi ela quem primeiro forneceu uma perspectiva geral sobre todos os problemas relativos aos fenômenos de categorização e desenvolveu o que é conhecido na Psicologia Cognitiva como teoria dos protótipos e categorias de nível básico, ou teoria prototípica.

Mais que a data sempre.

(...)

(CAVALCANTE, Mônica Magalhães, poema inédito. In: CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 54)

Quanto aos textos multimodais, os autores ponderam que “não se pode assegurar como cada sujeito acessa um dado referente” (p. 57) e concordam que a introdução referencial tem função intrínseca, mas não única, de inserir no discurso uma entidade nova. Citam como exemplo de outras funções a introdução de processos intertextuais e a apresentação de um ponto de vista de um enunciador¹⁷.

As retomadas anafóricas podem ser feitas por diferentes estruturas linguísticas: pronomes substantivos, sintagmas nominais diferentes, sintagmas nominais repetidos, total ou parcialmente, e sintagmas adverbiais. Essas formas de retomadas serão rediscutidas e exemplificadas nos itens 2.3. e 2.4., que tratam, respectivamente, da “*dêixis: processo referencial*” e “*recategorização*”.

2.2.3 O acesso às expressões referenciais

Situadas algumas das concepções de referenciação e das formas como ocorre a categorização, resta explorar um pouco as condições para acessar as expressões referenciais. Zamponi (2005, p.174) entende que, para responder à questão de como se criam as condições de acesso ao referente, duas condições essenciais devem ser consideradas: “a) os participantes de uma interação devem trabalhar juntos sobre uma base de conhecimentos comuns; b) devem assegurar-se mutuamente desses conhecimentos”. Esta posição da autora possibilita ressaltar que a ação conjunta não obedece a critérios fixos para precisar a condição da informação, guia-se antes pelos contextos de discursos e não por regularidades das formas a serem acessadas. É o caso, por exemplo, de como as expressões referenciais aparecem em primeiras menções: indefinidas, como supostamente esperadas, ou definidas (KOCH, 2002; CUNHA-LIMA, 2004).

Admitir que a forma de acesso não deva se restringir apenas ao aspecto linguístico, mas respaldar-se também em um componente sociocognitivo, é o elo de sustentação ao ponto de vista que defendo para a proposta de recategorização da dêixis:

¹⁷ A respeito desses exemplos, ver SILVA, F.O. *Introdução referencial: por uma proposta de redimensionamento*. Tese (doutoramento em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013

a interação e o acesso aos objetos de discurso poderão ocorrer na relação entre o texto e a parte não linguística de sua produção e, principalmente, de sua interpretação. Nesse sentido, torna-se imperiosa a aproximação com algumas teorias para entender como se dá o acesso às expressões referenciais.

Os modelos do paradigma cognitivo de interpretação da referência contribuíram para a dimensão das interações discursivo-sociais por terem levantado algumas questões difíceis de serem respondidas apenas pela concretude do texto. Uma dessas questões diz respeito aos referentes inferíveis, que punham por terra a análise binária (referente novo/referente dado) de estruturas semânticas apartadas da ancoragem no saber partilhado dos interlocutores. Os processos referenciais, então, chamavam para o espaço da interpretação elementos presentes na memória dos interlocutores, quer por terem sido de alguma forma explicitamente mencionados, quer por terem sido apenas evocados ou colocados sob o manto de uma enunciação perceptiva, conforme dispôs Bertrand (2005).

Alguns estudiosos se voltaram para esse aspecto e um dos trabalhos (ainda que na perspectiva estruturalista) que toma destaque é o de Prince (1981), em que o autor tenta explicar a relação *given-new information* dentro de uma escala, com graus e categorias distintos. A recorrência a esse trabalho de Prince foi motivada pelo fato de ser questionada uma taxonomia binária ou até terciária, como apresentada em seu estudo, para a relação entre as informações dadas e novas. Ademais, há a defesa de que uma taxonomia adequada deve dar conta da correlação forma-compreensão e, assim, ajudar no entendimento de que leitura e escrita trazem implicações além de codificação e decodificação, visto que a compreensão de discurso formal ou literário depende em grande parte de inferências (PRINCE, 1981, p. 252-253).

Os estudos, porém, sinalizaram que a problemática da acessibilidade era mais complexa. Dentre outros estudiosos que se dedicaram também a essa questão, destaco as contribuições de Chafe (1987, 1994), Givón (2002) e Ariel (1988, 1990, 2004).

Na proposta de Chafe (1987), por exemplo, há três estados de ativação: ativo, semiativo e inativo. Um conceito ativo (uma informação dada) está no foco de atenção do falante, que julga esteja ativo também para o ouvinte¹⁸. Seria, então, a consciência do falante e do ouvinte que se constituiria um dos mecanismos para acessar

¹⁸ three activation states: active, semi-active, and inactive. Active Concepts (Given information). Those concepts are already active for the speaker, and the speaker judge to be active for the hearer as well.

determinada informação, visto que o foco estaria na pessoa. Um referente no conceito semiativo teria o seu acesso por uma consciência periférica, visto que o foco não estaria no referente. Os demais referentes (os que não pudessem ser ativados pela interação falante/ouvinte nem ativados por uma evocação a algo periférico ao referente a ser acessado) seriam buscados na memória de longo termo como conceitos inativos e demandariam mais esforço cognitivo por parte do ouvinte.

Givón (2002) critica a literatura tradicional de contexto, em linguística e em outras áreas, que tolerou uma objetivação tácita deste conceito, advindo da pragmática. Para ele, há agora “condições de lidar com uma característica central do sistema de comunicação humana que clama por uma interpretação bio-adaptativa - o contexto comunicativo” (p. 223).

Em síntese, Givón chama atenção para o fato de que o falante constrói hipóteses, a partir de três sistemas de memória (semântica, episódica e de trabalho) a respeito de como as entidades estão representadas na mente do interlocutor e como poderiam ser acessadas. Segundo o autor, o imperativo de adaptação central da coerência referencial é o da acessibilidade mental pela atenção aos referentes discursivos utilizados pelo falante. Além disso, na comunicação humana, essas três espécies de memória correspondem, respectivamente, às três principais divisões do contexto partilhado: contexto cultural (memória semântica permanente), contexto discursivo (memória episódica) e contexto situacional (memória de trabalho; foco de atenção corrente).

Givón¹⁹, por essa perspectiva, considera contexto como um construto mental, organizado para uma ocasião e, portanto, em princípio, dependente de juízos de concepção [framing], perspectiva e relevância, que se constituem operações mentais intencionais.

Cavalcante e Koch (2007) criticam teorias como as de Chafe e de Givón, pelo fato de haver uma dependência imediata entre o fluxo informacional e a estrutura gramatical das manifestações discursivas, ou seja, entre o “*status* cognitivo do referente e a escolha de sua forma de realização no texto” (p.9).

Na proposta de Chafe, as autoras demonstram que a noção de “acessível, novo e dado não se fundavam em funções referenciais que um determinado conteúdo

¹⁹ Givón (2002, p. 223) context is a mental construct, assembled for the occasion and thus in principle dependent on judgements of framing, perspective, and relevance. And framing, perspective and relevance are intentional mental operations.

com um dado *status* informacional poderia exercer no discurso” (p.13). Ou seja, o acesso aos referentes estaria condicionado, portanto, à própria natureza desses referentes (dado/novo) e à forma (SN pleno/pronome/vazio, por exemplo) como se as informações fossem codificadas para representá-los²⁰. Esse condicionamento, embora explique em parte a forma e as condições em que os referentes aparecem no texto, não levam em conta que a acessibilidade de referentes no discurso relaciona-se a critérios ligados à função que esses referentes desempenham na organização textual-discursiva.

As críticas feitas à proposta de Givón (2002), contudo, não poderiam ser comparadas às levantadas sobre a de Chafe. Costa (2007, p. 111) também abraça essa ideia, pois, para Givón, na relação que se estabelece entre os estados da mente e as formas linguísticas, os referentes podem ser tidos como mais ou menos acessíveis. Dessa forma, depreendo que os referentes não pré-existem ao discurso, são negociados nas práticas linguísticas, e que a acessibilidade a eles envolve um espectro cultural-discursivo que pode ir de uma base referencial muito ampla a uma muito específica²¹, como propôs o autor.

De um lado, o trabalho de Prince (1981) já me revelava que a tese da recategorização da dêixis não podia ser discutida dentro de uma taxonomia binária. Se a via fosse essa, compreender que uma expressão dêitica depende em grande parte também de inferências seria um esforço a mais, por exemplo, para a leitura de textos/discursos. De igual modo, não seria possível tratar dessa tese, tomando por base a proposta de Chafe de que a relação dado/novo não se funda em funções referenciais, o que me faz alinhar-me a Cavalcante e Koch (2007).

Por outro lado, a defesa da perspectiva de recategorização da dêixis ganha força a partir do conceito givoniano de contexto como um “construto mental”, cuja configuração é dinâmica. Nesse sentido, concordo com Costa (2007, p.112) quando defende que, “sob esse aspecto, guardadas as devidas proporções, poderíamos aproximar a visão do autor sobre referência da concepção adotada por Mondada e Dubois (1995; 2003), por ser a noção sobre referente que adoto nesta tese.

²⁰ O trabalho de Cavalcante e Koch (2007) traz mais questionamentos quanto aos tipos de anáforas. A dêixis é mencionada apenas quando as autoras criticam a acessibilidade na memória de trabalho, em que entra em cena o foco de atenção dispensado aos referentes pelos interlocutores.

²¹ Costa (2007, p. 105) reproduz de Givón os seguintes exemplos: (15) **O sol** já nasceu – acessível a toda a humanidade; (16) **O presidente** comemorou a chegada do novo ano com a família – acessível a falantes de determinada nação; (17) **O papai** aniversaria na próxima semana – acessível a falantes de determinada família. Não sendo o objetivo de estudo de Costa, a autora não faz menção a que a informação só é acessível plenamente se for considerada a expressão dêitica temporal.

É em busca de mais subsídios que recorro a Ariel (2004) para esboçar alguns fundamentos da Teoria da Acessibilidade, porquanto a autora, neste trabalho, se mostra interessada em temas que subsidiarão as análises de minha pesquisa, tais como: marcas para a acessibilidade de referentes e pistas de processamento.

Para a autora, sob a Teoria da Acessibilidade, cada expressão referencial é vista como codificação de um grau específico de acessibilidade mental, cujo uso é restrito apenas a uma dada função discursiva, apesar de poder manifestar-se por uma variedade de *discourse profiles*. Como Ariel fala em uso de alguma forma linguística ao se referir à expressão *profile*, julgo que é possível aceitá-la no sentido de “recorte discursivo”.

O ponto de partida para o arcabouço de sua visão sobre a Teoria da Acessibilidade são as expressões referenciais selecionadas de acordo com seus papéis discursivos, em que ela exemplifica com o uso de pronomes que referem personagens principais, enquanto as descrições definidas referem personagens secundários. De acordo com a Teoria da Acessibilidade, contudo, esses elementos discursivos são meramente manifestações de funções discursivas mais abstratas. A explicação se assenta nos fatos de que personagens principais em narrativas são altamente acessíveis e de que é função discursiva de pronomes referirem entidades discursivas altamente acessíveis.

O cerne de sua teoria repousa em um modelo que dê conta das relações entre as expressões da referência e o estatuto da memória, ou seja, a preocupação se resume em tentar explicar como as expressões referenciais podem ser lembradas e como são marcadas para facilitar a acessibilidade. Ariel fala de fatores que fazem variar a acessibilidade de um referente em determinado espaço do discurso como: (i) topicalidade - cujo princípio reza que quanto mais saliente um referente, mais acessível ele é; (ii) distância - temporal ou espacial - segue o princípio de que quanto maior a distância, menos acessível o referente; (iii) competição - a quantidade de referentes faz parte da relação informacional, ou seja, as entidades que não têm candidatos concorrentes são mais facilmente acessadas.

É forçoso salientar, ainda, que não são exatamente as formas linguísticas que se constituem as âncoras das quais o coenunciador irá se valer para recuperar da memória parte de determinada informação. Em Ariel (1988²²), por exemplo, são os

²² A respeito de acessibilidade nessa perspectiva, ver também Costa (2007).

diferentes contextos e as respectivas categorias de *givennes*; em Koch (2004b), o processamento referencial de construção (ativação), reconstrução (reativação) e desfocalização (desativação). Esta pesquisa aponta na direção de que as formas podem ser motivadas por outros elementos presentes no contexto.

Dou remate à revisão literária sobre processos referenciais ratificando à ideia de que todo processo referencial é viabilizado por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível a partir de pistas muito diversificadas. Aproveito para lembrar que todo processo referencial envolve um componente dêitico, já que aponta para pistas vindas do espaço e do tempo real em que se situam os enunciadores, do contexto, da memória compartilhada, das supostas intenções enunciativas de cada um e do contexto sócio-histórico do momento. Sobre este processo referencial, passo a discutir na próxima seção.

2.3 A dêixis: processo referencial

Os estudos do capítulo 3 serão de aprofundamento sobre o fenômeno da dêixis, no tocante às concepções mais recorrentes e em diferentes perspectivas, à noção de sistema dêitico e de como esse sistema é sustentado e aos tipos de dêixis pontuados pela literatura. No presente item, discorro sobre os processos referenciais dêitico e anafórico, os quais, junto com a introdução referencial, discutida no item 2.2.2 *Como se organizam as categorias* deste capítulo, se constituem as três categorias maiores do processo referencial.

A partir de Mondada e Dubois ([1995], 2003); de Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante, sob o enfoque da referenciação (2010, 2011, 2014, dentre outros trabalhos) e no âmbito do Protexto, grupo de estudo e pesquisa da UFC já citado neste capítulo, tem contribuído para o aprofundamento e sistematização dessa e de outras questões, como a dos mecanismos de categorização e de recategorização.

Cavalcante (2011) abre espaço a que se discuta a concepção de objetos de discurso, base que utilizo para finalmente situar o processo referencial da dêixis. A autora coloca esse estudo em duas perspectivas: uma que prioriza a manifestação das expressões referenciais no cotexto, em que a dêixis figura ao lado da introdução e da anáfora, o que me leva a aceitar que a dêixis é uma das dimensões fundamentais no processo de referenciação; e outra que considera como critério primário a construção sociocognitivo-discursiva do referente.

Da noção de referenciação, é possível comprovar que os referentes emergem de práticas sociais discursivas e se constituem, portanto, objetos de discurso. Por esse ângulo e tomando como horizonte as noções de que a dêixis figura ao lado da introdução referencial e da anáfora, não apenas compartilho da posição de Cavalcante de que a dêixis é um processo referencial como me arrisco a defender que essa categoria pode ser recategorizada. Sendo assim, destaco que esse fenômeno cumpre relevante papel na organização de um texto e que é também orientado por operações sociocognitivas envolvidas na negociação entre os interlocutores. O dêitico pessoal que aparece em [06] comporta essa apreciação.

[06] Preto ou acaju?

Recém-eleito prefeito de Manaus, Arthur Virgílio neto (PSDB) visitava gabinetes no Senado na semana passada quando esbarrou em Alfredo Nascimento (PR-AM) no corredor. O tucano logo brincou:

- Alfredo! Está bonito, hein?

O presidente nacional do PR, que costuma tingir o cabelo, respondeu sem titubear:

- Bonito **eu** estou sempre...

Minutos depois, após tratarem de outros temas, Nascimento voltou à seara estética.

- Você acha que **eu** estou bonito mesmo?

(Seção Contraponto. Jornal Folha de S. Paulo; Ano 92; 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

Na primeira ocorrência, o enunciador, ao contra-argumentar a opinião do colega, assume uma qualidade que ele julga própria à sua pessoa. Contudo, “minutos depois”, ele se dá conta de que o elogio deve-se à pintura de seus cabelos. Essa negociação feita pelos interlocutores é mais bem entendida quando o leitor se volta para o título da notícia “preto ou acaju”, ou seja, manter os cabelos tingidos é o que justifica socioculturalmente a fala “Bonito **eu** estou sempre...”. No segundo caso, por ter havido uma mudança na cor da pintura, o leitor entende que o “eu” da primeira fala, manifesta dúvida sobre a sua condição de beleza, deixando implícito que, provavelmente, mudou a cor da tinta. Essa compreensão somente é possível quando o leitor mobiliza outras informações presentes no cotexto (o título, como já destaquei, e o uso do advérbio *mesmo*) e no contexto.

Assumida, então, a orientação de que a dêixis se insere no processo de referenciação, passo a tratar no item seguinte das expressões referenciais: anafóricas e dêíticas.

2.3.1 Expressões referenciais: anafóricas e dêiticas

No presente item, discuto, inicialmente, aspectos que distinguem dêixis e anáfora, ambas procedimentos discursivos complementares na construção, modificação e acesso ao conteúdo de modelos mentais, na perspectiva de Feltes (2007), de um desdobramento do discurso nas mentes do falante/ouvinte e do escritor/leitor. De acordo com essa percepção, tanto a dêixis quanto a anáfora operam no “nível de organização da memória” (CORNISH, 2007), possibilitando ao falante/escritor conduzir o ouvinte/leitor no processamento de segmentos textuais.

As dificuldades de distinção entre essas duas noções já foram levantadas por diversos estudiosos. Lyons ([1933]1977), por exemplo, já identificava contextos em que uma expressão considerada dêitica desempenha ora função dêitica, ora função anafórica, ora dêitica e anafórica, ao mesmo tempo²³. Outros, como Cavalcante (2000) e Cornish (2007 e 2009), veem essa distinção em um quadro de deiticidade, aspecto que será aprofundado em 1.3.2.

Apothéloz (1995, p.32), ao traçar uma linha de entendimento entre os fenômenos “anáfora/dêixis”, diz que “certas expressões linguísticas têm como particularidade que sua interpretação é inteiramente dependente do lugar ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que as enuncia²⁴”. Aceitar que a dêixis tem essa particularidade significa concordar que ela serve para direcionar o foco de atenção do ouvinte/leitor para um aspecto do discurso, e que interlocutores precisam reconhecer, nos enunciados, as expressões que orientam “quem fala, para quem fala, de onde fala e quando fala” (CAVALCANTE, 2012, p.128). A autora exemplifica essas coordenadas com um trecho da música “Emoções”, conforme é observado nos termos sublinhados.

[07] Quando eu estou aqui
 Eu vivo esse momento lindo
 Olhando pra você
 E as mesmas emoções sentido
 São tantas já vividas

²³ Para Lyons ([1933]1977, p.659), “os pronomes são tradicionalmente concebidos como tendo duas funções distintas, embora relacionadas: dêixis e anáfora”. Na mesma obra, à página 667, o autor retoma essa questão e acrescenta: “O elo entre a função de pronome dêítico e anafórico é visto no que pode ser chamado de dêixis textual. Pronomes demonstrativos e outras expressões dêíticas podem ser usados para retomar entidades linguísticas de vários tipos (formas, partes de formas, lexemas, expressões, sentenças-texto, e assim por diante) no cotexto de enunciação”.

²⁴ “certaines expressions linguistiques ont pour particularité que leur interprétation est entièrement dépendante du lieu ou du moment de leur énonciation, ou encore de la personne qui les énonce”.

São momentos que eu não esqui
 Detalhes de uma vida
 Histórias que eu contei aqui
 (Erasmu Carlos/Roberto Carlos. In: CAVALCANTE, 2012, p.128)

De igual modo, quando o leitor se depara com textos como o da propaganda seguinte, percebe que o significado completo depende, essencialmente, não somente de elementos linguísticos presentes no texto, mas de aspectos da situação enunciativa recuperados por processos sociocognitivos.

[08] VEM AÍ A COLEÇÃO FOLHA * O MUNDO DA CERVEJA * E O MELHOR: VOCÊ NEM PRECISA ESPERAR GELAR PARA LER.
 (Propaganda da Cerveja Lager. Jornal Folha de S. Paulo. Ano 92. 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

A expressão dêitica “aí” aponta para um aspecto temporal que será recuperado, primeiramente, apenas pelo leitor da Folha de S. Paulo, que entenderá a informação dada se buscar fora do texto, ou seja, no suporte jornal, a data a partir da qual a coleção “Mundo da cerveja” estará à disposição da sociedade. Para recuperar a informação, o leitor deverá, ainda, utilizar seu conhecimento de mundo e inferir que, de acordo com a propaganda, a referida coleção não poderá ser adquirida de imediato, fato justificado pela forma verbal “vem”, embora essa demora seja breve, pois é dito também que “nem precisa gelar para ler”. A dêixis, portanto, é definida como uma expressão que, para ser entendida, requer o conhecimento de algumas coordenadas relacionadas ao contexto espaço-temporal e aos interlocutores.

A anáfora, por sua vez, tem como particularidade manter o foco de atenção existente, até então estabelecido, ou seja, “continuar uma referência, de modo direto ou indireto” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 62). Embora diga respeito à continuidade referencial e à progressão discursiva, a anáfora não assume uma única forma de retomada de um objeto de discurso e, por via de consequência, não recebe por parte dos estudiosos a mesma abordagem. Koch e Marcuschi (1998), por exemplo, falam em correferência e cossignificação no âmbito da progressão referencial; Koch (2004c), revisando o tema, trata mais especificamente das formas nominais anafóricas na progressão referencial, enquanto Marcuschi (2005) aborda a visão clássica da anáfora para distinguir os processamentos das anáforas diretas e indiretas; e Cavalcante (2012), ao abordar o tema, descreve a anáfora como processo referencial de

retomada de um referente²⁵. A autora distingue essa forma de retomada dispondo a anáfora em três tipos: direta (mantém o referente), indireta (introduz referente novo ancorado em pistas deixadas no cotexto ou apenas no contexto) e encapsuladora (resumo de uma porção textual com possíveis acréscimos contextuais).

Os tipos de anáfora e sua relação ou não com a noção de correferencialidade são temas que serão retomados no item 2.4., que trata mais singularmente do mecanismo da recategorização. No presente momento, particularizo casos de anáfora em que seja possível identificar traços sobre o que é pretendido por expressões referenciais: anafóricas e dêiticas. Para avançar sobre essa questão, os exemplos a seguir, retirados de Cavalcante, respectivamente (2000 e 2012), autenticam bem esse propósito:

[09] **Patativa do Assaré ★ 05/03/1909 ★ 08/07/2002**

Poeta e repentista cearense, nascido na localidade de Serra do Santana, próximo de Assaré, cego de um olho desde os 4 anos de idade, Antonio Gonçalves da Silva alfabetizou-se aos 12, quando frequentou a escola por alguns meses, começando logo em seguida a compor versos. Iniciou-se como cantador e violeiro aos 16 anos, e três anos depois, numa viagem ao Pará, recebeu o apelido de Patativa. Com o passar dos anos, ele, foi se tornando conhecido na região, e em 1956 publicou seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*. Mais tarde teve outras coletâneas de poemas publicadas, além de diversos folhetos de cordel. Patativa conheceu a fama em 1964, quando Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, gravou Triste Partida, de sua autoria. Em 1972 o cantor Fagner gravou sua música “Sina” e mais tarde tornou-se produtor de seus discos.

(Fonte: adaptado de <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/patativa-do-assare>; Acesso em 12 dez.2011. In: CAVALCANTE, 2012, p.123).

[10]

CPI – Deputado, estamos impressionados com a fortuna que o senhor conseguiu amealhar com os seus rendimentos como parlamentar.

ALVES – Por favor, eu sou um homem honrado! Eu nunca disse que o meu patrimônio foi feito com o meu salário de deputado! Eu sou um homem honrado!

CPI – Mas, então, deputado, como é que foi acumulado **esse patrimônio**?

(E 165 – texto humorístico em revista – NELFE. In: CAVALCANTE, 2000, p.85).

No primeiro caso, são várias as formas de retomar a introdução referencial “Patativa do Assaré”, expressa no título da notícia. Em todas é possível reconhecer o fenômeno da correferencialidade, conforme pretendiam Koch e Marcuschi (1998) e conforme a autora sublinhou.

²⁵ Acredito que a expressão “retomada de um referente”, empregada pela autora para o termo geral “anáfora”, ao qual se ligam os três tipos de anáforas mencionadas, quando em relação à anáfora indireta diga respeito às formas recategorizadoras metonímicas, mencionadas por Apothélos e Reichler-Béguelin (1995).

Em [10], a expressão *a fortuna*, referente de introdução, é retomada no texto pelas expressões *meu patrimônio* e *esse patrimônio*, que se constituem, igualmente, anáforas correferenciais. Contudo, essas expressões estão formadas por um sintagma que contém um ‘traço’ de aproximação entre a anáfora e a dêixis e, ao mesmo tempo, de distinção entre “expressões anafóricas e expressões dêíticas”. Quando o autor diz *esse patrimônio*, além de assinalar a retomada de um referente, ele também aponta na direção desse mesmo referente, ou seja, trata-se de uma expressão referencial anafórica, portadora de um aspecto indicial, de um aspecto dêítico.

Esse traço de indicialidade é mais facilmente identificado no exemplo abaixo, retirado de Fávero e Koch, (1983, p. 39-40) e revisitado por Cavalcante (2000, p.84) que o utiliza para destacar o que ela, ao tratar da relação anáfora/dêixis, chama de “as duas faces da moeda”. No entendimento que pretendo formular, constitui-se uma expressão dêítica, sendo que, nesse caso, a retomada não é de um elemento pontual no texto, mas de uma proposição não pontual:

[11] Pedro foi preso como estelionatário. **Isto** não é de admirar.

Vale salientar que casos semelhantes a [10] passam, no contexto desta pesquisa, a ser considerados expressões referenciais anafóricas, com um componente dêítico. Casos semelhantes a [11], em que a função é retomar não apenas um segmento do texto, mas principalmente apontar em direção não pontual para esse segmento, correspondem ao que considero expressões dêíticas textuais, exercem uma função específica de dêixis, e, ao mesmo tempo, expressões anafóricas que encapsulam trechos do discurso.

Contudo, são os casos de expressões referenciais dêíticas como [12] que chamam a atenção para a hipótese da dêixis em uma dimensão recategorizadora, ou seja, casos em aparecem expressões adverbiais, formas simples ou locuções.

[12] “(...) Em negociações anteriores do gênero [negociações do Planalto com o BNDES], como no projeto de reforma de 2008, as perdas estaduais seriam integralmente cobertas com recursos da arrecadação de impostos da União.

Argumentava-se, na época, que o momento excepcionalmente favorável das contas do Tesouro Nacional viabilizaria a reforma. **De lá para cá**, a tese foi enterrada. (...)

(PATU, Gustavo. Dilma usa BNDES para ajudar Estados e cidades. Jornal Folha de S. Paulo; Ano 92; 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

Para os leitores da Folha de S. Paulo reconhecerem o sentido da parte inicial da locução (“de lá”) é preciso, dentre outras ações, acessar um conhecimento de mundo que não está presente no segmento textual, fazendo usos de estratégias cognitivas que relacionem as negociações do Planalto com o BNDES a projeto de alguma reforma financeira efetivada em 2008²⁶. Para a segunda parte da locução, a fonte de informação são os dados contidos no próprio jornal, isto é, novembro de 2012, visto que, nesses casos, não são consideradas exatamente as datas de publicação da matéria.

Refuto o possível argumento de que “lá” seja uma retomada anafórica com componente dêitico, em relação à introdução referencial “*negociações*” e à anáfora “*à época*”, tendo em vista que a predicação “*anteriores*” traz implícita uma noção imprecisa de tempo. A recuperação dessa noção de tempo depende essencialmente do contexto, como construto mental, conforme apresentado por Givón (2002), em que se fariam presentes operações mentais intencionais. É provável que o enunciador tenha preferido empregar uma forma imprecisa a utilizar, por exemplo, “*Em negociações do gênero, ocorridas em tal data, como no projeto de reforma de 2008...*”. No caso dessa hipótese discursiva, não deixaria de considerar a natureza anafórica do referente.

A dificuldade do fenômeno de hibridização anáfora/dêixis é visto também por alguns estudiosos como deiticidade, tema a ser explorado na próxima seção.

2.3.2 Deiticidade

A distinção entre os processos referenciais anafórico e dêitico não se reduz, com efeito, aos termos mais ‘apropriados’ para designar os objetos de discurso a eles correlatos, conforme destaquei no item anterior. Sobre a designação dessas expressões,

²⁶ É provável que o jornalista esteja se referindo à Lei nº 9.491, de 09 de setembro de 1997, que altera procedimentos relativos ao Programa Nacional de Desestatização, que revoga a Lei nº 8.031 de 12 de abril de 1990, em que, entre outras providências, consta uma citação à relação do BNDES com Estados e Municípios, conforme mencionado no título da matéria e segmentos da referida lei em seu Art. 2º, capítulo V, § 3º, abaixo transcritos:

Art. 2º Poderão ser objeto de desestatização, nos termos desta Lei:

(...)

V – bens móveis e imóveis da União. (Incluído pela Medida Provisória nº 2.161-35, de 2001).

(...)

§ 3º O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, por determinação do Conselho Nacional de Desestatização, definido nesta Lei, e por solicitação de Estados ou Municípios, poderá firmar com eles ajuste para supervisionar o processo de desestatização de empresas controladas por aquelas unidades federadas, detentoras de concessão, permissão ou autorização para prestação de serviços públicos, observados, quanto ao processo de desestatização, os procedimentos estabelecidos nesta Lei.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9491.htm (acesso: 26/10/2013)

muitas discussões já foram efetivadas, dentre elas as relacionadas às indicações de existência e unicidade²⁷, as quais não serão retomadas no presente estudo. Por outro lado, fica difícil fugir às indagações levantadas por Cavalcante, quando se trata do espaço-limite de cada um desses fenômenos.

Uma questão mais simples diz respeito ao valor semântico dos elementos capazes de qualificar uma expressão como “indicial, isto é, como dêitica. Outra reflexão, de maior complexidade e anterior à primeira está ligada ao relacionamento entre a função referencial, os pressupostos de existência e as classes tomadas como expressões “referenciais” (grifo da autora). (CAVALCANTE, 2000, P. 98).

A autora admite como “referenciais” todas as expressões que designam objetos de discurso e ela apresenta um leque de sete tipos de sintagmas que possibilitam os interlocutores construir processos de referenciação. Dentre esses, elenca os pronomes substantivos demonstrativos, como *isto*, *isso*, *aquilo*, os quais, na proposta aqui desenhada, se somariam às estruturas que denotam circunstância e funcionam como advérbios, para formar o conjunto das expressões dêiticas mais expressivas. Fica configurado, portanto, que o aspecto de deiticidade será estudado no tocante ao papel dos demonstrativos, no rol dessas expressões indiciadoras.

O aspecto de indicialidade observado nos demonstrativos tem sido, no espaço da referenciação, objeto de vários estudos. Lyons (1977, p. 636), ao fazer uma breve descrição de como os demonstrativos foram empregados pelos gramáticos gregos e romanos e como aparecem na gramática tradicional, no mundo ocidental, acrescenta que “é interessante notar que o que hoje chamamos de pronomes demonstrativos foram referidos como artigos dêíticos na tradição grega anterior²⁸”. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999) caminham no mesmo sentido de Lyons quando dizem que teorias aplicáveis ao demonstrativo são geralmente dadas por uma prática descritiva que contrasta o demonstrativo ao artigo definido, quando, ao contrário, os estudos deveriam ser voltados para usos positivos e modos operacionais.

Embora os autores, neste artigo, se dediquem às funções e interpretações de NPs demonstrativos em anáforas indireta e associativa, não deixam de “tocar” no processamento dêítico em que aparece o demonstrativo: a dêixis de memória e a dêixis textual em NPs demonstrativos. A par da questão central desse estudo, os autores

²⁷ Ver a respeito Ducrot (1977).

²⁸ It is worth noting that what we now call demonstrative pronouns were referred to as deictic articles in the earlier Greek tradition.

afirmam “Numerous linguists consider that associative anaphora can only be introduced by definite NPs and claim that demonstrative NPs cannot take on the role of associative anaphora²⁹” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1999, p. 363).

Essa avaliação traz o demonstrativo para outro centro de conflito de limites, além do já mencionado entre anáfora direta e dêixis, e reforça a ideia aqui defendida da relação intrínseca entre deiticidade e demonstrativo. Vale destacar, contudo, que, conforme os exemplos apresentados por Apothéloz e Reichler-Béguelin, os chamados “demonstrativos indiretos” ocorrem em NPs, expressões anafóricas, e, no presente trabalho, esses demonstrativos são os únicos núcleos das expressões anafóricas encapsuladoras, como pode ser observado, respectivamente, nos exemplos abaixo:

[13] Directeur de l’Hôtel Du Rhône à Genève, Marco Torriani a vécu vingt ans à l’étranger. “J’avais commencé à apprécier l’esprit nord-américain. **Ces gens-là** travaillent toujours ensemble (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1999, p.374³⁰).

[14] “A impunidade dos poderosos prevaleceu sobre a Justiça no Brasil desde Pedro Álvares Cabral. “Cadeia é para os pobres”, repetiram os brasileiros de geração a geração. Parecia uma lei natural, um dado da vida, uma vocação invencível do país de povo cordial e cordato. **Isso** acabou. O ano de 2012 terá seu lugar marcado na história por ter sido aquele em que o Brasil dos honestos começou a virar o jogo sobre o dos desonestos.” (PEREIRA, Daniel. A corrupção perdeu para a Justiça. Revista Veja. Edição 2298. Ano 45. Nº 49 de 5 de dezembro de 2012).

Nos dois casos, é possível dizer que, do ponto de vista cognitivo, tanto a produção quanto a recepção se constituem atos referenciais diferentes e que, portanto, dependem de interesses estratégicos diferentes. Em [14], a expressão dêitica anafórica, e na compreensão de Apothéloz e Reichler-Béguelin, o demonstrativo indireto e não correferencial “associativo”, aparece em uma parte do discurso que está no discurso direto reportado. Em [14], a expressão dêitica anafórica, sob a forma de pronome substantivo demonstrativo, igualmente indireto e não correferencial, aparece revestida de um discurso indireto livre, em que “isso acabou” pode corresponder, dentre outras interpretações, à reprodução e extensão da fala “dos brasileiros de geração a geração”.

Um autor que também merece ser citado quanto às fronteiras estabelecidas entre a anáfora e a dêixis e o uso de demonstrativo é Cornish. Sua preocupação nesse sentido aparece refletida em vários trabalhos (CORNISH 2007, 2008, 2009.a, 2009.b,

²⁹ alguns linguistas consideram que a anáfora associativa somente pode ser introduzida por NPs definidos e que NPs demonstrativos não podem desempenhar o papel de anáfora associativa..

³⁰ [13] O diretor do Hôtel Du Rhône em Genebra, Marco Torriani, passou vinte anos no exterior. “Eu comecei a apreciar o espírito norte americano. **Essas pessoas** sempre trabalham juntas”

2011). Em todos eles, é defendida a noção de uma escala como uma tentativa de alcançar as várias categorias de expressões indexicais em termos de seus graus relativos à deiticidade e anaforicidade.

A recorrência aos estudos de Cornish importa para este item da minha pesquisa, visto que sua atenção esteve sempre voltada para os meios eficazes de distinguir entre os três tipos de expressões demonstrativas (advérbios, pronomes ou NPs com demonstrativo) e os respectivos usos: dêiticos, anafóricos e dêiticos discursivos.

Contudo, os princípios de distinção seguidos por Cornish são orientados por um critério muito rígido, em que procura dar conta das funções de demonstrativos anafóricos e dêiticos discursivos, demonstrando um limite, um breve espaço de ‘anadeictic’ (grifo do autor), em uma escala organizada pelo contraste proximal *versus* distante, em termos da utilização dos demonstrativos no discurso.

Na escala pleiteada por Cornish, são apresentados os dois tipos polares de indexicais: os de uso essencialmente dêítico (pronomes de 1ª e 2ª pessoa), e os pronomes reflexivos de 3ª pessoa, restritos ao uso anafórico. Entre os dois polos, é encontrada uma gama de tipos de expressão – principalmente baseados em demonstrativos – aos quais o autor chama de “anadeictic³¹”. Mesmo não assumindo o critério puramente formal do posicionamento de Cornish, em termos sintáticos e, ao mesmo tempo, em termos de discurso, entendo que as expressões indexicais, usadas dêítica, anafórica ou anadeiticamente, podem trazer contribuições distintas à estrutura do discurso.

A noção aqui esposada não é propriamente a de anadêixis, tal como concebida por Cornish, um tipo de referência indexical que combina procedimentos anafóricos e dêiticos, cujas expressões indexicais se realizam em diferentes graus. É antes a de um continuum de indexicalidade ao longo do qual subtipos particulares de procedimentos de referentes indexicais podem variar.

Nesse sentido, a noção de deiticidade parece confirmar a reivindicação de Lyons (1977) quanto ao fato de a dêixis ser mais básica dessas duas formas de referência pronominal, dado que os recursos disponíveis para as expressões indexicais, independente de dêixis, são colocados em uso na realização de anáfora. De fato, apesar de certos tipos de expressão indexical serem restritos a um tipo de uso somente (na visão de Cornish, localizados nos extremos da escala), a maioria pode sustentar vários

³¹ Erlich (1982, p.315-338), ao tratar da similaridade ou diferença entre a anáfora e a dêixis, adota as expressões *anadeixis* e *catadeixis* para as fronteiras.

tipos de uso no contexto. Para esta extensão, esses tipos de uso não devem ser confundidos com o tipo de categoria da expressão indexical e devem ser considerados no contexto de textos completos, quer falados ou escritos.

No tocante ao caráter de deiticidade, comungo das ideias de Reichler-Béguelin (1995) quanto ao caráter indexical do demonstrativo de “c’est un vrai déictique qui refere à une entité présente de quelque manière dans la situation de parole, que CE soit “em réalité” ou dans l’imaginaire ou la mémoire du locuteur³²” (REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 3). E, a partir dessa posição, retornar ao posicionamento de Lyons (1977) para ressaltar a relação intrínseca entre os demonstrativos e a função dêitica de responder pela localização dos interlocutores no contexto dêítico, a qual distingue entre o emprego de uma forma e outra, dependendo da proximidade em que os interlocutores se encontrem do ponto-zero.

2.4 Recategorização

Em passagens anteriores de entendimento sobre o processo de referenciação, foram tecidas algumas considerações acerca da concepção de categorização, fundamento essencial para a compreensão do mecanismo de recategorização. Destaco ainda que os processos referenciais, ao se manifestarem no discurso, são abrangidos quer pela categorização quer pela recategorização.

Por este viés, a categorização assim como a recategorização se constituem processos dinâmicos que põem em relevo um sujeito sociocognitivo na construção de objetos de discursos, pois, como assegura Koch, a categorização é como

(...) um problema de decisão que se coloca aos atores sociais, de forma que a questão não seria avaliar a adequação de um rótulo “correto”, mas descrever os procedimentos linguísticos e cognitivos por meio dos quais os atores sociais se referem uns aos outros, por exemplo, categorizando alguém como ‘um velho’, ‘um banqueiro’, ‘um judeu’ etc (KOCH, 2004b, p.54).

De conformidade com o que já expus em 2.2.2, ficou a compreensão de que, quando uma expressão referencial explicita um objeto de discurso, ela o está

³² (...) verdadeiro dêítico que se refere a uma entidade presente em qualquer forma na situação de fala, quer da realidade ou da imaginação ou da memória do locutor (REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.3).

categorizando em uma introdução referencial, se for a primeira vez que aparece no texto/discurso, ou em uma anáfora, se o objeto de discurso for retomado. A retomada, contudo, não ocorre de uma única forma. Quando há repetição do potencial discursivo, a anáfora é chamada de direta ou correferencial. Tendência essa que não é sempre a esperada, visto que o texto passa por um processo de evolução pelo acréscimo de novas informações. Em consequência disso, os objetos de discursos passam por transformações, ou seja, eles se recategorizam, tanto na produção do texto quanto na sua compreensão, reafirmando aqui que o objeto de discurso depende, em sua construção, da participação do enunciador e do coenunciador.

Fica também o ajuizamento de que a interpretação da metamorfose referencial está subordinada não ao simples reconhecimento da especificidade das formas, isto é, de quais sintagmas nominais (simples ou com demonstrativos) ou pronominais mas, essencialmente, aos processos sociocognitivos que orientam a recuperação das cadeias de referentes evolutivos.

A respeito da anáfora indireta, vale lembrar que, embora Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) manifestem posicionamentos até certo ponto divergentes³³, o que nos interessa é a aceitação de que “a fronteira que delimita a separação entre uma anáfora correferencial e uma anáfora indireta é simplesmente o fato de esta última não retomar o mesmo referente, recategorizado ou não” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 74).

Nesta seção, portanto, abordo a recategorização de expressões anafóricas diretas e apresento, a partir dessa abordagem, ocorrências de expressões referenciais dêiticas que merecem ser revisadas e para as quais proponho a proposta de recategorização.

2.4.1 Da noção de référents évolutifs à noção atual de recategorização

³³ “Começaremos estabelecendo uma oposição entre processos de introdução referencial e processos de manutenção e progressão de referentes no texto/discurso, isto é, as retomadas anafóricas (diretas e indiretas) (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 54). (...) Essas anáforas indiretas, embora não retomem exatamente o mesmo objeto de discurso e, aparentemente introduzam uma entidade “nova”, na verdade remetem ou a outros referentes expressos no cotexto, ou a pistas cotextuais de qualquer espécie, com as quais se associam para permitir ao coenunciador inferir essa entidade” - grifos meus (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 68)

Acompanhar Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 32) quanto à percepção de que a recategorização “é algo tão inerente ao processo referencial que acontece estando ou não explicitada” não diminui a importância de voltar o olhar para os primeiros estudos sobre esse mecanismo e, assim, compreender as funções que as expressões referenciais exercem no texto/discurso.

A recategorização encontra, de certa forma, a sua base nos estudos de Brown e Yule (1983). Os autores postularam uma concepção não substituta do valor do pronome de terceira pessoa empregado em uma sequência textual e atribuíram ao fenômeno os efeitos semânticos das predicções transformacionais. Na mesma direção, Charolles e Schnedecker (1993) se propuseram a estudar o que se passa com os referentes, mais particularmente com os anafóricos pronominais, quando eles remetem a uma entidade que sofre diversas transformações, à medida que o discurso se desenvolve. Para estes autores, nesses casos, não seria possível falar em correferência, conforme argumentam em [15] e [16].

[15] Ele derramou uísque em um copo. Ele acrescentou água ... e o bebeu. (CHAROLLES;SCHNEDECKER, 1993, p. 123)³⁴

[16] Il versa de l'eau dans un verre. Il y ajoute du whisky... et il *la* but. (CHAROLLES;SCHNEDECKER, 1993, p. 123)

Em [15], os autores imaginam uma situação em que foram misturados água (nome feminino) e uísque (nome masculino), e colocam a questão de saber qual o gênero de pronome que seria o mais provável para ser retomado, tendo em vista que a possibilidade pode ser concedida aos dois referentes do enunciado. Para eles, essa questão merece ser considerada, pois não existe uma única forma de interpretar o que confere predominância à mistura. Para elucidar a questão, apresentam os exemplos:

[17] Il versa trois doigts de whisky dans un verre. Il y ajoute un tout petit peu d'eau... et il *le* but. (CHAROLLES;SCHNEDECKER, 1993, p. 123).

[18] Il versa trois doigts d'eau dans un verre. Il y ajoute un tout petit peu de whisky... et il *la* but. (CHAROLLES;SCHNEDECKER, 1993, p. 123).

³⁴ Il versa du whisky dans un verre. Il y ajoute de l'eau... et il *le* but. (CHAROLLES; SCHNEDECKER, 1993, p. 123).

Em [17], Charolles e Schnedecker (1993) dizem não ser possível aceitar a retomada com a expressão pronominal *il la but*, assim como em [18], a expressão pronominal *il le but*, pois nesses casos a identidade do objeto, designado pela denominação de água em [17] e de whisky em [18], é afetada a um ponto tal que a mistura já não pode ser chamada de água sob as condições descritas por [17] nem de whisky pelas descritas em [18].

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), dentre outras contribuições, tomam, como ponto de partida de seus estudos sobre a problemática conhecida como “*référents évolutifs*”, o trabalho de Charolles e Schnedecker (1993). Contudo, os autores consideraram que esse tipo de análise trazia importantes dificuldades e que conduziria a substituir uma investigação linguística por uma análise ontológica ou física, pois não faria sentido questionar, por exemplo, a proporcionalidade de água ou *whisky* para definir o tipo de pronome que apareceria em seguida.

As dificuldades apontadas por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) repousam, principalmente, no argumento de que

os testes de comutação autorizam a duvidar que os efeitos de um predicado transformacional sobre a anaforização subsequente do referente afetado podem ser considerados apenas em termos de riscos de “identidade”, que resultam para o referente, sem levar em conta as predicções posteriores. (APOTHELOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.6).

Enquanto o trabalho de Charolles e Schnedecker (1993) sobre os referentes evolutivos deu origem a tais considerações, o estudo na perspectiva narratológica sobre as mudanças da instância focal ou do ponto de vista trouxe outras possibilidades de abordar a questão, pois o narrador tem o direito de fazer prevalecer seu ponto de vista sobre as instâncias focais. As expressões por mim destacadas aparecem na Teoria da Mudança Dêitica, assunto que será tratado em 4.3 e que serve de apoio à tese de recategorização da dêixis.

A análise de referentes evolutivos em textos com segmentos narrativos, em exemplos como [19] e segundo a apreciação de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), ainda apresentavam dificuldades.

[19] (...)A jovem olhou para cima. Orlando viu-os brilhar com um brilho que resplanceu em bules, por vezes, mas raramente em um rosto humano. Através dessa cor transparente de prata, a jovem deixou elevar na direção dele (* ela) (pois ele era um homem para ela) um olhar de apêlo, de esperança, de

apreensão, de medo (V. Woolf, *Orlando*. In: SCHNEDECKER; CHAROLLES, 1993, p. 209)³⁵

Para Schnedecker e Charolles (1993), o referente designado por *Orlando* é retomado em função do ponto de vista “limitado” (grifo dos autores) da personagem *a jovem mulher*, que assume os referentes (*lui, il*) por não saber que *Orlando* está disfarçado. A retomada anafórica com o pronome feminino *elle*, nesse contexto, não seria possível, motivo porque assinalam com o asterisco.

Apothéloz e Reichler-Béguelin, por sua vez, não contestam a explicação dos autores, confirmada, inclusive, por um uso metadiscursivo, mas requerem para tais situações uma explicação menos ontológica e mais pragmática. Para defenderem sua forma de ver o problema, fazem modificação no exemplo, conforme [20] e [21]:

[20] (...) O jovem rapaz levanta os olhos. Orlando os viu brilhar de um brilho que resplandeceu algumas vezes sobre os bules de chá, mas raramente sobre um rosto humano. Através desta cor transparente de prata, o jovem rapaz deixou elevar na direção dele (pois ele era um homem para ele) um olhar de apêlo, de esperança, de apreensão, de medo. (Exemplo modificado por nós. APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.9).

[21] (...) O jovem rapaz levanta os olhos. Orlando os viu brilhar de um brilho que resplandeceu algumas vezes sobre os bules de chá, mas raramente sobre um rosto humano. Através desta cor transparente de prata, o jovem rapaz deixou elevar na direção dela (pois ela era uma mulher) um olhar de apêlo, de esperança, de apreensão, de medo. (Exemplo modificado por nós. APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.9).

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin, as implicações dessas mudanças acentuam ambiguidades referenciais e tornariam, conforme [20], a interpretação dos pronomes anafóricos muito difícil. São favoráveis a parâmetro da pragmática, pois ocorrências como [21] não se constituem sequências discursivas impossíveis, tendo em vista o ponto de vista do personagem.

Vejo a análise feita pelos autores sobre as modificações do exemplo [19] e apresentadas em [20] e [21] orientada ainda por um forte componente ontológico, pois como eles admitem “uma vez promovidas ao estatuto de objetos de discurso, ou

³⁵ La jeune femme leva *les yeux*. **Orlando** les vit briller d’une éclat qui resplendit parfois sur les théières mais rarement sur un visage humain. A travers ce glacié d’argent, la jeune femme laissa monter vers **lui** (***elle**) (car **il** était un homme pour elle) un regard d’appel, d’espoir, d’appréhension, de crainte (V. Woolf, *Orlando*. In: SCHNEDECKER; CHAROLLES, 1993, p. 209)

assimiladas a uma prática qualquer social, a identidade dessas *realia*/realidades torna-se o produto de uma interação entre o sujeito e seu ambiente” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 11).

A passagem da noção de *référents évolutifs* à de recategorização implica que este mecanismo não significa uma mera “ampliação” do discurso pelo acréscimo de outras formas para o mesmo referente, mas que ele “depende do conhecimento prévio do interlocutor e pode ser instalado independentemente de menção no texto” (CAVALCANTE, 2005, p. 132).

2.4.2 O modelo proposto por Apothéloz; Reichler-Béguelin

A partir da abordagem sobre os *référents évolutifs*, os autores se propuseram a buscar um modelo global que satisfizesse a anáfora, notadamente a pronominal. Na busca por tal modelo, assumiram em favor de uma concepção construtivista da referência em que os sujeitos falantes controlam suas produções de linguagem. Dentro dessa perspectiva, refutam a expressão *référents évolutifs* em favor de *objetos de discurso*, ou seja, passam a buscar a compreensão das mudanças ocorridas no discurso, tomando como parâmetro a bagagem de conhecimento de que dispõem os interlocutores sobre um referente dado, em determinada situação comunicativa.

A defesa, feita pelos autores, de que os objetos de discurso não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos falantes, mas devem ser conhecidos como produto dessa atividade, é uma espécie de âncora à noção de recategorização.

Conforme exemplificado amplamente pelos autores, a potencialidade de as expressões referenciais evidenciarem o comportamento discursivo do falante, em relação aos processos referenciais empregados no texto/discurso, transparece bem mais no uso de anáforas lexicais. Isso se justifica pelo fato de o objeto designado já ser, geralmente, conhecido, e estar identificado no modelo de mundo construído pelo enunciador para determinado texto/discurso, como é possível comprovar em [22] e [23].

[22] O sabão vinga da humilhação que ela [= água] submeteu-o em se misturar intimamente à água, em se casando da forma mais ostensiva. **Este ovo, este plano linguado, esta pequena amêndoa** se desenvolve rapidamente em peixe chinês, com suas velas, seus quimonos com mangas largas e festa, portanto, seu casamento com a água (Francis Ponge, O sabão,

Paris, Gallimard, 1967: 98. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.13)³⁶.

[23] [sobre o cérebro] Eu não acho que a neurociência nos permitirá um dia compreender como **esta massa gelatinosa** fabrica o pensamento. (Radio, março de 1992. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.14)³⁷.

Os exemplos permitem perceber que o falante dispõe de um extenso leque de possibilidades para designar um objeto dado e que as escolhas não se restringem a uma série fechada de expressões linguísticas utilizáveis em condições referenciais iguais. Ao escolher as expressões que julga mais adequadas para permitir a identificação do referente, o falante pode fazer acréscimo ou supressão de conformidade com o seu propósito comunicativo.

As estratégias apontadas pelos autores centram-se em três situações: a) o objeto-de-discurso passa por uma transformação *no mesmo momento de sua designação anafórica*, sem retomar atributos já predicados; b) o objeto-de-discurso, mesmo modificado por predicação, *não leva em conta essas alterações*; c) o objeto de discurso sofre várias modificações por meio de predicação e *homologa essas modificações* (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 17).

Para transformações marcadas pelo anafórico, ou seja, para casos em que o objeto-de-discurso passa por uma transformação *no mesmo momento de sua designação anafórica*, sem retomar atributos já predicados, são elencadas algumas operações, das quais faço, na maior parte dos casos, apenas a citação e a exemplificação, a título de compor um quadro do que foi proposto como operações realizadas, quando do mecanismo de recategorização e quanto às funções correlatas.

Para esse tipo de transformações, vale salientar que os autores apresentam três possibilidades de operacionalização: recategorizações lexicais explícitas; recategorizações lexicais implícitas e recategorizações concernentes à extensão do objeto ou de seu estatuto lógico.

Recategorizações lexicais explícitas

Dentre esse tipo, destacam-se:

³⁶ [22] Le savon se venge de l'humiliation qu'elle [= l'eau] lui fait subir en se mélangeant intimement à l'eau, en s'y mariant de la façon la plus ostensible. **Cet œuf, cette plate limande, cette petite amande** se développe rapidement en poisson chinois, avec ses voiles, ses kimonos à manches larges et fête ainsi son mariage avec l'eau. (Francis Ponge, Le savon, Paris, Gallimard, 1967: 98)

³⁷ [23] [A propos du cerveau] Je ne crois pas que les neurosciences nous permettront un jour de comprendre comment **cette masse gélatineuse** fabrique de la pensée. (Radio, mars 1992. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.14).

[24] [Artigo descrevendo o julgamento de um motorista responsável por um acidente]

Ele reconhece que ele dirigia bêbado, não lembra bem e ri. Bêbado, ele subiu Broc depois Payerne e demoliu ao passar uma vitrine. O Tribunal Penal ontem impôs uma pena dura a **este reincidente**. (Liberty, 10.2.1993. Ainda não foi relatado anteriormente que o motorista era um reincidente. Exemplo Françoise Zay não transmitido. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.14)³⁸

Em [24], a expressão *este reincidente* fornece uma informação nova que provoca a reinterpretação do que a precede, estabelecendo uma ligação entre o fato de uma reincidência e o da gravidade da pena imposta pelo tribunal. A informação transmitida pela expressão está investida uma função de explicação.

Recategorização com pretensão argumentativa

Muitas vezes a expressão referencial toma a forma de uma metáfora.

[25] O reflexo conservador tem ainda surpreendido a vizinha Gália. A adoção quinta-feira à noite pelo Parlamento francês da lei Toubon contra o "franglais" é um exemplo muito ridículo. **Esta novidade glaciación/glacial da língua**, tomada no gelo da legislação, revela a ingenuidade de que dão prova os políticos quando eles se imaginam poder controlar o incontrolável a grandes golpes de decretos. (L'Imparcial de 2.7.1994. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.19)³⁹

No exemplo acima, as expressões anafóricas destacadas têm a função argumentativa de apoiar a opinião indicada por elas.

Recategorização por denominação relatada, para assinalar ou sugerir o ponto de vista de um sujeito sobre o objeto de discurso.

[26] (...) se não há nenhuma dúvida da piedade da rainha Isabella, muitos sentem que os meios utilizados para impor sua fé não haveria muitos católicos. Ela, de fato, que assina o decreto de banimento 150.000 judeus da Espanha e perseguiu, espionou, privou, torturou **esses infiéis**. (L'Hebdo, 12/28/90. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.19)⁴⁰

³⁸ [24] [Article relatant le jugement d'un automobiliste responsable d'un accident]

Il reconnaît avoir roulé ivre, se souvient mal et en rigole. Saoul, il rallie Broc depuis Payerne et démolit au passage une vitrine. Le Tribunal correctionnel a infligé hier une peine ferme à **ce récidiviste**. (La Liberté, 10.2.1993. Il n'a pas été indiqué antérieurement que l'automobiliste était récidiviste. Exemple transmis par Françoise Zay. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.18).

³⁹ [25] Le réflexe conservateur a encore frappé en Gaule voisine. L'adoption jeudi soir par le Parlement français de la loi Toubon contre le « franglais » en est un exemple assez cocasse.

Cette nouvelle glaciación de la langue, prise dans la banquise de la législation, est révélatrice de l'ingénuité dont font preuve les politiques lorsqu'ils se figurent pouvoir contrôler l'incontrôlable à grands coups de décrets. (L'Imparcial, 2.7.1994. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.19)

⁴⁰ [26] (...) si nul ne doute de la piété de la reine Isabelle, beaucoup estiment que les moyens mis en œuvre pour imposer sa foi n'ont pas été très catholiques. C'est elle, en effet, qui signa l'édit de bannissement de 150000 juifs d'Espagne et fit persécuter, espionner, dépouiller, torturer **ces infidèles**. (L'Hebdo, 12/28/90. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.19)

Em [26], a expressão *esses infieis* reproduziu a qualificação utilizada pela rainha Isabella em relação aos judeus. Esta qualificação, indicando uma atitude ou ponto de vista, apresenta ao mesmo tempo e retrospectivamente um caráter explicativo. Muitas vezes, essas expressões aparecem em contextos marcados por discurso indireto livre.

Recategorização por aspectualização

Conforme exemplo [27], as modificações da categorização lexical que são o reflexo ou a consequência de uma evolução do *aspecto sob o qual o objeto é provisoriamente considerado*.

[27] [Artigo sobre o aumento do número de objetores de consciência na França].

Para a DCSN [Direcção Central de Serviço Nacional], se explica este aumento de objetores de consciência pelo sucesso do movimento associativo que pode recorrer a **esta força de trabalho** recebendo compensações diárias em troca de trabalhos realizados por ela. (*Le Monde*, 18.3.1994. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.20)⁴¹

Recategorização com sobremarca da estrutura discursiva

Para os autores, esse tipo de recategorização compreende uma forma de aumentar a visibilidade da expressão referencial.

[28] Os franceses e a maioria dos francófonos têm uma relação muito forte com **a sua língua**. Mais do que um sistema de comunicação, **ela** é para eles uma herança, como todas as principais línguas da civilização. Eles estão alarmados por **ela** e, por vezes, imaginam o pior: **o francês** seria uma língua ameaçada, a anglicização permanente que **ela** sofre traria seu empobrecimento lexical e sua falta de criatividade.

Bem, não! **O francês** é uma língua viva, que evolui e se enriquece. Como todas as línguas saudáveis, **ele** toma emprestado e cria palavras e essa criatividade foi simplesmente acentuada durante os últimos vinte anos. (Ditado de texto, de acordo com J. Rey-Debove, apresentação Nouveau Petit Robert I, ex. Transmitida por Theresa Jeanneret. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.21)⁴².

⁴¹ [27] [Article sur l'augmentation du nombre d'objecteurs de conscience en France].

A la DCSN [= Direction centrale du service national], on explique cette ascension des objecteurs de conscience par le succès du mouvement associatif qui peut recourir à **cette main d'œuvre** en recevant des indemnités journalières en contrepartie des tâches exécutées par elle. (*Le Monde*, 1994/03/18. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.20).

⁴² [28] Les Français et la plupart des francophones ont une relation très forte à **leur langue**. Plus qu'un système de communication, **elle** est pour eux un patrimoine, comme toutes les grandes langues de civilisation. Ils s'alarment pour **elle** et imaginent parfois le pire: **le français** serait une langue menacée, l'anglicisation permanente qu'**elle** subirait viendrait de son appauvrissement lexical et de son manque de créativité.

Eh bien non! **le français** est une langue vivante qui évolue et s'enrichit. Comme toutes les langues bien portantes, **il** emprunte et crée des mots, et cette créativité s'est nettement accentuée pendant les vingt

Neste caso, a mudança de categorização lexical se explica pela coincidência de uma mudança de parágrafo, que se mostra sensível à escolha das expressões referenciais que dizem respeito à marcação ou sobremarcação da fronteira entre os dois momentos do texto.

Recategorizações lexicais implícitas

Os pronomes se destacam nesse tipo de recategorização e, em razão de sua marca de gênero, permitem, no contexto, indicar alusivamente uma denominação. Esta propriedade pode ser explorada para diversos fins. Dentre essas recategorizações, encontram-se:

Recategorização por redução de ambiguidade referencial

Em alguns contextos, pode ocorrer o que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) chamam de uma competição referencial por uma forma pronominal, principalmente devido ao fato de dois objetos de discurso terem recebido denominação com o mesmo gênero gramatical. A modificação do gênero gramatical do pronome em questão permite então resolver esta dificuldade, compreendendo implicitamente o objeto visado através de uma outra denominação que ela introduziu no contexto do discurso, conforme exemplificado em [29]:

[29] [após a morte de um recruta]

"Especialmente graças aos excelentes contatos que **ele** teve com seus companheiros de seção, o recruta disse ao psicólogo que o quadro militar forneceu-lhe um certo apoio moral", diz o DMF [= Departamento Militar Federal].

- O recruta tido com seu comandante de companhia uma longa entrevista na ocasião em que **ela** havia confiado a ele. "Desde que **ele** tinha confirmado um recruta exemplar, não colocava mais problemas sobre qualquer ponto que fosse", diz o DMF.

- Seus superiores e camaradas ficaram extremamente surpresos com o gesto que eles não explicam de todo, como a atitude do recruta e sua expressão deixando prenunciar que **ele** não tinha grandes problemas [...]. (L'Imparcial, 10.10.1990; repris de Reichler-Béguelin 1993a:375. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.22)⁴³.

dernières années. (Texte d'une dictée, d'après J. Rey-Debove, présentation du *Nouveau Petit Robert I*, ex. transmis par Thérèse Jeanneret. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.21).

⁴³ [29] [après le décès d'une recrue]

"Notamment grâce aux excellents contacts qu'**il** avait avec ses camarades de section, la recrue avait déclaré au psychologue que le cadre militaire lui fournissait une aide morale certaine", note le DMF [=Département Militaire Fédéral].

— La recrue avait eu avec son commandant de compagnie un long entretien à l'occasion duquel **elle** s'était confiée à lui. "Depuis **il** s'était avéré une recrue exemplaire, ne posant plus de problème sur quelque point que ce soit", constate le DMF.

— Ses supérieurs et ses camarades ont été extrêmement surpris de son geste qu'ils ne s'expliquent pas du tout, tant l'attitude de la recrue et son expression laissaient présager qu'**il** n'avait pas de problèmes importants [...]. (L'Imparcial, 10.10.1990, tirado de Reichler-Béguelin 1993a:375. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.22).

Ao longo deste trecho, a concordância do pronome é feita com o masculino, com uma exceção: *la recrue/o recrute teve com seu comandante de companhia uma longa entrevista na ocasião em que ela havia confiado a ele*. O uso do pronome feminino (categorizando implicitamente o referente como *recrute* e não como (*homem*) é provavelmente motivado aqui pela intenção de evitar ambiguidade referencial.

Importante destacar dois aspectos: diferentemente do que foi visto em [19], em que o uso da expressão referencial pronominal era definida pelo ponto de vista “limitado” da personagem, aqui, é definido por um conhecimento sociocultural, e a divergência entre o gênero gramatical e o gênero “natural”, longe de ser uma fonte de dificuldade pode ser aproveitada para resolver problemas locais de ambiguidade e de gestão da referência. Ainda assim, concordo com os autores quando afirmam que o problema da ambiguidade referencial poderia ter sido resolvido de forma diferente, por exemplo, renunciando à pronominalização.

Recategorização por motivação ao gênero gramatical

Conforme exemplo [30], a modificação do gênero do pronome pode igualmente acontecer para que o gênero gramatical seja evitado (*Le prix Nobel de la paix/Il* em lugar de *elle*), precisamente porque não corresponde ao gênero “natural”.

[30] [Depois de uma informação indicando uma hospitalização de Madre Teresa]. **O Prêmio Nobel da Paz** deveria ir para casa **dela** deste fim de semana. (Radio, 21.8.1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.23)⁴⁴.

Um exemplo que tem sido bastante utilizado pelos estudiosos e que reflete bem a questão da recategorização lexical implícita é o discutido por Cornish (1994), que o toma emprestado de Rosenberg (1970:58), e do qual Apothelóz e Reichler-Béguelin também fazem uso.

[31] [O guarda traz a refeição. Primeiro prisioneiro]
 - O que é isso?
 [O guarda]: - A sopa do chefe...
 [Os homens começam a comer ...]
 [Segundo prisioneiro]
 - Não é comestível.

⁴⁴ [30] [Après une information faisant état d’une hospitalisation de Mère Thérèse]. **Le prix Nobel de la paix** devrait rentrer chez **elle** dès ce week-end. (Radio, 1993/08/21. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.23).

(Trecho do roteiro de filme Buraco Jacques Becker e José Giovanni, em: L'Avant-Scène Cinema, In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.24)⁴⁵.

O anafórico, pronome feminino *ela*, a que o segundo prisioneiro se refere foi previamente categorizado pelo guarda como *sopa* (*Le potage*, nome masculino). Constitui-se então uma recategorização implícita do objeto referido pelo guarda. Vale salientar, no entanto, que as expressões *potege* e *soupe* (*sopa*, *sopa*) não têm o mesmo valor denotativo nem conotativo. O primeiro refere-se a alimento mais ou menos refinado, enquanto o segundo pode ter empregos pejorativos. A recuperação dessa informação significa que o segundo prisioneiro fez a escolha coerente com a situação de comunicação.

Recategorizações concernentes à extensão do objeto ou de seu estatuto lógico

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) enumeram dentre essas formas de recategorizações:

Recategorizações em que há abandono de determinações

São transformações muito sutis, apesar de atingir a referência.

[32] Neste contexto, as entrevistas realizadas durante a investigação tomam uma importância particular e deslocada em relação a **seu** papel habitual. (Artigo científico, 1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.25)⁴⁶

[33] O tempo de reverberação ideal de uma sala de concerto moderno é fixado entre 0,7 segundos e 2,4 segundos. Mas **ele** baixa até 0,2 segundos em todos pequenos estúdios de trabalho, e vai até 6 segundos em grandes igrejas italianas, tipo San Marco, em Veneza, onde foram dadas no século XVI grandes polifonias espaciais de dois grandes coros espaciais (Le Monde, 12.3.1992. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.25)⁴⁷.

[31] [Le gardien apporte le repas. Premier prisonnier :] — Qu'est-ce que c'est ?

[Gardien :] — Le potage du chef au vermicelle...

[Les hommes commencent à manger...]

[Second prisonnier :] — Elle n'est pas mangeable.

(Extrait du script du film *Le trou* de Jacques Becker et José Giovanni, in: *L'Avant-Scène du cinéma*, 13, 1962, p. 10. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.24).

⁴⁶ [32] Dans ce cadre, les entretiens effectués durant l'enquête prennent une importance particulière et déplacée par rapport à **leur** rôle habituel. (Art. scient., 1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.25)

⁴⁷ [33] Le temps de réverbération optimal d'une salle de concert moderne est fixé entre 0,7 seconde et 2,4 secondes. Mais **il** descend jusqu'à 0,2 seconde dans les tout petits studios de travail, et monte jusqu'à 6 secondes dans les grandes églises italiennes, type San-Marco de Venise, où étaient données au seizième siècle de grandes polyphonies spatialisées à deux chœurs. (*Le Monde*, 12/03/1992. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.25).

As expressões referenciais pronominais dos exemplos [32] e [33] demonstram um movimento da referência que consiste em referir um referente extensionalmente mais estendido. Apothelóz e Reichler-Béguelin consideram essas expressões referenciais como um tipo pouco especial de anáfora associativa, ponto de vista com o qual não concordo, dada a natureza desses referentes.

Recategorizações em que há a passagem a um nível metalinguístico

São transformações que se assemelham ao mecanismo da anáfora associativa, ou seja, consistem em passar da referência de um objeto de discurso à referência do nome que refere este objeto, sem explicitar ao destinatário.

[34] Tenho diante de mim um artigo de Claude Terreaux, publicado em "L'Aide soignante" em setembro passado e consagrado de todo ao coração, à **sua** etimologia e a **seus** significados. (Boletim Oficial da vila de Neuchâtel, 1994/01/06, título "Vamos falar um pouco ... e falar bem". In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.26)⁴⁸.

Para os autores a transformação do objeto não é realmente efetuada pelo pronome, mas sua presença ajuda a passar de uma denominação "em uso" a uma denominação "em menção" (grifos dos autores), o que facilita o mecanismo da anáfora associativa. Outra explicação é a de que a expressão referencial pronominal aponta um objeto de discurso diferente do que foi previamente validado na memória discursiva.

As orientações dadas pelos autores para o caso de recategorização *em que há a passagem a um nível metalinguístico* não trazem contribuições para a proposta da tese aqui defendida. Primeiro, porque o aprofundamento no âmbito da anáfora excederia em muito o escopo do estudo pretendido; segundo, porque, mesmo sem uma investigação mais detalhada, entendo que os pronomes (*son* e *ses*) apontam para um objeto de discurso próximo (*cœur*) e, inegavelmente, validado na memória discursiva.

Recategorizações por metonimização

Neste tipo de transformação, os pronomes anafóricos operam um deslocamento metonímico, como no texto seguinte.

⁴⁸ [34] J'ai sous les yeux un article signé Claude Terreaux, paru dans "L'Aide soignante" de septembre dernier et consacré tout entier au CŒUR, à **son** étymologie et à **ses** significations. (*Bulletin officiel de la ville de Neuchâtel*, 6.1.1994, rubrique "Causons un brin... et parlons bien". In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.26)

[35] Peter Grosz [= um escritor de letras de música] explica suas relações com os que **o** cantam. (L’Imparcial, 4.11.1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.27)⁴⁹.

Chamo atenção, no exemplo [35], para a explicação dada para o referente Pierre Grosz, que eliminaria quaisquer outros traços semânticos e sincrônicos de determinada cultura.

Recategorização com fragmentação de um objeto de discurso

Apothéloz e Reichler-Béguelin defendem esse tipo de recategorização como uma tentativa de distinguir entre movimentos discursivos que operariam exclusivamente sobre a extensão ou o estatuto lógico (excluindo a categorização) e movimentos que, ao contrário, operariam exclusivamente sobre a categorização lexical (com exclusão da extensão ou do estatuto lógico). Esclarecem ainda que a distinção entre extensão e categorização não é sempre fácil de obter, como mostra a sequência de SN demonstrativo no texto a seguir:

[36] (...) Eu lhe ofereci um dia fora deste convento, dizendo-lhe que ela podia contar com a proteção da Rainha da Suécia, e que Sua Majestade me havia dado esperança que ela a receberia em seu palácio. Ela aprovou **esta proposta**, e tendo aceitado **essa vantagem**, eu fui, desde o momento, dar ordens para a execução **deste projeto**. (Memórias de Hortense e Marie Mancini, 154. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.27)⁵⁰.

O que os autores querem salientar com a fragmentação é o fato de que as expressões referenciais que respondem pelas transformações estão presas a uma expressão que serve de ‘gatilho’.

Em [36], por exemplo, o ‘gatilho’ é a expressão inicial “*je lui proposai un jour*”, que consiste em um processo, cuja característica implica relacionar vários elementos: no exemplo: personagens (o narrador, a rainha, a outra personagem); o cenário (o palácio), dentre outros; ou etapas: a primeira (*a proposta*) identifica o processo explicitamente formulado; a segunda (*a vantagem* – “*compter sur la protection*

⁴⁹ [35] Pierre Grosz [= un auteur de textes de chansons] explique ses relations avec ceux qui **le** chantent. (L’Imparcial, 4.11.1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.27).

⁵⁰ [36] (...) je lui proposai un jour de sortir de ce couvent, lui disant qu’elle pouvait compter sur la protection de la Reine de Suède, et que Sa Majesté m’avait fait espérer qu’elle la recevrait dans son palais. Elle goûta **cette proposition**, et ayant accepté **ce parti**, je fus, dès le moment, donner ordre pour l’exécution de **ce dessein**. (Mémoires d’Hortense et de Marie Mancini, 154. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.27).

de la Reine de Suède”) trata do que a proposta oferece a quem ela é dirigida; a terceira (os efeitos – aceitação e execução da proposta: “*goûta cette proposition; donner ordre pour l’exécution*”).

Recategorizações por fusão de objetos de discurso

É uma operação que une sob uma única expressão referencial, possivelmente sob uma única denominação, dois objetos de discurso distintos.

[37] Uma noite, ele [o sobrinho] fez o conhecimento de Genebra de uma cabeleireira que se tornou prostituta. O sobrinho a convenceu a parar suas atividades de devassidão e de lucro. **O casal** se casou, mas o cafetão francês da bela da noite não largou facilmente sua antiga “presa” (...) (New Daily, 14.12.94. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.29)⁵¹.

De acordo com o modelo de Apothéloz e Reichler-Béguelin, do grupo de situações discursivas em que as estratégias encontram espaço, o objeto de discurso, mesmo modificado por predicação, *pode não levar em conta as alterações*, ou seja, o anafórico pode não dar conta de atributos predicados do objeto.

Trata-se, na verdade, de casos em que o objeto de discurso sofreu uma recategorização através de predicação, e um anafórico posterior ignora esta recategorização, conforme [28], salientado pela sobremarca paragrafal, e o exemplo [38] a seguir:

[38] A ostra, da grossura de um seixo médio, é de uma aparência mais rugosa, de uma color menos unida, um branco brilhante. É um mundo teimosamente fechado. No entanto, pode-se abri-lo: é preciso então segurá-la no oco de uma rodilha, usar uma faca rachada e pouco franco, tentar várias vezes. (Francis Ponge, ostras em coisas avaliadas. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.29)⁵².

No exemplo, o objeto de discurso “l’huître/ostra”, designado como um SN feminino, recebe o atributo de denominação masculina (*C’est un monde opiniâtement*

⁵¹ [37] Une nuit il [le neveu] fait la connaissance à Genève d’une coiffeuse devenue prostituée. Le neveu la persuade d’arrêter ses activités de stupre et de lucre. **Le couple** se marie mais le souteneur français de la belle de nuit ne lâche pas facilement son ancienne “proie” (...) (*Nouveau Quotidien*, 12/14/94. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.29).

⁵² [38] L’huître, de la grosseur d’un galet moyen, est d’une apparence plus rugueuse, d’une couleur moins unie, brillamment blanchâtre. C’est un monde opiniâtement clos. Pourtant on peut l’ouvrir: il faut alors **la** tenir au creux d’un torchon, se servir d’un couteau ébréché et peu franc, s’y reprendre à plusieurs fois. (Francis Ponge, *L’huître*, dans *Le parti pris des choses*. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.29).

clos/mundo teimosamente fechado). A seguir, dois pronomes anafóricos referem-se a este novo objeto. Em relação ao primeiro pronome, não é possível dizer se houve ou não a intenção de ignorar a denominação, pois há a elisão da vogal, que neutraliza a oposição de gêneros. Quanto ao segundo (“*la/a*”), no entanto, a recategorização de ostra como mundo é ignorada.

Finalmente, os autores selecionam casos em que o objeto de discurso sofre várias modificações por meio de predicação e *homologa essas modificações*. Para Apothéloz e Reichler-Béguelin, esta é uma das funções discursivas essenciais de operações de recategorização, pelo fato de que aumenta a autonomia semântica em que figura o anafórico.

[39] Um jovem suspeito de ter roubado uma linha telefônica, foi interrogado há poucos dias pela polícia em Paris. Ele havia "usado" a linha de seus vizinhos para os Estados Unidos por um total de cerca de 50000F. **O tagarela** foi encaminhado para o Ministério Público. (*Libération*, 4.8.1993. Repris de: Apothéloz 1995:23. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.30)⁵³.

O exemplo [39], mesmo já discutido em outros trabalhos sobre referenciação, merece que seja destacado o fato de que a operação discursiva endossa, em uma expressão referencial, os atributos recém predicados do objeto, aumenta a redundância do discurso e, nesse sentido, facilita a compreensão.

A homologação de atributos anteriormente predicados também pode ser o resultado de pronomes. Uma circunstância particularmente favorável a esta operação é a possibilitada por nomes núcleos de SN em que não há concordância do mesmo gênero gramatical, conforme [40] e [41]:

[40] [Resumo de um relatório sobre os crimes de guerra na Bósnia]
Apenas cinco páginas, mas elas são esmagadoras. Eles afirmam que as forças sérvias estupraram 20.000 mulheres e meninas muçulmanas, e que eles têm usado sistematicamente o estupro como "arma de guerra" continuam hoje a praticá-la. (*Libération*, 8.1.1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.30)⁵⁴.

⁵³ [39] Un jeune homme soupçonné d'avoir détourné une ligne téléphonique a été interpellé il y a quelques jours par la police à Paris. Il avait "utilisé" la ligne de ses voisins à destination des Etats-Unis pour un montant d'environ 50000F. **Le bavard** a été déféré devant le parquet. (*Libération*, 04/08/1993 Outlaws Apothéloz 1995:23. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.30).

⁵⁴ [40] [Compte rendu d'un rapport sur les crimes de guerre en Bosnie].
Cinq pages seulement mais elles sont accablantes. Elles établissent que les forces serbes ont violé 20000 femmes et fillettes musulmanes, et qu'elles ont systématiquement utilisé le viol comme «arme de guerre», continuant aujourd'hui de **la** pratiquer. (*Libération*, 08/01/1993. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.30).

[41] O sabão é uma espécie de pedra, mas não natural: sensível, delicado, complicado. **Ela** tem um tipo especial de dignidade. Longe de ter prazer (ou pelo menos passar o tempo) a se fazer executada pelas forças da natureza, **ela** desliza por entre os dedos; é visível, ao invés de ser executado de forma unilateral pela água. (Francis Ponge, sabão, Paris, Gallimard, 1967:20. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.30)⁵⁵.

A apreensão do objeto pode então se fazer através de uma ou de mais das denominações lexicais.

Em [40], o pronome feminino confirma a categorização aprovada anteriormente (“*de la pratiquer/praticá-la*”, que equivale a praticar o estupro como arma de guerra). Em [41], a anáfora pronominal (“*elle/a*”) confirma a categorização feita pela predicação: “*Le savon est une sorte de pierre/O sabão é um tipo de pedra*”. O discurso se desenvolve a partir da nova identidade concedida ao objeto de discurso, o que não era precisamente o caso em [38].

Uma apreciação geral sobre o modelo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) me autoriza a afirmar que:

1. O mais importante não é investigar os recursos utilizados pelos falantes, mas compreender mais sobre o emprego das expressões referenciais em um processo de recategorização, ou seja, investigar os efeitos que tais expressões causam ao discurso;
2. Do quadro levantado a partir dos exemplos apresentados pelos autores, as operações dependem não apenas dos recursos linguísticos, mas, essencialmente, do ponto de vista e dos propósitos do enunciador que, não podendo homologar os resultados do discurso, espera que o coenunciador atualize as estratégias empregadas e, conseqüentemente, atribua sentido ao texto/discurso;
3. O problema de referentes evolutivos diz respeito aos parâmetros gerais que afetam a gestão do ato referencial por um sujeito imerso em uma situação de comunicação concreta.

Em concordância ao pensamento dos autores, acredito que continua em aberto a questão de como são obtidos, nos discursos, os efeitos de expressões referenciais recategorizadoras, principalmente, porque é preciso levar em conta que tais

⁵⁵ [41] Le savon est une sorte de pierre, mais pas naturelle: sensible, susceptible, compliquée. **Elle** a une sorte de dignité particulière. Loin de prendre plaisir (ou du moins de passer son temps) à se faire rouler par les forces de la nature, **elle** leur glisse entre les doigts; y fond à vue d’œil, plutôt que de se laisser rouler unilatéralement par les eaux. (Francis Ponge, *Le savon*, Paris, Gallimard, 1967:20. In: APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.30).

efeitos resultam também, talvez até mais, de investimentos interpretativos do coenunciador, que de transformações motivadas pelo componente sintático-semântico, conforme apontado por Ciulla (2008).

2.4.3 Outras contribuições à proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin

O posicionamento que assumo sobre recategorização é encorajado pelos argumentos de Apothéloz e Reichler-Béguelin em favor, então, de uma concepção de referência que conduz a conceber os “referentes como objetos de discurso, modalizados sob a forma de um conjunto – por definição, evolutivo – de informações de um saber partilhado pelos interlocutores” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.1)⁵⁶. É um posicionamento que se estende sobre o processo dêitico, entendido como ancorado em um contexto que depende primeiramente de fatores socioculturais e pragmáticos e não somente de fatores referenciais no sentido “*extensionnel et chosiste*” do termo (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Isso reforça o meu entendimento de que as recategorizações ocorrem em função do que o enunciador julga adequado e/ou suficiente ao seu discurso, à sua forma de designar um objeto discursivo e à projeção que ele faz do seu interlocutor. Serve também para dar força aos motivos iniciais de interesse pelo tema desta tese: explorar a evolução dos referentes dêíticos.

Partilho da ideia de que a recategorização ajuda a constituir tanto os fenômenos anafóricos na mente dos participantes da comunicação como os fenômenos dêíticos. Defendo, portanto, que todas as formas de recategorização no discurso devem ser apresentadas como ferramenta pedagógica de ajuda aos alunos na compreensão de como os temas progridem e de como o ponto de vista do enunciador (narrador ou personagens, no caso de textos com predominância em sequências narrativas) se firma ao longo do discurso.

Essa disposição se afirma pelos fundamentos teóricos já discutidos, pois, conforme ficou explicitado, em 2.2.2, *Como se estruturam as categorias*, as formas nominais, então, são empregadas indistintamente tanto para a categorização como para a recategorização. Alinho-me, assim, ao posicionamento de Cavalcante (2011, p.15) quando atesta que o modo como “os interlocutores constroem a representação desses

⁵⁶ (...) les référents comme des *objet-de-discours*, modélisables sous la forme d’un ensemble – par définition évolutif – d’informations incluses dans le savoir partagé par les interlocuteurs.

referentes em suas mentes nunca é o mesmo em qualquer situação efetiva de comunicação”. Ademais, essa construção não requer que o objeto de discurso seja explicitado, posição assumida tanto por Apothéloz (2001) quanto por Cavalcante (2011).

A construção da representação de objetos de discurso se dá, por exemplo, como em [42]:

[42] O bêbado, no ponto do ônibus, olha pra uma mulher e diz:
 - Você é feia, hein?
A mulher não diz nada. E *o bêbado* insiste:
 - Nossa, mas você é feia demais!
A mulher finge que não ouve. E *o bêbado* torna a dizer:
 - Puxa vida! Você é muito feia!
A mulher não se aguenta e diz:
 - E você é *um bêbado*!
 - É, mas amanhã eu melhoro...
 (disponível: <http://www.piadas.com.br/piadas/bêbado/vida-d-bebado>).
 CAVALCANTE, 2012, p. 122)

Os termos sublinhados, ‘o bêbado’ e ‘uma mulher’, em [42], são apontados como introdução referencial. As demais ocorrências desses referentes (assinalados em itálico pela pesquisadora) retomam esses referentes de introdução, constituindo-se as chamadas anáforas diretas ou anáforas correferenciais. As anáforas diretas ou correferenciais⁵⁷ retomam referentes já construídos no texto. Nesse sentido, as expressões referenciais anafóricas estabelecem um elo de sentido com elementos que estejam antes ou depois de sua realização. As retomadas, conforme já mencionei, podem ser realizadas por estruturas linguísticas diversas, e as escolhas feitas, por sua vez, vão determinar se essas anáforas recategorizam ou não o referente retomado.

Para Cavalcante (2012), a retomada deste tipo de anáfora é realizada por pronomes, sintagma nominal, repetição de um item lexical ou pronominal. Esta apresentação da autora teria mais efeito didático se a disposição fosse a seguinte: formas pronominais (com e sem repetição) e sintagmas nominais (com repetição total ou parcial), visto que a repetição de um item lexical é um sintagma nominal.

Seguindo a classificação elaborada por Cavalcante (2012) e Koch (2004c), recoloco a questão a partir da utilização das seguintes estruturas linguísticas:

1. Por pronomes (ele; seu) – pode ou não haver a repetição, pode ou não haver recategorização.

⁵⁷ O termo está empregado no sentido usado por Apothéloz (1995, p.27). Há correferência entre duas expressões sempre que elas designam no discurso o mesmo referente.

[43] **A banalidade do bem. Solidez e carisma zero põem líder alemã no caminho de mais uma reeleição.**

Um bocado de gente se acha no direito de dizer a Angela Merkel, a primeira ministra da Alemanha, o que **ela** deve fazer. A lista começa com presidentes variados, passa por líderes europeus de esquerda e de direita e chega até Karl Lagerfeld, o desbocado cérebro criativo da Chanel que resolveu dizer que única pessoa de nacionalidade alemã mais importante do que **ele** não se veste bem. (...). (Seção Panorama. Revista Veja, Edição 2336. Ano 46, nº 35, 28 de agosto de 2013).

Em [43], a retomada às expressões sublinhadas é feita por pronome pessoal de gêneros distintos, conforme é esperado na continuidade do texto, e o leitor não encontrará dificuldade em perceber essas relações, exatamente, pelo princípio da correferencialidade. Se, por outro lado, entre as expressões nominais e as anafóricas, aparecesse um terceiro elemento, quer em relação à Angela Merkel, quer em relação a Karl Lagerfeld, o leitor provavelmente não se valeria apenas desse princípio, dado também que a carga semântica do pronome é mais fraca que a de um item lexical. Supondo, então, o exemplo:

[43'] **A banalidade do bem. Solidez e carisma zero põem líder alemã no caminho de mais uma reeleição.**

Angela Merkel esteve em uma reunião de países desenvolvidos, com a presidente Dilma Rousseff, para discutirem a crise econômica enfrentada por alguns países da Europa. Um bocado de gente se acha no direito de dizer o que **ela** deve fazer. A lista começa com presidentes variados, passa por líderes europeus de esquerda e de direita e chega até Karl Lagerfeld, o desbocado cérebro criativo da Chanel que resolveu dizer que única pessoa de nacionalidade alemã mais importante do que **ele** não se veste bem. (...). (Seção Panorama. Revista Veja, Edição 2336. Ano 46, nº 35, 28 de agosto de 2013).

(Fragmento adaptado da Seção Panorama. Revista Veja, Edição 2336. Ano 46, nº 35, 28 de agosto de 2013).

O leitor teria a favor de sua interpretação várias pistas para dar um sentido ao pronome **ela**: a referência à Angela Merkel aparece no título e no corpo da notícia. No título, com a expressão “líder alemã” – aqui, mesmo havendo uma ligação com a expressão “no caminho de mais uma reeleição”, o que pode se aplicar à presidente do Brasil, o leitor iria encontrar outras pistas que o auxiliariam a formular o sentido desejado. Na elaboração desse processo, ele poderia, contudo, acessar equivocadamente um esquema mental, com base na pista linguística prefixal “re”, mas a modalização “mais” regularia o processo, visto que, com base em seu conhecimento de mundo, o leitor encontraria um impedimento – a presidente Dilma provavelmente será candidata à reeleição e não a “*mais* uma reeleição”.

No corpo do texto, aparece ainda a expressão “líderes europeus”, entre os que se acham no direito de dizer a **ela** o que fazer, fato que, dificilmente, se aplicaria a um representante de um país não europeu, restando apenas a compreensão de que a retomada é ao referente “Angela Merkel” e não ao “Dilma”, apesar de ser o mais próximo.

Nos dois exemplos, de qualquer forma, na retomada dos pronomes de 3ª pessoa não há recategorização. A mesma interpretação não se aplica ao uso da expressão pronominal dêitica do seguinte exemplo:

[44] **Tempos modernos**

Eu vejo a vida melhor no futuro
 Eu vejo isto por cima de um muro de hipocrisia
 Que insiste em nos rodear
 Eu vejo a vida mais farta e clara
 Repleta de toda satisfação
 Que se tem direito
 Do firmamento ao chão
 Eu quero crer no amor numa boa
 Que isto valha pra qualquer pessoa
 Que realizar
 A força que tem uma paixão
 Eu vejo um novo começo de era
 De gente fina, elegante e sincera
 Com habilidade
 Pra dizer mais sim do que não
 Hoje o tempo voa amor
 Escorre pelas mãos
 Mesmo sem se sentir
 Que não tempo que volte, amor
 Vamos viver tudo o que há pra viver
 Vamos nos permitir
 (Lulu Santos. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 3, Ensino Médio. São Paulo: Editora Atual, 2004, p. 142).

Nesse caso, o “eu” lírico não se constitui, ao longo do poema, uma simples repetição, em que o dêitico de pessoa possa indicar o mesmo referente. A dimensão de recategorização se explica porque, em alguns versos (*Eu vejo a vida melhor no futuro / Eu vejo a vida mais farta e clara repleta de toda satisfação*), a expressão pronominal está relacionada a uma situação enunciativa de esperança no futuro, é um “eu” que acredita em um “tempo moderno”, diferente do “eu” decepcionado, cuja perspectiva é a hipocrisia (*Eu vejo isto por cima de um muro de hipocrisia*); em outros versos, o “eu” é mais que esperançoso, pois tem uma visão concreta do que poderá provocar mudanças (*Eu quero crer no amor numa boa / Eu vejo um novo começo de era de gente fina, elegante e sincera*).

2. Por sintagma nominal – entendo que pode haver repetição total ou parcial e, assim, a recategorização pode provocar graus diferentes de efeitos discursivos; no caso da não repetição do item lexical, o caráter semântico das formas empregadas por sinonímia ou parassinonímia e o contexto enunciativo devem ser considerados; pode ser acrescido de determinante demonstrativo.

Esse entendimento amalgama traços do posicionamento das duas autoras, visto que ambas defendem repetição total ou parcial nas formas nominais. Distancia-se, porém, de Cavalcante (2012), pelo fato de a autora, nesta obra, não especificar a composição do sintagma, provavelmente, pela recorrência na literatura de que, no uso da anáfora direta, o locutor pode utilizar um sintagma com demonstrativo, conforme exemplo a seguir, retirado dos dados desta pesquisa.

[45] “A terapia gênica deixa os laboratórios e começa a fazer parte do arsenal diário de tratamentos à disposição da medicina. **Esse tipo de terapia** consiste no uso de vírus que conseguem entrar no núcleo das células (...)”
(Veja.com. Revista Veja. Edição 2287. Ano 45. Nº 38 de 19 de setembro de 2012).

As formas repetidas com participação do elemento dêitico, como neste caso, podem permitir ao produtor do texto orientar com precisão o seu ponto de vista, além de simplesmente reativar o item lexical como nos casos das expressões nominais definidas ou indefinidas, em que apenas a informação é destacada. Para salientar o seu ponto de vista por essas expressões, o locutor, então, se vale da estratégia de repetição do item lexical.

Distancia-se, em relação ao que é proposto por Koch (2004c, p.245-251), porque ela considera nesse seu estudo apenas o núcleo das formas nominais, dispondo-as em duas perspectivas distintas: formas correferenciais sem recategorização e formas correferenciais regategorizadoras. No primeiro grupo, estão as ocorrências por repetição total ou parcial; por sinonímia ou parassinonímia. Dentre as anáforas correferenciais recategorizadoras, os casos de retomada por hiperonímia; por termo genérico; por descrições nominais”.

Em [45], por exemplo, o leitor tem as duas situações colocadas: uma repetição parcial da expressão referencial de introdução, que, ao ser retomada, sofre o efeito da recategorização pelo acréscimo dêitico ao núcleo da forma nominal.

O exemplo [46] aponta para estratégias não focalizadas apenas no contexto linguístico.

[46] O Real cai das nuvens. Agora, vai ser difícil recuperar o antigo poder de compra da **nossa moeda** diante do dólar. O governo reage, mas os brasileiros pagam o preço da política econômica míope (Manchete da Revista Veja, Edição 2336. Ano 46, nº 35, 28 de agosto de 2013).

A remissão retrospectiva ao referente “Real”, mesmo em um contexto de linguagem figurada, permite ao leitor brasileiro compreender sobre o que trata a manchete e que “o Real” reaparece no texto sob nova forma, “nossa moeda”. Por outro lado, mesmo um leitor de língua portuguesa que desconheça o nome da moeda brasileira, outras pistas⁵⁸ verbais servirão de base à relação entre o referente de introdução e o anafórico “nossa moeda”, como: “diante do dólar” e “brasileiros pagam o preço da política míope”.

Em relação à repetição da anáfora correferencial sem recategorização, coloco também a forma de ver esse fato ao lado das considerações feitas por Cavalcante (2012), mas não assinaladas por Koch (2004c), qual seja: há repetição por item pronominal, conforme exemplo a seguir.

[47] **O cenário na Síria.** O risco de uma guerra na Síria aumentou consideravelmente nos últimos dias, e as bolsas já sofreram o golpe. Se **ela** é desejável ou não, do ponto de vista geopolítico ou mesmo moral, não vem ao caso aqui. Vou tratar apenas do ponto de vista econômico: **guerras** não produzem crescimento de forma sustentável. **Elas** podem incrementar os dados do PIB no curto prazo, mas confundir isso com prosperidade é um grande equívoco. **Elas** ainda podem ser vistas como necessárias, justas, mas serão sempre um custo, um fardo econômico. (Seção: Leitor - Blogosfera. Revista Veja, Edição 2337. Ano 46, nº 36, 4 de setembro de 2013).

A noção de correferencialidade, como é observada, é muito forte no uso da repetição total ou parcial. Em [47], contudo, mesmo a repetição sendo total, não é possível deixar de perceber que a marca de número traz especificidade à guerra em contextos particulares, como seria o caso na Síria, enquanto a expressão “guerra”, em sentido amplo e utilizada no plural *guerras*, traz “sempre um custo, um fardo econômico”, considerando-a apenas sob o ponto de vista da economia.

Ao mesmo tempo, reconheço em Koch, mas não destacado em Cavalcante, que os casos de sinonímia ou parassinonímia são dependentes de gênero e de contexto. A respeito de gênero, os exemplos da autora giram em torno do discurso jurídico⁵⁹. No

⁵⁸ A capa da revista traz a imagem de uma moeda como se fosse um corpo celeste em queda. Os fachos de luz, contudo, não a deixam tão facilmente identificável, mesmo assim, se constitui uma pista não verbal.

⁵⁹ Koch (2004b, p. 246) diz que “em se tratando de um instrumento jurídico, seria difícil encontrar, em lugar do termo *domicílio*, uma palavra como *lar*, *casa*, *moradia*, que, no entanto, constituiriam

tocante ao contexto e ainda no universo jurídico, ressaltou o fato de um mesmo termo não poder ser empregado com o mesmo sentido em duas situações jurídicas distintas, embora seja possível em um mesmo gênero. No gênero petição inicial, por exemplo, o termo *sequestro* é utilizado no Direito Civil, com o sentido de apreensão judicial de bem litigioso, destinada a assegurar-lhe a entrega, oportunamente, à pessoa a quem se reconheça que ele deve tocar; e no Direito Penal, quando relacionado a crime, consiste em reter ilegalmente alguém, privando-o de sua liberdade.

Ainda apoiada em Koch (2004c), destaco o caso das anáforas diretas correferenciais recategorizadoras por hiperonímia; retomada por termo genérico; e retomada por descrições nominais.

Na anáfora direta por hiperonímia, saliento dos ensinamentos de Koch (2004c, p. 247-250)⁶⁰ apenas dois aspectos que considero importantes para a orientação discursiva: a questão do grau de hiperonímia e para isso reproduzo os exemplos da autora, conforme [48], [48'] e [48'']; e o fato de a retomada, por meio de um hiperônimo, se constituir uma estratégia que assegura um mínimo de estabilidade informacional, conforme [49].

[48] No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o **roedor**, que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.

[48'] No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o **mamífero (o vertebrado)**, que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.

[48''] No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o **animal (o bicho)**, que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.
(KOCH, 2004c, p. 247-250).

ocorrências normais tanto em gêneros coloquiais, como em muitos outros, em que *domicílio* pareceria inadequado”.

⁶⁰ A autora faz uma descrição bastante detalhada dessa forma de anáfora direta, tanto em relação às funções referenciais quanto às formas empregadas, e enumera: hipônimos glosas – geralmente construídos por SN introduzidos por demonstrativos, como em os “bugios/estes símios”; hiperônimo corrigido (expressão retomada de Apothélos & Reichler-Béguelin (1955) – em que o SN hipônimo aparece acompanhado de uma expansão adjetiva de caráter classificatório como em “Nestlé/a empresa suíça”; *anáfora especificadora* (grifo da autora) – em que se faz necessário um refinamento da categorização inicial do referente, como em “uma catástrofe/uma epidemia”, em que hiperônimo e hipônimo vêm frequentemente introduzidos por artigo indefinido; e, ainda, seguindo Apothélos & Reichler-Béguelin, anáforas didáticas (geralmente paráfrases construídas com a ajuda de um hiperônimo) e anáforas definicionais – em que o termo definido aparece na introdução referencial e a definição na anáfora.

[49] O transporte rodoviário brasileiro está entrando em um novo patamar. O **caminhão** do ano da Europa agora é fabricado no Brasil (Propaganda do caminhão HI-WAY da IVECO. Veja, Edição 2336. Ano 46, nº 35, 28 de agosto de 2013).

As anáforas por hiperonímia, presentes em [48] a [48’], exemplificam bem a questão de graus diferentes de recategorização. A expressão “**roedor**” parece permitir ao leitor ativar um esquema cognitivo mais próximo dos motivos que fizeram Maria gritar e correr, principalmente se a esse esquema se associar a expressão *canto da cozinha*, visto que salienta o porte do animal e o fato de ele poder se movimentar com mais rapidez em várias direções. Interpretação que ampara [49], cuja retomada por outras expressões (transporte para cargas ou mesmo veículo) não atenderiam ao propósito do gênero.

Por outro lado, as expressões “**mamífero e animal**” parecem não ser tão facilmente associadas ao esquema levantado por *canto da cozinha* e as consequentes características físicas do rato. O comportamento de Maria seria explicado por outros fatores. Em oposição aos esquemas cognitivos acionados a partir das expressões em destaque, se o enunciador tivesse escolhido a expressão *bichinho*, a orientação discursiva não justificaria o fato de Maria gritar e correr.

3. Por sintagma nominal ou pronominal demonstrativo – a retomada não é a objetos de discursos pontualmente presentes no cotexto, mas a conteúdos co(n)textuais recuperados sociocognitivamente; pode haver introdução de novo referente ou recategorização.

As anáforas representadas por essas expressões correspondem às indiretas e às encapsuladoras.

Conforme já mencionado, a introdução pode assumir a função de uma anáfora indireta ou, dito de outra forma, a anáfora indireta, diferentemente da anáfora direta, não é correferencial, não retoma nem reativa referente presente no texto, tem a função de introduzir um novo referente, fenômeno exemplificado abaixo.

[50] Há alguns anos, as *pichações* que passaram a borrar casas, edifícios e monumentos de São Paulo – e de outras grandes cidades brasileiras – começaram a ganhar características novas. Pode-se questionar se políticas apenas repressivas são a melhor forma de enfrentar o problema – ainda que nesse quesito, elementar, o poder público pareça complacente, já que, conforme a reportagem, *as gangues* reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores para atividades menos predatórias. (KOCH, 2004b, p. 65).

E, como diz a autora, “é *pichações* que vai ancorar a interpretação de *ganges*”, ou seja, a interpretação da cadeia referencial é construída inferencialmente a partir de dados introduzidos no texto, a partir do conhecimento de mundo do interlocutor. A anáfora indireta é “geralmente constituída por expressões nominais, definidas e indefinidas, e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto”. (MARCUSCHI, 2005, p. 53). Dada a forma de apresentação deste tipo de anáfora, não há exemplificação retirada do exemplário da presente pesquisa.

Por outro lado, a anáfora encapsuladora, ao invés de manter um referente ou apresentar um referente novo ancorado no co(n)texto, resume uma porção textual, ou seja, faz uso de pistas não essencialmente pontuais, mas de pistas difusas, podendo trazer acréscimos ao contexto. Pode ser expressa por um item lexical ou pronominal (pronomes demonstrativos), conforme demonstrado por Cavalcante.

[51] **Crime e desemprego**

Manifesto meu descontentamento com a pesquisa divulgada na revista *Época*. Os pesquisadores estabeleceram que todo desempregado é um delinquente em potencial, o que é um absurdo. Existem milhões de pessoas neste país atuando na economia informal que não roubam, são cidadãos com dignidade. O problema da criminalidade no Brasil é causado pela impunidade. Nossa democracia é altamente permissiva, naquele estilo: a moda é descumprir as leis, afinal não há punição mesmo. Um adolescente com 16 anos já pode votar para presidente, pode ter relações sexuais com sua namoradinha, pode matar alguém no meio da rua, mas não pode ser responsabilizado penalmente por isso.

Fonte: Texto adaptado de Jorge I. Rosa Silva – Porto Alegre, RS (seção “Cartas”). *Época*, 12/04/2004. CAVALCANTE, 2012, p. 126).

Nos dados analisados nesta pesquisa, também foram encontradas ocorrências em que o produtor do texto utiliza, na anáfora encapsuladora, o pronome demonstrativo, como o exemplo seguinte.

[52] **Efeitos da alta do dólar.** Em decorrência de um governo em crise, a moeda brasileira passa por instabilidade (“O impacto do dólar”, 28 de agosto). **Essa desordem** é reflexo desse modelo da política econômica do governo despreparado. O tripé da estabilidade deveria ser estabelecido imediatamente para conter os impactos que a alta do dólar vem causando no país. (Victória Carravetta Salinet. Foz do Iguaçu. PR. Seção Leitora. Revista Veja, Edição 2337. Ano 46, nº 36, 4 de setembro de 2013).

As expressões nominais com demonstrativos “naquele estilo” e “essa desordem” estão encapsulando parte do segmento já enunciado. Por essa breve demonstração, fica a concordância de que os referentes não apenas são construídos nas

relações comunicativas, nos contextos enunciativos, como também deixa claro que os referentes evoluem nos contextos. A noção de evolução mantém intrinsecamente a concepção de recategorização, dado que o falante de uma língua constrói o mundo nas realizações concretas de uso do discurso em atividades sociais e languageiras. No caso das expressões dêiticas, fato semelhante é também observado.

Consolidadas as noções de que uma expressão referencial pode ser substituída por uma outra expressão referencial, de modo que esta última identifique, no cotexto, o mesmo referente (total ou parcialmente) recategorizando-o; uma expressão referencial pode, no contexto do discurso, modificar-se à medida que o discurso se desenrola; os referentes anafóricos e dêiticos são passíveis ao processo de evolução referencial; e a partir do quadro aqui esboçado, serão analisadas, no Capítulo 4, as ocorrências em que as expressões dêiticas são recategorizadas.

3 O FENÔMENO DA DÊIXIS

*Há um tipo de inteligência criadora. Ela inventa o novo e
introduz no mundo algo que não existia. Quem inventa
não pode ter medo de errar, pois vai se meter
em terras desconhecidas, ainda não mapeadas.
Rubem Alves*

O termo dêixis é empregado em linguística para referir funções desempenhadas por pronomes pessoais e demonstrativos, advérbios de tempo e de lugar e ainda uma variedade de outros traços lexicais e gramaticais que se relacionam a expressões espaço-temporais, relevantes do contexto de enunciação. O sentido etimológico grego de *deiknumi*, “dêixis”, se reduz ao ato de mostrar por gesto e de indicar por ostensão. Como ostensão, a dêixis “é simples designação à qual não corresponde nenhuma significação ligada às propriedades do objeto” (LAHUD, 1979, p.85). Assim como para o autor, não é esse o sentido que lhe é atribuído no presente trabalho. O entendimento da dêixis, aqui assumido, inscreve-se em um quadro teórico segundo o qual a referência é resultado de um processo dinâmico e intersubjetivo, em que predominam interações entre os locutores.

Monticelli (2005b) e Kleiber (1986) lembram que, não obstante os estudos sobre a dêixis sejam numerosos, não há uma caracterização comum aos muitos estudiosos, fato justificado pela diversidade terminológica e pelas várias abordagens teóricas. Os autores concordam ainda que, em razão desses aspectos, os estudos sobre a dêixis se imbricam aos relacionados à anáfora. Para Monticelli, por exemplo, em uma abordagem que salienta o sentido etimológico de dêixis como “algo que é usado para mostrar”, “algo com um valor ostensivo”, dêixis e anáfora são consideradas dêíticos num sentido mais amplo, pois ambas apontam para mostrar algo. Para Kleiber, uma abordagem, igualmente em sentido mais amplo, que enfatiza o lugar e o objeto de referência, integra a dimensão anafórica no âmbito da dêixis.

Neste capítulo, atenho-me a rever as abordagens que definem a dêixis, as noções sobre campo e centro dêíticos e os tipos de dêíticos.

3.1 Concepções sobre a dêixis

Os capítulos sobre concepções de quaisquer fenômenos científicos tornam-se na maioria das vezes standardizados e, se não fosse o fato de os conceitos serem, em

muitos casos, a porta de entrada para alguns leitores, talvez a existência dessas seções fosse totalmente dispensada. Em relação às concepções sobre a dêixis, insisti em sua apresentação por admitir que, dentre os fenômenos de referenciação, esse tem sido pouco explorado, quer do ponto de vista formal, quer, principalmente, do ponto de vista discursivo. Quanto ao primeiro aspecto, conforme se conclui dos estudos de Cornish, “isolar” (grifo da pesquisadora) a dêixis em um dos polos de um *continuum* é, de fato, pouco relevante para compreender as relações sociais mediadas pela linguagem. Por outro lado, aproximar-se dos usos e efeitos discursivos provocados pela dêixis é, na tese desta pesquisa, um ponto de muita relevância.

Percebe-se que, quando os pesquisadores buscam traçar uma linha de compreensão sobre a evolução de algum fato científico, terminam por enveredar pela ciência na qual o homem é o principal ator, a História. Não tenciono fazer uma correlação entre os eventos sócio-históricos e culturais motivadores dos estudiosos requeridos para a presente seção, assim como não resgatarei todos os nomes que contribuíram para o avanço da Linguística Textual, no que diz respeito à referenciação do fenômeno dêitico.

A ordem de apresentação de teorias sobre as concepções da dêixis busca retratar uma perspectiva evolutiva da compreensão desse fenômeno. Assim, inicio com as considerações fundamentadas nos estudos de Bühler ([1934] 1982; 2011), principal representante de uma abordagem considerada clássica; em seguida, avanço para as contribuições de Lyons (1977) e de Fillmore ([1934] 1982; 1997) para finalmente ater-me a considerações sob uma perspectiva de análise de fenômenos textuais e, por conseguinte, de reconsideração aos modelos tradicionais. Nesse estágio, apresentado no capítulo 4, que trata da mudança dêitica, recorro aos estudos de Montecelli (2005b), que tenta mostrar como a dêixis pode ser redefinida a partir de seus modos de emprego no texto, e aos estudos de Segal (1995), para quem muito do detalhamento do texto só é compreensível a partir de uma posição em algum lugar dentro do mundo da narrativa, que exige uma mudança dêitica. Procurando, em imitação às atribuições de Zeus, dar ordem ao universo de leituras a que os principiantes se lançam, sigo, mais ou menos, a ordem de divulgação das obras citadas.

3.1.1. Bühler e as palavras dêiticas

Bühler ([1934], 2011)⁶¹ aponta “Wegener and Brugmann como os primeiros pesquisadores a descrever a função das palavras dêiticas corretamente, sob o aspecto mais elevado: a saber, que elas são *sinais*” (p. 95, grifo do autor⁶²). Dois pontos merecem ser comentados: o primeiro refere-se às datas de publicações dos autores mencionados por Bühler, respectivamente, 1885 e 1904⁶³; o outro, o fato de a dêixis continuar tão à margem dos estudos da referenciação e tão desconhecida em termos gramaticais. Bühler percebeu, na descrição de Wegener and Brugmann, que os limites não estavam claros, visto que as palavras dêiticas exigiam ser caracterizadas como sinal, assim como as palavras de nomeação exigiam uma caracterização diferente. A percepção de que a função dos substantivos não poderia ser confundida com a dos fatores situacionais dos dêiticos fez com que o autor propusesse a tese de dois campos: o simbólico e o dêitico, aspecto inovador em sua obra de referência *Teoria da Linguagem: a Função Representativa da Linguagem*⁶⁴.

A tese da origem do campo dêitico e sua marcação sustenta-se na noção de um sistema de coordenadas de orientação subjetiva, em que as expressões dêiticas (*the here-now-I*) se referem a um campo dêitico da linguagem, cujo ponto zero é denominado a *origo*, ou seja, o lugar do enunciado (*here/aqui*), o tempo do enunciado (*now/agora*) e a pessoa que fala (*I/eu*). Para o autor, há modos distintos de apontar:

Eu posso demonstrar *ad oculos* e, num discurso menos situacionalmente condicionado, fazer o uso das mesmas palavras dêiticas *anaforicamente*. Existe, ainda, um terceiro modo, que caracterizaremos como *dêixis na fantasia*. Nestes fenômenos, o dedo indicador, como instrumento natural de *demonstratio ad oculos*, é substituído por outros recursos dêiticos. Ele já é substituído no caso do discurso sobre objetos correntemente presentes. Mas a ajuda que ele ou seus equivalentes fornecem nunca desaparece inteiramente, nem mesmo na anáfora, o modo de apontar mais estranho e mais específico da linguagem (BÜHLER, 1982, p.12)⁶⁵.

⁶¹ A data entre colchetes refere-se à da primeira edição. 2011 é a data da obra consultada.

⁶² (...) Wegener and Brugmann were the first [researchers] to describe the function of the deictic words properly, under the highest aspect: namely, that they are *signals*. (BÜHLER, [1934], 2011, p. 95).

⁶³ Informações colhidas na lista de obras citadas por Bühler.

⁶⁴ (...) The purely formal characterization of the thesis is that a *two-field theory* is advanced in this book. (BÜHLER, [1934], 2011, P. 95)

⁶⁵ There are distinct modes of pointing. I can demonstrate *ad oculos* and, in less situationally bound discourse, use the same deictic words *anaphorically*. There is still a third mode, which we shall characterize as *deixis at phantasma*. In these phenomena the index finger as the natural tool of *demonstratio ad oculos* is replaced by other deictic aids. It is already replaced in the case of discourse about currently present objects. But the help which it or its equivalent provides never disappears entirely or is completely lacking, not even in anaphora, the strangest and most language-specific way of pointing (BÜHLER, 1982, p.12).

Bühler lembra, ainda, que os parceiros na comunicação não poderiam ser nem permanecer presos pelo sistema de coordenadas, e, com isso, sendo o papel do emissor oposto ao do receptor, outras expressões são incluídas nesse sistema de coordenação. Além da definição das coordenadas a partir da posição do falante, o autor já enunciava o “conflito” (grifo da pesquisadora) entre a noção do que é um dêitico e um anafórico, para fazer justiça a todos os fatos constitutivos que apontam para uma perspectiva sistemática simples: no primeiro caso, existe uma ordem espacial com posições; no último caso, uma ordem no fluxo discursivo com lugares ou partes do discurso às quais a referência é feita para encontrar o que foi significado; e a referência é realizada pelo mesmo aparato das palavras dêíticas⁶⁶.

É sob essa direção que para o autor “uma análise adequada dos eventos concretos de fala exige uma compreensão de grande alcance dos traços situacionais dados” (p.12). Em outras palavras, é possível depreender que qualquer palavra dêítica sem as coordenadas de orientação, como guias, não tem a garantia de seu significado. Ela daria somente uma esfera, um ambiente que não é suficiente para descobrir o que estaria sendo referido. Um exemplo de Bühler para os guias da dêixis é o de haver um esquema de ordenação dentro do domínio do campo dêítico.

Quando eu digo a um estrangeiro na rua: ‘Vá em frente, no segundo cruzamento está o que você está procurando’, estou operando, em princípio, exatamente com o uso de tal esquema de ordenação no lugar de um guia sensível em dêixis verbal. Porque eu estou usando a rua diante de nós como esquema de ordenação, e dentro dela a orientação espacial de quem está perguntando. É dentro do sistema de coordenadas que estou falando para ele. Minhas palavras não são ambíguas somente em virtude do fato de que o nariz do estrangeiro já aponta na direção na qual ele precisa ir. (BÜHLER, 1982, p. 18)⁶⁷

Uma contribuição que destaco nos estudos de Bühler, embora em uma perspectiva estreita de comunicação, para esta pesquisa é o fato de ele admitir que, a partir de uma perspectiva psicológica, cada utilização anafórica de palavras dêíticas

⁶⁶ (...) at least the description of the constitutive facts is simples: in the former case there is a spatial order with positions in it, in the latter case an order in the flow of speech with places in it, or there are phrases to which reference is made to capture what is meant; and the reference takes place for the most part by means of the same apparatus of deictic words. (BÜHLER, [1934], 2011, p. 138).

⁶⁷ When I say to a stranger on the street: “Go straight ahead, the second cross-road on the left is what you are looking for”, I am operating in principle exactly as by the use of such an ordering schema in place of a sensible guideline in verbal deixis. For I am using the road before us as an ordering schema, and within that, accidentally or deliberately, the spatial orientation of the questioner; it is within this coordinate system that I talk to him. The words “straight ahead” and “right” in my discourse are unambiguous only by virtue of the fact that the stranger’s nose already points in the direction in which he needs to go.

pressupõe uma coisa: que o emissor e o receptor têm diante de si o fluxo discursivo e podem ir para frente e para trás. Em relação a esse fluxo discursivo e ao papel dos interlocutores, ele fala sobre alcançar algo que ainda não se tornou psicologicamente compreensível, mas que é percebido como um padrão, mais ou menos vazio, que vem como um prenúncio do que ainda está para ser preenchido, uma pré-referência (*prereference*) com relação aos lugares nesse padrão. Recorre ao posicionamento de Brugmann para destacar que a pré-referência é o uso dos demonstrativos como distintos da anáfora, que remete.

São, portanto, significativos para a dimensão recategorizadora da dêixis, o “ir para frente e para trás” no fluxo discursivo e a ideia de uma *prereference* pelo uso de demonstrativos distintos da anáfora, aspectos estes que serão discutidos no capítulo anterior.

3.1.2 A tríade dêitica sob a lente de Lyons

Lyons (1977) divide o capítulo destinado à dêixis em três grandes tópicos – pessoa, tempo e espaço – e faz uma visita a estudos de gramáticos greco-romanos, situando o leitor na origem da problemática dos termos dêiticos, quando admite que nenhuma distinção nítida podia ser traçada, em termos de forma ou função sintática e semântica, entre pronome demonstrativo, artigo definido e pronome relativo.

Em relação ao pronome, o autor tem a compreensão de que concebê-lo como substituto sintático e semântico de nomes é duplamente problemático. Justifica essa noção, com base em dois pontos: os pronomes são expressões referenciais, e são sintaticamente equivalentes aos nominais, não aos nomes; saber que os pronomes são primariamente substitutos, quer para nomes ou nominais, implica que sua função anafórica é mais básica que sua função dêitica. Em um sentido mais amplo, a dêixis é a função mais básica e envolve não apenas a função característica dos pronomes demonstrativos, mas também o tempo, a pessoa e muitos outros traços sintaticamente relevantes do contexto da enunciação, ou seja, a dêixis diz respeito à localização e à identificação de pessoas, objetos, eventos, processos e atividades que são referidas, em relação ao contexto espaço-temporal criado e mantido no ato de enunciação pela participação do falante e de seu destinatário (LYONS, 1977, p. 637).

Mesmo que abreviada, esta exposição permite reconhecer que a ambivalência das funções dos termos anafóricos e dêiticos se explica em parte pelo

papel do pronome demonstrativo, tendo como uma de suas consequências a dificuldade em se precisar o que é essencialmente dêitico ou anafórico no discurso. As implicações trazidas pelos demonstrativos foram tratadas no item 2.3.2 do capítulo 2.

Retomando a noção das coordenadas assumidas por Bühler, Lyons acrescenta que a situação de enunciação canônica é egocêntrica, visto que o falante é o “centro”, ou nas palavras do autor, o ponto-zero das coordenadas espaço-temporais, o aqui e o agora determinados pelo espaço do falante no momento de enunciação.

Como muito bem destaca o autor, a dêixis de pessoa, o “eu” no discurso, contudo, não se faz sempre presente, em muitas línguas, por pronomes pessoais e, sim, gramaticalizado morfologicamente por formas verbais. Outro aspecto, também relacionado a essa questão, que assumo neste trabalho, ancorada em Lyons, é o de que a categoria de pessoa depende mais dos papéis dos participantes no discurso e menos da gramatização da referência do locutor a si mesmo como falante e ao seu destinatário.

Como lembra o autor, quando o falante se refere a si mesmo por meio de pronome de 1ª pessoa, ele está executando uma função dêitica específica. Daí a compreensão de que a mudança de papéis entre falante e ouvinte é algo de máxima importância, porque ela significa a apropriação da linguagem que, ao ser assumida pelo “eu”, se torna instâncias de discurso, “convencionalizadas em pseudo-descrições que dependem de nossa compreensão intuitiva de como opera a dêixis de pessoa” (*op cit*, p.645). A mudança de papéis, então, que adoto neste trabalho, vai bem além de simplesmente dizer que o “eu” significa “o que está falando no ato de enunciação”, e o “tu”, “o que está ouvindo”. Implica, sim, a inclusão dos traços de subjetividade desses sujeitos, os quais para serem interpretados demandam a utilização de diferentes formas de conhecimentos, assim como de estratégias linguísticas, sócio-cognitivas e interacionais.

Alargando o trabalho de Bühler ([1934], 2011; 1982), que focaliza o tempo dêitico mais especificamente direcionado ao sistema de coordenadas e orienta o fluxo discursivo, Lyons (1977) abre uma discussão mais aprofundada e, ao mesmo tempo, comparativa da noção de tempo em inglês e em muitas outras línguas.

Para o autor, os participantes de um ato de comunicação podem ser capazes de controlar e interrelacionar estruturas de referência temporal dêitica e não dêitica, desde que sua língua tenha a noção de tempo. Nesse caso, tempo é parte da estrutura dêitica de referência temporal, que gramaticaliza a relação que mantém o tempo da situação entre o que está sendo descrito e o ponto-zero temporal do contexto dêitico

(p.678). Coadunando-me a esse posicionamento de Lyons e ao que já foi mencionado de Bühler, entendo que o tempo é, então, parte do conteúdo proposicional de um enunciado.

Sem a intenção de enveradar, mesmo que retomando as explicações do autor, na complexidade das concepções do sentido de tempo (temporalidade vs. atemporalidade, por exemplo), trago para este espaço alguns aspectos que me parecem merecer destaque. Um deles é a compreensão de que a distinção de passado, presente e futuro é essencial para a noção de tempo no *continuum* de um discurso. Assumo, por esse viés, que “não há razão, em princípio, para que uma língua, mesmo que tenha o tempo, deva gramaticalizar a referência temporal dêitica em termos do sistema tripartite tradicional” (LYONS, 1977, p. 807), e mais, que essa distinção seja inerente à estrutura da língua, mas que ela se torna importante quando a serviço do fluxo do discurso.

Outro aspecto significativo é o de que cada enunciado estabelece seu próprio ponto de referência espaço-temporal – o ponto zero do sistema dêitico – em relação ao qual as entidades, os eventos e os estados-de-coisas, referidos pelo falante, podem ser identificados. Para o autor, o componente temporal do ponto zero de referência, simbolizado como t_o (“tempo zero”) pode ser usado para identificar um dos possíveis estados de mundo – w_o – ao qual o falante pode referir em seu enunciado e ao qual ele pode relacionar a outros estados de mundo por meio do tempo e da modalidade. Nesse sentido, o estado do mundo, W_o , como concebido pelo falante em um tempo zero, t_o , é o estado presente do mundo real, que, por sua vez, pode ser relacionado em termos de tempo passado para outros estados temporalmente distintos do mundo real que precedem w_o . (LYONS, 1977, p. 810-811), conforme exemplos [53] e [54] abaixo:

[53] *It was raining* / estava chovendo

[54] *It Will be raining* / vai chover

Conforme o autor, o falante pode afirmar, em t_o , “*eu digo aqui e agora está chovendo*”, no mundo real, isto é, em w_i , e em $t_i < t_o$, “estava chovendo”, da mesma forma que poderá dizer, em $t_i > t_o$, “vai chover”, sendo t_i um ponto ou período de tempo de t_o . Em outras palavras, é possível aceitar que o uso do tempo passado localiza a situação sobre a qual uma afirmação está sendo feita no passado com respeito ao tempo de enunciação como, por exemplo, *he worked hard*/ele trabalhou duro, mas “o uso do

tempo presente não implica geralmente contemporaneidade com o ato de enunciação *he works hard*/ele trabalha duro (LYONS, 1977, p.678).

Do que foi dito acima, é possível depreender que uma proposição temporal não diz respeito apenas a um tempo limite ou a uma temporalidade restrita, ou seja, uma proposição temporal contém uma referência para algum ponto ou período de tempo que não pode ser identificado exceto em termos do ponto zero da enunciação, o que atesta que a concepção dinâmica de tempo é dêitica. Ou como afirma o autor:

(...) a distinção de passado, presente e futuro, como apontamos acima, não é essencial para a definição de tempo. Desde que podemos identificar o ponto zero temporal da situação canônica de enunciação, podemos definir uma variedade de distinções de potenciais de tempo em termos de simultaneidade *vs.* não simultaneidade, proximidade *versus* não proximidade, mais cedo que *versus* mais tarde que, etc. Dado que t_0 é o ponto zero, referido pelo advérbio agora em inglês (LYONS, 1977, p.683)

A noção de simultaneidade dêitica obedece às leis da física, ou seja, não é possível uma mesma entidade estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo, embora ela possa estar no mesmo lugar em diferentes momentos, e em diferentes lugares, em diferentes momentos. Da mesma forma e pelo mesmo princípio de simultaneidade dêitico, duas entidades podem estar em diferentes lugares precisamente no mesmo tempo. Isso se explica porque, “em situação de enunciação canônica, o ponto zero temporal, t_0 , é idêntico tanto para o falante quanto para o destinatário (p.685), conforme exemplificado pelo autor:

[55] *It was raining in Idinburgh* / Está chovendo agora em Edimburgo

Independentemente, se o falante e o destinatário estão em Edimburgo, eles podem se referir ao mesmo momento de tempo por meio de advérbios dêíticos ou de expressões temporais dêíticas como, por exemplo, “agora” ou “três segundos atrás”.

Dentre os aspectos considerados relevantes para a noção de dêixis temporal sob o olhar de Lyons, vale destacar as concepções de tempo: estática e dinâmica; e as formas de descrição: histórica e experiencial. O autor salienta que “as duas formas de descrição têm sido frequentemente reconhecidas (cf. Bull, 1963; Weinrich, 1964; Benveniste, 1966:239); Ducrot e Todorov, 1972), mas não existe terminologia estabelecida para isso” (p.688).

A noção de tempo, sob essa perspectiva, será retomada no capítulo 4, no item sobre as análises, por enquanto, cumpre-me apenas destacar que a estrutura dêitica de referência temporal é básica e essencial à linguagem; concordar com Lyons que, mesmo uma língua não tendo em sua estrutura a noção de tempo, os falantes farão usos de advérbios dêíticos ou de expressões com referência temporal; e admitir que a modificação no tempo inicial, como representada acima (t_0 ; $t_i < t_0$; $t_i > t_0$), se constitui um elemento importante para a tese da recategorização dêitica.

Antes de adentrar na noção de dêixis espacial, Lyons faz algumas considerações que levam o seu leitor a refletir sobre como “ler” a configuração do mundo à sua volta. Um caminho apontado pelo autor é adotar a ideia de que no mundo do homem, como ele o vê e descreve na linguagem cotidiana, o homem é, no sentido mais literal, a medida de todas as coisas.

O antropocentrismo e o antropomorfismo, como o próprio autor define, “são tecidos no próprio tecido de sua linguagem: reflete sua constituição biológica, seu habitat terrestre natural, seu modo de locomoção, e mesmo a forma e propriedades de seu corpo” (LYONS, 1977, p. 690). A noção de ter o homem como o centro, de certo modo, chega a se aproximar da perspectiva inspirada na fenomenologia de Merleau-Ponty⁶⁸, que reconhece que a cultura científica ocidental requer que tomemos os nossos corpos simultaneamente como estruturas físicas e como estruturas experienciais vividas.

A relação da dêixis espacial com a noção da corporeidade pode ser estabelecida quando o meio utilizado para identificar a localização de um objeto é tomada a partir das posições vertical e horizontal e de dimensões simétricas ou assimétricas, mais ou menos salientes, como: acima/abaixo; frente/trás; esquerda/direita. A essas distinções, consideradas as mais básicas em muitas línguas, soma-se a distinção dêitica “aqui/lá. Uma dimensão pode ser dependente do estabelecimento prévio de outra dimensão, como é o caso da diferença entre direita e esquerda que se orienta pela dimensão frente/trás. Por outro lado, nas dimensões de cima/para baixo e para frente/para trás, há, além de direcionamento, polaridade.

Além dessas características e do fato de dimensões como “acima e frente” serem visíveis, em oposição a “abaixo e trás”, e mais disponíveis na interação, Lyons (1977, p. 691) descreve tais dimensões, respectivamente, como positivas e negativas, em um espaço egocêntrico perceptual e interacional baseado nas noções de visibilidade

⁶⁸ Ver em Muñoz, José A.A. *La Antropologia Fenomenologica de Merleau-Ponty*. Madrid: Editorial Fragua, 1975.

e confronto. É fato que não é possível reconhecer necessariamente uma polaridade positiva/negativa na dimensão direita/esquerda, mas as noções de positividade e negatividade aproximam a dêixis espacial da corporeidade presente em Lakoff (2002).

[56] I'll meet you at the car / Eu vou encontrá-lo no carro

O carro é usado indiretamente para identificar um lugar, i.e., o espaço que está ocupado pelo carro, que resultaria em:

[57] "I will meet you at the place where the car is/ Vou encontrá-lo no local onde o carro está".

Os exemplos permitem-me adotar o posicionamento de Lyons de que as entidades não são lugares, mas, na medida em que ocupam espaço, podem servir para identificar os espaços que elas ocupam. Um ponto curioso quanto à entidade é a relação com tamanho e dimensão, que, embora em alguns casos sejam considerados irrelevantes pelo autor⁶⁹, trazem de fato alguma ressignificação ao discurso quando representadas pelos advérbios locativos, como aqui e lá, conforme serão analisados no capítulo 4.

A noção temporal, conforme definida por Lyons, serviu não apenas de norte para a noção de recategorização dêitica, como de parâmetro para o esquema de análise das expressões dêiticas de uma cadeia discursiva.

3.1.3 Fillmore e as funções dêiticas do material linguístico

Os pressupostos epistemológicos sobre a dêixis podem ser representados também pelos trabalhos de Fillmore. Em Bühler ([1934], 2011), veem-se traçadas as linhas gerais da organização do sistema dêitico – o tripé em que este se assenta. A descrição do campo dêitico e das palavras dêiticas vistas desde os fundamentos psicológicos em indo-europeu ao mito da origem de uma linguagem dêitica como primeiras palavras da linguagem humana⁷⁰. Do contato com sua obra, o leitor sai com noções de dêixis de tempo, lugar e pessoa. Em Fillmore ([1984], 1997), as noções sobre dêixis de tempo e lugar são retomadas, e sua rediscussão facilita a formação do

⁶⁹ Lyons entende que, se "X está localizado em Y" equivale a "X está aqui/lá", podem ser tratados como equivalentes, desde que Y seja representado como um lugar, cujo tamanho e dimensão sejam irrelevantes ou insignificantes.

⁷⁰ Um interessante trabalho, envolvendo essa e outras questões relacionadas à aquisição de termos dêiticos, pode ser encontrado em *Studies in the acquisition of deictic terms*, de Cristine Tanz.

arcabouço teórico de tais dêiticos. Além dessa contribuição, é devida a Fillmore a ampliação das funções dêiticas, com a introdução de dêixis social e dêixis discursiva.

Abstrair de suas discussões as concepções sobre os diferentes tipos de dêixis, assunto que será tratado na seção 3.3, deste capítulo, dando espaço apenas aos aspectos epistemológicos não se constitui tarefa das mais fáceis. Nada obsta que não seja feita a tentativa.

Em *Lectures on deixis*, uma compilação de palestras ministradas em Santa Cruz, em 1971, são encontrados dois momentos distintos para o assunto: dêixis I e II. No Segundo momento, o autor se dedica mais especificamente aos dêiticos: discursivo e social. No primeiro, trata dos tipos já enunciados por Bühler e define a dêixis como:

Dêixis é o nome dado a propriedades formais de enunciados que são determinadas por certos aspectos do ato de comunicação em que as declarações em questão podem desempenhar um papel e que são interpretadas pelo conhecimento. Essas declarações incluem (1) a identidade dos interlocutores em uma situação de comunicação, denominada pelo termo *dêixis de pessoa*; (2) o lugar ou lugares em que esses indivíduos estão localizados, para o qual temos o tempo *dêixis de lugar*; (3) o tempo em que o ato de comunicação toma lugar (...); (4) a matriz do material linguístico dentro do qual o enunciado tem um papel, isto é, as partes precedentes e seguintes do discurso, que podemos referir como *dêixis discursiva*; (5) as relações sociais por parte dos participantes de um ato de comunicação, as quais determinam, por exemplo, a escolha de níveis de fala honoríficos, polidos, íntimos ou insultuosos, etc, que podem agrupar-se sob o termo de *dêixis sociais*. (FILLMORE, [1984], 1997, P.61)⁷¹.

Ainda no primeiro momento de sua obra, o autor delineia o percurso a ser seguido pela análise de uma frase simples “May we come in?”, valendo-se do fato de que outros importantes estudos foram orientados por metodologia semelhante⁷². O seu objetivo é, contudo, estabelecer as diferenças entre concepções dêiticas e não dêiticas.

A relação das pessoas com a noção de tempo é, em uma perspectiva restrita, estabelecida por dimensões que se opõem – o antes e o depois –, intermediadas pelo

⁷¹ Deixis is the name given to those formal properties of utterances which are determined by, and which are interpreted by knowing, certain aspects of the communication act in which the utterances in question can play a role. These include (1) the identity of the interlocutors in a communication situation, covered by the term *person deixis*; (2) the place or places in which these individuals are located, for which we have the term *place deixis*; (3) the time at which the communication act takes place (...); (4) the matrix of linguistic material within which the utterance has a role, that is, the preceding and following parts of the discourse, which we can refer to as *discourse deixis*; and (5) the social relationships on the part of the participants in the conversation, that determine, for example, the choice of honorific or polite or intimate or insulting speech levels, etc, which we can group together under the term social deixis. (FILLMORE, [1984], 1997, P.61).

⁷² Fillmore cita os trabalhos de Edward Sapir, *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace, and Company, 1921; e de Jerrold J. Katz and Jerry A. Fodor, *The structure of a semantic theory*. *Language*, 29, 1963, p.170-210.

agora, que, mesmo não relacionadas à noção buhleriana de coordenada, localizam algo “na linha do tempo”. Esse ponto de vista encontra em Fillmore um eco que se reproduz por:

O tempo é unidimensional e unidirecional (...) se dois eventos ocorrem em tempos diferentes, um deles foi antes e o outro, depois (...) a relação entre aquilo que permanece o mesmo em diferentes tempos e a própria dimensão do tempo é pensado pela mente humana como movimento (FILLMORE, [1984], 1997).

Essa forma de interpretação, contudo, como assinala Fillmore se contrapõe à visão de que o tempo pode ser considerado estável, como diante da sentença motivadora do autor – *X came to Y at T* – em que as categorias dêiticas, em função do verbo, são interpretadas como: X é a entidade que se move, Y é o destino, e T é o tempo de referência. Vale adiantar que uma interpretação ou outra depende da forma como as diferentes línguas organizam a metáfora do tempo e, mais, dependendo dessa forma de organização, a dêixis de tempo pode ser determinada por expressões de orientação espacial, tema que será retomado em 3.3.2.

Outra compreensão sobre o tempo que interfere no estudo da dêixis, ou melhor, no que é dêítico e no que não é dêítico, diz respeito ao que Fillmore chama de medidas de tempo calendáricas e não-calendáricas. As primeiras são períodos de medida de tempo que têm pontos de início fixados, enquanto as não-calendáricas, períodos de medida de tempo tomados somente como unidades de medida. Para exemplificar a distinção e mostrar a ocorrência de palavras de medida de tempo em inglês, com usos calendáricos e não calendáricos, Fillmore se vale da palavra *year*.

Se eu digo que o tempo entre a noite de 28 de junho, 1971, e a noite de 28 de junho de 1972 é de um ano, estou usando a palavra *ano* não-calendáricamente. Por outro lado, se eu uso a expressão *último ano*, significando o período de tempo entre o começo de 1/1/1970 e o fim de 31/12/1970, estou usando palavra *ano* em seu sentido calendárico. (FILLMORE, [1984], 1997, p. 49)⁷³

Segundo o autor, os termos não-calendáricos são usados somente para medir intervalos de tempo, mas são esses termos, na perspectiva da recategorização dêítica,

⁷³ If I say that the time between noon on June 28, 1971 and noon on June 28, 1972 is one year, I AM using the Word “year” non-calendrically. On the other hand, IF I use the expression “last year”, meaning the period of time between the beginning of January 1, 1970 and the end of December 31, 1970, I am using the Word “year” in its calendric sense. (FILLMORE, [1984], 1997, p. 49)

defendida nesta tese, que permitem falar no aspecto mutável e subjetivo do ato de fala do "*coding time*" de expressões de tempo dêiticas.

Dos aspectos pontuados pelo autor, a distinção entre o tempo do ato de fala, o "*coding time*", e o ponto ou o período de tempo que está sendo referido ou focalizado na sentença, o "*reference time*", se constitui uma âncora para algumas das análises que serão efetuadas no capítulo 5, da metodologia e das análises. Ele defende que os dois conceitos temporais podem ocorrer em uma mesma sentença como *John was here last Tuesday* (João esteve aqui na última terça). O tempo do ato de fala (*coding time*), representado pela expressão "na última terça", envolve a interpretação de que é o dia da semana que precede o momento da fala, enquanto o tempo referido (*reference time*) é o tempo representado igualmente por "na última terça" e pela forma verbal "esteve".

Como é possível observar, não sendo muitas vezes o tempo do envio e o da recepção o mesmo para o falante e o receptor, a noção de tempo do ato de fala (*coding time*), mesmo situando o falante no tempo em que o discurso é produzido, pode trazer implicitamente problemas para a compreensão da mensagem. Na recepção da mensagem é preciso haver o reconhecimento do tempo no qual o enunciado como um todo está sendo produzido, assim como do tempo no qual a palavra do tempo dêítico está sendo usada.

Os trabalhos de Fillmore se constituem uma referência para os estudos da dêixis, contudo, nas obras revistadas, o autor não faz menção ao conceito de tempo em função de gênero e, dessa forma, não os exemplifica a partir de textos e, sim, de ocorrências isoladas. Aproveito-me, porém, da fundamentação encontrada no autor para demonstrar que a dissimetria, entre o tempo do falante e o do receptor, conforme observado pelo autor, é muito comum no gênero notícia e contribui sobremaneira para o estudo da recategorização dêítica, motivo por que exemplifico com um texto retirado do *corpus* da minha pesquisa:

[58] **Expedição comercial na África**

Dilma Rousseff embarcou **na sexta-feira passada** para a primeira de suas três viagens à África em três meses, nas quais se encontrará com mais de trinta chefes de estado do continente. (...) depois de passar agora pela Guiné Equatorial e Nigéria, ela vai à África do Sul em março e à Etiópia dois meses depois. Nas próximas duas viagens (...).

(Seção Panorama-Holofote. Revista Veja. Edição 2310. Ano 46. Nº 9 de 27 de fevereiro de 2013).

O sentido para o tempo, expresso em “sexta-feira”, tanto pode em relação ao ato de fala e, neste caso, a interpretação depende de o leitor situar-se em relação à publicação da Revista, quanto pode ser o tempo referido, refletido na escolha do tempo gramatical do verbo (embarcou) e na própria expressão (sexta-feira passada). Em ocorrências semelhantes a [58], a relação gênero/suporte, contudo, pode trazer dificuldades para alguns leitores. No caso, 27/02 é uma quarta-feira, ou seja, alguns dias após a “sexta-feira” mencionada no texto. Como a revista não circula na mesma data em todas as capitais do país, os leitores assinantes, por exemplo, de Fortaleza, que recebem a revista apenas no sábado ou domingo, não recuperarão tão facilmente a informação dada.

Em relação à dêixis de lugar, o autor utiliza o mesmo procedimento, ou seja, demonstrar que, às vezes, o mesmo material linguístico pode ter funções dêíticas e não dêíticas. Um exemplo utilizado por ele é a palavra *esquerda*. Em uma sentença como "Minha irmã está do lado esquerdo do general⁷⁴", há um uso não dêítico da palavra *esquerda*, e a localização do falante no tempo do ato de fala é completamente irrelevante. Contudo, quando empregada em um contexto como "O que é aquela coisa brilhante lá, à esquerda do cipreste⁷⁵?", a localização no espaço dos participantes da conversação é absolutamente essencial para compreender a pergunta.

Aliando a minha percepção sobre funções dêíticas de espaço ao que Fillmore aponta para o inglês, enumero como termos dêíticos de lugar mais representativos de tais funções os advérbios *aqui* e *lá* e os demonstrativos *este* e *aquele*, com suas formas de plural. A mesma aproximação entre as duas línguas é encontrada para indicações de lugar não-dêíticas, em que expressões como *em frente a*, *atrás*, *acima*, *abaixo*, *do lado esquerdo*, *do lado direito* são empregadas no discurso em situações dêiticamente ancoradas.

Como Bühler, Fillmore destaca também o fato de que existem modos distintos de apontar. Assim, *demonstratio ad oculos* do primeiro corresponde ao uso gestual do segundo, e, nos dois casos, uma manifestação dêítica só pode ser propriamente interpretada por alguém que monitore algum aspecto físico da situação comunicativa. Por outro lado, a interpretação de uma situação comunicativa pode ser dependente não meramente de gestos, mas de outros recursos dêíticos, simbólicos para Fillmore. A exemplo de outros estudiosos, a quem foi dado mais espaço no Capítulo 1,

⁷⁴ *My sister stood at the general's left* (FILLMORE, [1984], 1997, p. 28)

⁷⁵ *What that shiny object over there, just to the left of the cypress tree?* (FILLMORE, [1984], 1997, p. 28)

que tratou dentre outros aspectos a respeito da aproximação anáfora/dêixis, Fillmore inclui a anáfora como uma das formas de apontar no discurso, ou seja, a anáfora em relação ao uso dêitico considerada como um tipo de dêixis.

O autor exemplificou esses três usos, tomando a palavra *there* (lá), conforme abaixo:

Uso gestual - pode ser visto em uma sentença como " *I want you to put it there* / eu quero que você ponha isto lá". Neste caso, o ouvinte tem que saber para onde o falante está apontando para saber que lugar ele está indicando. Em ocorrências semelhantes, além de a localização ser essencial para a compreensão do enunciado, a expressão, muitas vezes, somente é recuperada por quem está presente na situação comunicativa.

Uso simbólico – em enunciado como *Is Johnny there?* (João está aí?), cujos interlocutores estejam falando ao telefone. Em casos semelhantes, a palavra *there* (aí) somente será compreendida se o ouvinte da sentença situar-se no mesmo espaço pretendido para Johnny.

Uso anafórico – em enunciados como "I drove the car to the parking lot and left it there/Eu levei meu carro para o estacionamento e o deixei lá", para os quais a palavra *there* (lá) se refere a um lugar que já foi identificado antes no discurso, isto é, o estacionamento.

Os dados levantados para análise deixam antever que a expressão dêitica de lugar e gestual é muito frequente em todos os tipos de discurso, inclusive no indireto livre. Conforme mencionado acima, Fillmore empregou exemplos de enunciados simples, motivo pelo qual, mais uma vez, retiro do *corpus* da pesquisa um exemplo que afiança a relação observada entre o uso de expressões dêíticas de lugar e gestual em sequências textuais longas:

[59] **Carta do Leitor – O mito da Fata Morgana.**

"Na pré-história da economia política, em especial nos países em desenvolvimento, a prática de propor metas mirabolantes se consagrou como a Fata Morgana, adaptação do mito da entidade protetora do viajante esgotado que o anima criando a miragem de um oásis verdejante logo **ali na frente**. (...) Na ausência de planejamento, os sábios sopravam aos ouvidos dos governantes que os agentes econômicos reagem bem às metas ambiciosas, mesmo que claramente inatingíveis. Um conhecido economista brasileiro, devoto do mito da Fata Morgana, vivia repetindo: "Diga que o PIB vai crescer 8%, e os empresários vão entregar um PIB de 8%" (...)" (Revista Veja. Edição 2304. Ano 46. Nº 3 de 16 de janeiro de 2013).

A alusão ao mito e a sua adaptação à economia deve-se também ao fato de que, diferentemente de miragens ditas inferiores como as que criam a ilusão de lagos de água distantes nos desertos ou em estradas com o asfalto muito quente, as miragens ditas superiores como as da inversão térmica em que objetos que se encontrem no horizonte como, por exemplo, ilhas, falésias, barcos ou *icebergs*, adquirem uma aparência alargada e elevada, similar aos castelos de contos de fadas. O dêitico, no contexto da economia brasileira, se aplica ao PIB, um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia, e, por não ser um indicador de longo prazo, sua divulgação é sempre **ali na frente**, ou seja, em um tempo próximo.

A interpretação de [59] se funda em Fillmore ([1984] 1997) em que admite duas maneiras para se falar de dêixis em linguagem natural: a primeira, em termos do modo em que a ancoragem sócio-espaco-temporal de um ato de comunicação motiva a forma, ou fornece material para a interpretação, da expressão que manifesta este ato; e segunda, em termos do sistema gramatical e lexical na língua que serve de sinal ou reflete tal ancoragem.

É com base na ancoragem sócio-espaco-temporal, princípio defendido também por Fillmore ([1984] 1997), que nesta pesquisa a recategorização da dêixis será viabilizada.

3.1.4 Concepção sociodiscursiva da dêixis

Os fundamentos teóricos advindos de Bühler ([1934], 2011), Lyons (1977) e Fillmore ([1984], 1997) serviram de base para a concepção do que são formas dêíticas, contudo, não foram decisivos para a escolha de uma terminologia que favoreça a análise que será desenvolvida no Capítulo 4; nem tornaram claro o entendimento da dêixis, aqui assumido, um fenômeno inscrito em um quadro teórico segundo o qual a referência é resultado de um processo dinâmico e intersubjetivo, em que predominam interações entre os locutores (CAVALCANTE, 2000; 2005).

Conforme é possível depreender da leitura desses autores, a natureza dos termos dêíticos e sua própria definição têm como característica singular uma diversidade terminológica. Kleiber, por exemplo, lembra que:

- (i) As abordagens que enfatizam o lugar e o objeto de referência. A essas definições, que chamaremos *abordagem A*, correspondem as seguintes

denominações: *dêiticos*, *embreadores* [shifters], *speechalternants*, (SØRENSEN) e *particulaires égocentriques* (RUSSEL).

(ii) As abordagens que privilegiam, ao contrário, o modo de referência [ou modo de dação⁷⁶ do referente]. Essas abordagens, chamadas de *B*, têm por designação tanto os termos descritos em (i), aproveitados numa orientação diferente [cf., por exemplo, *dêitico* no seu sentido etimológico], quanto denominações que lhes são mais particulares, como *token-reflexivos* (REICHENBACH, 1947), *expressões sui-referenciais* (BENVENISTE, 1966), *indicadores* (CASTEÑEDA, 1967), *expressões indexicais* (BAR-HILLEL, 1954), *símbolos indexicais* (BURKS, 1948-49), *index* (PEIRCE, 1931-35) e *demonstrativos* (BURGE, 1974; DEVITT, 1974; PARRET, 1980) (KLEIBER, 1986, p. 4)⁷⁷

Diante de tal amplitude de denominações, que forma(s) empregar? A opção foi denominar os dêiticos como formas dêíticas ou expressões dêíticas. Dessa maneira, serão considerados dêiticos: as formas correlatas ao *eu*⁷⁸; as formas adverbiais de tempo, lugar e modo; as formas demonstrativas.

Quanto ao entendimento da concepção sociodiscursiva da dêixis, as bases serão traçadas a partir da compreensão de que o principal propósito desta tese é examinar não a “natureza” da dêixis, mas o seu “uso” e o modo de referência ou modo de dação⁷⁹ do referente, não significando com isso que seja possível fugir à discussão da forma;

Pensar a dêixis na perspectiva do modo como ocorre a significação das expressões dêíticas no discurso e não na significação propriamente dita de tais expressões é, de certo modo, assumir que o valor expressivo, que se acrescenta à significação precisa de certos termos, é condicionado às circunstâncias do discurso. Esse ponto de vista encontra amparo em Lahud (1979, p.64) quando diz que “um primeiro aspecto fundamental da atual noção de dêixis é sua natureza semântica, a dificuldade é a relação entre dêixis e significação, pela própria noção de significação”; e quando diz que, nos casos em que o enunciado contém um dêitico qualquer, “as

⁷⁶ Na ausência de palavra que melhor traduza o sentido de o referente ser “dado” no texto.

⁷⁷ (i) les approches qui mettent l’accent sur le lieu et l’objet de référence. A ce type de définitions, que nous appellerons désormais *approches A*, correspondent les dénominations suivantes: *déictiques*, *embrayeurs* (shifters) *speechalternants* (Sørensen) et particuliers égocentriques (B. Russell).

(ii) les approches qui privilégient, au contraire, le mode de référence (ou mode donation du référent). Ces approches, notées désormais par *B*, ont pour écho appellatif aussi bien les termes signalés em (i), saisis dans une orientation différente (cf. par exemple, *déictique* dans son sens étymologique) que des dénominations qui leur sont plus particulières comme *token-reflexives* (H.Reichenbach, 1947), *expressions sui-référentielles* (E. Benveniste, 1966), *indicateurs* (H.N. Castañeda, 1967), *expressions indexicales* (Y.Bar-Hillel, 1954), *symboles indexicaux* (Burks, 1948-49), *index* (Peirce, 1931-35) et *démonstratifs* (Burge, 1974; Devitt, 1974; Parret, 1980).

⁷⁸ “Eu”, o enunciadador, que em uma interlocução é redefinido a cada ato de enunciação.

⁷⁹ A expressão foi cunhada a partir de Kleiber (1986, p. 4) “...le mode de référence ou mode de donation du référent”.

circunstâncias discursivas tornam-se uma parte da expressão do sentido completo” (p. 67).

Não causa mais estranhamento o fato de que as circunstâncias discursivas permitem aos interlocutores reconhecerem, na utilização de expressões puramente dêiticas⁸⁰, traços descritivos de identificação de um objeto denotado. Para avançar nessa linha de raciocínio, lanço mão do exemplo de Lahud (1979, p. 76) “Como explicar que, ao invés de “dê-me o lápis preto”, o enunciador tivesse dito “dê-me isto” (acompanhado de um gesto de designação), ele estaria teoricamente mais seguro de ter efetuado um ato completo de referência identificadora?”. Ou seja, em algumas circunstâncias, os falantes podem até preferir usar um dêitico simbólico e gestual a se referirem por termos que denotem descrições específicas para objetos igualmente específicos.

A escolha do falante, por um lado, significa que as circunstâncias discursivas sustentam também os acordos entre os interlocutores, as negociações feitas na interação. Um exemplo que se aplica a esses aspectos é o texto “Vaguidão específica” de Millôr Fernandes⁸¹.

[60] A Vaguidão Específica

- Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
- Junto com as outras?
- Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
- Sim senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse para ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- Você trouxe tudo pra cima?
- Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
- Mas traga, traga. Na ocasião, nós descemos tudo de novo. É melhor senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
- está bem, vou ver como.

Esse texto evidencia o fato de que, embora os leitores não percebam do que as personagens tratam, elas não apenas compartilham conhecimentos como também

⁸⁰ Expressões que possuem uma significação bem determinada (*eu, aqui, agora* na forma postulada por Bühler – só existe um ‘eu’ quando alguém diz ‘eu’, por exemplo), instauradas pelo ato do discurso que as enuncia. Tais expressões, contudo, não exprimem predicados à natureza dos objetos apontados.

⁸¹ In: Koch, I.V.; Travaglia, L.C. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

negociam um sentido para o diálogo, pois o que uma diz é plenamente compreendido pela outra.

Por outro lado, a escolha do falante quanto ao modo de realizar o referente pode significar que “o objeto denotado⁸² pelos dêiticos deve ser um objeto ‘dado’ em relação às circunstâncias, o que para Lahud (1979, p. 68) é “*a indicação precisa dessas relações que constitui o sentido desses termos*”. Não é possível aceitar plenamente o destaque feito pelo autor, tendo em vista que, se essa “*indicação precisa constitui o sentido desses termos*”, os dêiticos seriam formas vazias de significado⁸³. Kleiber (1986) contesta, dentre outras, essa tese. Para o autor, formas dêiticas como *eu* e *aqui*, se não tivessem significado convencional, poderiam ser empregadas livremente no lugar de outras. Contestação que será considerada no capítulo destinado às análises.

A concepção sociodiscursiva da dêixis pode tomar como ponto de partida o pensamento de Erlich⁸⁴, “*dêixis como um meio linguístico para usos específicos de referência direta a elementos da situação discursiva*”, desde que em uma perspectiva mais ampla. Uma perspectiva em que a dêixis seja definida como uma expressão que, para ser entendida, requer o conhecimento de algumas coordenadas relacionadas ao contexto espaço-temporal e aos interlocutores, mas também conhecimentos compartilhados sociocognitivamente.

Essa concepção mais alargada da dêixis, em que estão imbricados aspectos linguísticos, discursivos, sociais, cognitivos e culturais, se justifica pelo que fato de que a dêixis faz parte de um sistema de referenciação, cuja forma de abordagem segue o aporte teórico de inspiração sociocognitiva e interacionista da linguagem, defendido por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois ([1995], 2003), Marcuschi (1998), Marcuschi e Koch (2002), Cavalcante (2000, 2005), Ciulla e Silva (2008), dentre tantos estudiosos.

De acordo com esses parâmetros, a abordagem sociodiscursiva, que norteará as trilhas percorridas neste trabalho, é uma abordagem que privilegia a produção do sentido como espaço cooperativo dos participantes no ato de comunicação e que,

⁸² A respeito da relação objeto denotado/sentido dos dêiticos, Lahud recorre a Frege ([1892], 1971). Para Frege, se o pensamento é um *sentido completo*, e se a existência de dêiticos num enunciado implica necessariamente a inclusão das circunstâncias discursivas na expressão desse sentido, então o próprio *sentido* dos dêiticos deve apresentar um caráter especial.

⁸³ Les déictiques: des forms vides de sens (KLEIBER, 1986, p. 8).

⁸⁴ Deixis is a linguistic means for specific uses in direct reference to elements of the speech situation. (ERLICH, 1982, p.323).

portanto, permite entender que a dêixis, como recurso interpretativo no processo de interação, pode ser recategorizada.

3.2 Sistema dêitico

No item anterior, a preocupação ficou circunscrita à concepção do fenômeno da dêixis, restando evidente seu aspecto linguístico, dentre outros mencionados. Seria esse aspecto linguístico suficiente para suscitar a noção de sistema dêitico, expressão encontrada, mesmo que dispersamente, na literatura da área? O que dizer sobre esse sistema? Primeiramente, julgo seja válida uma breve abordagem na noção de sistema linguístico para poder estabelecer um elo com a concepção esposada de dêixis, dentro de uma abordagem que privilegia a produção do sentido como espaço cooperativo dos participantes no ato de comunicação, e assim pensar como é o sistema dêitico.

A descrição de sistema linguístico requer noções sobre muitos elementos que se interligam. Nos capítulos em que os autores abraçam esse tema, são recorrentes termos como: signos, língua, linguagem (quase sempre em mais de uma acepção – linguagem potencial; linguagem efetiva; linguagem em geral; linguagem particular, dentre tantos outros sentidos em que se emprega o termo), estrutura e outras expressões. Para definir sistema linguístico, alguns autores partem da noção de língua, como Genouvier e Peitard (1973, p. 165), “a língua é um sistema de signos; no caso, e falando em termos grosseiros, um conjunto de palavras”. E acrescentam, sobre o signo linguístico, “compõe-se de uma forma e de um conteúdo. Em matemática X é ao mesmo tempo um sinal escrito (forma) e a indicação de uma operação ‘multiplicar’ (conteúdo)”. Outros, como Lyons, partem da noção de sistema linguístico, mas também complementam a definição recorrendo a termos nela presentes.

Sistema linguístico é um fenômeno social, ou instituição que, em si mesma, é puramente abstrata, na medida em que não apresenta uma existência física, mas que em determinadas ocasiões é atualizada no comportamento linguístico dos indivíduos integrantes de uma comunidade linguística. (...) O comportamento linguístico é observável e identificável por participantes ou observadores envolvidos em um momento caracteristicamente interativo e comunicativo (LYONS, 1987, p.23).

Não havendo o interesse em aprofundar essa discussão, entendo que o sistema linguístico abriga outros sistemas, assim denominados, por envolverem

igualmente aspectos diretamente ligados à língua(gem) e por necessitarem fazer uso do conjunto de termos envolvidos nas diferentes descrições desse sistema. Entendo ainda que é pertinente a aceitação de que sistema dêitico é um subsistema do sistema linguístico que, além de se valer de muitos dos termos utilizados em relação a este sistema, faz uso de expressões como: centro dêitico; campo dêitico; dêixis/dêiticos; coordenadas; *origo*; referenciação e objeto de discurso.

3.2.1 Campo dêitico bühleriano

O termo dêixis, embora tenha sido descrito desde a Antiguidade por gramáticos gregos, somente com os estudos de Wegener and Brugmann (1885 e 1904), conforme já mencionado no item 2.1.1, recebeu descrição em que a função das palavras dêiticas foi corretamente apontada, passando a ocupar o lugar que hoje lhe é atribuído na linguística. Foi visto ainda que, em uma primeira acepção, mais condizente com o seu sentido etimológico, ao termo dêixis associava-se o sentido de mostração, daí sua aproximação com a função dos demonstrativos.

É devido a Bühler, além da importância central da dêixis no funcionamento da linguagem verbal, a discussão sobre vários traços básicos da linguagem e os conceitos relevantes para sua investigação. Motivado pela aceitação de que os dêiticos são sinais e que têm um caráter mostrativo, o autor estabeleceu a distinção entre expressões que são ligadas imediatamente ao próprio ato de fala e expressões menos dependentes do contexto e que refletem mais abstratamente a representação simbólica de objetos, propriedades e eventos (o campo simbólico da linguagem e as palavras de nomear). Conforme suas palavras, “*from a purely formal viewpoint, the theory advanced in this book is a two-fields theory*”⁸⁵ (BÜHLER, 1982, p. 12), ou seja, um campo dêitico e um campo simbólico.

Vale destacar que o autor atribuiu à dêixis um campo mostrativo, não de natureza física, mas linguística, e que explicitou as implicações teóricas do conceito de mostração verbal: a de campo mostrativo e a de marco de referência egocêntrico. A mostração verbal de um objeto correspondendo à localização desse objeto no interior de um campo mostrativo que se desenha à volta de um "centro" ("origo", na expressão

⁸⁵ (...) a partir de um ponto de vista puramente formal, a teoria avançada neste livro é uma teoria de dois campos.

de Bühler) constituído pelo sujeito falante e pelas suas coordenadas espacio-temporais (*here, now and I*).

Bühler apresenta sua tese – *the origo of the deictic field and its marking* – dizendo que as expressões dêiticas se referem a um campo dêitico da linguagem cujo ponto zero - a *origo* - é fixado pela pessoa que fala (o “eu”), pelo lugar do enunciado (o “aqui”) e pelo tempo do enunciado (o “agora”). O autor, contudo, essa é a minha compreensão, já previa que o funcionamento do campo dêitico “escondia”, em sua simplicidade, dificuldades de teorização e de determinação de funções.

Esses itens lexicais, tão simples em sua estrutura, podem induzir o teórico da língua a abismos filosóficos esotéricos ou ao silêncio respeitoso, quando desafiado a determinar a sua função. Em vez disso, ele deveria simplesmente reconhecer que é, certamente, muito peculiar, mas, no entanto, precisamente enunciável, como eles funcionam em uma enunciação concreta.

(...) O que há de especial sobre ele, afinal? Só o lógico é confundido, porque tal modo de utilização interrompe seu modo de teorização, ou parece⁸⁶. (BÜHLER, 1982, p. 13-4)

Além da dificuldade de teorização sobre a linguagem, enunciada pelo autor, existem a questão da complexidade da linguagem humana, do papel desempenhado pelos interlocutores e a do preenchimento do significado das palavras dêiticas. Para Bühler, essa última questão se explica pela existência de somente um campo dêitico na linguagem estar ligado a elementos dêíticos perceptíveis e a seus equivalentes.

Dentre os aspectos mais pontuais a respeito do campo dêitico e sua importância para a interação entre interlocutores, em uma dada situação enunciativa, destaco dos fundamentos de Bühler:

1. As expressões dêiticas sem as coordenadas de orientação, que lhes servem de guias, podem comprometer o significado. Elas dariam somente uma esfera, um ambiente insuficiente para descobrir o que está sendo referido;

⁸⁶ These lexical items, so simple in their sound structure, might induce the language theorist into esoteric philosophical abysses or to respectful silence, when challenged to determine their function. Rather, he should simply acknowledge that it is certainly very peculiar, but nevertheless precisely statable, how they how they function in a concrete utterance. (...) What is there special about it, anyway? Only the logician is baffled, because such a manner of use disrupts his manner of theorizing , or appears to.

2. Os usos anafóricos, objeto de refutação de sua tese, podem ser guiados pelas formas *this* e *that*. Em língua portuguesa, embora não exista tanto rigor no uso de um pronome ou de outro, as escolhas servem de guia em determinados contextos;

3. A função original e principal dos pronomes pessoais como *eu* e *você* não é *denotar* o emissor e o receptor, como os nomes *denotam*, mas apenas referir os possuidores desses papéis;

E acrescento, a exemplo do que Bühler concebe para os pronomes *eu* e *você*, que as funções do *aqui* e *agora* não servem apenas para denotar um indicador de espaço e de tempo. Servem, também, a partir das coordenadas de ‘eu/você’, para referir espaço e tempo modificados pela situação enunciativa, o que no espaço desta tese denomino de recategorização dêitica.

3.2.2 *Pilares do sistema dêitico*

Aceitar que o valor das expressões dêiticas está de certo modo condicionado às circunstâncias do discurso e que a enunciação é a instância constitutiva do enunciado, é assumir, com Fiorin (2010), Greimas e Courtès ([1979], 2008), dentre outros estudiosos, que, “ela é a instância linguística pressuposta pela própria existência do enunciado, que dela contém traços e marcas”. Os traços dêíticos terminam por se amoldar a quaisquer dos sentidos dados à enunciação, lato ou estrito, e por exigir uma referência às coordenadas da enunciação.

Em linhas gerais, enunciação diz respeito aos estudos sobre as marcas do sujeito no enunciado. Sendo esse sujeito, conforme descrito pelas concepções de dêixis e de sistema dêitico até aqui expostas, situado em uma dimensão espaçotemporal, posso assentir com Flores (2008) que o quadro da enunciação é formalizado em *eu-tu-aqui-agora*. Essa questão, contudo, assim como outras relativas à língua(gem), não é vista de uma única maneira. Charaudeau e Maingueneau (2004) lembram que “a concepção que se tem de enunciação oscila entre uma concepção discursiva e uma concepção linguística⁸⁷”. Lembram ainda que os linguistas dividem-se entre uma abordagem

⁸⁷ Para os autores, “se insistimos na enunciação como acontecimento em um tipo de contexto e apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas, operamos primordialmente na dimensão do discurso”. Mas a enunciação pode também ser considerada, em um âmbito estritamente linguístico, como um conjunto de operações constitutivas de um enunciado, “o conjunto de atos que o sujeito falante efetua para construir, no enunciado, um conjunto de representações comunicáveis” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 193).

“restrita” e uma “ampla” (Kerbrat-Orecchioni, por exemplo) e “fraca” e “forte” (Culioli, por exemplo).

A enunciação ‘ampla’ e ‘estrita’ é descrita por Kerbrat-Orecchioni da seguinte forma:

Enunciação ampla - concebida extensivamente, a linguística de enunciação visa descrever relações que se desenvolvem entre a declaração e os vários elementos da estrutura expositiva, a saber: os protagonistas do discurso (emissor e receptor), a situação de comunicação: as circunstâncias espaço-temporal e as condições gerais de produção/recepção da mensagem: a natureza do canal, contexto sócio-histórico, restrições do universo de discurso, etc.

Enunciação estrita - concebida estreitamente, a linguística de enunciação só está interessada em um dos parâmetros constitutivos do quadro enunciativo: o falante-escritor⁸⁸ (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p. 34-5).

Ancorada na concepção de enunciação da autora, entendo que a relação da dêixis com a enunciação se acomoda mais a um sentido lato e corresponde a todos os traços linguísticos⁸⁹ da presença do enunciador no enunciado. Nesse sentido, corresponde às projeções da enunciação nos enunciados a partir do que denomino de pilares do sistema dêitico: pessoa, tempo e espaço. Em outras palavras, adoto o entendimento de que há ligações intersubjetivas entre os usos da língua e o enunciador⁹⁰ (o ‘eu’ de Bühler) e o coenunciador (o ‘tu’, que no ato de comunicação pode assumir o papel de enunciador). Da mesma forma que, em sentido estrito, a pessoa do discurso – entendida aqui como um ‘eu’ que no ato de comunicação, além de desempenhar papel de enunciador e, ao mesmo tempo, de coenunciador – se posiciona no tempo e no espaço da enunciação. Em ambos os casos, a (inter)subjetividade na enunciação diz respeito as relações do ‘eu’ (na dimensão defendida) com o contexto sociocultural e cognitivo.

⁸⁸ L’*énonciation étendue* - conçue extensivement, la linguistique de l’*énonciation* a pour but de décrire les relations qui se tissent entre l’énoncé et les différents éléments constitutifs du cadre énonciatif, à savoir: les protagonistes du discours (émetteur et destinataire; la situation de communication: circonstances spatio-temporelles et conditions générales de la production/réception du message: nature du canal, contexte socio-historique, contraintes de l’univers de discours, etc.

L’*énonciation restreinte* - conçue restrictivement, la linguistique de l’*énonciation* ne s’intéresse qu’à l’un des paramètres constitutifs du cadre énonciatif: le locuteur-scripteur.

⁸⁹ Interessam, como objeto de investigação deste trabalho, os traços linguísticos representados por expressões dêiticas – pronomes pessoais, os demonstrativos e os advérbios de tempo, espaço e modo.

⁹⁰ No presente momento, não se torna objeto de estudo discutir as relações do enunciador com o outro, ou consigo mesmo, ou ainda com o sistema linguístico. Ou seja, a recorrência às relações discursivas não está colocada no âmbito da metadiscursividade, conforme preferem Ciulla e Silva (2008) e Cavalcante (2006), ou com quaisquer outras denominações.

Vale salientar que, em relação aos dêiticos, conforme Ciula (2008), posição que merece acatamento, a subjetividade torna a dêixis um fenômeno ainda mais complexo.

A condição de subjetividade, no entanto, é que torna a dêixis um fenômeno ainda mais complexo, porque, nem sempre uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico, sem conter um elemento dêitico em si. (CIULLA, 2008, p.56)

Apesar da complexidade desse fenômeno, a identificação e a descrição dos traços dêiticos em enunciados permitem reconstituir os próprios atos enunciativos. As operações efetivadas em tal reconstituição demandam, dentre outras questões, que o enunciador, não apenas domine algumas competências, como estabeleça uma espécie de acordo com os seus possíveis coenunciadores⁹¹. Esse acordo se ajusta às máximas conversacionais de Grice (1979), “para quem um sistema pode ser composto por um conjunto limitado de fórmulas simples que são necessariamente aceitáveis se os operadores têm os significados do que foi atribuído a eles⁹²”.

Além das competências linguística e (inter)textual, pelas quais o enunciador reconhece as formas da língua, sabe utilizar essas formas para a criação de seus próprios textos e de textos que dialogam com outros textos, o enunciador precisa dominar competências (inter)discursiva, pragmática e situacional. Para Fiorin (2010), a competência discursiva engloba uma competência narrativa, que diz respeito às transformações de estado presentes em todo texto, incluindo-se as de actorialização, de espacialização e de temporalização. Na competência interdiscursiva, o autor inclui

⁹¹ No quadro da linguística da Enunciação, o termo coenunciador é devido a Culioli (1968, 1973) que o introduziu como, correlativo de enunciador, para acentuar que a enunciação é, de fato, uma coenunciação, na qual dois participantes desempenham um papel ativo. Ainda no quadro da linguística da Enunciação, outros autores, como Greimas e Courtès ([1979], 2008), preferem o termo enunciatário, como por eles dicionarizado, correspondendo ao destinatário implícito da enunciação. Não obstante, Charaudeau e Maingueneau (2004) mencionarem ter encontrado problemas colocados pela noção de situação de enunciação, em relação ao co-enunciador como o polo de alteridade necessário à enunciação, adoto o termo coenunciador. Esse posicionamento se justifica a partir da noção de que, na situação de enunciação, enunciador é o ponto de referência das coordenadas dêiticas do enunciado e de que destinatário é também denominado aquele que se encontra no interior do processo, numa posição simétrica àquela do enunciador (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 199), aspectos que se harmonizam aos pressupostos teóricos da referenciação de base sociocognitiva, que amparam a concepção sociodiscursiva da dêixis.

⁹² Un système peut être composé d'un ensemble limité de formules simples qui sont nécessairement acceptables si les opérateurs ont bien le sens qui leur a été assigné.

aspectos culturais e ideológicos que se materializam através da linguagem em sentido amplo. A competência pragmática responde pelos valores ilocutórios dos enunciados, os quais, por sua vez, se constroem com os próprios enunciados, pela simbiose dos traços semânticos e pragmáticos.

A competência situacional, relativa ao conhecimento da situação em que se dá a comunicação e conforme compreendida nesta tese, encontra na posição de Fiorin (2010) reforço inclusive para a formulação de resposta a um dos problemas suscitados: “como se comportam as expressões indiciais em contextos evolutivos, que fazem emergir um referente proeminente, sob a forma de uma expressão indicial (ExId₀) que inicia uma cadeia dêitica?

Para Fiorin (2010, p. 57), “é preciso insistir no fato de que esse conhecimento [referente à situação] se dá por simulacros que se vão constituindo ao longo do ato comunicativo e que, assim, interferem na constituição dos enunciados”. Ainda sobre a competência situacional, o autor recorre a Pêchex (1969) para acrescentar que “entram aqui as imagens que E₁ constrói de E₂ e a que ele imagina que E₂ faz dele; a que E₂ faz de E₁ e a que ele imagina que E₁ faz dele”.

A pessoa: o pilar da subjetividade

A simbiose existente entre a pessoa dêitica, o sujeito que se constitui na linguagem e pela linguagem, e a subjetividade foi objetivamente discutida por Benveniste ([1966],1991) e amplamente recorrente aos estudiosos da enunciação⁹³. De seus ensinamentos, destaco alguns fundamentos:

A subjetividade é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito” (p.286) – nessa perspectiva e como bem lembra o autor, o sujeito é a unidade psíquica que transcende às suas experiências, mas assegura a permanência da consciência. Nesse sentido e no desenrolar do discurso, o “*ego* que se diz *ego*” pode tomar posições sociais distintas a partir de suas experiências e aparecer em seus enunciados revestido em formas igualmente distintas. Fiorin (2010, p. 60) destaca, por exemplo, que “nós não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção de um *eu* e um *não-eu*”. E adianta:

⁹³ Os aspectos da subjetividade na linguagem, conforme descritos por Benveniste, são tão mencionados por estudiosos da teoria da Enunciação e da Linguística Textual, na esfera da referenciação, espaço ocupado pela dêixis, que julgo desnecessário fazer citação de autores.

Há três *nós*: um *nós* inclusivo, que é dêitico, em que ao *eu* se acrescenta um *tu* (singular ou plural); um *nós* exclusivo, em que ao *eu* se juntam *ele* ou *eles* (nesse caso, o texto deve estabelecer que sintagma nominal o *ele* presente no *nós* substitui) e um *nós* misto, em que ao *eu* se acrescentam *tu* (singular ou plural) e *ele(s)*. (FIORIN, 2010, P.124).

Fiorin, acerca do sujeito nos textos narrativos, presentificado pela instância do narrador, diz que ele pode ser construído implicitamente quando essa instância é inscrita no discurso, mesmo o *eu* não aparecendo claramente. Como exemplo, ele apresenta um trecho de *O missionário* de Inglês de Sousa, em que o narrador implícito interpreta os atos do padre Antonio de Moraes, trazendo para si as apreciações moralizantes. O autor lembra que “todas as apreciações moralizantes do texto são de responsabilidade de uma instância inscrita no discurso, mas que não diz *eu*”(p.66), ou seja, o narrador delega voz a um personagem que não se anuncia.

[61] Entregara-se, de corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria o filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro de Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores Padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psico-fisiológica sobre o cérebro do Seminarista? Dando-lhe uma grande cultura do espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em Padre de S. Sulpício . (SOUSA, Inglês de. *O missionário*. In: FIORIN, 2010, p.67).

Ou, explicitamente, quando o *eu*, mesmo não aparecendo no texto, diz *tu*.

[62] Capítulo CVI

(...) ou, mais propriamente, capítulo em que o leitor, desorientado, não pode combinar as tristezas de Sofia com a anedota do cocheiro. E pergunta confuso: - Então a entrevista da rua da Harmonia, Sofia, Carlos Maria, esse chocalho de rimas sonoras e delinquentes é tudo calúnia? Calúnia do leitor e do Rubião, não do pobre cocheiro, que não proferiu nomes, não chegou sequer a contar uma anedota verdadeira. É o que terias visto, se lesses com pausa. Sim, desgraçado, adverte bem que era inverossível que um homem, indo a uma aventura daquelas, fizesse parar o tálburi diante da casa pactuada. Seria pôr uma testemunha ao crime. Há entre o céu e a terra muitas mais ruas do que sonha a tua filosofia... – ruas transversais, onde o tálburi podia ficar esperando [...] (ASSIS, Machado de. *Obra Completa*, v.1, p.732. In: FIORIN, 2010, p.66).

Nas palavras de Benveniste, esta construção do sujeito corresponde a outro fundamento ao qual faço destaque.

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste (BENVENISTE ([1966], 1991, p. 286). Esse aspecto, conforme já destaquei em itens anteriores, foi pontuado tanto por Bühler quanto por Lyons. O primeiro, ao defender o sistema de coordenadas, defende também a alternância entre os parceiros da fala com a troca de papéis de emissor e receptor, pois os parceiros do discurso ingênuo aprenderam a fazer uso dessa forma. Destaca ainda que, de acordo com o sistema de coordenadas de 'orientação subjetiva', todas as partes na troca verbal são e permanecem ligadas, conforme trechos recolhidos de sua obra⁹⁴. O segundo ressalta que a categoria de pessoa depende mais dos papéis dos participantes no discurso e menos da gramatização da referência do locutor a si mesmo como falante⁹⁵. Benveniste, voltando sua atenção para a pessoa do discurso, dá ênfase ao fato de que “a polaridade das pessoas na linguagem não significa igualdade nem simetria, pois o *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*” (BENVENISTE, [1988], 1991, p. 286).

Enfim, as formas linguísticas *eu* e *tu* indicam a pessoa⁹⁶ e remetem a papéis indissociáveis e reversíveis. Mas, seguindo Benveniste, a que, então, se refere o *eu*? A resposta a essa indagação estabelece outro fundamento acerca da subjetividade.

A realidade a que o eu remete é a realidade do discurso – o autor coloca a instância do discurso como responsável pela forma como o *eu* se enuncia como sujeito. Com esse argumento, põe abaixo a antiga discussão do conceito dos pronomes pessoais em oposição a entidades lexicais, pois, se o *eu* não denomina nenhuma entidade lexical, se não pode referir a um indivíduo particular, mas, ao mesmo tempo, identifica o sujeito, é porque ele pertence a uma classe de palavras que escapa ao *status* de todos os outros signos da linguagem, ou seja, é “exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado” (p.288), e “o discurso provoca a emergência da subjetividade” (p.289).

⁹⁴ “switches back and forth between speech partners with the exchange of roles as sender and receiver” (...); “And this the naive speech partner has learned, and does take them in this way” (...) “the coordinate system of ‘subjective orientation’, to which all parties in verbal exchange are and remain attached” (...) (BÜHLER, 1982, p. 12-4).

⁹⁵ (...) the category of person depends crucially upon the grammaticalization of the speaker’s reference to himself as the speaker. (LYONS, 1977, p. 640)

⁹⁶ Fiorin (2010, p. 61) ressalta que “basicamente, três conjuntos de morfemas servem para expressar a pessoa: os pronomes pessoais, retos e oblíquos; os pronomes possessivos e as desinência número-pessoais dos verbos”.

Os autores referidos no presente item, ao reafirmarem a noção de pessoa do discurso, sinalizam para a importância da coordenada dêitica de pessoa na compreensão de situações de enunciação em que se destacam referências espaço-temporais, assunto que será abordado a seguir.

A pessoa: ponto de referência dos pilares espaço-temporais

Dentre os fundamentos de Benveniste, a que aludi nos parágrafos acima, a instância do discurso é inegavelmente a mola mestra para a organização e subjetividade das relações espaciais e temporais. Assim, acompanho o pensamento do autor quando diz:

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios (...) e as suas numerosas correlações. (...) Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância do discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia (BENVENISTE, [1988],1991, p. 288).

O domínio da noção de centralidade da pessoa no tocante à subjetividade, assim defendida, faz parte da competência discursiva. Essa competência permite, por exemplo, que as categorias, cuja função é indicar as circunstâncias da enunciação, só possam ser interpretadas se reportadas ao ato único da enunciação que produziu o enunciado em que elas figuram.

Não se pode saber que momento é ‘agora’ no enunciado “Pedro saiu daqui agora”, a menos que se saiba em que momento o enunciado foi produzido. Assim, esse termo tem um significado geral, que faz dele uma unidade do código (concomitância entre o momento de realização do ato descrito e o momento do ato enunciativo), mas, para conhecer seu referente, é preciso reportar-se ao ato individual da enunciação que o instalou no enunciado, pois outro enunciado-ocorrência poderá remeter a outro momento completamente diferente, anterior ou posterior (FIORIN, 2010, p. 55).

O modelo de subjetividade desenhado por Benveniste, em que signos vazios de referenciação em relação à realidade se tornam plenos a cada vez que o enunciador os assume na instância de seu discurso, serve de base à noção de que as expressões dêiticas, como aqui definidas, são passíveis a mudanças que, por sua vez, possibilitam as expressões dêiticas serem recategorizadas.

3.2.3 Campo dêitico na esfera das práticas sociais

As primeiras noções de pessoa, espaço e tempo, presentes nos estudos de Bühler e retomadas por outros estudiosos como, por exemplo, Lyons, Lahud e Fillmore aqui citados, apareceram ao longo deste trabalho. Contudo, as perspectivas de estudo, embora façam alusão a alguns termos que denotam a presença da dêixis em outras esferas de práticas sociais, ficaram mais restritas ao âmbito linguístico-discursivo. Essa realidade pode ter uma de suas justificativas no esvaziamento de referência das formas dêiticas (BENVENISTE, [1966],1991), cujo preenchimento se dá quando o enunciador as assume na instância de seu discurso, fato que por si só já abrange reconhecida complexidade.

A discussão a que me proponho neste item é atrair para o campo da referenciação dêitica questões que desde Bühler já poderiam ter provocado mais inquietação. A síntese de sua teoria é: o ponto zero – a *origo* – é fixado pela pessoa que fala, pelo lugar do enunciado e pelo tempo do enunciado. Mas quem é esse *eu*? Qual o seu papel social? O *eu* fala em nome de quem? Em que o *aqui* e *agora* poderiam caracterizar o *eu*? As respostas a essas e a outras questões poderiam contribuir para um olhar recategorizador de expressões dêiticas?

Com efeito, Lyons (1977) sinalizou para os correlatos socioculturais de *status* e para o fato de que há muitas línguas (por exemplo, japonês e coreano) em que o *status* é gramaticalizado, e Fillmore efetivou essa sinalização quando propôs o tipo dêitico social, definido a partir do centro dêitico do falante, como formas que codificam relacionamentos sociais. Mas é fato também que, mais adiante, quando as circunstâncias do discurso aparecem com mais força nos estudos sobre a dêixis e a noção de contexto sócio-histórico é mais presente nos estudos da Linguística Textual e da Teoria da Enunciação, a atenção dos estudiosos parece ficar restrita à utilização das expressões dêiticas na arquitetura do discurso. Aproveito a ocasião para lembrar que essas expressões desempenham papel fundamental na construção da argumentação discursiva.

Esse *status quo*, de um lado, é respaldado pelo pouco interesse sobre a aproximação entre o dêitico de pessoa e o social, visto que, nesses dois tipos de dêixis, o falante é figura central no contexto comunicativo. Por outro lado, as análises de tais expressões, sob um viés das coordenadas de orientação subjetiva bürlerianas, não seguem o dinamismo dos falantes em suas interações, conquanto as investigações e as formas de abordagem se digam orientadas por aportes teóricos de inspiração

sociocognitiva e interacionista da linguagem. É uma situação insustentável⁹⁷ face à impossibilidade de “citar uma variável social que ao surgir não produza um efeito sistemático sobre o comportamento linguístico: idade, sexo, classe, casta, país de origem, geração, região, escolaridade, pressuposições cognitivo-culturais (...)” (GOFFMAN, 2002, p.13).

São as pressuposições cognitivo-culturais apontadas pelo autor que motivam ampliar a gama de propriedades identificáveis no comportamento linguístico-discursivo dêitico para traçar uma linha de correlação entre a estrutura linguístico-discursiva e a estrutura social, a partir dos atributos sociais do *eu* toda vez que se fizer presente em um discurso, ou seja, “é olhar para a situação social”, conforme afirma Goffman (2002, p. 16). Entendo que esse “olhar para a situação social” implica em, além da percepção das coordenadas (Bühler), os participantes da comunicação monitorarem a forma como o *eu/aqui/agora* são percebidos tanto no momento de sua produção quanto, e principalmente⁹⁸, no de sua interpretação. Nessa direção, recorro aos diálogos de Hanks (2008) com as teorias sobre a questão da constituição do fenômeno linguístico na/pela prática *social*⁹⁹, o que de certa forma redireciona o sentido de coordenadas e campo dêitico.

Na esfera da linguística, Hanks retoma os princípios defendidos por Bühler para traçar suas próprias coordenadas de campo dêitico. Ele parte da noção de que o campo demonstrativo é também baseado em um contexto intersubjetivo, entendido em termos da percepção dos falantes, do foco de atenção, da orientação corporal e dos gestos. Para o autor, Bühler deixou claro que o campo dêitico combinava com o simbólico, mas, por outro lado, não tentou integrá-lo de uma forma clara a campos sociais mais amplos que não a língua. Essa crítica, embora válida, merece um olhar atenuante dado o espaço que a teoria ocupa na dinâmica dos estudos da própria linguística. Outra crítica formulada ao modelo desenhado por Bühler é que ele privilegiou o sujeito individual e a interação face a face, confinados ao momento da enunciação. De acordo com a teoria das práticas sociais, os sujeitos, ao se situarem para

⁹⁷Emprego o termo insustentável, na impossibilidade de reproduzir a expressão usada por Goffman, conforme nota de Garcez, P.M, tradutor do artigo. Vale salientar que trago à expressão uma outra conotação face os argumentos do próprio autor.

⁹⁸ A interpretação de um discurso requer conhecimentos socioculturais e mobilização de estratégias sociocognitivas nem sempre evidenciados pelas pistas deixadas em sua produção.

⁹⁹ Hanks faz análises, prioritariamente, da produção linguístico-discursiva de falantes da língua maia iucateque, falada na região de Oxkutzacab, Iucatã, México, que lhe permitem uma abordagem das relações entre língua, cultura e sociedade.

resolverem a referência indicial, seriam forçados a olhar para além do campo de copresença, atitude requerida também para o entendimento dos enunciados.

Defendo que situar a dêixis no âmbito da Linguística Antropológica, além de tornar possível dar ao campo dêitico uma nova configuração, em que as expressões linguísticas possam ser definidas pelas posições dos agentes comunicativos em relação aos enquadres de participação que eles ocupam, exige um olhar com as mesmas lentes quando da interpretação dos enunciados produzidos em um campo dêitico social.

Ainda na esfera da linguística, Hanks dialoga com a ética bakhtiniana como espaço de decisões no *aqui* e *agora*; com algumas das peculiaridades do enunciado (alternância dos sujeitos no discurso e sua consequência para a conclusibilidade), mas, em especial, com a noção de discurso citado.

A influência de Bakhtin, no tocante a essa forma de discurso, é bem nítida, pois, enquanto para ele o “discurso de outrem” apresenta diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação e sua transmissão no interior de um contexto, para Hanks, o discurso reportado é um documento objetivo da recepção social do discurso, em que há uma relação entre as tendências sociais constantes a uma recepção ativa do discurso de outros falantes.

A concepção de campo dêitico na esfera das práticas sociais também se funda no pensamento bakhtiniano de que a transmissão do discurso leva em conta uma terceira pessoa, que é de primordial importância, porque ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso, ou seja, os sujeitos se tornam participantes com papéis no campo dêitico, e por sua vez, transformam-se em posições sociais no campo dêitico incorporado.

Na esfera das práticas sociais, Hanks se baseia em alguns conceitos postulados por Bourdieu¹⁰⁰, que são centrais para a concepção de campo dêitico social: campo e *habitus*. Esses conceitos se imbricam com o de incorporação¹⁰¹ e formam o arcabouço central da teoria adotada por Hanks. “Na teoria da prática, a ideia de campo está intimamente relacionada à noção de *habitus*. A primeira define o espaço de posições e de tomadas de posição e a segunda define a conformação social dos agentes que se engajam no espaço” (HANKS, 2008, p. 192).

¹⁰⁰ Ver citações de obras feitas por Hanks aos estudos de Bourdieu.

¹⁰¹ Incorporação é um processo no tempo, e um estudo adequado do contexto no nível dos campos sociais deve observar a ordem temporal das ocupações, incluindo as ocupações das pessoas, dos objetos, dos lugares, e das ações no curso do tempo das organizações (HANKS, 2008, p. 190)

De acordo com a definição de “campo - um espaço de posições no qual os agentes (individuais e coletivos) se engajam e através do qual inúmeras formas de valor ou de ‘capital’ circulam (*op cit*, p. 207)” -, campo social dêitico é uma noção que se aproxima da configuração dada por Fillmore ([1984]1997) à dêixis social. Ou seja, como os participantes do ato de comunicação sofrem restrições em seus posicionamentos, em razão de seus papéis socialmente definidos, as formas dêiticas especificam essas condições e regulam os usos linguísticos.

No conceito de *habitus* e no fato de explicar as regularidades das práticas sociais, novamente é sentida a presença de Bakhtin e a noção de gênero.

Habitus – diz respeito à reprodução, na medida em que explica as regularidades imanentes à prática, tendo como parâmetro a incorporação (*embedding*) do agente ao mundo social e o fato de os atores serem socialmente construídos por orientações e formas de ação relativamente estáveis. Em termos linguísticos, está relacionado à definição social do falante, mental e fisicamente, a seus modos rotineiros de falar, à sua gestualidade e ações comunicativas corporificadas (*embodied*), e às perspectivas inculcadas pelas práticas referenciais cotidianas de uma dada língua (HANKS, 2008, p. 36).

Outro conceito muito recorrente na teoria da prática é o de incorporação, que, segundo Hanks, responde pela articulação da dêixis, enquanto recurso semiótico, a campos sociais mais amplos. Nesse sentido, a incorporação converte posições abstratas como falante, destinatário, objeto e o espaço de vida dos enunciados, em posições às quais o poder, o conflito, o acesso restrito e outros traços dos campos sociais se vinculam.

As diferenças entre ‘aqui, lá, eu, você’ podem fazer parte de um campo dêitico geral, porém quando o ‘aqui’ é uma sala de audiência na corte de justiça, o falante um juiz, o destinatário um júri, o objeto um réu, então, o campo jurídico traz todo o seu peso para ligar-se ao campo dêitico. O campo dêitico está incorporado ao campo jurídico. Consequentemente, o espaço de posições definido pela dêixis está investido com valores e relações muito mais específicos, cuja interpretação depende não da dêixis, mas do campo jurídico. Se depois o juiz se dirige a um amigo usando as mesmas expressões dêiticas de quando se dirigiu ao júri, o campo dêitico não está mais incorporado da mesma forma, de modo que as posições possuem valores diferentes (HANKS, 2008, p. 213)

De acordo com essa perspectiva, o *eu/aqui/agora* do campo dêitico social se explica por algumas coordenadas. Cenários e campos (de)mostrativos¹⁰² são traçados

¹⁰² O autor emprega o termo demonstrativo. Dada a relação com os estudos de Bühler, entendo que ‘mostrativo’ se aplica melhor. Contudo, dado o caráter específico da área, fiz a ‘adaptação’.

para se projetarem em novos cenários e campos, pelo processo das incorporações. Merece aceitação a ideia de que, a partir do trabalho de Bühler, Hanks acomoda o conceito de campo à estrutura semiótica da dêixis, ou seja, a prática dêitica passa a ser considerada como um construto que se manifesta dos campos dêíticos incorporados socialmente e que, por sua vez, envolvem práticas sociais equivalentes.

Para entender melhor o campo dêítico esboçado pelo autor, é preciso lembrar que seu estudo foca nas formas por meio das quais os falantes fazem referência a si próprios, uns aos outros e aos objetos nos cenários cotidianos de fala. Isso significa dizer, conforme o autor, que as pessoas, os lugares, os eventos e as coisas que ocupam a posição do objeto são eles próprios definidos socialmente.

Ainda em consonância com os pressupostos bakhtinianos, o autor aponta a incorporação da ocupação: o ator ocupa um papel de participante que ocupa uma posição de agente, ou seja, o processo de produção da dêixis no discurso decorre da posição social ocupada pelos participantes. No tocante ao papel do participante, Hanks destaca que:

Não há um papel *necessário* para o poder no campo dêítico, e nem qualquer uma das posições nele invariavelmente implica que o ocupante seja dominante ou dominado. Por meio da incorporação, as relações sociais de poder, de delimitabilidade dos campos, de conflito e valor estão amalgamadas ao campo dêítico. Estes contrastes devem ser observados como um indício de que o campo dêítico não é de fato um campo propriamente dito, mas algo mais bem descrito como uma situação (HANKS, 2008, P. 208).

O argumento do autor de que o campo dêítico é mais do que situação serve de suporte aos fundamentos da noção de recategorização dêítica.

Em acréscimo aos posicionamentos de Bühler, outras incorporações são indicadas. A de espaço diz respeito ao campo social e decorre dos modos de ocupação de posições, de engajamento com outra(s) posição(ões) e das restrições ou não a que os participantes estejam expostos quando da produção de seus discursos. O espaço, portanto, não mais definido apenas por um esquema de ordenação, e dentro dela a orientação espacial, mas fundado na interação social, considerando que “as pessoas falam umas com as outras em diversos cenários, de modo que suas interações podem ser face a face, mediadas, dialógicas e multidimensionais” (HANKS, 2008, p. 220). A da temporalidade: cada enunciado no nível do campo demonstrativo é incorporado e consequentemente transformado na história mais geral do campo (p.190).

De forma prática, Hanks entende que os campos sociais podem restringir ou mesmo determinar a referência de enunciados dêiticos.

[63] No campo agrícola, um proprietário de terras mais velho falando em maia pode afirmar: “estou abrindo um fosso aqui”, quando são seus filhos que fazem o trabalho bem à sua frente. Ao passo que um homem jovem, não proprietário de terra, não poderia fazer uma tal afirmação ao menos que ele estivesse cavando um fosso. É a incorporação do campo dêítico à hierarquia das posições no campo agrícola que autoriza a transposição (HANKS, 2008, p. 223).

Na visão do autor, os quadros teóricos são distorcidos se tomados isolados. Em concordância com essa percepção, Fiorin (2010, p. 91), sob o enfoque da Teoria da Enunciação, estritamente linguística e não antropológica, diz que “o *eu* pode ser empregado no lugar de uma forma determinada de terceira pessoa. Isso ocorre quando se pretende narrar indiretamente algo a respeito de uma pessoa presente. A primeira pessoa torna-se uma terceira fictiva”.

As perspectivas pleiteadas pelos autores servem de luz para uma nova forma de análise da dêixis, se aceito o fato de que a visão egocêntrica do fenômeno é insuficiente para dar conta de muitas de suas ocorrências. Em contrapartida, a visão social, consoante Hanks, “ignorando muito do sistema linguístico da dêixis, reduz a variedade dos diferentes elementos dêiticos à função de ‘invocação do cenário’ (p. 223)”.

Em síntese, considero que a proposta de Hanks se constitui fundamento relevante para a tese da recategorização, pelos aspectos destacados.

1. A dêixis deve ser tratada como um campo mostrativo e social e analisada conforme a complexidade da língua e das estruturas sociais;
2. A produção de sentidos das expressões dêiticas no campo dêítico social se firma nas posições ocupadas por agentes individuais e coletivos;
3. As expressões dêiticas das práticas comunicativas, organizadas no próprio campo de ação social do sujeito e incorporadas a outro(s) campo(s), estão sujeitas a transformações dêiticas;
4. A análise da dêixis pode ser realizada em um “quadro teórico misto” (HANKS, 2008, p. 224), em que tendências da egocentricidade bühleriana sejam combinadas à centralidade da interação das práticas sociais, desde que tais tendências não sejam argumentadas contraditoriamente.

3.3 Tipos de dêixis

A noção da chamada “classificação tradicional dos dêiticos”, expressão encontrada, por exemplo, em Cavalcante (2000), fundada a partir do ato comunicativo e da localização dos interlocutores, encontra guarida em diversos autores, dentre eles Lahud (1979), Erlich (1982), Ciulla e Silva (2008), Cavalcante (2000, 2011), além de Bühler [1934], 2011), Lyons (1977) e Fillmore [1984]1997), já revisados em item anterior. Assim, às coordenadas de pessoa, tempo e lugar, que definem, respectivamente, as dêixis de pessoa, tempo e lugar, foram acrescentadas as da dêixis social e discursiva. Figura ainda entre esses tipos de dêixis, a de memória, cuja contribuição é atribuída a Apothéloz (1995).

O eco das palavras de Lyons¹⁰³ (1977), quando destaca que por dêixis se entende “a localização e identificação de pessoas, objetos, eventos, processos e atividades de fala, em relação ao contexto espaço-temporal criado e mantido pelo ato de enunciação e pela participação nele de um único falante e pelo menos um destinatário” (p. 637), ressoa, por exemplo, nas de Erlich¹⁰⁴ para quem os termos “dêixis” e “dêiticos” (grifos do autor) apresentam uma interpretação psicolinguística da atividade discursiva como parte das atividades do fazer-se entender entre um falante e um ouvinte.

Lahud (1979), por sua vez, mesmo pretendendo examinar a natureza da dêixis e não o seu uso, admite que, definidas as pessoas gramaticais, são estabelecidas relações “enunciatórias” ou “discursivas” (p.52) marcadas pelo emprego desses signos pelo locutor. Em outro momento de sua obra, advoga em favor de um enunciador que não permanece o mesmo em função das circunstâncias discursivas que o mobilizam (p.72-73).

Na perspectiva, então, de que a dêixis mantém uma relação intersubjetiva, consoante sugerido por Lyons, Fillmore, Erlich e tantos outros estudiosos, e corroborado por Benveniste ([1966], 1991), para quem para reconhecer se uma expressão é dêitica é necessário saber quem é o locutor, com quem ele interage e, em decorrência dessa coordenada de pessoa do discurso, identificar o tempo e o espaço dos

¹⁰³ By deixis is meant the location and identification of persons, objects, events, processes and activities being talked about, or referred to, in relation to the spatiotemporal context created and sustained by the act of utterance and the participation in it, typically, of a single speaker and at least one addressee. (LYONS, 1977, p. 637).

¹⁰⁴ the terms ‘dêixis’ and ‘deictic’ (grifos do autor) developed the idea of *demonstratio* contained in the categories of the ancients. And they present a psycholinguistic interpretation of speech activity as part of the activities of making oneself understood between a speaker and a hearer (ERLICH, 1982, p. 315)

interlocutores, é que a recategorização da dêixis será arquitetada. Sob esse ponto de vista, entendo que os dêiticos se definem por sua capacidade de criar um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação. As funções dêiticas, por outro lado, para serem satisfatoriamente interpretadas, não necessitam apenas estar ancoradas na situação enunciativa.

Da revisão feita, foram excluídas as considerações filosóficas ou metafísicas empreendidas pelos estudiosos citados, tendo em vista que o tratamento dado à dêixis, no presente trabalho, ficará restrito ao âmbito pragmático-discursivo de inspiração sociocognitivo e interacionista da linguagem. E, no espaço das relações discursivas é que são apresentados, então, os tipos de dêixis.

3.3.1 *Dêixis de pessoa*

A intersubjetividade da dêixis traz implícita a noção de que as expressões que se referem às pessoas participantes do ato comunicativo se constituem ocorrência de dêixis de pessoa. Este fato retoma aspectos mencionados anteriormente, pois, para Lyons (1977) e Benveniste ([1966], 1991), a noção de pessoa depende da noção de papéis, o que para Bühler ([1934], 2011) representa a coordenada do sistema dêitico *I*, particular ao falante e em oposição a *You*, particular ao ouvinte. De acordo, então, com esse entendimento, a chamada 'terceira pessoa' não assume papel de participante.

A propósito da alternância de papéis, Lyons (1977) lembra que não se pense que “o significado de “*I*” and “*you*” é responsável por se dizer que “*I*” significa “o que está (agora) falando” e que “*you*” significa “o que está ouvindo¹⁰⁵” (p.645). O argumento do autor reside no fato de que, à medida em que “o falante e o ouvinte” são substituídos por “*I*” e “*you*”, são convencionalizadas pseudodescrições, que dependem da compreensão intuitiva dos falantes de como opera a dêixis de pessoa. Com essa argumentação, o autor reforça a compreensão sobre o caráter interativo da linguagem e sobre o ato de comunicação, sobre o fato de que, no momento em que “*you*” assume o papel de “falante”, o “*I*” deverá revestir-se de subjetividade, característica própria da dêixis de pessoa.

¹⁰⁵ It must not be thought, however, that the meaning of ‘I’ and ‘you’ is accounted for by saying that ‘I’ means “the one who is (now) speaking” and that ‘you’ means “the one who is being addressed”. (LYONS, 1977, p.645)

Vale salientar, por outro lado, que a preocupação de Lyons é chamar a atenção para o *status* lógico de proposições como: “*I (the speaker) is hungry*” (Eu (o falante) estou com fome), que podem ser compreendidas, não apenas como “*the person who is speaking is hungry*” (a pessoa que está falando está com fome), mas como “*the person who is uttering this very utterance is hungry*” (a pessoa que está proferindo essa expressão está com muita fome). Na concepção sociodiscursiva de dêixis adotada como horizonte para as análises que serão feitas no capítulo 4, enunciados como esses não apenas são revestidos desse *status* lógico, mas principalmente sinalizam as negociações que são feitas entre o falante (o emissor da mensagem), o ouvinte (o destinatário da mensagem) e a audiência (pessoa que pode ser considerada parte do grupo conversacional, mas não é membro do par falante/ouvinte), conforme postula Fillmore ([1984]1997).

Não assumo com Fillmore que a audiência seja considerada uma terceira categoria da dêixis de pessoa, salvo se ela passar, em algum momento da comunicação, a fazer parte como falante. Por outro lado, não posso deixar de aceitar que a audiência (ouvinte ou leitor) tem relevante papel na compreensão de como opera esse tipo de dêixis e de como ocorrem as mudanças ao longo de um texto. Primeiro, por concordar que o ouvinte ou leitor é co-enunciador e tem papel fundamental no sentido atribuído aos enunciados. Segundo, por aceitar a concepção de campo dêítico social e, assim, aliar-me às noções defendidas por Hanks (2008) de que a prática dêítica se manifesta dos campos dêíticos incorporados socialmente.

Quais categorias gramaticais permitem identificar os participantes de uma situação de comunicação? Para Lyons (1977) é difícil escapar à conclusão de que a dêixis de pessoa, que se manifesta em algumas línguas, dentre as línguas naturais conhecidas, é algo que não pode ser analisado em termos de mais nada. O autor lembra que a dêixis, em geral, estabelece limites sobre a possibilidade de descontextualização e que a dêixis de pessoa, como certos tipos de modalidade, introduz uma “subjetividade inextirpável na estrutura semântica de línguas naturais¹⁰⁶”. Cavalcante (2011) aponta como expressões que identificam os interlocutores na situação discursiva, os pronomes pessoais e possessivos, e, assim como Lyons, acrescenta que, “porque remetem diretamente aos sujeitos da enunciação, se reflete na concordância verbal” (p.96). O exemplo a seguir foi retirado da autora:

¹⁰⁶ Essa expressão é retirada de Benveniste (1958). *De la subjectivité dans Le langage*. Journal de Psychologie, 1966, p.258-266.

[64] **A dor a mais**

(Vinicius de Moraes)

A dor a mais
 Foi só muito amor
 Muito amor demais
 Foi tanta a paixão
 Que o meu coração, amor,
 Nem soube mais
 Ø Inventei a dor
 E como ela nos doeu
 Ah, que solidão buscar perdão
 No corpo teu
 Tanto tempo faz
 Ø Tens um outro amor, eu sei
 Mas nunca Ø terás
 A dor a mais
 Como eu te dei
 Porque a dor a mais
 Só na paixão
 Com que eu te amei.
 (CAVALCANTE, 2011, P.95)

Esse tipo de dêixis aparece em uma multiplicidade de gêneros. Em propagandas, a dêixis de pessoa é mais recorrente ao “tu/você”, mas é possível o uso do “eu”. Por outro lado, em propagandas e entrevistas, o locutor, muitas vezes, prefere a forma pleonástica “nós”, e o “eu” é menos frequente.

[65] **EU ACREDITO**

na minha empresa,
 no meu país,
 no meu suor,
 que tudo vai dar certo
 e que não / acredito sozinha.

(Texto complementar: Você só chegou até aqui porque O acreditou. O Acreditou que o seu sonho era maior que os desafios, que a sua vontade podia superar qualquer dificuldade. O Sebrae também acreditou. Juntos, O conseguimos aprovar o Super Simples, O transformamos o impossível em possível. Hoje você tem impostos integrados, melhores condições para seguir em frente e muito mais motivos para acreditar.

(Propaganda da comemoração dos 40 anos do Sebrae. Mercado mpme. Jornal Folha de São Paulo. 18 de novembro de 2012. Em que há a imagem de uma mulher, provavelmente entre os 50 a 60 anos, com um rosto já marcado por rugas, mas com um sorriso tranquilo de alguém confiante).

[66] **Folha - O que esperar da nova liderança chinesa?**

Jonathan Fenby - Já **conhecíamos** dois membros que pertenciam ao Comitê Permanente [o novo secretário-geral, Xi Jinping, e o futuro premiê, Li Keqiang], a questão, agora, é sobre os outros cinco [integrantes]. A **minha primeira reação** é que as duas pessoas que poderiam ser identificadas como reformistas entre os candidatos não conseguiram assentos. O comitê caiu de nove para sete membros, e os dois que ficaram de fora foram esses reformistas. Portanto, os outros são pessoas de confiança, que já participaram do Politburo [corpo logo abaixo do comitê, com 25 membros] e já tiveram vários postos. **Eu** não diria que todos sejam ideólogos

conservadores linha-dura, mas não são pessoas que se destacam em favor de mudanças ou de reforma (...).
(MAISONNAVE, Fabiano. Entrevista. “Dilema chinês é promover mudanças”. Jornal Folha de S. Paulo; Ano 92; 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

De um lado, os exemplos [65] e [66] atestam uma característica da língua portuguesa em relação à dêixis de pessoa, casos em que os pronomes pessoais são plenamente dispensáveis¹⁰⁷, nas formas relativas (eu/tu) aos participantes do ato de comunicação. Por outro lado, servem de argumento em favor de uma concepção construtivista da referência dêítica de pessoa, pois os falantes da língua, em suas produções languageiras, podem assumir outro comportamento e deixar as expressões dêíticas explicitadas em seus enunciados, não se amoldando a algo naturalmente “preexistente à atividade cognitiva e interativa”, como defendem Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

A análise a que me proponho desenvolver tratará da dêixis de pessoa tomando como escopo os casos patenteados pela língua, mas compreendidos na perspectiva do modo de referência ou modo de dação do referente no discurso.

3.3.2 *Dêixis de tempo*

Falar sobre o tempo traz sempre implícita a distinção entre pretérito, presente e futuro, e não se torna novidade, mesmo para as pessoas menos preocupadas com esta questão, que o presente é uma faceta do tempo diferente das demais. É o tempo em que as coisas acontecem, daí o dito popular “o presente é que importa”. No processo dêítico, é, conforme colocado por Lyons (1977), seguido pelo passado e precedido pelo futuro no *continuum* unidimensional infinitamente extensível de tempo.

Contudo, ainda na visão do autor, o futuro não é como o passado do ponto de vista de nossa experiência e conceptualização de tempo. Futuridade necessariamente inclui um elemento de predicação ou alguma noção modal, enquanto o uso do tempo passado, em sentenças simples, localiza a situação sobre a qual uma afirmação está sendo feita no passado, com respeito ao tempo de enunciação (He worked hard/ele trabalhou pesado). Esse uso do tempo presente, contudo, não implica geralmente contemporaneidade com o ato de enunciação (He words hard / ele trabalha pesado).

¹⁰⁷ Lyons reforça esse fato e considera que a categoria de pessoa é gramatizalza morfológicamente na forma verbal, em várias línguas naturais.

Na concepção de tempo de Fillmore ([1984],1997), também é encontrada a noção unidimensional: “a primeira coisa a observar sobre o tempo é que ele é unidimensional e unidirecional. Se dois eventos ocorrem em tempos diferentes, é única e necessariamente o caso em que um deles foi antes e o outro, depois”¹⁰⁸ (p.45).

Os dêiticos de tempo situam, portanto, o momento em que o discurso do falante é enunciado. Em Cavalcante (2011), percebe-se a retomada do pensamento de Lyons e de Fillmore sobre o tempo, quando a autora diz que “nem toda expressão que indique tempo é necessariamente dêitica: somente se, a fim de o referente temporal ser identificado, for preciso conhecer o tempo em que se encontra o falante” (CAVALCANTE, 2011, p. 99), e exemplifica:

[67] **Ditador na cadeia**

Último presidente da ditadura militar argentina (1976-1983), Reynald Bignone, de 82 anos, foi condenado na semana passada a 25 anos de prisão por crimes contra a humanidade(...) (Fonte: Revista *Época*, 26 abr. 2010, p.16. Exemplo retirado de Cavalcante, 2012, p. 132).

O leitor da mensagem, para fazer uma boa interpretação da matéria jornalística ou, nas palavras da autora, reconhecer o referente, deverá recorrer à data de sua publicação. E nisso, para Cavalcante, consiste a noção de que os dêiticos de tempo localizam o “agora” da enunciação, cuja função é desempenhada por:

(...) advérbios, locuções adverbiais ou expressões indicadoras de tempo (ex. amanhã, ontem, na semana passada, no dia seguinte, etc) e sufixos flexionais de tempo-modo (ex.: falarei, falo, falei etc) (CAVALCANTE, 2012, p. 132).

O “agora” da enunciação é enunciado, às vezes, com o advérbio com a mesma forma linguística, como é visto nos exemplos a seguir, retirados do *corpus* da pesquisa.

[68] “A FOLHA CONECTA VOCÊ À NOTÍCIA. **AGORA** ATÉ QUANDO VOCÊ ESTÁ OFF-LINE.

A Folha é o primeiro grande jornal do país a lançar sua versão em HTML5, um aplicativo pelo qual você pode acessar nossa credibilidade nos principais tablets e smartphones. E **agora** o assinante Folha pode ler a edição do dia sem estar conectado à internet. O conteúdo é baixado automaticamente,

¹⁰⁸ The first thing to notice about time is that it is one-dimensional and unidirectional. If two events can be said to take place at different moments of time, it is necessarily the case that one of them is *earlier*, the other *later*. (FILLMORE ([1984],1997, p. 45)

completado o download, pode se desconectar e ler quando quiser. Porque só um jornal que acredita no pluralismo tinha mesmo que ter um aplicativo universal para tablets e smartphones. Folha em HTML5. Não dá para não acessar.” (Propaganda do Jornal Folha de S.Paulo, publicada em 18 de novembro de 2012. Ano 92. Nº 30.545).

[69] “CRISTINA PERDE APOIO COM EMBATE POLÍTICO. presidente da Argentina vê sua taxa de aprovação popular cair de 70% para 36% do começo do ano até **agora**”. (Manchete publicada no caderno A22. Jornal Folha de S. Paulo; Ano 92; 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

No capítulo 4, retomo exemplos semelhantes a esses, em que a ocorrência temporal é dependente do tempo cronológico presente no suporte em que o texto foi publicado e cuja relação é fundamental para a análise da recategorização dêitica.

3.3.3 *Dêixis de lugar*

A indicação de *ostensão*, característica essencial da dêixis, é bem acentuada na dêixis de lugar, porque aponta para o espaço referido no ato enunciativo. Uma primeira reflexão feita por Lyons (1977), a respeito desse tipo de dêixis, traz para o centro da questão a presença dos demonstrativos (pronomes, adjetivos e advérbios), acentuando que “quando eles têm essa função, são interpretados em relação à localização dos participantes no contexto dêitico, e a distinção entre uma forma e outra depende da proximidade do ponto-zero do contexto dêitico¹⁰⁹” (p. 646).

A relação de lugar com a noção de proximidade é tão definidora para esse tipo de dêixis que Lahud (1979), ao eleger as categorias tradicionais que podem ser consideradas marca distintiva da noção de dêixis, prefere usar o termo proximidade – “são selecionadas “sobretudo as de *pessoa, tempo e proximidade* para delas fazer uma única classe” (grifos do autor. P. 43).

No âmbito da filosofia da linguagem¹¹⁰, buscando abrigo nos estudos de Lahud, percebo que a indicação de lugar depende das circunstâncias discursivas, as quais funcionam, numa determinada situação de comunicação, como uma “adição” de informações (grifo da pesquisadora). Nesse sentido, as circunstâncias discursivas significam uma “indicação constitutiva do sentido constante e preciso dos dêíticos” (LAHUD, 1979, p. 73).

¹⁰⁹ (...) when they have this function, they are to be interpreted with respect to the location of the participants in the deictic context (LYONS, 1977, p. 646).

¹¹⁰ No presente trabalho, conforme já mencionado, foram excluídas as considerações filosóficas ou metafísicas.

Para me fazer entender, vou recorrer aos exemplos do autor “dê-me o lápis preto” e “dê-me isto” (p.76). No primeiro caso, há uma predicação específica, uma descrição que distingue um determinado objeto de outros da mesma espécie. No segundo caso, o signo – o pronome demonstrativo “isto” – não exprime nenhuma predicação do objeto e se constitui, como lembra Lahud, “uma apresentação puramente dêitica”. A garantia dada aos interlocutores advém exatamente das circunstâncias discursivas, conforme é possível observar em algumas ocorrências sublinhadas do exemplo [70], para efeito apenas de elucidação, dado que as análises da pesquisa serão no âmbito da recategorização.

[70] Vaguidão específica

- Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
 - Junto com as outras 0?
 - Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
 - Sim senhora. Olha, o homem está aí.
 - Aquele de quando choveu?
 - Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
 - Que é que você disse a ele?
 - Eu disse pra ele continuar.
 - Ele já começou?
 - Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
 - É bom?
 - Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
 - Você trouxe tudo pra cima?
 - Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
 - Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
 - Está bem, vou ver como.
- (FERNANDES, Millor. In: KOCH, I.V. **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto, 1990)

Os dêiticos de lugar em destaque necessitam, portanto, para uma interpretação satisfatória, que as circunstâncias discursivas sejam conhecidas pelos interlocutores para que a negociação entre eles permita a total recuperação dos dêiticos. A indicação do “isto” é dada pelas circunstâncias discursivas, visto que, quando o enunciador diz “lá fora”, igualmente do conhecimento apenas dos participantes da situação discursiva, permite que o seu interlocutor entenda que o objeto apontado: 1) tem características intrínsecas tais que o permitam ficar “fora” – espaço provavelmente bem diferente do espaço em que está ocorrendo a enunciação; 2) tem natureza semelhante a de outros objetos, dada a recorrência a uma circunstância anterior – “junto com as outras Ø?”.

A noção de proximidade relativa ao lugar ocupado pelo enunciador aparece também em Cavalcante – “a dêixis aponta para informações de lugar, tendo como ponto de referência o local em que ocorre a enunciação. Os dêiticos espaciais evidenciam a relação de maior ou menor proximidade relativamente ao lugar ocupado pelo enunciador” (CAVALCANTE, 2012, p. 131). Sua descrição sobre os sinalizadores da dêixis de lugar em língua portuguesa é, contudo, mais pontual que a descrição feita por Lyons, cujo objetivo de estudo é voltado para as ocorrências em língua inglesa, e em que faz comparação com outras línguas. A autora elenca “os advérbios ou locuções adverbiais de lugar (ex.: aqui, cá, além, acolá, aqui perto, lá de cima etc.), como determinantes e pronomes demonstrativos (ex.: este, essa, aquilo, o outro, a mesma etc)”. (p. 131).

A autora exemplifica com o texto a seguir, em que as formas dêiticas, para serem identificadas, dependem de conhecimentos culturais do interlocutor, envolvendo, inclusive, informações sobre Gonçalves Dias e sua experiência de exilado:

[71] Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Fonte: DIAS, Gonçalves. In CAVALCANTE, 2012, p. 131-2)

O texto de Gonçalves Dias, exemplifica com muita clareza a questão pontual dos dêiticos de espaço, qual seja a de deixar bem marcadas as noções de proximidade/distância do locutor em relação a um dado referente, apontando para um lugar situado e referido com relação ao eu lírico do poema.

A descrição de formas dêíticas de lugar, feita pela autora, se comprova facilmente em diferentes gêneros, conforme [72].

[72] As pazes com a balança

Quem luta contra os quilos extras sabe quanto é difícil manter-se em forma. Em 2007, pesquisadores da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, analisaram 31 estudos sobre dieta (...).

A chave para emagrecer com saúde – reeducação alimentar e atividade física – não é segredo para ninguém. Mas as promessas milagrosas das dietas da moda acabam fazendo com que muitos se rendam a elas. Para saber quais são os métodos mais populares por **aqui**, VEJA consultou cinco endocrinologistas (...)

(Seção: Guia Veja. Revista Veja. Edição 2309. Ano 46. Nº 8 de 20 de fevereiro de 2013).

Além de a expressão ser uma apresentação puramente dêítica, envolve um conhecimento cultural do leitor, visto que a consulta da revista deve estar relacionada ao espaço dos grandes centros urbanos do Brasil, onde os métodos para emagrecer são acompanhados por endocrinologistas renomados, cujas pesquisas são mais conhecidas, permitindo pressupor o lugar em que se situam o falante e o seu interlocutor, no ato comunicativo. A localização necessária ao ato de comunicação se estende ao discurso narrativo e serve de âncora para a recategorização de uma cadeia dêítica de espaço.

3.3.4 *Dêixis textual*

A inclusão da dêixis textual¹¹¹ no cenário da referenciação é um tributo devido a Fillmore ([1984]1971). Seu ponto de partida reacende o conflito da distinção entre dêixis e anáfora, questionando-a, na perspectiva do “coding time”. Para o autor, “os termos da dêixis discursiva são tomados a partir de sistemas de dêiticos e não dêiticos (...) qualquer ponto em um discurso pode ser pensado como um ponto no tempo¹¹²”. (p. 103). Por outro lado, Erlich (1982, p. 331) parte da questão “que

¹¹¹ Ao longo deste item, serão feitos usos das formas “dêixis textual” e “dêixis discursiva”.

¹¹² the terms of discourse deixis are taken from systems of deictic and non deictic (...) that any point in a discourse can be thought of as a point in time. (FILLMORE ([1984]1971, p. 103).

consequências tem isto [a diferença entre dêixis e anáfora] para a compreensão da dêixis textual¹¹³?

Tentar coordenar os posicionamentos destes dois estudiosos, que manifestam a mesma inquietação quanto à concepção da dêixis textual, é assumir que Erlich tem uma visão estruturalista, embora defenda que o procedimento dêítico, neste caso, partilha as mesmas propriedades que os procedimentos dêíticos de qualquer tipo, como um subtipo da dêixis em geral. Esta conclusão deve-se à concepção de texto denunciada pelo autor, ao defender que a dêixis textual está ligada não à situação do ato de fala, mas ao próprio texto. Sua visão de texto é de organização específica, com características textuais específicas de espaço, em que os textos são macro-entidades linguísticas que, quando produzidas, são ordenadas serialmente no tempo e formam um todo, no sentido da Gestalt¹¹⁴.

Para o autor, por exemplo, os elementos no texto são seus próprios objetos potenciais, o texto tem uma ordem serial que é transposta para uma sequência linear de formas gráficas quando são escritas, implicando em transformar as expressões dêíticas em anafóricas. A função comunicativa do procedimento dêítico, dentro do ato de comunicação é a mesma, como nos outros casos: a de fazer o leitor focalizar sua atenção dentro do espaço dêítico (o texto), o que, de acordo com o objetivo deste trabalho, contraria a noção de circunstâncias discursivas e a potencialidade dos elementos e funções da dêixis.

Não comungar plenamente da formulação de Erlich não significa negar que a dêixis textual seja sempre um processo híbrido, de função anafórica e dêítica, significa antes que sua função no texto exige estratégias diferentes de acesso para a interpretação plena de seu sentido.

O posicionamento de Fillmore, por outro lado, é pragmático-discursivo, embora admita que a dêixis discursiva tem a ver com a escolha de elementos lexicais ou gramaticais, traz para o espaço da discussão a presença do enunciador¹¹⁵ e diz que “o objeto da dêixis discursiva pode conduzir muito naturalmente o tema da análise do discurso, que, por seu turno, pode levar com naturalidade para o seu próximo tópico, a

¹¹³ What consequences does this have for understanding text deixis? (ERLICH, 1982, p. 331).

¹¹⁴ Since texts are organized in a specific way, we find text-specific characteristics of this space. Texts are linguistic macro-entities which, when produced, are serially ordered in time and which form “a whole” in the sense of Gestalt. (ERLICH, 1982, p. 332).

¹¹⁵ Essa preocupação é manifestada desde o momento em que Fillmore faz uma breve recapitulação dos outros tipos de dêixis, tendo em vista que o seu objetivo em *Lectures on deixis* é, particularmente, rever a concepção de dêixis de tempo e de espaço, para fundar as bases da dêixis textual e apresentar também a dêixis social.

dêixis social”¹¹⁶. A aproximação da dêixis com a análise do discurso, conforme proposta por Fillmore, deverá se revelar uma possibilidade para que os estudos sobre esse fenômeno de referenciação sejam redimensionados.

No tocante à conceituação de dêixis textual, vale salientar que Marcuschi (2004 e 2005), Koch e Elias (2006) e Cavalcante (2000; 2011) fazem, indistintamente, referência a Fillmore ([1984]1997) e a Ehlich (1982). A Fillmore, para encontrar a ideia de esse tipo de dêixis refere uma porção do discurso em andamento; a Ehlich, para o fato de orientar o foco de observação e atenção do leitor, mesmo apontando para algo não pontualmente identificável.

Cavalcante (2000) já admitia ser problemática a delimitação e definição de dêixis discursiva. A partir de uma série de exemplos, a autora discorre sobre alguns critérios para a delimitação dessa forma de referenciação (ponto de localização da informação em relação à enunciação do falante; poder de ordenação da expressão dêitica; processo metalinguístico em que se dá a retomada da própria forma pela qual se manifesta a fonte (antecedente); rótulo/processo metalinguístico simultaneamente), chegando à conclusão de que “não obstante a evidência dos exemplos, nem o escopo referencial difuso, nem a função de organizar a disposição dos elementos no texto [...] são suficientes para definir os dêiticos discursivos”.

Com esse argumento, Cavalcante (2000), a exemplo de Apothéloz ([1995], 2003), Marcuschi (2005) e tantos outros autores, quer chamar atenção para o fato de que a caracterização dos dêiticos discursivos conflita sempre com a caracterização de anafóricos muito semelhantes, haja vista o fato de que não somente é possível identificar anafóricos, compostos de sintagmas nominais contendo dêiticos, que observam as coordenadas dêiticas do falante, monitorando a atenção dos interlocutores na comunicação, como também dêiticos discursivos que negligenciam a localização do enunciador ao remeterem a entidades discursivas.

[73] O melhor emprego que Lula arranhou foi o de operário numa metalúrgica, onde se fabricam carros. Foi lá que ele começou a se destacar. (Fonte: Nota do caderno *Clubinho*, do jornal *O POVO*, 28.dez.2002. In CAVALCANTE, 2012, P. 133).

¹¹⁶ The subject of discourse deixis can lead fairly naturally to the subject of discourse analysis and that in turn can lead naturally to our next topic, social deixis. (FILLMORE, [1984]1971, P. 106).

O fato de os processos dêiticos e anafóricos não serem excludentes é comprovado em [73], onde a expressão em destaque retoma outra expressão do cotexto e, ao mesmo tempo, dá a pressupor o lugar onde o falante se situa.

3.3.5 *Dêixis social*

Os dêiticos sociais e textuais caracterizam-se, conforme Fillmore (1984), quanto ao traço de subjetividade. Dêiticos sociais, definidos diretamente a partir do centro dêítico do falante, representam formas que codificam relacionamentos sociais, mantidos pelos participantes da conversação. Dependendo do grau de intimidade, dos propósitos comunicativos, bem como de outros aspectos contextuais, os participantes do ato de comunicação podem ser mais ou menos polidos.

Comunicação é vista pelo autor, metaforicamente, como um jogo de interação conversacional que pode adaptar-se a diferentes situações comunicativas, alterando a maneira como se portam os participantes no jogo, os quais devem, dentre outras ações no “jogo”/ato de fala, respeitar o turno de fala, contribuir para o êxito da conversa, oferecer dispositivos pelos quais as expressões que os falantes produzem possam estabelecer ou refletir informações sobre a identidade dos parceiros de conversa, a natureza do contexto social, ou as relações sociais entre os parceiros¹¹⁷.

A concepção de dêixis social assumida neste trabalho é a de um mecanismo de referenciação que leva em conta o discurso, quanto ao que ele reflete, estabelece ou é determinado por certas realidades da situação social em que o ato de fala ocorre. O uso da dêixis social, assim como a de pessoa, remete diretamente aos interlocutores e, por dizer respeito às situações em que o discurso é realizado, as formas que a codificam denotam os tipos de relacionamentos sociais, em que os participantes dos atos de comunicação estão envolvidos em sociedade, e os níveis de formalidade.

As formas mais comuns são: “o senhor”, “você”, “nomes na forma diminutiva”, para o nível menos formal de comunicação; os pronomes de tratamento, para o nível mais formal, em que é respeitada sempre a adequação das formas à formalidade dos diferentes gêneros. Pelo que é possível depreender da descrição feita

¹¹⁷ (...) the analysis of what conversation partners are doing to each other by means of their contributions to the conversation and devices by which the utterances that speakers produce establish or reflect information about the identity of the conversation partners, the nature of the social context, or the social relations between the partners (FILLMORE, 1984, p. 110).

por Fillmore, esse tipo de dêixis ocorre mais na interlocução entre os participantes da fala ou quando um dos interlocutores fizer referência à forma como se dirige a outro participante, como é o caso do exemplo apresentado por Cavalcante (2011, p.96).

[74] Ismênia, moça donzela

(Dalton Trevisan – *Quem tem medo de vampiro?*)

Saudações.

Dr Antônio, desculpe a ousadia de escrever, ontem fiquei arrependida de não confessar a paixão que sinto, porque tive vergonha, vejo que o senhor é casado e pai de tanto filho, acho que isso não tem importância, a gente sabe de muita dona casada gostando de outro, quanto mais eu que sou moça donzela, a diferença é que não sou correspondida.

Venha na mesma hora, espero no portão e mamãe não vê. Se o doutor não vier é sinal que não tem a mínima simpatia.

Sem mais, sua criada obrigada,

Ismênia.

P.S. Desculpe os erros que estou um pouco nervosa.

Querido Antônio.

Eu escrevo este bilhete, não posso suportar este amor. Olha, Antonio, de hoje em diante farei teus desejos. Só se você me estimar como tua amante, não me deixe faltar nada e nunca me abandone.

Te espero às três horas, no lugar de sempre. Não quebro o juramento que fiz, mas você não, Antônio.

Sempre fiel,

Ismênia.

P.S. De há muito pedi o teu retrato, não serei merecedora? Sofrendo do estômago tudo por causa do nosso amor. Mande um dinheirinho pelo menino para comprar remédio. Sonhei a noite toda que me traías e não me querias mais, será?

Estimado Antônio.

Saudações.

Esta carta será a última que minha mão te escreve. Ontem choveu teve desculpa, hoje uma bonita noite, esperei até às nove horas, você não veio e sei que sou desprezada.

Ou por que a velha não saiu da sala? Ela pode ficar lá na cozinha. Não se faça de rogado, Antônio. Que horror; depois de combinado você se arrepender, venha sim?

A que há de ser tua,

Ismênia.

P.S. Peço um dinheirinho pelo menino, estou apurada para pagar uma conta e a pessoa esperando aqui.

[...]

Em sua análise, a autora chama a atenção para a mudança nas formas de tratamento, à medida que os personagens vão se tornando íntimos. Essa faceta dos dêiticos sociais pode representar uma marca de polidez linguística. Esse exemplo revela o grau de intimidade que vai se formando entre os personagens, assim como o afastamento no rompimento do compromisso.

Pela descrita feita por Fillmore, esse tipo de dêixis, no nível menos formal, é mais facilmente encontrado em gêneros em que ocorra a interlocução entre os participantes de um ato de fala, ou em que um dos interlocutores faça alusão à forma de tratamento dispensada ao outro. Em gêneros, no nível mais formal, a escolha dos dêiticos deverá ser preservada, visto que, quase sempre, há a presença de níveis hierárquicos estabelecidos socialmente, mesmo havendo a proximidade entre as pessoas envolvidas. Um bom exemplo dessa ocorrência dêitica são as piadas relacionadas ao tratamento entre membros do legislativo brasileiro, que, em quaisquer circunstâncias discursivas e temas de discussão, dispensam uns aos outros o tratamento de V.Ex^a.

3.3.6 Dêixis de memória

A noção de dêixis de memória aparece em Apothéloz¹¹⁸ (1995, p. 35) como “um sintagma nominal demonstrativo que pode referir *in absentia*, ou seja, ausência de qualquer antecedente de seu referente e sem que ele esteja presente na situação de enunciação”, invocando, na verdade, as noções de Fraser e Joly (1980)¹¹⁹, a quem a expressão é atribuída. Em Apothéloz e Reichler-Beguélin (1999), esse tipo de dêixis aparece como uma das soluções encontradas para resolver o problema surgido pelo uso de demonstrativos indiretos ou associativos, já evocado por outros autores, embora com designação diferente¹²⁰.

Lyons (1977), por exemplo, ao tratar da dêixis e da anáfora no universo do discurso, chamava a atenção para a dificuldade de especificar com alguma precisão as condições que determinam a oposição dêitica assinalada por alguns demonstrativos e advérbios. O uso dessas formas, em suas investigações, revelou quando o falante está envolvido com a situação a que ele se refere ou quando busca identificar-se com o ponto de vista do destinatário.

O envolvimento subjetivo denotado entre os interlocutores e a busca pelo compartilhamento de experiência são noções que, por sua vez, denotam que a dêixis de memória tem por função dar indícios ao coenunciador de que ele precisa buscar o objeto

¹¹⁸ Um syntagme nominal démonstratif peut référer *in absentia*, c’est-à-dire en l’absence de toute désignation antécédente de son référent et sans que celui-ci soit présente dans la situation d’énonciation. (APOTHÉLOZ, (1995, p. 35).

¹¹⁹ Fraser, T., Joly, A. *Le système de la déixis. Endophore et cohésion discursive em anglais*. Modèles linguistiques, 2, 22-51, 1980.

¹²⁰ Autores citados por Apothéloz e Reichler-Beguélin (1999) - Lyons (1977), Kuno (1987) e Conte (1990) – *empathic deixis*; Kleiber (1990), “pensamento indicial.

referido em conhecimentos que os participantes da comunicação compartilham. São noções, portanto, que envolvem mecanismos cognitivos distintos referentes ao falante que, sem qualquer contexto explícito e valendo-se do uso de referência demonstrativa, dá ao destinatário a impressão de ele poder acessar um referente apenas evocado.

Cavalcante (2011, p. 113), a propósito da dêixis de memória, afirma que “é como se o demonstrativo fornecesse uma indicação linguística de que o campo dêítico saliente (porém não o único) para a localização do referente mencionado é o campo da memória, não apenas o da situação comunicativa, nem o do contexto”.

É da autora o exemplo a seguir.

[75] “Sabe aquele desejo incontrolável de ter alguma coisa que não dá para esperar até o mês que vem? O Sudameris sabe” (anúncio publicitário, veiculado em revistas, como a Veja. CAVALCANTE, 2011, p. 113).

Caso semelhante e também encontrado no mesmo tipo de publicidade é o exemplo [76], retirado do *corpus* desta pesquisa.

[76] Hoje, até **naquele lugar que você nem imagina** tem um Bradesco.
Há 70 anos, o Bradesco é presença por você.
(Propaganda do Banco Bradesco. Revista Veja. Edição 2312. Ano 46. Nº 11 de 13 de março de 2013).

Nos dois exemplos, as expressões dêíticas são *in absentia*, ancoradas no demonstrativo, procuram provocar no destinatário a impressão de que os objetos de consumo lhe são conhecidos: o poder adquirir algo pelas facilidades oferecidas pelas linhas de crédito do Sudameris; e poder contar com os serviços bancários do Bradesco em regiões pouco conhecidas e, possivelmente, com pouco atrativo comercial e financeiro.

Às vezes, nas expressões dêíticas de memória, a ancoragem do demonstrativo ocorre como uma relação indireta, conforme exemplo também retirado dos dados levantados para análise.

[77] **Ano do mensalão**

Sem dúvida, “2005 existiu, sim!”. Foi o ano em que eu e meu marido, Oldair – ele, filho de metalúrgico do ABC paulista, e eu, universitária da USP, tivemos nossa linda filha, Teresa. Aquela época, sabiamente, já havíamos nos desiludido com os líderes messiânicos do PT e não ajudamos a eleger seu representante maior nas duas eleições em que ele venceu. Felizmente, nós soubemos perceber o momento em que o PT se transformou **naquilo** que condenava e nos afastamos de sua ideologia confusa e falha.

Mantivemos, contudo, a esperança de que os brasileiros do futuro, como nossa filha, saibam fazer escolhas melhores e mais informadas.
(Georgia Pereira. Seção: Leitor. Revista Veja. Edição 2312. Ano 46. Nº 11 de 13 de março de 2013).

Para a recuperação do sentido provocado pelo dêitico de memória, o destinatário pode fazer uso do compartilhamento de suas experiências, ou seja, o conhecimento de que determinadas ações não se configuram representação de bom governo e, por isso, afastam os eleitores. Nesse caso, contudo, são deixadas algumas pistas essenciais para essa interpretação, tais como: “2005 existiu, sim!” (a transformação **naquilo** tem, para o falante, um marco, que ele espera seja recuperado pelo destinatário quando modaliza o tempo “existiu, sim!”); “mantivemos, contudo, a esperança”, indicando que a transformação **naquilo** não foi apenas a configuração de uma fase, mas a sua permanência.

O mecanismo da dêixis de memória, associado a demonstrativos ou NPs demonstrativos *in absentia*, se ajusta, assim, ao pensamento de Charolles (1990:129), para quem as ocorrências são possíveis apenas "sob algumas restrições específicas de natureza cotextual: existência necessária de pistas (mesmo que muito pequenas) como marcadores de fluxo de consciência, uma chamada a memórias ou experiências do destinatário”.

A investigação pretendida neste trabalho visa exatamete a análise do processo da dêixis na perspectiva da importância das pistas co(n)textuais, importantes para o reconhecimento das funções discursivas do processo da dêixis, tema a ser desenvolvido na próxima seção.

4 CAMINHOS DA MUDANÇA DÊITICA

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
 Não é motivo para não querê-las...
 Que tristes os caminhos, se não fora
 A presença distante das estrelas!*
 Mário Quintana

Neste capítulo, caminho por perspectivas de abordagem sobre os processos referenciais que me autorizem a falar sobre a dêixis, ancorada em saberes partilhados dos interlocutores – linguísticos, socioculturais e inferenciais, dentre outros, em diferentes contextos. Assim, fiz esse percurso em três segmentos: uma abordagem interacional, em que discuto aspectos meramente discursivos e aspectos discursivo-sociais; uma abordagem interdisciplinar e, finalmente, adentro no campo da narrativa, procurando entender o espaço da dêixis nesse universo.

No quadro inicial da Linguística Textual, a questão da dêixis era orientada mais por uma perspectiva da configuração do texto e, embora os interesses fossem menos evidentes que os voltados para a produção e interpretação da anáfora, seguia uma linha de análise com interesse voltado para a segmentação e sequencialidade do texto. Com os avanços da Linguística Textual e, em especial, com os da Referenciação, os trabalhos passaram a ter um enfoque em concepções mais representativas dos processos referenciais, visto que muitas das ocorrências punham em teste os conhecimentos empíricos e denunciavam a impossibilidade de definir, por exemplo, os processos anafóricos sob a base de propriedades puramente textuais, conforme exemplo de Apothéloz e Doehler (2003).

[78] **O novo ministro** não veio à recepção. Dizem que **ela** está doente.

[27] Drama do álcool [=título]

Eles bebiam muito e reclamavam também. Mas, sexta-feira à noite, **ele** pegou um lenço de seda e **a** estrangulou. (Presse, 1992, texte integral, annonce première Page)¹²¹.

Conforme comentário dos autores, os exemplos mostram que o processo de designação e de categorização não é realizado apenas pela menção do referente, isto é, o

¹²¹ *Le nouveau ministre* n'est pas venu à la réception. On dit qu'**elle** était malade (in. Tasmowski-de Ryck & Verluyten, 1985; discuté par Kleiber, 1990b, 40).

[27] Drame de l'alcool [=titre]

Ils buvaient beaucoup et se disputaient autant. Mais vendredi soir, *il* a saisi un foulard et *il l'a* étranglée.

que permite a compreensão da referência realizada não são os elementos linguísticos (concordância do SN com o pronome), mas a representação mental (reinterpretação do SN) no primeiro exemplo. No segundo caso, não há como discordar dos autores: “tout modèle qui ne ferait pas une place importante aux représentations et aux activités inférentielles qui sous-tendent l’activité de discours, serait inapte à rendre compte de ce type d’enchaînement discursif¹²²” (APOTHÉLOZ; DOEHLER, 2003, p. 111)

O desenvolvimento da linguística do discurso e o interesse crescente suscitado pelos modelos cognitivos ou por pragmáticas dos atos de comunicação impulsionaram não apenas os estudos sobre a anáfora, mas também os estudos sobre a dêixis, conforme já mencionado em capítulo anterior. A redefinição do funcionamento dos processos referenciais, conforme lembram os autores, se expressa sob diferentes etiquetas: memória discursiva com Berrendonner e Reichler-Béguelin (1989), modelo de discurso, Cornish (1987), memória episódica, Givón (1995), lembrança discursiva, Geluykens (2003), dentre outras denominações. O que se destaca nessas expressões é que fazem alusão ao discurso ou à ideia de representação da memória, ou seja, “ces expressions indiquent que les processus référentiels *ne peuvent être réduits ni à l’occurrence ou la co-occurrence de segments linguistiques dans un texte*¹²³” (grifo feito pela pesquisadora), aspecto a que o processo referencial dêítico, de igual modo, não pode ser reduzido.

Entender os processos referenciais, quer anafóricos quer dêíticos, exige, por essa perspectiva, a ancoragem em saberes partilhados dos interlocutores – linguísticos, socioculturais, inferenciais, dentre outros, em diferentes contextos. Em relação ao processo referencial dêítico, contudo, assim como Monticelli (2005a), vejo que as divergências, nas abordagens linguísticas da dêixis, quanto à forma como o contexto é selecionado, se estendem para a interpretação das expressões dêíticas. Kleiber (1986) manifesta igual posicionamento quando trata da localização do referente dêítico.

À luz de uma base teórica defensora de que a representação mental é construída pelas circunstâncias de enunciação, pelos esquemas de conhecimentos dos interlocutores e ainda pelo/no discurso (a partir do próprio discurso), apresento algumas

¹²² Qualquer modelo que não reservasse um lugar importante às representações e às atividades inferenciais que estão subjacentes à atividade do discurso seria inapto a levar em conta este tipo de encadeamento discursivo.

¹²³ Essas expressões indicam que os processos referenciais não podem ser reduzidos nem à ocorrência ou à co-ocorrência de segmentos linguísticos em um texto

das perspectivas que contribuíram para a noção de mudança dêitica e que também servem de base para a tese da recategorização dêitica.

Assim, neste capítulo, discuto três caminhos para a mudança dêitica, dois orientados por uma perspectiva de abordagem interacional, em que distingo duas dimensões: a das interações meramente discursivas e a das interações discursivo-sociais. Por interações meramente discursivas, defendo o entendimento do que poderia ser chamado também de “a dêixis no texto¹²⁴”, cujas estratégias de interpretação, guiadas por modelos cognitivos, se limitam ao espaço interior do texto. Por interações discursivo-sociais, defendo a dêixis na dimensão sociocultural do discurso, cujas estratégias de interpretação ultrapassam os limites interiores do texto, visto que são guiadas por modelos socio-cognitivos e interacionais.

Um terceiro caminho é discutido sob o enfoque de duas noções que manifestam interesse pelo aspecto de mudanças percebidas nas expressões dêíticas. A primeira noção trata da concepção de campo dêítico social em uma perspectiva interdisciplinar, a partir de Hanks (2008), que propõe abordar a dêixis segundo uma antropologia linguística. A outra advém dos estudos desenvolvidos por um grupo de pesquisadores em Ciência Cognitiva da Universidade de Nova York em Buffalo. Ampliado o foco de suas pesquisas e dada a preocupação com questões referentes à narrativa de ficção, os pesquisadores de Buffalo, atualmente conhecidos como Grupo de Pesquisa em Discurso e Narrativa, se voltaram para a compreensão da narrativa e o papel da mudança dêitica, denominando o modelo de estruturação narrativa utilizada pelo grupo de Teoria da Mudança Dêitica.

4.1 Perspectiva da abordagem interacional

Este item foi considerado em duas perspectivas: *dimensão das interações meramente discursivas*, em que discuto a atenção dada à dêixis em um centro dêítico orientado pelas coordenadas do texto e por uma abordagem mais cognitiva; e *dimensão das interações discursivo-sociais*, em que discuto a possibilidade de análise sociocêntrica da dêixis em uma abordagem sociocognitiva.

¹²⁴ O grifo deve-se à minha compreensão de que a dêixis, em algum momento dos estudos dos processos referenciais, fica restrita apenas a relações entre os elementos presentes no discurso.

4.1.1 Dimensão das interações meramente discursivas

A noção de *dimensão das interações meramente discursivas* sobre a dêixis compreende a fase de abandono à sua concepção mais estreita, corresponde, portanto, à fase de distanciamento da dêixis como mera identificação espacial e como mecanismo linguístico de ancoragem ao *eu, aqui, agora*.

A inclusão da percepção ou do ponto de vista do falante, nas ocorrências dêiticas feita por Fillmore (1984), pontuou tanto a distinção entre concepções dêiticas e não dêiticas como a concepção sobre o centro dêítico, ponto essencial para aspectos da mudança dêítica. Suas observações, contudo, foram mais bem exploradas, em estudos posteriores, no que diz respeito ao que é dêítico em um ato de comunicação, que mesmo ao motivo de certas ocorrências, em determinado ato de comunicação, se configurarem dêiticas. Como consequência maior desse fato e de outros semelhantes, o estudo da dêixis no texto deixava sem resposta uma questão fundamental: como podemos falar de dêixis como um ato de manifestação fora de uma comunicação interativa e como um contexto perceptual compartilhado? (MONTICELLI, 2005, p. 19).

Outra consequência, igualmente importante, diz respeito à subjetividade em função de determinados tipos de textos. Para Benveniste ([1966], 1991), por exemplo, os textos que pertencem à história (como narrativa ficcional e livros históricos) não manifestam a presença de qualquer subjetividade da linguagem, enquanto aqueles que pertencem ao discurso (como diários pessoais e autobiografias) se referem a um centro extratextual da subjetividade e admitem interpretação de expressões dêiticas tal como *eu, aqui e agora*. O próprio autor, por outro lado, chama a atenção para a problemática da distinção entre o tempo da história *versus* o tempo do discurso, quando admite que:

Cada vez que no seio de uma narrativa histórica aparece um discurso, quando o historiador, por exemplo, reproduz as palavras de uma personagem ou intervém, ele próprio, para julgar os acontecimentos referidos, se passa a outro sistema temporal, o do discurso (BENVENISTE, [1966], 1991, p. 267).

De acordo com o quadro definido pelo autor, entendo que a simbiose dos dois planos de enunciação também contribui para a noção da mudança dêítica, pois o que importa para a interpretação das expressões dêiticas é considerar o centro dêítico, quer em enunciação do discurso, quer em enunciação histórica, em que a do discurso é transposta em forma de discurso indireto.

Assumir, então, a instância da enunciação¹²⁵ ou do enunciado histórico conjugado com o enunciado discursivo em uma perspectiva de sincretismo equivale dizer que a análise dêitica pode ultrapassar os limites do texto. Na busca por novos caminhos, aponto a Semiótica greimasiana tradicional como uma possibilidade de estender esse ângulo de percepção, embora destaque que o estudo da dêixis no texto não pode seguir o posicionamento de extrema 'imanência estruturalista', crítica feita por estudiosos como Bertrand (2005).

Em síntese, Greimas e Courtés (2008) entendem a linguagem como um espaço intersubjetivo que se desenvolve em consequência dos mecanismos de *débrayage* e *embrayage*¹²⁶. O mecanismo de *débrayage* é responsável pela projeção dos actantes (não-eu=ele) e as coordenadas espaço-temporais (não-aqui e não-agora) dentro de um enunciado. O mecanismo contrário, chamado *embrayage* é uma operação secundária, que traz o enunciado de volta para um lugar imaginário da enunciação (eu, aqui, agora), criando a ilusão do assunto.

Assim, pelo mecanismo de *débrayage* actancial, são definidas algumas diretrizes, dentre elas: (i) o sujeito da enunciação nunca é manifestado no discurso enunciado; (ii) a categoria da pessoa (eu/tu) são actantes¹²⁷ da enunciação, a não-pessoa são actantes do enunciado; (iii) os tipos de *débrayage* (enunciativa e enunciva) distinguem as formas discursivas utilizadas. Na *débrayage* enunciativa, aparecem o “eu”, na narrativa, e sequências dialogadas; (iv) como se trata de um simulacro de enunciação, existem as formas de *débrayage* internas (graus menos importantes da presença do sujeito); (v) *débrayage* cognitiva

Vale salientar ainda que, segundo a posição dos autores, os mecanismos de *débrayage* temporal e espacial são processos de projeção, no momento do ato de linguagem e que toda *embrayage* pressupõe uma operação de *debreagem* que é *lhe* anterior, motivo pelo qual não comento as formas da *embrayage* actancial.

Uma contribuição teórico-prática para o estudo da mudança dêitica, embasada nos princípios teóricos de Benveniste ([1966], 1991) e de Greimas e Courtés (2008), é o trabalho de Fiorin (2010). O autor apresenta as categorias de pessoa, espaço

¹²⁵ Atribuo à expressão “instância da enunciação”, o sentido dado por Benveniste a “instâncias do discurso”, “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, [1966], 1991, p.277).

¹²⁶ Para Bertrand (2005), a primeira operação [debreagem] da configuração da linguagem aparece, assim, claramente, como uma negação da dêixis.

¹²⁷ O termo actante está sendo considerado na acepção de seres que participam do processo de comunicação, visto que no interior do discurso enunciado os autores fazem distinções.

e tempo no formato seguinte: Da pessoa: demarcada, multiplicada, transformada, subvertida, transbordada e desdobrada. Do tempo: dominado, demarcado, sistematizado, transformado, harmonizado, subvertido e desdobrado. Do espaço: dominado, demarcado, sistematizado, transformado, subvertido, desdobrado.

Alguns desses aspectos são aqui destacados para efeito de diálogo com outras abordagens. Outros poderão ser introduzidos em relação a demais itens que constituem também este capítulo.

Pessoa demarcada

Para a noção de pessoa demarcada, Fiorin retoma as noções de Benveniste sobre pessoalidade e reversibilidade, e as de actantes da enunciação e do enunciado de Greimas e Courtés. Além do aspecto de pluralização das formas *nós* e *vós*, Fiorin destaca o papel dos adjetivos possessivos. Os efeitos da pluralização da forma *nós*, inclusivo e exclusivo, dizem respeito não apenas à categorização dos dêiticos, mas também à sua recategorização ao longo do discurso, conforme dados apresentados no Capítulo 4, das análises desenvolvidas nesta tese.

Nos dados analisados por Monticelli (2005b), o autor aponta o exemplo [28] como um caso semelhante ao de *pessoa demarcada*, conforme posto por Fiorin.

[79] He already heard Lif coming around the corner to block him and he ran as if his life were at stake – in fact, he knew it was.
Oh, **you** Minnesota travelers, if **you** only knew what **is happening** in **your** grey house by the sea **tonight**. A terrified boy with emeralds around his neck **running** between the houses with a robber hot on his trail (MONTICELLI, 2005b, p. 214)¹²⁸.

Para o autor, análise para a qual firmo o mesmo entendimento, a forma de endereço direto projeta no texto o *eu* da posição enunciativa, como um *eu* ou mais precisamente como um plural *nós*, em contraste com o plural *vocês* como um destinatário. Isso se explica por que a posição enunciativa que os leitores estão olhando não pode ser a da terceira pessoa do narrador, o que significa que um novo sujeito de

¹²⁸ Trecho explicativo do exemplo: Começa com uma terceira pessoa narrativa no pretérito passado, que é fortemente focado em Rasmus. Junto com Oscar, ele se esconde de dois ladrões (Lif e Liander) no vilarejo Swedish, cujos habitantes emigraram para a América. Quando Lif e Liander encontram os dois heróis, Lif começa perseguindo Rasmus e essa perseguição se estende pelo vilarejo. Na narração uma súbita transição do uso do tempo presente toma lugar, com um endereço direto fora as aspas de discurso direto.

[28] Ele já ouviu Lif chegando ao virar a esquina para bloqueá-lo e ele correu como se sua vida estivesse em jogo - na verdade, ele sabia que era.

Oh, **vocês**, viajantes de Minnesota, se **vocês** soubessem o que **está acontecendo** em **sua** casa cinza junto ao mar **hoje à noite**. Um menino apavorado com esmeraldas ao redor de seu pescoço correndo entre as casas com um ladrão na sua trilha.

enunciação deve ser responsável pela afirmação. Para a hipótese de o leitor pensar que houve a simples mudança de terceira para a primeira pessoa, o que o autor chama de “impulso súbito de comunicabilidade”, ele defende que “é ainda mais útil postular uma nova posição enunciativa, que deva ser responsável pela introdução no texto de um novo sistema dêitico” (MONTICELLI, 2005b, p. 214).

No quadro apresentado por Fiorin (2010), encontra-se a denominação *pessoa subvertida*, e os casos ali analisados se configuram particularidades do jogo singularidade/pluralização do *eu*. Não comungando com a ideia do autor de “dois espaços de análise”, dialogo com sua contribuição para as diferentes formas levantadas em *pessoa subvertida*, no âmbito mesmo da *pessoa demarcada*.

Uma forma de subversão é o uso da terceira pessoa pela primeira do singular, em que o Papa toma a palavra, referindo-se a si mesmo não com a primeira pessoa do singular, mas a terceira.

[80] O Papa João Paulo II se despediu ontem dos brasileiros, depois de uma visita de dez dias a dez capitais, com votos de que o Brasil se torne uma nação próspera e digna, respeitosa dos valores fundamentais da pessoa humana:

- *O Papa* leva no fundo do coração o desejo e a esperança de que a Nação brasileira trilhe sempre a senda da valorização da dignidade do homem – disse. (O Globo, 22/10/1991, p. 7. In: FIORIN, 2010, P. 85)

Nos dados analisados por Monticelli (2005b), também há registro dessa forma de subversão, em que a personagem Oscar também se refere a si na terceira pessoa. A diferença entre os dois casos é que em [80] a presença do *eu* é representada no discurso direto, enquanto em [81], a representação é pensada.

[81] When he reached the edge he flung the gun into the sea and a shiver of loathing went through his body. As soon as he had done it **he realized** that it might have been the wrong thing to do. Oscar might need it to defend himself with. But it **was** too late **now**. (*Rasmus*, chapter 10; 2374 EN-2378EN¹²⁹. MONTICELLI, 2005b, p. 206)

¹²⁹ O número corresponde à numeração das sentenças no *corpus*. [81] Quando ele chegou à beira arremessou a arma para o mar e um arrepio de repugnância atravessou seu corpo. Assim que ele fez isso, ele percebeu que poderia ter sido a coisa errada a fazer. Oscar podia precisar dele para se defender. Mas já era tarde demais.

O exemplo acima do autor reforça a tese de discurso representado e pensado, anteriormente levantada por Banfield¹³⁰, e oferece as ferramentas para uma crítica ao egocentrismo de Bühler e um passo em direção à noção de mudança dêitica. Para explicar a mudança evidente do centro dêítico, Banfield recorre ao “ponto de vista da terceira pessoa”, que ela chama um *eu*, o repositório de subjetividade ou consciência do sujeito. As sentenças de discurso representado e pensado podem ser interpretadas não como comunicação nem tampouco como a “representação de uma voz”, mas como algo que revela uma possibilidade do uso de linguagem que permanece oculta no discurso. Essas sentenças suportam uma função expressiva e são tratadas por Banfield de forma geral como um nó sintático.

Through narrative, language is revealed to contain another sense of subjectivity than the one directly displayed by the act of saying T. The particular expressive elements and constructions are in the sentences in which they appear the traces of this subjectivity. When they are no longer spoken but are represented, than the SELF, through the E to which it is referred, can be seized in its own right. (BANFIELD, 1982:90-91, *apud* MONTICELLI, 2005, p. 207)¹³¹.

O posicionamento de Banfield traz importante contribuição à tese da recategorização dêitica, aqui esboçada, no que diz respeito à egocentricidade da *origo* e ao fato de a dêixis ser mostrada como um fenômeno que ocorre no texto, mas que pode ser ligado a diferentes *origo*, desde que geradas por um *eu* que se posiciona no discurso em um contexto de comunicação, cujos participantes compartilham dados perceptivos.

Pessoa multiplicada

A noção de *pessoa multiplicada* encontra um eco no dialogismo proposto por Bakhtin ([1992], 2011), cuja temática estabelece comunicação com a noção de

¹³⁰ Ann Banfield, ao lado de Hamburger, Kuroda, Wiebe e Galbraith, são citados por Duchan, Bruder e Hewitt (1995) como teóricos da narrativa que influenciaram inúmeros trabalhos na área da Subjetividade em Narrativa. O trabalho de Ann Banfield corrobora com o de Hamburger e Kuroda e diz que a distinção entre narrativa *reportive* e *nonreportive* existe na gramática do inglês sobre discurso relatado. Banfield passou a mostrar que a sintaxe do estilo literário conhecida também como discurso indireto livre, *erlebte Rede* (discurso vivido) ou discurso e pensamento representado, não é permitido em contextos não narrativos.

¹³¹ Por meio da narrativa, revela-se que a linguagem contém outro sentido de subjetividade, além do que é indicado diretamente pelo ato de dizer T. Os elementos expressivos particulares e construções estão nas frases em que aparecem os traços dessa subjetividade. Quando eles em vez de falados são representados, o EU, por intermédio do E para o qual ele é referido, pode ser apreendido em si mesmo.

diferentes centros discursivos presentes no texto. De fato, torna-se difícil discordar do autor quando ele diz que:

Se eu narrar (ou escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro, como *narrador* (ou escritor), fora do tempo-espço onde o evento se realizou. É tão impossível a identificação absoluta do meu “eu” com o “eu” de que falo como alguém suspender a si mesmo pelos cabelos. O mundo representado, mesmo que seja realista e verídico, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real representante, onde se encontra o autor-criador dessa imagem (BAKHTIN, 1988, p. 360)

Embasado na obra de Genette, *Nouveau discours du récit*, Fiorin (2010) endossa a ideia de que só o autor implícito pertence ao campo da teoria da enunciação e, a propósito de como as vozes aparecem, retoma Greimas e Courtés (2008) para os níveis da hierarquia enunciativa.

No primeiro nível, o enunciador e o enunciatário são os actantes implícitos da enunciação. O segundo nível comporta o destinador e o destinatário ou, na linguagem greimasiana, narrador e narratário. O terceiro nível instala-se quando o narrador dá voz a um actante do enunciado, operando uma debreagem de segundo grau, conforme exemplo a seguir:

[82] Ela pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:
 - Mana Glória, pois um tamanhão destes tem medo de besta mansa?
 - Não está acostumado.
 - Deve acostumar-se. Padre que seja, se for vigário da roça, é preciso que monte a cavalo; e, aqui mesmo, ainda não sendo padre, se quiser florear como os outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, mana Glória.
 - Pois que se queixe; tenho medo.
 - Medo! Ora, medo! (ASSIS, Machado, 1979, v. 1, p. 815. In: FIORIN, 2010, p. 68)

No trecho acima, retirado do romance *Dom Casmurro* e narrado em primeira pessoa, o narrador delega a palavra a dois actantes do enunciado, um *eu* e um *tu*, com papéis reversíveis na comunicação e marcados por travessão.

Ainda nesse nível, é possível, dentre outras formas de permutar as vozes e a presença do *eu* dêitico, um enunciado de um narrador e um enunciado de um locutor, ambos ditos pelo primeiro.

Uma das amas, parece que de Pedro, sabendo daquelas ânsias e conversas, perguntou a Natividade por que é que não ia consultar a cabocla do Castelo. Afirmou que ela adivinhava tudo, o que era e o que viria a ser; conhecia o número da sorte grande, não dizia qual era nem comprava o bilhete para não

roubar os escolhidos de Nosso Senhor. Parece que era mandada de Deus (ASSIS, Machado, 1979, v. 1, p. 960. In: FIORIN, 2010, p. 70)

O narrador atribui voz a uma das amas que é interlocutora da personagem Natividade e, por conseguinte, se torna locutora na fala do narrador.

O modelo greimasiano encontra oposição em Bertrand (2005), para quem a quase sinonímia entre *dêixis* e *embrayeur*, mencionada por outros autores como, por exemplo, Charaudeau e Maingueneau (2004), é alterada pela primazia de *débrayage* sobre *embrayage*, o que leva, dentre outras consequências, a reconsiderar o estatuto da *dêixis* em um quadro mais amplo das operações enunciativas; a concluir que as expressões da subjetividade da fala são submetidas à condição prévia de um *débrayage* fundador que torna possível a manifestação; e, mais grave, a rever o universo discursivo da não pessoa, que aparece como uma “méta-personne” ou “proto-personne”, indispensável à formação e à emergência do “eu”.

Em contrapartida, o autor propõe que a dimensão emocional e sensível da subjetividade dêitica pode ser restabelecida através de uma análise fenomenológica da percepção, o que ele denomina de “iconisation/iconicidade”. Segundo Bertrand, é essa espécie de enunciação perceptiva que constrói experiência como o conjunto de possíveis modificações da relação entre o sujeito e o objeto. Da análise feita neste artigo, o autor mostra como ícones textuais de percepção podem, por vezes, tornar-se fontes (instâncias) de discurso. Demonstra ainda como é possível apreender a força dêitica na hierarquia dos três modos de articulação do sentido discursivo: programação narrativa, textualização e rememoração. Enfim, a contribuição do autor para o quadro da mudança dêitica se traduz pelas reflexões feitas sobre a *dêixis* quanto à subjetividade e à referencialidade.

Conforme ficou explicitado neste item, a perspectiva de uma *dimensão das interações meramente discursivas em relação à dêixis* permite aceitar a enunciação como cenário de sustentação e de análises às mudanças das expressões dêíticas no discurso. Assim, o surgimento de um sistema dêítico faz supor um sujeito de enunciação, que ocupa uma posição no discurso, um aspecto que considero relevante ao sistema egocêntrico de coordenadas como inicialmente aparece em Bühler. Esse sujeito, então, na *dimensão das interações meramente discursivas*, pode ser identificado no próprio discurso, nas coordenadas de um centro dêítico definido no texto. Isso não significa, no entanto, que um centro dêítico textual seja suficiente para explicar todas as manifestações das categorias de pessoa, espaço e tempo.

4.1.2 Dimensão das interações discursivo-sociais

O sentido da expressão *dimensão das interações discursivo-sociais* tem como ponto de chegada a problemática da referência, sob a influência de correntes que dedicam mais atenção às interações sociais ‘situadas’ e que buscam sistematicamente integrar à sua problemática dimensões situacionais, sociais e praxeológicas das atividades languageiras. Como ponto de partida, essa dimensão significa, de um lado, uma visão de afastamento da noção estrita de dêixis, orientada por uma concepção egocêntrica e estável. De outro lado, uma visão que se assenta em uma concepção sociocêntrica.

Contudo, para compor um quadro teórico que facilite entender este percurso – da concepção egocêntrica à sociocêntrica – torna-se indispensável rever alguns conceitos.

A interação aparece no cenário das relações sociais como algo inerente ao homem. Como ensinou Vygotsky (1984), tudo o que é especificamente humano origina-se nas relações sociais, pois o homem nasce em um mundo, socialmente determinado, em que são partilhados o modo de viver, pensar e agir. Dessa maneira, não causa estranhamento pensar a importância da interação para a aquisição do conhecimento e das práticas sociais. De igual modo, não deve causar surpresa o fato de as práticas sociais poderem conduzir a novas formas de interação, como é o caso da mudança do centro dêitico egocêntrico para o sociocêntrico.

Assim, estudos linguisticamente orientados para a interação, como o interacionismo social, têm como objetivo revelar tanto padrões linguístico-discursivos como padrões estruturais e funcionais das organizações sociais.

Para Bronckart,

A abordagem interacionista dos sistemas semióticos pode certamente aproveitar-se, para uma primeira análise, das inúmeras descrições das estruturas e das unidades das línguas naturais. Mas, devido a seus postulados fundadores, se impedem de considerar os fatos de linguagem como traços de condutas humanas socialmente contextualizadas. É então às abordagens que integram essas dimensões psicossociais que o interacionismo se refere. (BRONCKART, 1999, p. 23)

Por outro lado, penso que as análises devem levar em conta recursos e estruturas que os participantes de uma interação tornam relevantes na forma como conduzem a interação. Por este prisma, torna-se possível empregar o conceito de dêixis

diretamente na análise de fenômenos textuais, reconsiderando a distinção tradicional entre o discurso situacional (a interação *eu/tu* em relação ao tempo e ao espaço físico) e o discurso narrativo (a interação entre diferentes pares de *eu/tu*), e também na análise de fenômenos psicossociais do discurso socialmente contextualizado.

Nessa concepção, contudo, as formas dêiticas continuam a ser o traço de união entre um determinado enunciado e o contexto necessário para a sua interpretação. Dessa forma, o contexto para a interpretação de dêiticos passa a ser pensado tanto como o extralinguístico do mundo físico, ou o tipo de construção linguística nomeada *cotexto*, como contexto do mundo sociocultural e histórico. Isso corresponde a admitir a existência de diferentes centros de orientação dêitica do orador egocêntrico. Ou seja, as expressões dêiticas passam a ser interpretadas por diferentes traços e não mais apenas pelas manifestações linguísticas e mostrativas.

Para contexto do mundo sociocultural e histórico, encontro em Charaudeau e Maingueneau (2004) uma descrição que revela as condições de interpretação para as expressões dêiticas. Segundo os autores, o contexto não-linguístico, focado de maneira estrita, faz sobressair o quadro espaciotemporal e a situação social dos quais fazem parte a troca comunicativa, seus participantes (vistos quanto às suas características, *status*, papéis e a relação que mantêm entre si), o tipo de atividade e as regras sociais que as regem. Por regras sociais, devem ser entendidos os contratos de comunicação e os *scripts* da interação. Conforme já ressaltai em outro espaço deste trabalho, a dêixis social se ajusta perfeitamente neste paradigma na visão egocêntrica, ou seja, se limita aos fenômenos de polidez tradicionalmente tratados sob esta etiqueta. Em uma visão sociocêntrica, a dêixis social se inscreve na própria atividade de referir, na medida em que os locutores, servindo-se de expressões dêiticas, tornam mutuamente evidente a compreensão das identidades sociais pertinentes para a interação Hausendorf (1995), conforme citação de Apothéloz e Doehler (2003).

O contexto, focado de forma abrangente, faz sobressair o aspecto institucional, e se apresenta, portanto, como uma série sem fim de encaixes, ou dito de outra forma, conjuntos do mundo físico e do mundo social. Na Linguística Antropológica, a produção do discurso é concebida dentro dos encaixes do mundo social e pelas posições dos agentes em um campo social. Isso equivale dizer que o campo social coloca restrições a quem tem acesso aos papéis participantes. A autoridade de falar de determinados modos e de especificar outros é restrita, e a capacidade de monitorar o outro é um direito seletivo ou até mesmo uma

responsabilidade, e não uma mera condição existencial, conforme disposto em Hanks (2008).

As noções sobre contexto de Charaudeau e Maingueneau (2004) encontram um traço de similaridade na forma como Bakhtin ([1929], 1992) vê esse fato. As relações entre os parceiros da enunciação, estruturadas e determinadas pelas formas de organização e de distribuição dos lugares sociais, são consideradas pelo autor como *esferas comunicativas*. Essas esferas dividem-se em dois grandes estratos: as *esferas do cotidiano* (familiares, íntimas, comunitárias etc), onde circula a *ideologia do cotidiano*, e as *esferas dos sistemas ideológicos constituídos* (da moral social, da ciência, da arte, da religião, da política, da imprensa etc). Nos princípios da Linguística Antropológica também se encontra a voz de Bakhtin quando admite que, em cada uma das esferas comunicativas, os parceiros da enunciação podem ocupar determinados lugares sociais – e não outros – e estabelecer certas relações hierárquicas e interpessoais – e não outras.

Para os participantes (inter)agirem socioculturalmente alguns conhecimentos se fazem necessários. Koch e Elias (2006) afirmam que, na produção de sentido, o leitor/ouvinte coloca várias estratégias sociocognitivas em ação e mobiliza vários tipos de conhecimentos armazenados na memória. As autoras ratificam alguns desses conhecimentos, já adotados pela literatura, dando ênfase aos conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais. Na apresentação desses tipos de conhecimento, as considerações feitas seguem o modelo de abordagem empregado por outros autores. Merece, entretanto, destaque o conhecimento interacional para os propósitos da discussão aqui efetivada.

Para as autoras, o conhecimento interacional refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos: ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural (KOCH; ELIAS, 2006, p. 45).

O conhecimento ilocucional diz respeito à competência pragmática do produtor do texto, visto que é esse conhecimento que permite o reconhecimento dos objetivos pretendidos, em dada situação interacional, conforme as falas de uma tirinha, apresentada como exemplo pelas autoras, em que um pai lê para um filho antes de dormir.

[83] Era uma vez...

- Peraí.

- O que foi?

- Esse livro é *best-seller*? O autor ganhou o *Pulitzer*? O *New York Times* recomendou?

- Eu só quero ouvir histórias que sejam consagradas. Quem escreveu a orelha desse livro?
 - Bem... “era uma vez um moleque chato que passou a ir dormir sem ouvir histórias”
 - Fizeram um filme desse livro? Daria pra gente ver o vídeo?
- (O Estado de São Paulo, 6.set.2004. In: KOCH; ELIAS, 2006, p. 47)

As autoras, ao comentarem a tirinha, lembram que a produção de sentido pode dar-se também pela falta de conhecimento ilocucional. Fato comprovado na última fala do garoto mencionado no exemplo. O conhecimento ilocucional também pode se estender às expressões dêiticas. No caso, e de acordo com Bakhtin ([1970], 2010), na bivocalidade, observada na última fala do pai.

As demais formas de conhecimento que integram o conhecimento interacional dizem respeito também a determinadas competências. A competência situacional requer, na descrição feita por Koch e Elias (2006), conhecimento comunicacional, isto é, conhecimento em relação à situação em que se dá a comunicação e ao parceiro no ato comunicativo. A competência linguística implica no conhecimento metacomunicativo que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que o texto é produzido, e, finalmente, o conhecimento superestrutural é essencial para a competência textual.

Para as autoras (p. 56), “os conjuntos de conhecimentos, socioculturalmente determinados e vivencialmente adquiridos, sobre como agir em situações particulares e realizar atividades específicas vêm a constituir o que chamamos de frames, modelos episódicos ou modelos de situação”. Fica evidenciado que Koch e Elias (2006) utilizam-se de modelos do paradigma cognitivo para interpretação da referência.

Não obstante as tentativas e as contribuições dos estudos do paradigma cognitivo sobre a referência na dimensão discursiva, a questão da dinâmica do discurso continuava sem uma explicação mais completa, que desse conta de algumas lacunas observadas. O arcabouço dos modelos de apoio à relação entre informação dada/nova, às formas de acessibilidade ou à sequenciação de elementos, como pretendida pela Teoria da Representação do Discurso, era insuficiente para responder a fatores relacionados à dinâmica da interação social que intervêm na dinâmica do discurso.

Apothéloz e Doeler (2003) também destacam esse quadro e salientam que as contribuições para essa forma de abordagem aos processos de produção e interpretação da anáfora e da dêixis advêm de correntes inspiradas na análise da conversação etnometodológica e guardam entre si alguns pontos de convergência como: (i) a

inteligibilidade das operações de designação não pode ser validamente descrita fora da totalidade do quadro da interação; (ii) os referentes são produtos das atividades conduzidas pelos participantes, configurados e reconfigurados através dessas atividades; (iii) a referência é resultado de uma negociação; (iv) a referência como processo requer que o contexto se torne parte constitutiva dos fenômenos observados.

Para os autores, apesar da contribuição considerável do paradigma cognitivo-informacional, delineado no item 3.1.1 desta pesquisa como *dimensão das interações meramente discursivas*, muitos dos trabalhos foram guiados por uma perspectiva que se caracterizava por algumas limitações tais como: (i) os dados são quase sempre *monologales*¹³²; (ii) não há concordância quanto ao papel da atividade de discurso na sua dimensão situacional, social e interacional. Nessa crítica, evidencia-se o fato de que os dados escritos desempenham um papel preponderante, desde que não limitados a uma linguística “de cabinet”, cujos exemplos forjados “neutralizam os parâmetros contextuais e colocam no centro de sua prática de pesquisa uma confiança absoluta na introspecção e nas intuições da aceitabilidade¹³³” (APOTHÉLOZ; DOEHLER, 2003, p.112).

A compreensão de que é abordagem interacional dos processos referenciais, acompanhando o que foi acima salientado pelos autores, requer, por sua vez, o entendimento sobre outros conceitos e postulados, tento, no parágrafo seguinte, entender o elo que se forma entre a base de inspiração dessa abordagem e a tese da mudança dêitica.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2010, p. 20), o termo “etnometodologia deve-se a H. Garfinkel, a partir do modelo de etnobotânica e de outras etnociências, que trata de descrever os métodos (procedimentos, saberes e técnicas) que os membros de uma dada sociedade utilizam para gerir problemas comunicativos”. Por essa definição, depreendo, na esfera da língua, que é um estudo de base sociológica, cujos ‘métodos’ os membros de uma sociedade se utilizam para tornar compreensíveis suas práticas sociodiscursivas. Por esse viés, um estudo, então, que abarca as possibilidades de o

¹³² A expressão *monologales*, empregada pelos autores, tem o sentido de dialogais, no interior da qual aparecem as expressões referenciais

¹³³ (...) neutralisant les paramètres contextuels et plaçant au centre de sa pratique de recherche une confiance absolue dans l'introspection et les intuitions d'acceptabilité (APOTHÉLOZ; DOEHLER, 2003, p.112).

sistema linguístico, dentro de uma organização social, permitir a interação entre os falantes. Em alargamento dessa compreensão, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 281) acrescentam que interação é “um processo de influências mútuas que os participantes exercem uns sobre os outros na troca comunicativa”. De conformidade com tais noções, o discurso pode ser considerado o lugar onde se dá a interação e onde os participantes negociam os seus jogos de linguagem. Afinal, a ação social é um princípio originado na natureza da própria linguagem, da mesma forma que a linguagem emerge da tentativa de realização de atividades conjuntas.

O termo negociação pode ser concebido de várias formas. Aparece significando ora um processo interacional, que envolve desde o momento em que surge uma discordância entre os interlocutores ao da supressão da discordância, ora um tipo específico de interação como, por exemplo, negociação comercial, negociação entre patrão e empregado. A noção de negociação é central para a análise das conversações consideradas como construções partilhadas e coletivas, que supõem o estabelecimento de uma espécie de contrato sobre as regras dos jogos de linguagem, entre os participantes da conversação.

Esses acordos não são sempre dados de uma só vez, e é somente ao preço de uma bricolagem interativa incessante que os interactantes chegam a construir juntos um “texto” um tanto quanto coerente, pois o funcionamento das conversações repousa sobre regras imprecisas e normas flutuantes. Essa imprecisão das regras torna as negociações necessárias, mas poder-se-ia dizer também: esta imprecisão é necessária para permitir as negociações, isto é, a adaptação tateante ao outro e às particularidades de seu universo cognitivo e afetivo para permitir a subjetividade. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 346)

O posicionamento de Kerbrat-Orecchioni (2010) interessa mais de perto à questão da dêixis, visto que a autora, entre outras formas negociáveis como o *script* geral da troca, a alternância dos turnos de fala, as opiniões expressas, inclui a relação interpessoal, em particular o emprego do *tu* e do *vós* e outras formas de tratamento.

A ideia de “construir um texto um tanto quanto coerente”, mencionada por Charaudeau e Maingueneau e enfocada por Marcuschi (2007), diz respeito também às noções de negociação e de interação. Marcuschi, ao tratar da coerência e cognição contingenciada, ressalta que a coerência não é algo que possa ser identificado localmente no texto, é algo dinâmico e não estático, algo que estaria mais na mente do que no texto. Não é possível ter uma noção representacional de coerência já que ela é

essencialmente um processo. Dentre os tipos de noção dados à coerência, Marcuschi diz:

Noção interacional: é a perspectiva que não concebe a coerência como uma propriedade do texto nem como um processo inferencial apenas, mas como uma construção resultante do trabalho colaborativo do ouvinte/leitor no ato de co-produção do texto oral interativamente. A operação de produção de coerência não é um ato puramente individual mas coletivo (...). O sentido passa a ser uma construção social realizada na comunicação. Aspecto central para explicar a coerência nesta visão é a coordenação de ações pelo autor, que simula movimentos interativos com seu interlocutor, oferecendo-lhe pistas para processamento. (MARCUSCHI, 2007, p. 15)

A concepção sobre negociação, aqui esboçada, firma-se na premissa de que ela ocupa um lugar central na produção e na interpretação de um texto, visto que os parceiros de um ato de comunicação, para efetivá-la, lançam mão de múltiplos conhecimentos e vivências. Este quadro, por outro lado, confirma o princípio de que os processos de referenciação, dentre os quais figura o da dêixis, são igualmente negociados.

Em suma, a mudança dêitica em uma perspectiva da interação social sofre influência da análise conversacional que começou a se desenvolver, a partir dos anos 80, como uma abordagem que insiste na natureza colaborativa de processos referenciais e na sua ancoragem na organização social e sequencial do discurso (APOTHÉLOZ; DOEHLER, 2003).

Na perspectiva de uma *dimensão das interações discursivo-sociais*, a produção do sentido das expressões referenciais dêiticas não é feita apenas a partir das categorias linguísticas dadas *a priori*, ou seja, presentes na concretude do texto, mas também a partir das interações e negociações. Esse carácter social da dêixis rompe as fronteiras do estritamente linguístico e passa a ocupar a atenção de outras áreas, aspecto que será discutido no próximo item.

4.2 Perspectiva interdisciplinar

Um dos eixos da Linguística Interacionista é a interdisciplinaridade decorrente da complexa interface linguagem e interação. As bases teóricas para fundamentar esta proposta podem ser encontradas, fundamentalmente e de forma bastante genérica, na sociologia, em Goffman, Sacks e Garfinkel; na etnografia da

comunicação, em Hymes e Gumperz, conforme Chareaudeau e Maingueneau (2004); nos estudos de Bakhtin e na psicologia social de Vygotsky, conforme Bronckart (1999). Morato (2004) acrescenta que, em sentido amplo do termo, podem ser considerados interacionistas domínios da Linguística como: a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Análise da Conversação, a Linguística Textual, a Análise do Discurso.

A Linguística Antropológica, base utilizada para as reflexões do presente item, defende a crença de que a interação social é o lugar a partir do qual se deve pensar a constituição e o uso da linguagem. A partir desses fundamentos, é possível admitir-se um funcionamento interacional das expressões dêiticas em que o locutor, ao utilizar essas expressões, não apenas pratica o ato de referir, mas torna pertinentes as categorias sociais geradas na e para a interação.

De acordo com a teoria das práticas sociais, por exemplo, os sujeitos, ao se situarem para resolver a referência indicial, seriam forçados a olhar para além do campo de copresença, atitude requerida também para o entendimento dos enunciados.

Isso significa que situar a dêixis no âmbito da Linguística Antropológica é dar ao campo dêitico uma nova configuração, em que as posições dos agentes comunicativos em relação aos enquadres de participação que ocupam na sociedade contribuem para a escolha das expressões dêiticas. Significa ainda que, quando da produção de enunciados sob a orientação de um campo dêitico social, a interpretação exige ser olhada com as mesmas lentes.

Um conceito muito recorrente na teoria da prática é o de contexto. Segundo Hanks (2008), duas dimensões estão presentes na noção de contexto: a emergência e a incorporação. A emergência do contexto envolve aspectos que dizem respeito à interação em copresença, ou seja, em tempo e espaço comuns aos participantes, sujeitos sócio-historicamente engajados em uma prática social. A incorporação é um conceito advindo das análises da conversa e da sociolinguística interacional e pressupõe a ideia de que o que nos cerca faz parte de nós. A essa noção se ligam conceitos como *enquadre* e *centração*. O primeiro é definido com base na fala em interação, enquanto o segundo, no âmbito do discurso, trata dos gêneros em seu contexto indicial. A centração indicial responde pela articulação da dêixis, enquanto recurso semiótico, em campos sociais mais amplos. Nesse sentido, a incorporação converte posições abstratas como falante, destinatário, objeto e o espaço de vida dos enunciados, em posições às quais o poder, o conflito, o acesso restrito e outros traços dos campos sociais se vinculam.

Por essa perspectiva, o *eu/aqui/agora* do campo dêitico social se explica por algumas coordenadas. Cenários e campos (de)mostrativos¹³⁴ são traçados para se projetarem em novos cenários e campos, pelo processo das incorporações.

O espaço, portanto, não mais definido apenas pela percepção visual dos participantes, mas fundado na interação social, considerando que “as pessoas falam umas com as outras em diversos cenários, de modo que suas interações podem ser face a face, mediadas, dialógicas e multidimensionais” (HANKS, 2008, p. 220). A temporalidade, fundada nos alicerces da interação social, também apresenta outras características, pois cada enunciado no nível do campo demonstrativo é incorporado e consequentemente transformado na história mais geral do campo (p.190).

De forma prática, Hanks entende que:

1. Os campos sociais podem determinar, ou mesmo restringir, a referência de enunciados dêíticos;
2. A produção de sentidos das expressões dêíticas no campo dêitico social, além dos meios de indicialidade e de referenciação, se firma nas posições ocupadas por agentes individuais e coletivos;
3. As expressões dêíticas das práticas comunicativas, organizadas no próprio campo de ação social do sujeito e incorporadas a outro(s) campo(s), estão sujeitas a transformações;
4. A análise da dêixis pode ser realizada em um “quadro teórico misto” (HANKS, 2008, p. 224), em que tendências da egocentricidade bühleriana sejam combinadas à centralidade da interação das práticas sociais, desde que tais tendências não sejam argumentadas contraditoriamente;
5. A dêixis é um meio de demonstrar como a língua incorpora o contexto. Os dêíticos ajudam a formular o cenário, orientando a atenção dos agentes ao indicarem o que é relevante e ao operarem delimitações temáticas e referenciais.

O fato de a dêixis ser parte constitutiva do discurso e de poder ser analisada conforme coordenadas de um campo dêitico social redimensiona o caráter do próprio discurso como prática social e descortina a possibilidade de outras análises do discurso dentro de uma abordagem multidisciplinar. Por outro lado, o entrelaçamento de interações sociais, em diferentes instâncias sociais e com diferentes propósitos que

¹³⁴ O autor emprega o termo demonstrativo. Pela relação com os estudos de Bühler, entendo que, neste trabalho, ‘mostrativo’ se aplica melhor. Contudo, dado o caráter específico da área, fiz a ‘adaptação’.

caracterizam a prática social discursiva, serve tanto de chão para a mudança recategorizadora da dêixis como de espaço para estudo de outros fenômenos de enunciação constituídos dialógica, histórica e ideologicamente.

4.3 Perspectiva narrativa

A discussão feita neste item, em que coloco a perspectiva narrativa como um dos caminhos que asseguram chegar à recategorização dêítica, não está pautada em teorias específicas da narrativa, ou seja, em estudos que tenham pretendido encontrar uma “gramática” da narrativa. Funda-se antes, e indiretamente, no embasamento ou talvez apenas na influência, de autores como Ann Banfield, Käte Hamburger e S.-Y Kuroda aos quais é devido o termo Modelo de Mudança Dêítica, usado para referir à tese de que o campo dêítico é constituído em uma base diferente na narrativa ficcional, que em comunicação e em outras situações de linguagem.

A escolha pela expressão *perspectiva narrativa* deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que os textos que analiso têm prioritariamente sequências narrativas e ainda porque a quase totalidade dos autores pesquisados faz referência às obras destes estudiosos da narrativa e orienta suas análises a partir também de textos narrativos. Sigo, assim, o pensamento de Segal (1995), Galbraith (1995), Zubin e Hewitt (1995), Monticelli (2005b), Barbéris (2005) dentre outros, cuja preocupação é estabelecer um novo quadro teórico de análise para a dêixis.

Segal, Galbraith, Zubin e Hewitt seguem uma linha de trabalho focada no processo de interpretação de texto narrativo e na representação mental que pode resultar desse processo. Dentre as metas estabelecidas em seus estudos, os autores incluem a identificação do conhecimento que um leitor deve levar a um texto, a fim de entendê-lo, e a caracterização dos processos pelos quais uma representação na memória é acessada como um texto produzido e compreendido. Tais metas despertam-me o interesse, visto que foram pensadas como uma forma de abordagem da compreensão e produção da dêixis na narrativa.

Monticelli e Barbéris, por outro lado, filiam-se a uma linha mais voltada para o enunciado e as circunstâncias de enunciação, em que surge a necessidade de olhar a dêixis como um fenômeno complexo e processual em vez de dêíticos como unidades prontas de um repertório linguístico, aspectos que me despertam o interesse.

Para Segal (1995), embora a teoria da narrativa não esteja diretamente envolvida com problemas cognitivos de competência e performance, fundamenta a teoria da mudança dêitica. O autor justifica a aproximação entre as duas teorias pelo fato de ambas apresentarem elementos comuns. Se para o centro dêítico são importantes as coordenadas *eu, aqui, agora*, para o esquema narrativo são importantes as coisas existentes como, por exemplo, personagens, objetos e configurações, que se situam em eventos, acontecimentos ou ações, assumidos temporal e espacialmente.

Além dos traços relativos a pessoa, tempo e espaço, Segal vê na cognição outro ponto de identificação entre as teorias. A abordagem teórica adotada pelo autor para a teoria da mudança dêitica é identificada por um ato cognitivo, ou seja, produzir e compreender enunciados com expressões dêíticas demanda operações cognitivas. Da mesma forma, para produzir ou compreender narrativa ficcional, o escritor e o leitor devem ter conhecimentos de estados e processos cognitivos que possam acomodar as propriedades do texto. Por esses pontos de interseção, então, se explica o fato de a teoria da narrativa buscar, com base na teoria da mudança dêitica, entender que o detalhamento do texto, conforme assinala Segal, só é compreensível a partir de uma posição em algum lugar dentro do mundo da narrativa que exige uma mudança dêitica¹³⁵.

A representação dos acontecimentos na ficção sempre despertou a atenção de estudiosos desde a Antiguidade, tanto Platão quanto Aristóteles viam, na *mimeses*, a representação da natureza. Platão admitia que toda criação era uma imitação, até mesmo a criação do mundo – o mundo das ideias. Aristóteles, em sua *Poética*, abria espaço para o espectador da ação dramática, deixando ver que o sentir da catarse realizava-se no pensamento do leitor. Ou seja, não é de agora, que escritores e leitores de narrativas têm o poder de se imaginarem em um mundo que não é literalmente presente. É a ilusão de estar no meio da história que orienta o comportamento do leitor quando lê um texto ficcional, fazendo com que ele responda, por exemplo, ansiosa ou hesitantemente, o desenrolar do fato narrado.

Para Segal (1995), a abordagem da mudança dêitica é consistente com a experiência fenomenológica. Por conseguinte, interpretar o texto narrativo pode

¹³⁵ We think that much of the detail of text is only understandable from a position somewhere within the narrative world requiring a deictic shift (SEGAL, 1995, p. 14).

significar vivê-lo de uma posição interna do mundo narrado, mas, mais que isso, significa compreender o movimento de todos os *eus* da ficção no tempo e no espaço, ampliar a interpretação das expressões dêiticas, tendo o texto como ponto de partida, e, assim, redefinir a noção de dêixis e o seu estatuto no processo de referenciação. A ideia, portanto, é que a interpretação ocorra a partir do texto, mas não apenas dentro dos limites do texto, pois, como lembra Monticelli (2005b), autor e leitor não compartilham um mesmo mundo perceptivo.

Segal (1995), a partir do argumento de que a metáfora de o leitor ficar dentro da história é cognitivamente válida, é de opinião que o leitor muitas vezes assume uma postura cognitiva dentro do mundo da narrativa e interpreta o texto a partir dessa perspectiva. Este é também um dos princípios da Teoria da Mudança Dêitica.

Para o autor, pelo fato de a dêixis demandar informação não veiculada pelo texto para a sua interpretação, o foco é, então, o contexto não linguístico do discurso, pois muito da interpretação de expressões dêiticas depende desse contexto. Os termos dêiticos incluem conteúdo semântico com base na situação de uso, em contexto mais livre de conteúdo semântico, ou seja, a compreensão de expressões como *hoje*, *ontem*, *esta manhã* é dependente não somente do conteúdo semântico, mas, principalmente, do tempo do enunciado em correlação com a semântica da relação temporal. Esse é um ponto de vista que norteia esta pesquisa sobre a recategorização dêitica.

A noção de que a interpretação da dêixis depende do contexto é igualmente o posicionamento de Monticelli (2005b), para quem dêixis é um fenômeno que liga expressões linguísticas com a fonte de informação e o contexto de sua produção

Ainda a propósito do papel do texto para a interpretação da dêixis, Segal (1995) já advertia para o problema, pontuado por Apothéloz e Doehler (2003), dos exemplos que neutralizavam parâmetros contextuais, ou seja, de textos em que muitos pesquisadores, para contornar a dificuldade de entender o detalhamento da narrativa, faziam seus próprios textos ou davam interpretações globais de texto real. Atenta às advertências dos autores, procurarei, a partir dos próximos itens, fazer reflexões acerca de como se organiza o centro dêítico em textos narrativos, de como os *eus* do texto narrativo aparecem na enunciação, de como se dá a localização no mundo da narrativa e como o paradoxo do tempo é equacionado.

4.3.1 O centro dêitico em textos narrativos

A Teoria da Mudança Dêitica recorre à egocentricidade bürherleana e aponta a localização dentro do mundo da narrativa como o centro a partir do qual as expressões dêiticas devem ser interpretadas, ampliando em termos analíticos, assim, a visão de Bühler. Enquanto termos como *aqui e agora* se referem a um determinado espaço e tempo e são apenas as coordenadas do centro dêitico, na visão desta teoria de base narrativa, estes termos podem, assim como o centro dêitico, sofrer mudanças em razão do espaço e do tempo em que o texto é encontrado dentro de um modelo mental, que representa o mundo do discurso.

Consoante afirmei em parágrafos da introdução deste capítulo, para a visão de interpretação cognitiva do fenômeno dêitico é necessário que autor e leitor compartilhem um mundo perceptivo. Essa compreensão também é possível à luz da proposta de Bühler (1982) para quem o campo dêitico tinha uma base perceptual criada por percepções visuais das quais o discurso se originava e das quais a interpretação de expressões dêiticas era dependente. Isso significa que a orientação subjetiva é um sistema de coordenadas em que todos os parceiros na comunicação estão presentes.

Conforme ficou evidenciado no item 3.2.1, a copresença de parceiros comunicacionais na situação enunciativa é um aspecto importante da abordagem egocêntrica da dêixis, pois, além de propiciar que os dados de percepção se tornem o contexto para a geração de um campo dêitico, permite também a reconstrução deste campo no texto.

O papel do contexto é essencial tanto para o estabelecimento de um centro dêitico quanto para a forma como as interpretações de expressões dêiticas são realizadas no mundo da ficção. Neste processo, ao leitor compete localizar os aspectos dêíticos que pertencem à história¹³⁶ e acompanhar sua dinamicidade, visto que este centro dêitico não permanece estático à medida em que a história se desenrola. Isso quer dizer que na dinamicidade do texto os centros dêíticos podem ser modificados.

Aliás, Fillmore, ao falar do sistema dêitico, aborda implicitamente a questão do contexto. Para o autor, as indicações de lugar fazem parte do sistema dêitico porque, para muitas expressões locativas, a localização dos participantes do ato de fala serve como ponto de referência espacial. Fillmore ([1984], 1997, p. 64) exemplifica com a

¹³⁶ Neste capítulo, emprego indistintamente os termos história e narrativa, significando o discurso literário de ficção.

expressão *upstairs*: “Se eu digo “João está lá em cima”, você compreenderá que “lá em cima” significa acima do lugar onde eu estou no tempo em que enuncio a sentença, a menos que o discurso imediatamente precedente tenha fornecido algum outro ponto de referência¹³⁷”. O autor notou ainda, em relação a alguns verbos, *coming and going*, por exemplo, que o centro dêitico é mais geral e mais abstrato que as expressões dêiticas tradicionais, *eu, aqui e agora*.

Para Zubin e Hewitt,

É esta plasticidade de centragem dêitica que constitui a base para a estrutura de narrativa dêitica. A teoria do centro dêitico tenta modelar a consequência da mudança dêitica fora do *aqui/agora/eu/tu* da interação face a face, onde ela está ancorada em situações do mundo real, para o reino puramente textual da ficção, onde a dêixis é suprimida livremente de suas amarras físicas na situação de fala (ZUBIN; HEDWITT, 1995, p. 130)¹³⁸.

Um aspecto que se destaca na citação “mudança dêitica fora do *aqui/agora/eu/tu* da interação face a face, para o reino puramente textual” diz respeito ao par *eu/tu* da interação. Vale destacar que não se trata de uma simples modelagem, mas de algo bem mais complexo e que, nessa mudança de centro dêitico, do mundo real para o do mundo da ficção, o par *eu/tu* se ‘muda’ com toda a sua bagagem de conhecimentos do mundo real que interferirá na interpretação do texto ficcional. E, de acordo com essa visão, as expressões dêiticas não apenas são passíveis de mudanças como podem ter a força de recategorizar seus referentes.

Como foi visto, a teoria retoma os pressupostos defendidos por Bühler, mas reelabora a concepção de centro dêitico. A partir da visão de um centro dêitico fundado na narrativa, este centro, mesmo contendo todos os elementos do *aqui e agora*, passa a ser mais do que apenas o ponto de origem para os termos dêiticos. Segal (1995, p. 15) relembra que, no mundo da narrativa, “leitores e autores mudam seu centro dêitico da sua situação do mundo real para o de uma imagem de si mesmos em um local dentro do mundo da história”¹³⁹.

¹³⁷ If I say, “Johnny lives upstairs”, you will understand me as meaning upstairs of the place where I am at the time I say the sentence, unless the immediately preceding discourse has provided some other reference point.

¹³⁸ It is this plasticity of deictic centering that forms the basis for the deictic structure of narrative. Deictic center theory attempts to model the consequences of shifting deices out of the *here/now, I/you* of face-to-face interaction, where it is anchored in real-world situations, into the purely textual realm of fiction, where deixis is cut adrift from its physical moorings in the speech situation (ZUBIN; HEDWITT, 1995, p. 130).

¹³⁹ (...) readers and authors shift their deictic center from the real-world situation to an image of themselves at a location within the story world.

Outro aspecto significativo para a mudança do campo dêitico, dentro dos pressupostos da Teoria da Mudança Dêitica, está relacionado à subjetividade. Galbraith (1995, p. 25) diz que “os atos de narração ficcional transferem sua referencialidade da realidade do mundo histórico para a realidade do mundo ficcional, e transfere a subjetividade do falante para a subjetividade dos personagens do mundo da história¹⁴⁰”.

A afirmação da autora é resultante não apenas de sua análise sobre as contribuições de Bühler, mas também do posicionamento de Hamburger sobre narrativa, cuja base teórica lhe serviu de apoio. Reportando-se aos estudos de Hamburger, Galbraith destaca que a autora defende dois reinos de atos de linguagem: declaração da realidade e da ficção. A declaração da realidade põe em jogo um falante e um mundo que é independente do falante: declarações da realidade ou declaração-sujeito é o *eu-Origo*. Na declaração da ficção, a *Origo* ficcional não é o falante do texto, mas a personagem que experimenta no mundo da história¹⁴¹.

A autora adota a distinção entre narração ficcional e não ficcional e enfatiza que em narração não ficcional, pode-se encontrar evidência de uma transferência de dêixis espaço-tempo, por exemplo, pelo uso do presente histórico e de advérbios dêiticos como *aqui e agora* introduzidos no tempo narrado. Ela traz ainda um argumento simples, mas irrefutável, o de que ninguém começa uma narrativa como parcialmente fictícia, da mesma maneira que formas de ficção que não são narradas, e a consciência em terceira pessoa não pode ser diretamente apresentada, mas sim transmitida através sintomaticamente de comportamento observável como gesto, diálogo, monólogo ou encenação expressiva.

Os caminhos percorridos para subsidiar este trabalho na linha da mudança dêitica em direção a uma proposta de recategorização são, inicialmente, os meios linguísticos apontados por Bühler. Além da base essencialmente linguística, busco seguir outras trilhas. De um lado, encontram-se estudiosos como Segal que veem o centro dêitico representado como uma estrutura cognitiva. Por outro lado, estudiosos como Monticelli (2005b) que escolhem dispositivos particulares constitutivos do mundo da narrativa para orientar suas análises.

¹⁴⁰ Acts of fictional narration transfer their referentiality from the actuality of the historical world to the entertained reality of the fictive world, and transfer the subjectivity of the speaker to the subjectivity of story world characters.

¹⁴¹ É um posicionamento que não se distancia da distinção proposta por Benveniste para enunciação subjetiva e não-subjetiva, discurso e história.

Este autor recorre aos discursos representado (discurso indireto livre) e pensado (discurso direto), como formas de desafiar a egocentricidade clássica, e admite que seria possível esperar um uso coerente de dêiticos em termos de uma coincidência entre *eu*, *aqui*, *agora* – um sistema dêitico puro, conforme pensado por Bühler, exemplificado por ele, em:

[84] Ele apenas acenou com a cabeça e disse: "Tudo está bem do jeito que está. **Você** e **eu**, provavelmente, não somos muito bons em lidar com armas de qualquer maneira. Mas agora é melhor **nós** começarmos a nos mexer e sair **daqui**"¹⁴².

Em texto narrativo, não é sempre assim, e a coerência é amparada pelo que Monticelli chama de sistema misto, em que é preciso recorrer a posições discursivas diferentes para a interpretação dos dêiticos e fazer uso do discurso representado e pensado. Nesse caso, a dissociação de *eu*, *aqui* e *agora* toma lugar dentro de um sistema dêitico misto, como no exemplo seguinte:

[85] **Agora**, ele tropeçou e sentiu-se mal, e aterrorizado dos dois que foram, abrindo **agora** a porta exterior e entrando na casa escura¹⁴³.

Só é possível explicar os *agora* em [85] com referência ao sistema dêitico proveniente da percepção do personagem, o *ele* pode ser explicado com referência a outra posição discursiva, que parcialmente é responsável pelas sentenças de pensamento representado.

Monticelli, concordante com Fiorin (2010), assume que desse ponto de vista é útil recorrer à noção de narrador, que, por ser situado em um nível enunciativo mais alto no texto, pode misturar sua enunciação com a do personagem, dando início a um sistema misto dêitico de discurso representado e pensado.

Os exemplos [86] e [87], criados artificialmente pelo autor, mostram isso mais claramente:

[86] Mas ela estava realmente feliz **agora** por estar **aqui** de novo? **Elizabeth** se perguntou, como ela re-entrou na casa da família.

¹⁴² [33] He only nodded and said, "Everything is all right the way it is. **You** and **I** probably aren't much good at handling guns anyway. But **now** we'd better get a move on and get out of **here**." (*Rasmus*, chapter 10. In: MONTICELLI, 2005b, p. 211)

¹⁴³ [34] **Now** he stumbled and felt sick, and terrified of the two who were just **now** opening the outer door and coming into the dark house (MONTICELLI, 2005b, p. 212).

[87] Mas ela estava realmente feliz **agora** que estar **lá** de novo? **Elizabeth** se perguntou, como ela re-entrou na casa da família¹⁴⁴.

A diferença relevante entre as duas sentenças é que o *aqui* em [86] é para ser interpretado dentro do sistema dêitico *a* projetado pela personagem (Elizabeth), mas *lá* de [87] requer a referência para outra posição *b* discursiva, ocupada pelo que é tradicionalmente chamado o narrador.

À Teoria da Mudança Dêitica compete identificar as propriedades que caracterizam os centros dêíticos e os princípios que regulam sua criação e mudanças. Assim, mesmo que as abordagens supostamente sigam métodos distintos, sempre haverá o suporte necessário para análise em diferentes tipos de textos.

Segal (1995) apresenta as seguintes propriedades:

1. Análise detalhada de forma e conteúdo do texto

Por essa propriedade, o modelo espera que o máximo de informações sobre os mecanismos de geração e compreensão subjacentes da narrativa possam ser adquiridos a partir dos detalhes da forma e do conteúdo do texto narrativo (estrutura das sentenças e parágrafos, tempo, conectivos intersentenciais, escolha lexical, pronominalização etc);

Dentre os estudiosos, cujos trabalhos se filiam a uma linha mais voltada para o enunciado e as circunstâncias de enunciação, essa propriedade também é encontrada. Renate e Pajusalu (2005) consideram a possibilidade específica de esconder a pessoa pelo uso, em interação em estoniano, de formas sem sujeito de verbos no modo condicional. Em tais casos, o objeto gramatical do verbo não é especificado e o agente da ação permanece indeterminado.

Importa chamar a atenção para o fato de que, mesmo se tratando de textos do mundo da ficção, “os detalhes da forma” são usados como um dispositivo pragmático. No caso do estudo das formas condicionais em estoniano, ficou demonstrado que a dêixis na interação não está sempre conectada com a realização lexical e que o uso ou omissão de dêíticos pessoais pode desencadear uma mudança do

¹⁴⁴ [35] But was she really happy **now_a** to be **here_a** again? **Elizabeth_a** wondered, as she re-entered the family home.

[36] But was she really happy **now_a** to be **there_a** again? **Elizabeth_a** wondered, as she re-entered the family home.

papel indicial simples de dêixis para aspectos mais complexos da subjetividade na linguagem.

2. Presunção de um texto aberto

No tocante a essa propriedade, é importante frisar que a Teoria da Mudança Dêitica vê a compreensão dos textos de ficção com o mesmo olhar da Linguística Textual¹⁴⁵, ou seja, a compreensão de uma narrativa vai muito além de informações recuperáveis de uma análise linguística das frases no texto. Muito do que é realizado na interpretação é trazido pelo leitor, sujeito ativo neste processo, isso significa que o sentido depende do contexto linguístico específico e do contexto não-linguístico.

Por outro lado, a atitude do leitor não é totalmente livre, ou aberta, para ser coerente com o que expõe esta propriedade. Com isso quero dizer, em consonância ao proposto por Galbraith (1995), que a narração ficcional requer que o leitor imagine um campo dêitico em que as coordenadas *eu*, *aqui* e *agora* são transpostas de sua ancoragem habitual no *eu*, para um ponto de ancoragem no texto narrativo, ou seja, esse campo dêitico ficcional é construído de acordo com as especificações linguísticas do texto.

3. O modelo falante/ouvinte não é presumido

Em primeiro lugar, essa propriedade quer salientar que grande parte do texto narrativo é mimético, ou seja, falante/ouvinte surgem dentro de/para um mundo de representação. Disso resulta que muitos teóricos da narrativa admitem que o autor cria um narrador ficcional para narrar a história ficcional. O modelo de narrador ficcional é, contudo, questionado porque não satisfaz as restrições implícitas da teoria da comunicação, e uma de suas limitações é a de que um narrador imaginário não pode se comunicar com o leitor nem executar papel direto na afirmação. Para Segal (1995), é a partir de uma perspectiva cognitiva que esta questão é equacionada, pois explica-se como um autor pode falar através de um narrador ficcional, ao invés de como um narrador ficcional pode falar sobre eventos ficcionais.

4. Epistemologia principal da narrativa não é a da afirmação

Na maior parte do discurso, assume-se que um falante afirma frases ou proposições. Uma das tarefas do ouvinte é avaliar se o falante pode justificar as alegações que ele ou ela faz. Se as reivindicações são justificadas, então é

¹⁴⁵ A alusão à Linguística Textual é apenas para situar a questão, visto que outras vertentes teóricas também manifestam preocupação semelhante.

epistemologicamente legítimo aceitar as reivindicações feitas, caso contrário, elas podem ser impugnadas. Tal não é o caso na narrativa ficcional. Frases objetivas na ficção devem ser aceitas como verdade, mesmo quando se sabe serem falsas. Se as proposições devem ser justificadas, afinal, a justificativa seria por razões de estética ou verossimilhança. Frases que não são objetivas ou em formas proposicionais servem a outras funções interpretativas ou experimentais.

5. Um modelo mental é construído

O leitor constrói um modelo que representa o mundo ficcional do texto como ele é encontrado. Como o modelo é construído? Que categorias de narrativas devem ser representadas? Como elas devem ser relacionadas entre si? Como é que atualmente o texto é encontrado se representado em modelo incompleto?

A explicação para a descrição dessa propriedade se completa quando as questões feitas são respondidas. O modelo é construído, conforme já apresentado por Zubin e Hewitt, por uma mudança dêitica fora do *aqui/agora/eu/tu* da interação face a face, para o reino puramente textual. As categorias dêíticas de narrativas são encontradas na epistemologia ficcional. Para Galbraith, o *eu* pode ser alguém, incluindo a primeira pessoa; o *agora* pode ser algum tempo e o *aqui* pode ser algum lugar, mas, dependendo de como a estrutura linguística se alinha com as diferenças referenciais. Esse alinhamento resulta em quatro tipos de estruturas possíveis, que representam o modelo em que o texto é atualmente representado: a) estrutura linguística ficcional com referencialidade ficcional (terceira pessoa ficcional); b) estrutura linguística não ficcional com referencialidade ficcional (primeira pessoa ficcional); c) estrutura linguística não ficcional com referencialidade não ficcional (declaração da realidade); d) estrutura linguística ficcional com diferentes graus de referencialidade não ficcional (história romanceada ou jornalismo).

6. A maioria dos eventos ocorre em um centro dêítico

A Teoria da Mudança Dêítica explica essa propriedade a partir do fato de que a história tende a ser construída localmente. Embora haja muitas mudanças temporais e espaciais na apresentação de um texto, o leitor tende a testemunhar a maioria dos eventos como eles parecem acontecer. Os eventos tendem a ocorrer dentro do modelo mental, no local ativo do espaço-tempo para o qual o leitor é conduzido pela sintaxe e semântica do texto.

Tomando por base o quadro das propriedades, aqui apresentadas, concluo, para essa discussão, que não é válido falar em uma única teoria de mudança dêítica. Isso

se explica porque seus fundamentos serão sempre dependentes dos fundamentos dos modelos teóricos de narrativa. Concluo ainda que a possibilidade apresentada por Segal e outros autores citados não é uma teoria completa, mas fornece meios de se ampliar a análise da dêixis, principalmente, porque as expressões dêíticas encontram um amplo espaço de realização dentro do mundo da história.

4.3.2 *Os eus do texto narrativo*

Investigar esta temática pressupõe conjugar posições teóricas aqui defendidas, dentre elas e em primeiro lugar, aceitar que são reduzidas as interpretações das expressões dêíticas ancoradas apenas na visão egocêntrica da copresença de parceiros comunicacionais. Se o sentido dos dêíticos só fosse composto de indicações, mostrativas ou localizantes, e, portanto, se tais expressões não comportassem informação sobre o tipo de referente visado, o ato de referência dêítica seria então, frequentemente, um fracasso. Isso porque os gestos e outras indicações ostensivas e localizantes não são capazes por si sós de assegurar a identificação referencial (KLEIBER, 1986).

Em segundo lugar, assumir que a narrativa, por pressupor um *eu* que narra e que se situa no mundo da história em um tempo e um espaço, se constitui uma forma de enunciação. O *eu* da narrativa, mesmo que em primeira pessoa, não significa o falante do ato de comunicação que pressupõe um destinatário, mas uma voz que se instaura na história, prioritariamente, como narrador. Essa forma de enunciação deve ser entendida como uma espécie de simulacro do que acontece na relação de comunicação entre enunciador e enunciatário, embora estes termos não sejam encontrados nos trabalhos sobre a linguística e a análise do discurso como sinônimos de locutor/alocutário, conforme preconizam Charaudeau e Maingueneau (2004).

No âmbito da linguística da enunciação, deve-se a Culioli (1968, 1973), conforme reconhecido por vários estudiosos (FIORIN, 2010; MAINGUENEAU, 2001, dentre outros), o termo coenunciador, significando um dos participantes da enunciação e efetivando que, na verdade, existe uma coenunciação. Esse aspecto justifica o fato de o termo coenunciador ser encontrado no plural para indicar que os parceiros da comunicação, no ato comunicativo, permutam os seus papéis, ou seja, o locutor assume também o papel de ouvinte.

A noção de coenunciadores traz, de certo modo, uma dificuldade, visto que ela se firma em diferentes ocasiões como, por exemplo, quando na forma plural o *eu* se inclui; quando da interpretação dos enunciados; quando da ‘imprecisão’¹⁴⁶ da expressão situação de enunciação. Kleiber (1986), ao tentar descrever como os referentes fazem referência *via* situação de enunciação, menciona que é necessário definir o que se entende exatamente por situação de enunciação.

Estas dificuldades mencionadas são muito presentes no estudo da dêixis. A pluralização já foi exemplificada no item 4.1.1; a interpretação de enunciados dêíticos, dada à tese do egocentrismo ou da redutibilidade ao *eu*, deixa de fora o interlocutor na identificação do referente. Ou seja, o sentido de *eu* constitui o paradigma do sentido tanto de expressões dêíticas pessoais, quanto de outras expressões dêíticas, visto que as localizações espacial [*aqui*] e temporal [*agora*] gravitariam em torno deste centro. E, finalmente, a situação de enunciação envolve uma gama de outras dificuldades, das quais a maior é a própria definição de dêixis. Para Kleiber (1986), a referência à situação de enunciação se define como uma remissão necessária à aparição da própria unidade dêítica, cuja especificidade situa-se no retorno obrigatório não ao locutor, mas à própria ocorrência das expressões dêíticas. Com isso o autor quer salientar, de um lado, que “o caráter vago da noção de situação de enunciação deu lugar à instauração da ocorrência, um fato espaço-temporal delimitado”¹⁴⁷ (KLEIBER, 1986, p. 13). Por outro lado, uma definição bem melhor dos dêíticos, expressões que se referem necessariamente a seu próprio surgimento (ou enunciação, ou *token*, ou ocorrência).

Favorecida por estas reflexões acerca das dificuldades sobre a dêixis e de acordo com a base teórica da Linguística Textual e da Referenciação, redefino o seu sentido. Acrescento, portanto, que, pelo fato de as coordenadas de pessoa, tempo e lugar serem insuficientes para dar conta do contexto da situação de comunicação, conforme mencionado acima, pelo fato de este fenômeno não poder restringir-se ao meramente linguístico nem apenas ao crivo do locutor, dando lugar também ao interlocutor, outros conhecimentos se fazem necessários para o estudo da dêixis.

Dentre estes conhecimentos, situam-se os sociocognitivos, visto que os coenunciadores para a produção e compreensão de expressões dêíticas recorrem a diferentes *origo*, desde que geradas por um *eu* que fala em um contexto canônico de

¹⁴⁶ Grifo da pesquisadora para assinalar a dificuldade percebida.

¹⁴⁷ Le caractère vague de La notion de situation d’énonciation a fait place à un concret précis, celui d’occurrence, c’est-à-dire un événement, un fait spatio-temporellement délimité.

comunicação, onde compartilham dados perceptivos do mundo real e do mundo da ficção.

Nesta perspectiva de redefinição do sentido da dêixis é que incluo os *eus* do texto narrativo. Um obstáculo que me é apresentado é o da subjetividade e a consequente distinção entre as noções de discurso e de história, levantadas por Benveniste ([1966],1991). Para falar em mudança dêitica em narrativa detenho-me, assim, em tais noções.

Para o autor, subjetividade é a capacidade de o locutor se posicionar como sujeito. Para tanto, o homem busca os meios oferecidos pela linguagem para se constituir sujeito na sociedade pela própria linguagem. Uma das formas empregadas é o pronome de primeira pessoa, o *eu*, cujo uso somente fundamenta a consciência do *eu* quando admite o *tu*, por isso, quando o *eu* se dirige ao *tu*, ocorre o fenômeno da intersubjetividade.

A noção de subjetividade, por sua vez, propiciou a distinção, segundo Benveniste, entre discurso e história, e que diz respeito à presença ou à ausência de embreadores nos enunciados. Assim, no plano do discurso, quando alguém se dirige a outro, enuncia-se como locutor e instaura a categoria da pessoa, o que não acontece no plano da história, em que “os eventos parecem narrar-se por si mesmos” (BENVENISTE, [1966],1991, p. 242). Banfield (1982), conforme entendimento de Monticelli (2005b), tem a mesma compreensão que Benveniste para a presença do *eu* em textos narrativos. Para a autora, o texto narrativo aparece como constituído, pelo que ela chama, de sentenças de narração pura, em que tanto *eu* como a dêixis são excluídos. Essas sentenças de narração pura não são ligadas ao *aqui e agora*.

Maingueneau (2001) tem um posicionamento muito próximo ao de Banfield em relação ao modo de enunciação narrativa que se dá dissociada da situação de enunciação e, neste caso, como um tipo de enunciação sem embreantes. Para o autor, enunciador, coenunciador, tempo e espaço são pressupostos da instituição literária, são traços apagados no enunciado. Contudo, nos textos da narração¹⁴⁸, o autor admite que o *eu* da narrativa possa operar nos dois tipos de registros (narrativa/discurso). No seu

¹⁴⁸ Vale salientar que, para Maingueneau, discurso e narrativa são termos que não devem ser entendidos no sentido usual. São conceitos gramaticais relativos a sistemas de emprego dos tempos. Não são conjuntos de textos. Por essa distinção, o discurso, diferentemente da narrativa, implica embreagem (presença de um EU em oposição a um TU).

entender, o *eu* não é um verdadeiro embreante, mas somente a designação de uma personagem que por acaso denota o mesmo indivíduo que o narrador.

No exemplo abaixo, o autor demonstra como, em uma narrativa e graças ao *eu*, é possível passar de um plano de enunciação a outro.

[88] Como que abandonada por um instante, eu a mantive meio debruçada sobre mim; eu vi seu olhar se velar; depois suas pálpebras se fecharem e com uma voz inigualável para mim em correção e melodia: - Tenha piedade de nós, meu amigo! Ah, não estrague nosso amor. Talvez tenha dito também: Não aja com covardia! ou talvez eu que tenha dito a mim mesmo, não o sei mais, mas bruscamente, pondo-me de joelhos diante dela e envolvendo-a piedosamente em meus braços... (*A porta estreita*. Retirado de MAINGUENEAU, 2001, p. 54)

A análise feita pelo autor destaca que o *eu* é interpretado a partir de duas posições: tanto como personagem da narrativa (“*eu a mantive*”; “*eu vi*”; “*eu é que o tenha dito*”), quanto como elemento do discurso do narrador (“*talvez*”, “*não o sei mais*”). Além desses aspectos ressaltados por Maingueneau, destaco o segmento: “- *tenha piedade de nós, meu amigo!*”. É evidente que a identificação dessa posição somente será possível mediante conhecimento de dispositivos particulares da narrativa, como o discurso direto, cujas pistas são: o uso do travessão, dos dois pontos e a presença implícita (“*com uma voz inigualável para mim*”) da forma *dicendi*. Vale observar que o travessão, que torna explícita a entrada da personagem, é, além de uma particularidade da narrativa, uma marca da mudança de perspectiva do centro dêitico.

Em relação ao discurso do narrador, Monticelli (2005b) usa a definição de “discurso representado ou pensado”, seguindo Banfield. Neste exemplo, *talvez* é a expressão que ancora a presença do *eu* na narrativa, que pode ser interpretado tanto como o *eu* da personagem (discurso representado) quanto o *eu* do narrador (discurso pensado). Qualquer que seja a interpretação, o que é observada é a aparência de um centro dêitico fora da situação canônica e a consequente dissociação dos diferentes elementos que definem a *origo* de Bühler.

Além de ter que reconhecer a posição que o *eu* ocupa no discurso e de compreender como se organiza a estrutura do texto narrativo, o leitor se depara com uma rede complexa de elementos que responde pela sequenciação textual, dos quais os dêiticos fazem parte. Se a organização do texto requer a ação cooperativa do leitor, para identificar e reconhecer as pistas deixadas pelo autor, para interpretá-lo satisfatoriamente, não seria diferente em relação às expressões dêiticas.

Filho-me a essa forma de ver a interpretação da dêixis, visto que, nesta pesquisa, defendo a mudança dêitica a partir da mudança do centro dêítico em textos narrativos. Encontro também em Maingueneau o entendimento que apresentei no início deste item o *eu da narrativa não significa o falante do ato de comunicação que pressupõe um destinatário, mas uma voz que se instaura na história*.

Isso me leva a afirmar que aos diferentes *eus*, sujeitos falantes na história, pode ser dada uma identidade discursiva que participa de diferentes situações de enunciação. Vejo, de um lado, no reconhecimento dos *eus*, no do papel discursivo exercido por cada um deles e, mais especialmente, no reconhecimento de como os *eus* se situam nas diversas situações de enunciação, uma dificuldade de ordem pragmática no tocante à interpretação dos enunciados. Maingueneau (1996, p. 21), acompanhando o pensamento de Culioli¹⁴⁹, endossa a ideia de que “todo enunciado supõe um ato dissimétrico de enunciação, produção e reconhecimento interpretativo”. De outro lado, porém, entendo que é na interpretação dos enunciados, notadamente em enunciados com expressões dêiticas, objeto de estudo deste trabalho, que é possível construir e reconstruir o sentido dos dêíticos e, assim, caminhar em direção à tese de recategorização dêitica.

A base teórica para sedimentar a noção de uma perspectiva de *eus* no texto narrativo corresponde ao que Monticelli (2005b) chama de *A divisão do EU e da temática da enunciação*, à qual passo a me reportar pela proximidade de pontos de vista.

Assim como o autor, e seguindo Fiorin (2010) e Kleiber (1986), acredito que o estudo da dêixis ultrapassou os limites do essencialmente linguístico e passou a requerer um espaço mais ampliado dentro do paradigma de uma teoria de enunciação. Monticelli reivindica que o ponto de referência para a interpretação dos dêíticos em um enunciado de discurso representado ou pensado tem que ser procurado fora do enunciado, no sentido de que o enunciado não é autossuficiente. Para justificar seu posicionamento, o autor fala de *parenthetical adjoined*, significando o que poderia ser colocado entre parênteses para ajudar na interpretação dos dêíticos.

Na perspectiva da autossuficiência do enunciado (premissa levantada por Banfield para o tratamento da dêixis no texto narrativo), haveria incompatibilidade temporal nas duas ocorrências de *now* dos exemplos a seguir:

¹⁴⁹ A propósito da referência feita por Maingueneau ao pensamento de Culioli, ver “Sobre algumas contradições em linguística”, em *Communications*, n° 20, 1973, p.86.

- [89] How my heart was beating **now**, I realized **then**.
 [90] *How my heart was beating **now**, I realize **now**¹⁵⁰.

Para neutralizar a incompatibilidade, Montecelli sugere mudar o tempo do enunciado para o pretérito perfeito, o que resultaria na forma de [92], em que *now* estaria fora do enunciado.

- [91] *How my heart had been beating **now**, I realized
 [92] How my heart had been beating **then**, I realized (**now**).

Segundo a análise de Monticelli, os exemplos [89] e [92] mostram que, independentemente de onde os dêiticos *now* apareçam, o ponto de referência para sua interpretação deve sempre ser procurado fora do enunciado, por exemplo, na intercalação *I realize/I realized*. Por outro lado, [90] e [91] são agramaticais porque o tempo da primeira sentença (*now*) sugere que não é possível a interpretação em relação ao tempo de referência da intercalação. Ou seja, em [89] e [92], os tempos da primeira sentença podem ser interpretados como relacionados ao tempo de referência estabelecido pela intercalação e portanto as sentenças são gramaticais¹⁵¹. A agramaticalidade em [90], então, reside em *now* do enunciado representado; isso é provado pelo fato de que excluí-lo da intercalação não faz a agramaticalidade desaparecer, como em [93], mas desaparece se *now* for deletado da primeira sentença como em [94]:

- [93] *How my heart was beating **now**, I realize.
 [94] How my heart was beating, I realize (**now**)

O dêitico *here* comporta-se da mesma forma como mostrado em [95] e [96]:

- [95] *How sad **he_b** had been **in America_b**, **he_a** realized, all the time waiting for some news from **here_b**.
 [96] How sad **he_b** had been in America_b, **he_a** realized, all the time waiting for some news from **here_a**.

Contudo, não é a localização da pessoa (**he_b**), no tempo indicado pelo pretérito perfeito do enunciado representado, que fornece o ponto referência para a interpretação do dêitico *here*, mas sim a localização da mesma pessoa (**he_a**) no tempo

¹⁵⁰ Para os exemplos empregados por Monticelli e reproduzidos neste item, não apresento as respectivas traduções para o português, em virtude de não me sentir plenamente segura quanto ao significado. Essa insegurança se justifica pelo fato de os exemplos, em sua quase totalidade, serem frases sem um contexto de apoio.

¹⁵¹ Montecelli não faz, em seu trabalho, qualquer comentário sobre a alternância das formas *now/then* que ocorrem em tais sentenças.

indicado pelo passado simples do segmento intercalado. É possível explicar o uso dos dêiticos *now* e *here* em [89] e [96] pelo entendimento de que o *eu* ocupa duas posições discursivas diferentes. Uma delas servindo como um ponto de referência para a interpretação de dêiticos, enquanto a outra é projetada a partir da manifestação dêitica anterior presente no enunciado ou de forma mais geral em afirmações do texto.

Monticelli (2005b) dá a entender que, ao ler um texto, o leitor precisa estabelecer pontos de referência para as informações que precisa interpretar:

Quando interpretamos um texto narrativo, nós aplicamos o que poderíamos chamar de um procedimento de ‘hipostatização ficcional’: nós paramos em um dado momento o curso da construção do EU textual, para fixar uma cópia dele, que irá tomar uma posição como sujeito da enunciação, tornando-se assim um ponto de referência para a interpretação de dêiticos no texto (MONTICELLI, 2005b, p. 210)¹⁵².

Isso me permite olhar com mais entusiasmo o papel do leitor como interlocutor do texto narrativo na identificação dos *eus* e, por consequência, como interpretador de expressões dêiticas de recategorização. Vale lembrar que “leitores e autores representam a si mesmo em um local do espaço-tempo dentro do modelo mental, e de lá eles vicariamente testemunham os acontecimentos da história (SEGAL, 1995, p. 63)¹⁵³”. Com base neste autor, destaco que, quando se lê uma narrativa, como é feito para ser lida, muitas vezes é necessário tomar-se uma posição cognitiva dentro do mundo da história.

A localização dentro do mundo da narrativa, servindo como o centro a partir do qual as sentenças devem ser interpretadas, é também destacado por Galbraith (1995, p. 46): “a narração ficcional requer que o leitor imagine um campo dêitico em que as coordenadas AQUI, AGORA e EU são transpostas de sua ancoragem habitual no EU em um ponto de ancoragem no texto narrativo¹⁵⁴”

¹⁵² When interpreting a narrative text, we apply what I would call a procedure of ‘fictional hypostatization’: we stop at a given moment the ongoing construction of the textual SELF, to fix a duplicate of it, which will take a position as subject of the enunciation, thus becoming a point of reference for the interpretation of deictics in the text.

¹⁵³ (...) readers and authors represent themselves at a spacetime location within the mental model, and from there they vicariously witness the events of the story. (SEGAL, 1995, p. 63)

¹⁵⁴ (...) fictional narration requires the reader to imagine deictic fields in which HERE, NOW, and SELF coordinates are transposed from their usual anchorage in the “I” into an anchorage in the narrative text. (GAILBRAITH, 1995, p. 46)

Montecelli, para formalizar a divisão proposta para o *eu*, se vale também da distinção entre *moi* e *soi*¹⁵⁵. O *moi* serve como um ponto de referência para o sistema de coordenada do discurso; o *soi*, como a posição refletida do discurso, construída na e pela atividade discursiva. O princípio que orienta a distinção entre as duas posições discursivas é o de *débrayage* da semiótica greimasiana, que leva em conta a projeção de uma instância em construção na enunciação do discurso, a partir de uma instância de referência. Esse princípio também foi pontuado por Fiorin:

Consideramos que, mesmo que não haja um *eu* explicitamente instalado por uma debreagem actancial enunciativa, há uma instância do enunciado que é responsável pelo conjunto de avaliações e, portanto, um *eu* (...). Ao dizer tu, o eu constroi-se explicitamente (FIORIN, 2010, p. 65-6).

Monticelli (2005b) vê a relação de projeção *moi/soi*, como algo que ocorre a partir das declarações do texto, resultantes da enunciação, cuja interpretação deve considerar as próprias mudanças textuais (*soi* em *moi*)¹⁵⁶. Por essa perspectiva, o leitor encontra um ponto de referência para o discurso constitutivo em algumas das mudanças (*soi* em *moi*, possíveis sujeitos da enunciação). Os procedimentos para a interpretação da dêixis na narrativa, portanto, tornam indispensável um sistema dêitico que pressupõe, como seu ponto de referência, uma posição no discurso, isto é, um sujeito da enunciação.

Em outras palavras, fica, de um lado, evidenciada a noção de um sistema dêitico em que o centro dêitico narrativo define-se em um quadro textual espaço-temporal, em que um ou mais eus (*soi*) são projetados por um sujeito de enunciação (*moi*). De outro lado, porém, a noção de que nesse sistema a coincidência entre *eu*, *aqui*, *agora*, assegurada no modelo de Bühler, não responde plenamente pela coerência. Para Monticelli (2005b), pensar a coerência em um modelo assim delineado é adotar um sistema dêitico misto, em que se deve recorrer a posições discursivas diferentes para interpretar os dêiticos de um dado sistema, conforme exemplo abaixo:

[97] **Now** he stumbled and felt sick, and terrified of the two who were just **now** opening the outer door and coming into the dark house.

¹⁵⁵ A distinção entre *moi* e *soi* é uma referência ao modelo proposto por J. Fontanille, na obra *Soma et sema, figures du corps*.

¹⁵⁶ De acordo com a língua francesa, *moi* é um pronome de reforço ou a "forme pleine" da 1ª p.s., conforme o exemplo: "*moi*, je pense que...; Il danse avec *moi*". Em português, "*eu*, eu penso que...; Ele dança comigo". *Soi* é um pronome correspondente ao pronome pessoal indefinido *on*, conforme o exemplo: "*si on* fait tout pour *soi-même*". Em português, "quando só *se* pensa em *si* mesmo...".

A explicação para as ocorrências de *now* só é possível com referência ao sistema dêitico proveniente da percepção da personagem, enquanto *he* pode ser explicado com referência a outra posição discursiva, que parcialmente é responsável pelas sentenças de pensamento representado. Para a interpretação satisfatória desses dêiticos, adoto o ponto de vista de Montecelli: é preciso recorrer à noção de narrador, que, por ser situado em um nível enunciativo mais alto no texto, pode misturar sua enunciação com a do personagem, dando início a um sistema misto dêitico de discurso representado e pensado.

O modelo enunciativo defendido pelo autor pode ser resumido da seguinte forma: em um nível enunciativo mais alto, encontra-se o *eu narrador* que pode misturar sua enunciação com a de *soi*, ou seja, com a do *eu da personagem* que se posiciona, dependendo do tipo de discurso, no aqui/agora, assumindo-se como *eu* (*soi* em *moi*) no discurso direto, ou no depois (então, em seguida)/lá, assumindo-se como ele/ela no discurso representado ou pensado.

Reconheço, baseada em Monticelli, que tornar viáveis os procedimentos para a interpretação da dêixis em textos narrativos é preciso ter uma noção elástica do sentido de *eu*. É preciso aceitá-lo como sujeito da enunciação, inscrito nas orientações fornecidas pelo texto, através dos discursos direto e indireto. Em discurso direto, um sujeito de enunciação mais evidente. Em discurso indireto, enquanto enunciado representado ou pensado, com presença menos evidente. Reconheço, ainda, nessa proposta uma contribuição importante para a interpretação de expressões dêiticas na dimensão de recategorização.

O trabalho de Kleiber (1986), embora não diga respeito especificamente a textos narrativos nem sequer mencione a dêixis no discurso literário, é voltado para abordagens que tratam da (re)definição da dêixis. O autor procura responder a várias questões relacionadas ao que torna um elemento dêitico e à existência de um aparato linguístico para realizar este fenômeno. O resultado de sua busca apresenta algumas posições assumidas por Monticelli (2005b) e com as quais, igualmente, firmo concordância.

Conforme já mencionei no capítulo sobre *O fenômeno da dêixis*, Kleiber dispõe as várias definições sobre a dêixis em duas formas de abordagens: as que se voltam para o lugar e o objeto referido (*abordagens A*); e as que se preocupam com o modo como a referência ao objeto é feita (*abordagens B*). Um problema advindo com as *abordagens A* para a definição de dêixis é o da categorização dos demonstrativos como

dêiticos, visto que eles são suscetíveis tanto de um emprego dêitico quanto de um uso anafórico. O autor manifesta-se favorável à última dessas abordagens, porque favoreceriam um panorama em que estariam tanto as formas dêiticas tradicionais, que ele chama de transparentes, quanto as formas indiretas, por ele denominadas opacas, e ainda abrigariam a anáfora, mas, mesmo assim, faz-lhe algumas restrições. Dentre as restrições feitas às *abordagens B*, Kleiber menciona a tese do egocentrismo: *qualquer referente só seria localizável se tomasse como ponto de referência a origo do locutor*, crítica feita também por Monticelli.

Sob o ângulo do funcionamento referencial das abordagens *B*, além da tese da redutibilidade ou tese do egocentrismo, Kleiber enumera alguns aspectos dos quais destaco o “não reducionismo de *token-reflexividade*”. Segundo o autor, a versão de *token-reflexividade* se constitui uma reviravolta importante no tratamento e na compreensão dos dêiticos, por colocar em primeiro plano, no processo semântico-referencial, o acontecimento espaço-temporal singular, único, que constitui a ocorrência [ou *token*, em oposição a *type*] de uma expressão dêitica. Essa versão, contudo, é apresentada sob duas formas. Uma centrada na noção de que “a referência à situação de enunciação se define como uma remissão obrigatória à aparição da própria unidade dêitica” (KLEIBER, 1986, p.14¹⁵⁷). Outra, identificada como *token-reflexividade* ou autorreferencialidade. Por esta versão os dêiticos seriam expressões autorreferenciais, ou seja, expressões que se refeririam a si mesmas, que denotariam sua própria instância de discurso.

De acordo com a tese defendida no presente trabalho, não há espaço para a aceitação da versão da autorreferencialidade. Primeiro porque, por essa perspectiva, o locutor designa-se a si mesmo como o *eu* do discurso nas diferentes situações de enunciações. Segundo porque, acompanhando o entendimento de Kleiber, o *eu* que se designa *eu* não tem a intenção de referir-se à sua enunciação como *eu*, fazendo-se reconhecer como tal. A concordância para o *eu* designar-se *eu* é possível em casos específicos como, por exemplo, no gênero declaração. Afora tais situações e como tenho sinalizado, em diversos momentos desta pesquisa, é o interlocutor quem identifica as facetas de todos os *eus* que aparecem no ato de comunicação, notadamente os *eus* de

¹⁵⁷ Le renvoi à la situation d'énonciation se précise comme étant un renvoi obligatoire à l'appartition de l'unité déictique ele-même” (KLEIBER, 1986, p.14). Vale destacar que o autor atribui essa mudança a H. Reichenbach, que, antes de É. Benveniste e sua tese da autorreferencialidade, percebeu que a especificidade primeira das expressões dêiticas, ou *token-reflexivas*, como ele as nomeou, situava-se em um retorno obrigatório à sua própria ocorrência.

textos narrativos. Não quero dizer com isso que nesses textos não sejam encontradas algumas marcas que apontam o *eu*.

A versão de “não reducionismo de *token-reflexividade*”, preferida pelo autor e com a qual me identifico, “estabelece simplesmente que o sentido de uma expressão dêitica [de um *token-reflexivo*] é tal que a identificação do referente passa necessariamente por levar em consideração a ocorrência [ou *token*] do dêitico” (p. 16)¹⁵⁸. A identificação com esta tese, contudo, justifica-se mais por senti-la como a origem de algo e menos por encontrar subsídios para a organização do quadro metodológico de minha pesquisa. Quanto à identificação, porque depreendo de “*levar em consideração a ocorrência do dêitico*” uma correspondência com o que afirmei no parágrafo anterior sobre o papel do interlocutor. Quanto à insuficiência de subsídios, porque as instruções fornecidas pela regra semântica da *token-reflexividade*, consoante destacou Kleiber, são escassas, elas não se pronunciam sobre a relação entre a ocorrência do dêitico, que deve ser levada em consideração, e o referente que é necessário encontrar. Por esse motivo, o autor acrescenta: “Or, rien ne sert de retourner à l’occurrence d’une expression déictique si on ne sait ensuite comment détecter le référent¹⁵⁹” (KLEIBER, 1986, p. 16).

A questão central levantada pelo autor, no paradigma das abordagens *B* - o modo como é feita a referência ao objeto -, não poderia deixar de fora o interlocutor, conforme o próprio autor reconhece: “como ele encontra o referente pretendido?”. A resposta que me parece mais convincente é admitir que o locutor pressupõe que seu interlocutor já tem em mente [está pensando em] o referente ao qual ele quer se referir. Nessa hipótese, ele pode utilizar, conforme exemplo a seguir, o símbolo indexical *essas mulheres* sobre a base da relação de concomitância entre a ocorrência e a percepção do referente.

- [98] *Quando sozinhos, sem encarar Lappara, ele perguntou de chofre:*
 - *O senhor conhece há muito tempo essas mulheres?*
 - *Que mulheres, Senhor ministro?*
 - *Essas damas Bachellery, ora!*

¹⁵⁸ (...) établit simplement que le sens d’une expression déictique (d’un token-réflexif) est tel que l’identification du référent passe nécessairement par la prise en considération de l’occurrence (ou token) du déictique (KLEIBER, 1986, p.16).

¹⁵⁹ De nada serve retornar à ocorrência de uma expressão dêitica se não sabemos depois como detectar o referente.

“Era o que ocupava por inteiro sua mente. Achava que, tal como ele, todos divagavam assim”. (DAUDET, *Numa Roumestan*, p. 140. In: KLEIBER, 1986, p. 19)¹⁶⁰

Essa compreensão é amplamente reforçada pelas considerações que Ariel faz desde 1985 (e especialmente [Ariel,1988; 1990]) acerca da relação entre a acessibilidade à memória e a forma e uso de expressões referenciais, ou seja, acerca de como as informações utilizadas na linguagem natural são armazenadas como representações mentais em nossa memória. No capítulo sobre recategorização, retomo algumas das considerações feitas pela autora.

Monticelli (2005b) e Kleiber (1986), em suma, deixam evidenciado o fato de que os dêiticos são definidos como expressões cujos referentes são identificados mediante o contexto espaço-temporal simultâneo à sua ocorrência. Essas reflexões ampliam a compreensão de que já existe, nos estudos da Referenciação, espaço para a mudança dêitica, mas que há também um espaço inexplorado que é o da recategorização dêitica. Nos próximos itens abordarei o tempo e o espaço na perspectiva de uma mudança dêitica na narrativa.

4.3.3 O paradoxo da categoria tempo

Um dos primeiros aspectos que chamam a atenção dos iniciantes nos estudos sobre a dêixis é entender o funcionamento da *origo* requerida por Bühler (1982) ou, por outras palavras, entender o papel de cada uma das entidades, pessoa, tempo e lugar, em relação às demais. Sendo o *eu* o centro, a partir do qual as outras coordenadas são manifestadas, qual a relevância do tempo para o ato de comunicação, já que não existe a manifestação do *eu* fora de uma dimensão temporal? Mesmo que não haja a pretensão de o *eu* explicitar o lugar, não estariam as três entidades intimamente relacionadas e o lugar não poderia se tornar tão central? O que é o *agora* se a percepção que o homem tem do tempo é de algo em permanente movimento?

¹⁶⁰ L'exemple suivant de *Numa Roumestan* est, à CET égard, une explicitation qui nous dispense de tout autre commentaire:

A peine seuls (...), Il demanda brutalment sans regarder Lappara:

- Il y a a longtemps que vous connaissez ces femmes?

- Quelles femmes, Monsieur Le Ministre?

- Mais ces dames Bachellery, allons?

Sa pensée en était pleine. Il croyait que tous y songeaient comme lui. (DAUDET, *Numa Roumestan*, p. 140. In: KLEIBER, 1986, p. 19)

Questões supostamente ingênuas, contudo, são objeto de inquietação não apenas de principiantes, mas de grandes estudiosos. A concepção do tempo, por exemplo, tem sido muito discutida desde o início da cultura ocidental e, para muitos, vista como um verdadeiro paradoxo. Parmênides de Eléia (540 a.C. a 470 a.C.) já dizia, a respeito de questões relacionadas ao tempo, “que só podemos pensar sobre aquilo que permanece sempre idêntico a si, isto é, que o pensamento não pode pensar sobre coisas que são e não são, que ora são de um modo e ora são de outro, que são contrárias a si mesmas e contraditórias” (CHAUI, 2003, p. 122). Wittgenstein ([1961], 2001, p.271), por sua vez, dizia que “não podemos comparar nenhum processo com o ‘curso do tempo’ - que não existe - mas apenas com um processo (digamos, a marcha do cronômetro)”. Santo Agostinho também manifestou preocupação com a noção do tempo e fez inúmeras reflexões que serviram de base para as noções de temporalização e aspectualização. Para Fiorin (2010), as formulações agostinianas contêm o germe de uma teoria linguística do tempo.

É a partir desse breve resgate da concepção de tempo, e inspirando-me em Fiorin (2010¹⁶¹) pelo tratamento dado ao tema, que busco suporte para as análises acerca da dêixis temporal, que serão desenvolvidas no capítulo 4. O estudo de Fiorin sobre o tempo é feito em sete seções das quais recorro as seguintes: o tempo demarcado e o tempo sistematizado, por entender que as outras seções terminam por contemplar o que é essencial ao estudo da mudança dêitica temporal.

Tempo demarcado

Tempo demarcado, conforme exposto por Fiorin, coincide com a noção de tempo linguístico, esposada por Benveniste ([1974], 2006, p. 74) – “o tempo que se define e se ordena como função do discurso, que tem seu centro no presente da instância da fala”. Para Fonseca (1992), retomando as ideias de Benveniste, as noções de tempo, físico (apreensão do movimento exterior) e psicológico (apreensão do movimento interior) se convertem num tempo humano – *tempo intersubjetivo*, *tempo linguístico* – pela intervenção do *momento* de enunciação. O tempo linguístico tem seu centro, gerador e axial, no presente da fala. O *agora*, então, é o momento da enunciação e o fundamento para as oposições temporais do discurso. Quando instaurado no discurso, o *agora* indica a coincidência entre o evento narrado e o momento de narração. Como o

¹⁶¹ Neste item, 3.3.3, as citações a Fiorin dizem respeito sempre a mesma obra. Por isso, em algumas situações, para não me repetir, faço referência apenas ao autor.

agora é um tempo em que o *eu* toma a palavra, a organização linguística do tempo é egocêntrica. Por esse entendimento, o *agora* no discurso não ocorre uma única vez.

O fato de a coordenada temporal ser reinventada, a cada vez que o enunciador se pronuncia no discurso, resulta na grande diferença entre o *agora* trazido por Bühler e o *agora* do momento atual dos estudos da enunciação e da referencialidade dêitica. Seguindo esse estágio atual e alinhando-me a Monticelli (2005b), mantenho, então, para o tratamento da dêixis no texto narrativo, o conceito de *eu* na perspectiva da teoria da enunciação, orientação de base benvenistiana também abraçada por Fiorin. Essa posição define, por conseguinte, que a coordenada temporal é constitutiva do *eu* que fala, de um *eu*, marco de referência, em relação ao qual se arquiteta a possibilidade de construir intersubjetivamente uma noção de tempo.

O *agora*, reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, portanto, é “o presente reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido (BENVENISTE, [1974] 2006 p. 75). Essa forma de entender a coordenada temporal se constitui, portanto, uma possibilidade de entender a dêixis de tempo, ao longo do discurso, na perspectiva de recategorização, visto que o *agora* permanece sempre *agora*, como um momento de enunciação, mas redefinido de acordo com outras circunstâncias que orientam o discurso.

Como o momento da enunciação ordena e gera os tempos linguísticos, torna-se, assim, o eixo¹⁶² que determina as categorias da concomitância vs a da não-concomitância¹⁶³, as quais, por sua vez, organizam as relações entre acontecimento/referência/enunciação. A categoria de concomitância responde pela coincidência dessas relações e permite entender ainda o momento de enunciação como uma troca intersubjetiva entre o enunciador e o enunciatário. Como a temporalidade do enunciador é reconhecida pelo enunciatário que a emprega quando se torna enunciador, Benveniste ressalta, em consequência disso, que a troca intersubjetiva transforma o tempo linguístico, ou seja, “ele funciona como um fator de intersubjetividade, o que de unipessoal ele deveria ter o torna onipessoal” (BENVENISTE, [1974] 2006, p. 78). A categoria de não-coincidência, por sua vez, diz respeito a pontos de vista para trás e para

¹⁶² Fiorin propõe que os tempos verbais podem ser compreendidos a partir de três eixos: num primeiro eixo o sistema enunciativo e o enuncivo, este com dois subsistemas, um relacionado a um momento de referência pretérito e outro, a um momento de referência futuro. Um segundo eixo distingue em cada sistema ou subsistema uma simultaneidade, uma anterioridade e uma posterioridade. Um terceiro eixo para diferenciar o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito (FIORIN, 2010, p. 250)

¹⁶³ Vale salientar que a não-concomitância, em todos os sistemas adotados pelo autor, estabelece sempre relações de anterioridade e de posterioridade.

frente em relação ao momento do fazer enunciativo. Na anterioridade, o acontecimento em relação ao discurso é evocado pela memória; na posterioridade, o acontecimento surge como uma expectativa. Nos dois casos, porém, todos os tempos estão ligados à enunciação.

A presença dessas duas categorias, na esfera da narrativa, possibilita, à luz da teoria da enunciação, investigar como a dêixis de tempo ocorre no texto narrativo, pois, assim como Fonseca, considero que este tipo de texto se constitui a forma mais elaborada da representação linguística do tempo. A autora sustenta que, “sendo todo o texto a organização de um sistema de “mundos”, o texto narrativo é uma organização de “mundos temporais” (FONSECA, 1992, p. 163 – grifos da autora).

Quando enunciador e interlocutor¹⁶⁴ alternam-se no discurso, mas conservam o mesmo tempo da referência e do acontecimento, há a coincidência. Essa pode ser prejudicada caso a alternância coloque-os em pontos distintos de quaisquer desses tempos. Essa não-coincidência é destacada por Almeida¹⁶⁵ (1995), a partir dos mesmos tipos de tempos (*Speech time; Event time; Reference time*), que trata, dentre outras possibilidades, da relação temporal antes/depois em que o intervalo apontado para o segmento antes é temporariamente anterior ao intervalo apontado para o segmento depois. Isso me faz aceitar, como Almeida, que o ponto *agora* da narrativa é um momento de referência especial, usado para representar o momento presente dentro da história. Em seu estudo, grande parte da análise¹⁶⁶ diz respeito à interação [dos eventos, tempos, aspectos e tempos adverbiais] e ao efeito no ponto *agora*. Isso resulta no motivo porque Almeida define uma linha de narrativa como um trecho de narrativa, controlado por, ou dentro do âmbito de, um único ponto de *agora*.

A ideia de que o tempo linguístico comporta suas próprias divisões, em sua própria ordem, independentemente do tempo crônico¹⁶⁷, faz surgir dois problemas: (i) em alguns gêneros, o tempo de recepção é diferente do tempo de produção; (ii) a temporalidade linguística é ordenada em relação ao momento de enunciação e a momentos de referência. No caso da diferença entre o tempo da produção e o da

¹⁶⁴ Fiorin utiliza sempre o termo enunciatário para se referir aos interlocutores do narrador no mundo da história.

¹⁶⁵ Integra o grupo de estudiosos da dêixis em narrativa da Universidade de New York em Buffalo e pesquisou, neste trabalho, algumas das principais questões envolvidas na compreensão da estrutura temporal de narrativas.

¹⁶⁶ Nesse trabalho, Almeida procura entender como diferentes tipos de eventos, tempos, aspectos e tempos adverbiais funcionam dentro de uma narrativa.

¹⁶⁷ Essa característica do tempo linguístico encontra-se presente, dentre outros estudiosos, nas obras de Benveniste, Fonseca e Fiorin, já mencionadas neste item.

recepção (em que o tempo linguístico tem como eixo ordenador e gerador o momento de enunciação), o *hoje* de uma notícia, dêitico cuja interpretação é feita a partir da data de publicação da matéria, tem, muito provavelmente, a recepção em outra data. Em razão dessa diferença entre os dois tempos, em casos como o da notícia, o tempo linguístico é ancorado numa divisão do tempo crônico. A centralidade do presente, a do *hoje* do exemplo, só pode ser deslocada em duas distâncias-dia tanto para trás como para a frente (respectivamente, em *ontem* e *anteontem*; *amanhã* e *depois de amanhã*). Quando, por razões pragmáticas, “o enunciador deve impelir a temporalidade para além dos limites enunciados por ontem e amanhã, o discurso sai de seu plano próprio e utiliza a gradação do tempo crônico, com a enumeração das unidades. “há dez dias”, “em duas semanas” (BENVENISTE, [1974], 2006, p. 77).

No caso em que o tempo linguístico está ligado às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no texto, a temporalidade linguística ordena sua própria progressão. Conforme Fiorin, isso implica em dois sistemas temporais linguísticos: um ordenado em relação a marcos temporais instalados no texto e relacionado diretamente ao momento de enunciação – sistema enunciativo; outro organizado em função do presente implícito da enunciação e ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado – sistema enuncivo. O autor faz uma crítica ao fato de Benveniste não ter estabelecido, com clareza, a simetria dos dois sistemas e sua interdependência.

Embora reconheça como Van Dijk¹⁶⁸ que o tempo verbal gramatical (*tense*) é a manifestação de relações temporais (*time*) entre as representações de um texto, Fiorin também critica este autor por não perceber que os tempos verbais se bipartem em sistemas distintos. Como exemplo dessa bipartição, ele cita “uma relação de anterioridade que, em português, dependendo do marco temporal a que estiver referida, pode ser expressa pelo pretérito perfeito, pelo pretérito mais que perfeito ou pelo futuro anterior¹⁶⁹” (FIORIN, 2010, p. 145).

Os sistemas temporais do tempo demarcado

¹⁶⁸ Fiorin refere-se a Van Kijl, 1976. *Pragmatics of language and literature*. Amsterdam, North Holland.

¹⁶⁹ O futuro anterior, a que o autor se refere, corresponde em francês ao *futur antérieur* (*quand j’aurai fait fini mês études, je passerai um mois em Italie*, por exemplo) que indica uma relação de anterioridade, de algo que vai acontecer no futuro antes de outra ação também no futuro. Em português, essa anterioridade corresponde ao futuro do subjuntivo (quando eu terminar meus estudos, vou passar/passarei um mês na Itália).

Os sistemas temporais, enunciativo e enuncivo, sustentam a formulação do discurso narrativo e articulam os momentos de enunciação (ME), de referência (MR) e de acontecimento (MA).

O ME, conforme já mencionado em nota de rodapé acima, é o eixo fundamental da ordenação temporal da língua; o MR está relacionado ao ME; e o MA responde pelos estados e transformações e é ordenado em relação aos diferentes momentos de referência.

Ao ME, dada a sua singularidade, são aplicadas as categorias de concomitância e de não-concomitância.

Sistema enunciativo

No sistema enunciativo há a concomitação entre o ME com o momento de referência presente (MR), ou seja, o ME atua concomitante ao MR, tudo é referido no ME. Dessa relação, é possível a formulação de concomitância entre o MR e o MA presente ou de não-concomitância, em que o MA pode relacionar-se à posterioridade (MA futuro) ou à anterioridade (MA pretérito).

Sistema enuncivo

No sistema enuncivo não há a concomitância entre o ME e o MR (momento de referência instalado no enunciado), ou seja, o ME não atua concomitante ao MR. Disso resulta que o MR aparece em duas dimensões ou dois subsistemas: de anterioridade (MR pretérito) e de posterioridade (MR futuro). Em cada uma dessas dimensões, contudo, é possível também falar em concomitância e não-concomitância em relação ao MA.

Assim, a concomitância, sempre resultante de uma relação com um momento presente, ocorre no sistema enuncivo, na dimensão de anterioridade, pela relação entre o MR pretérito e o MA presente. Enquanto a não-concomitação se bifurcará em anterioridade (MR pretérito não concomitante ao MA pretérito) e posterioridade (MR pretérito não concomitante ao MA futuro). A dimensão de posterioridade do sistema enuncivo apresenta o mesmo quadro, ou seja, há uma relação de concomitância entre o MR futuro e o MA presente; e não-concomitância de anterioridade (entre o MR futuro e o MA pretérito) e de posterioridade (entre o MR futuro e MA futuro).

O exemplo apresentado pelo autor elucida mais a relação entre os dois sistemas e os diferentes tempos nele contidos.

[99] Dias antes, indo passar a noite em casa de um conselheiro, viu ali Rubião. Falava-se da chamada dos conservadores ao poder, e da dissolução da Câmara. Rubião assistira à reunião em que o Ministério Itaboraí pediu os orçamentos. Tremia ainda ao contar as suas impressões, descrevia a Câmara, tribunas, galerias cheias que não cabia um alfinete, o discurso de José Bonifácio, a moção, a votação... Toda essa narrativa nascia de uma alma simples; era claro. A desordem dos gestos, o calor da palavra tinham a eloquência da sinceridade. Camacho escutava-o atento. Teve modo de o levar a um canto da janela e fazer-lhe considerações graves sobre a situação. Rubião opinava de cabeça, ou por palavras soltas e aprobatórias.

- Os conservadores não se demoram no poder, disse-lhe finalmente Camacho.

- Não?

- Não; eles não querem a guerra, e têm que cair por força. Veja como andei bem no programa da folha.

- Que folha?

- Conversaremos mais tarde

(ASSIS, M. de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, v. 1, p. 691. In: FIORIN, 2010, p. 147)

O fragmento do texto apresenta os dois sistemas: enunciativo e enuncivo. No primeiro, há a concomitância entre o MR, representado nas formas verbais ‘demoram’, ‘querem’ e ‘têm’ e o ME, momento em que Camacho se torna *eu* pela condescendência do *eu* narrador. É observado, ainda nesse sistema, a alternância das vozes (*eu* narrador; *eu* personagem, Camacho; o *eu* não aparece em nenhum tempo verbal, na fala de Rubião) e, assim, a mudança do centro dêitico. No mesmo sistema também há a não-concomitância, de anterioridade (indicada pela forma verbal *andei*) e de posterioridade (*conversaremos*).

No sistema enuncivo, os tempos verbais do *eu* narrador estão centrados em um marco temporal pretérito, portanto, em uma dimensão de anterioridade do MR em relação ao ME. Duas situações, contudo, merecem destaque: (i) há concomitância na relação entre o MR pretérito e o MA (*viu, falava-se, tremia, descrevia, nascia, era, tinham, escutava-o, teve, opinava, disse*); (ii) há não-concomitância entre o MR pretérito e o MA pretérito, visto que *assistira* aponta anterioridade em relação ao próprio MR pretérito.

Tempo sistematizado

Para Fiorin, o tempo sistematizado inclui os tempos verbais, os advérbios, as preposições/locuções prepositivas e as conjunções. Sua preocupação, no tocante a essas duas categorias, é elencá-las na perspectiva dos mesmos eixos de ordenação do tempo, manifestado pelas formas verbais: sistema enunciativo e sistema enuncivo. Neste espaço, contudo, aprometo-me apenas das explicações do autor sobre os tempos verbais. Assinalo, assim, que, nesta pesquisa, não trato especificamente do papel temporal das preposições nem das conjunções. Os advérbios e as expressões adverbiais

temporais, embora menos complexos, mas não menos importantes para as relações de concomitância e não-concomitância (de anterioridade e posterioridade), exercem relevante papel no estudo das mudanças dêiticas e, como uma categoria linguística, foram apreciados no capítulo 3, item 3.3.

Vale destacar, ainda, que a discussão sobre tempos verbais se inscreve no âmbito da enunciação. Assim sendo, lembro que, para Benveniste ([1974], 2006), os tempos verbais traduzem dois planos de enunciação: o da história – relato de acontecimentos que não implica em traços espaço-temporais do *eu* –; o do discurso que mobiliza as coordenadas *eu/aqui/agora*. Weinrich (1973), a propósito dos tempos verbais, fala de tempos do comentário (do mundo comentado. Em português esses tempos corresponderiam ao: presente, futuro do presente, pretérito perfeito composto) e tempos da narração (do mundo narrado. Em português, ao: pretérito perfeito simples, imperfeito, mais que perfeito e futuro do pretérito). Bronckart, por sua vez, entende que o mundo do narrar pode compreender um *narrar realista* (“que veicula um conteúdo que pode ser avaliado e interpretado de acordo com o essencial dos critérios de validade do mundo ordinário”) e *um narrar ficcional* (“cujo conteúdo pode apenas ser parcialmente sujeito a uma tal valiação” (BRONCKART, 1999, p. 154).

Fiorin, retomando os estudos de Weinrich, propõe que os tempos verbais podem ser compreendidos a partir de três eixos¹⁷⁰ e admite ainda que é possível narrar com tempos do comentário e comentar com tempos da narração. Ou seja, Fiorin considera “difícil aceitar a diferença entre tempos do mundo narrado e do mundo comentado” (p. 251). Nesta tese, portanto, sigo a linha de estudo de Fiorin, trato os tempos verbais, distribuídos e organizados nos sistemas: enunciativos e enuncivos, e, nas análises, deter-me-ei ao papel dos tempos verbais na perspectiva dêitica, quer de textos com tempos do narrar quer com textos do tempo do comentar.

Dos tempos verbais enunciativos:

Os tempos verbais enunciativos são: o presente; o pretérito perfeito 1¹⁷¹; o futuro do presente.

¹⁷⁰ Ver, nesta seção, nota nº 160.

¹⁷¹ Fiorin (2010) traça uma diferença entre o tempo pretérito perfeito 1 e 2. O primeiro corresponde à forma simples, que acumula em português duas funções: anterioridade em relação a um MR presente; e concomitância em relação a um MR pretérito. O segundo corresponde à forma composta, que não conserva função temporal. O autor exemplifica o tempo pretérito perfeito 2, com: “João tem lido até tarde neste mês”. Neste caso, a forma verbal tem a mesma função da forma simples, ou seja, marca o início de um acontecimento anterior ao MR presente. Essa distinção recebe outro tratamento em outras línguas românicas.

A respeito do uso em francês ver também em Maingueneau e Benveniste.

O tempo presente marca uma coincidência entre o MA, o MR e o ME. O autor, contudo, alerta para a noção de coincidência, haja vista a dificuldade em ser feita a delimitação precisa da parcela de tempo do MR que está relacionada ao ME. Isso resulta em que, se o MR tiver duração maior que o ME, é preciso em algum ponto haver a coincidência. Entre o MR e o MA, contudo, a coincidência é sempre assegurada.

A relação temporal presente entre ME e MR pode ser descrita por três formas distintas:

(i) uma relação temporal presente bem pontual (ME atua concomitante ao MR), conforme exemplificação de Fiorin:

[100] Um pássaro de plumagem azul *risca* o quadro num rápido voo diagonal e fere como um dardo a fronde da acácia. Os carrilhões do Campanile *começam* a tocar uma lenta melodia, e as notas líquidas dos sinos se *espraiam* no ar, que é como um lago dormente. Um coelho *sai* da zona de sombra negra, sob os arbustos, *caminha* até a zona de sombra verde, sob a árvore, e ali *fica* imóvel, de orelhas em pé, como que escutando... (VERÍSSIMO, E. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1947, p. 180. In: FIORIN, 2010, p. 149)

Os verbos em itálico de [100] indicam que o MA ocorre em um MR presente, um *agora*, que coincide com o ME.

(ii) Uma relação temporal presente durativa, quando o MR é mais longo que o ME. A duração pode ser contínua (presente de continuidade) ou descontínua (presente iterativo).

[101] Última aula. *Faço* uma rápida recapitulação de toda a matéria dada durante o semestre (VERÍSSIMO, E. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1947, p.197. In: FIORIN, 2010, p. 150).

O MR (tempo da aula) é mais longo que o ME (tempo em que o enunciador fala), a coincidência é em algum ponto do MR, que continua além do ponto em que houve a enunciação. A duração, então, é contínua.

[102] Aos sábados e domingos estudantes e professores *organizam* uma *soirée* literária e musical. E no jardim espanhol leem sob as estrelas Racina e Molière. (VERÍSSIMO, E. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1947, p. 250. In: FIORIN, 2010, p. 150).

O ME coincide apenas em algum ponto com o MR (sábados e domingos), que se repete, caso de presente iterativo. Há também coincidência do MR com o MA (*organizar e ler*).

(iii) uma relação temporal de presente omnitemporal ou gnômico, quando MR e MA são ilimitados. Essas relações temporais aparecem em provérbios e máximas; em definições; na descrição de estados considerados imutáveis; no relato de transformações consideradas necessárias. Esse tempo verbal não é considerado na cadeia dêitica.

O *tempo do pretérito perfeito* (forma simples) marca uma relação de anterioridade entre o MA e o MR presente.

[103] 20 de junho (...) Sou muito sensível às relações humanas, e *habituei-me* a ver pelo menos três vezes por semana estes jovens que aqui tenho diante de mim. Com muitos deles *andei a caminhar* pelo campus ou *almocei* nesses cafés boêmios dos arredores da Universidade. Muitas dessas moças *foram* ao meu escritório e me *levaram* seus ‘casos’, alguns dos quais o romancista *escutou* com delícia e o homem com embaraço (VERÍSSIMO, E. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1947, p. 197. In: FIORIN, 2010, p. 152).

No exemplo acima, o MR presente é o *agora*, cuja referência é recuperada pela data registrada no discurso, e tem como MA anterior o que está representado pelas formas verbais assinaladas.

O *futuro do presente* indica uma posterioridade do MA em relação ao MR presente, conforme exemplificado a seguir:

[104] Pergunto-lhes *agora* que pretendem fazer no segundo semestre de 1944. Alguns *permanecerão* na Universidade para terminar o curso. (VERÍSSIMO, E. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1947, p. 198. In: FIORIN, 2010, p. 153).

Sendo [104] um segmento textual de continuação a [103], o MR presente *agora* é também a data do discurso (20 de junho de 1944) e o MA (*permanecerão*) marca a posterioridade em relação ao MR.

Dos tempos verbais enuncivos:

Os tempos verbais enuncivos são ordenados em dois subsistemas: um centrado em um MR pretérito e outro, em um MR futuro.

O *subsistema enuncivo pretérito* tem um MR pretérito e mantém, quanto ao MA, uma relação de concomitância, representada pelo pretérito perfeito e pelo imperfeito, ou de não-concomitância de anterioridade, representada pelo pretérito mais-que-perfeito, e de posterioridade, representada pelo futuro do pretérito.

A representação da relação de concomitância tem valor aspectual distinto, ou seja, pode exprimir MR pretérito acabado ou um MR pretérito inacabado. No

primeiro caso, Fiorin (2010, p. 155) destaca que: “o pretérito perfeito 2 assinala um aspecto limitado, acabado, pontual, dinâmico”. O autor, contudo, não menciona o pretérito perfeito simples como um tempo essencial para marcar esse tipo de concomitância. Entendo que, pelo fato de ele já haver anunciado que essas duas formas de pretérito têm a mesma função discursiva, ou seja, marcam o início de um acontecimento anterior ao MR presente, a omissão desse registro não prejudica o entendimento do que seja uma concomitância com MR pretérito acabado, mais ainda, quando exemplificando, ele emprega a forma simples, conforme [105] abaixo.

[105] No dia 29 de dezembro, o Senado condenou o presidente Collor à pena de inabilitação política por oito anos (FIORIN, 2010, p. 155).

Além desses aspectos, o pretérito perfeito chama atenção por sua relação com a ideia de duração, conforme é observado, respectivamente, nos exemplos seguintes, em que há descontinuidade em relação ao MR [106] ou quando deve-se ao semantismo do verbo [107]:

[106] *Achava-se* Mendonça uma vez à porta do Carceller, onde *acabava* de tomar sorvete em companhia de um indivíduo, amigo dele, quando *viu* passar um carro. (ASSIS, Machado de. *Obra Completa* v.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983,p.33. In: FIORIN, 2010, p. 156).

[107] Seu sofrimento *durou* vinte anos. (FIORIN, 2010, p. 157)

Em [106], “*viu*”, além de exprimir um acontecimento acabado e pontual, também exprime uma descontinuidade em relação a um acontecimento passado num momento determinado do pretérito, sem levar em conta a duração. Esse aspecto se destaca quando é observada a forma como se sequenciam as formas “*achava-se*” e “*acabava*”, indicando uma concomitância contínua.

O exemplo [107] evidencia o fato de que a duração deve-se mais ao semantismo do verbo que ao emprego do pretérito perfeito. Isso não evidencia, contudo, que o pretérito perfeito seja desprovido de duração, significa que esta não é levada tão em conta.

Destaco ainda o fato de o pretérito perfeito apresentar múltiplos estados ou transformações como sucessivos e concomitantes em relação a diferentes MR pretéritos. Essa característica, conforme Fonseca (1992) já havia mencionado torna esse pretérito o tempo por excelência da narração.

[108] Três horas da tarde. Um velho Ford *parou* em frente do casarão revestido de hera do Hotel Centenário. *Desceu* dele um homem ainda moço, de estatura mediana, com a roupa cor-de-chumbo coberta de pó e *encaminhou-se* para o saguão. Como não visse ninguém, *bateu* palmas (MOOG, Viana. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: Globo/MEC, 1973. p.1. In: FIORIN, 2010, p. 157)

Parou mostra um fato concomitante com o MR pretérito (três horas da tarde). *Desceu*, *encaminhou-se* e *bateu* aparecem como sucessivos e como se estivessem ancorados em expressões temporais como *pouco depois*, *a seguir*, *em seguida*.

Além dos aspectos que assinaiei acerca do tempo pretérito perfeito, merecem destaque também a iteratividade e o caráter de verdade geral¹⁷², conforme exemplificam, respetivamente, [109] e [110].

[109] Cem vezes ele pediu, cem vezes lhe foi recusado (FIORIN, 2010, p. 157).

[110] O espinho já nasceu com seu biquinho (FIORIN, 2010, p. 157).

Como [109] deixa ver, o sentido de iteratividade é marcado pela presença da expressão “cem vezes”. Por outro lado, em [110], o caráter de verdade é assinalado pela presença do “já”. Nesses casos, outras expressões também provocam esse efeito, como *sempre*, *nunca*, *muitas vezes*.

No caso em que a concomitância pode exprimir um MR pretérito inacabado, há a presença do pretérito imperfeito, cuja função é expressar um aspecto não-limitado, inacabado, durativo e estático, visto em seu desenvolvimento, conforme [111]. Essa característica do pretérito imperfeito fica ainda mais destacada quando é feita a comparação com o pretérito perfeito, conforme exemplo [105].

[111] No dia 29 de dezembro, o Senado condenava o presidente Collor à pena de inabilitação política por oito anos (FIORIN, 2010, p. 155).

Eco, assim como Fiorin, considera que o imperfeito é um tempo muito interessante porque é simultaneamente durativo e iterativo. Isso se explica porque a duratividade desse tempo pode ser contínua ou descontínua. A duratividade contínua diz respeito, mais especificamente, à continuidade do MR pretérito como em [112]. Por

¹⁷² Fiorin trata esse aspecto do pretérito perfeito como um valor gnômico, que pode ser comparado ao mesmo aspecto observado no tempo presente. Os dois tempos, contudo, se diferenciam: no presente, há uma espécie de evidência do momento de enunciação, enquanto no pretérito perfeito, uma verdade a partir de experiências.

apresentar os fatos como simultâneos, é um tempo que se presta muito bem aos propósitos da descrição, em que os tempos verbais contribuem para a formação de um quadro de continuidade como em [113], dando destaque ao efeito de estaticidade.

[112] Sete horas da manhã haviam de ser. A luz de um sol esplêndido *fluía* no éter que a trovada da véspera tinha acendrado. O céu *arreiava-se* do azul diáfano onde a fantasia se embebe com a voluptuosidade casta de criança a aconchegar-se dentro, lá dentro do grêmio materno. (FIORIN, 2010, p. 156).

[113] A tarde *ia* morrendo. O sol *declinava* no horizonte e *deitava-se* sobre as grandes florestas, que *iluminava* com seus últimos raios. A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, *enrolava-se* como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres *desatavam* as flores alvas e delicadas, e o ouricuri *abria* suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados *procuravam* a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, *soltava* os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr-do-sol e *confundia-se* com o rumor da cascata, que *parecia* quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde. *Era* a Ave-Maria (ALENCAR, J. de. *O Guarani*. São Paulo: Saraiva, 1968, p. 39. In: FIORIN, 2010, p. 158).

A duratividade descontínua diz respeito à iteratividade como em [114], em que implicitamente o MR pretérito se repete.

[114] Quando a criança via o sol irisando a água do lago, *batia* as mãos de contentamento (FIORIN, 2010, p. 155).

A iteratividade pode também significar uma ação que não ocorreu em nenhuma vez num dado período de tempo:

[115] Zetti não *tomava* nenhum gol há dez partidas (FIORIN, 2010, p. 155).

Conforme assinalado em [111], o pretérito imperfeito assinala a concomitância em relação ao pretérito perfeito e essa função lhe permite, em alguns casos, subsumir ações de valor pontual como em [116], em que “*fazia*” subsume as sequências “*bebeu, começou a respirar e caiu*”:

[116] Ele *bebeu* a vodka, *começou* a respirar com dificuldade, *caiu* sem sentido. O metanol *fazia* seu efeito (FIORIN, 2010, p. 155).

Como durativo, o pretérito imperfeito diz que alguma coisa estava acontecendo no passado, mas não “nos fornece nenhum tempo preciso, e o início e o

final da ação permanecem ignorados. Como iterativo, indica que a ação se repetia. Porém, nunca sabemos ao certo quando é iterativo, quando é durativo, ou quando é ambos (ECO, [1994] 2012, p. 19). Ainda assim, alio-me a esse posicionamento, porque, no âmbito da referenciação dêitica, quando a ação se repete, ela pode de certa forma modificar a iteratividade.

Como explicitiei acima, os tempos enuncivos ordenam-se também quanto ao MR pretérito em uma relação de não-concomitância centrada em dois momentos: anterioridade e posterioridade. O pretérito mais-que-perfeito indica uma relação de anterioridade entre o MA e o MR pretérito. Vale salientar que, de acordo com o modelo seguido para este estudo, estou considerando uma forma de anterioridade dentro do subsistema enuncivo numa relação de não-concomitância com o tempo pretérito, e não a anterioridade existente entre o MR presente, conforme disposto acima quanto tratei dos tempos enunciativos.

[117] No dia seguinte àquele em que se passaram as cenas descritas no capítulo anterior, entendeu o céu que devia regar com suas lágrimas o solo da formosa Petrópolis. Tito, que destinava esse dia para ver toda a cidade, foi obrigado a conservar-se em casa. Era um amigo que não incomodava, porque quando era demais sabia escapar-se discretamente e quando não o era, tornava-se o mais delicioso dos companheiros [...]. Tito *tinha andado* por todas as repúblicas do mar Pacífico, *tinha vivido* no México e em alguns Estados americanos. *Tinha* depois *ido* à Europa no pacote da linha de Nova Iorque (ASSIS, Machado de. *Obra Completa* v.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p.128. In: FIORIN, 2010, p. 158).

No exemplo, as formas analíticas do pretérito mais-que-perfeito (*tinha andado*, *tinha vivido* e *tinha ido*) assinalam acontecimentos anteriores e não-concomitantes ao MR pretérito “no dia seguinte”.

A relação de não-concomitância e posterioridade dos tempos enuncivos é marcada pelo futuro do pretérito. Nesses casos, o MA é posterior ao MR pretérito, conforme exemplo abaixo:

[118] Na noite de sexta-feira, Collor até planejara sua ida ao Senado. O advogado Villela *falaria* por quarenta minutos, fazendo aquilo que na Dinda se chama “denúncia política” do processo. Evaristo *teria* direito a outros quarenta, nos quais se *ocuparia* da defesa criminal do presidente, e, por fim, o próprio réu, Fernando Collor, *assumiria* a tribuna para falar por vinte minutos. ACM disse que Collor *seria* inapelavelmente derrotado no Senado (Veja, 30/12/1992, 1268:21. In: FIORIN, 2010, p. 159).

No exemplo [118], as formas do futuro do pretérito assinalam dois momentos de posterioridade do MA em relação do MR pretérito. No primeiro, o MA (*falaria, teria, se ocuparia, assumiria*) é posterior ao MR pretérito (*noite de sexta-feira*). No segundo, o MA (*seria derrotado*) é posterior ao MR pretérito (*disse*).

Fiorin (2010, p. 160) chama a atenção para o fato de que o futuro do pretérito tem, na maioria das vezes, “o caráter de uma antecipação imaginária (...) com valor hipotético”. O autor demonstra, com o exemplo [119], que o MR pretérito é o momento da suposição e que o MA posterior a esse MR é a chegada do inverno.

[119] Todos supunham que, quando o inverno chegasse, a guerra na Bósnia *teria terminado* (FIORIN, 2010, p. 160).

Importa lembrar que a posterioridade, expressa pelo futuro do pretérito¹⁷³, indica um fato anterior a um outro acontecimento no futuro, mas também pode indicar um fato anterior a um outro momento que não o de referência, conforme exemplo [120], em que o fato (*a chegada do avião*) é anterior a um momento (*dez horas*) que não é o MR pretérito (*ontem*).

[120] Ontem de manhã, eu sabia que, às dez horas, o avião já *teria chegado* (FIORIN, 2010, p. 160).

O *subsistema enuncivo futuro*, assim como todos os demais tempos, apresenta em relação ao MR concomitância e não-concomitância. A concomitância é expressa pelas formas verbais: futuro do presente simples ou futuro do presente progressivo (futuro do presente de estar + gerúndio), conforme exemplo:

[121] No momento em que eu lhe *der* um sinal, você *soltará* os rojões. (FIORIN, 2010, p. 161).

A não-concomitância em relação ao um MR futuro é assinalada por anterioridade, ou seja, um tempo futuro anterior ao MR futuro como em [122]; e por posterioridade, ou seja, um tempo futuro posterior ao MR futuro como em [123].

[122] Em oito dias, *terei terminado* o serviço (FIORIN, 2010, p. 161).

¹⁷³ Não foi considerada nesse tópico a distinção aspectual entre as formas simples e composta do futuro do pretérito.

[123] Depois que o Senado cassar o mandato do presidente da República, este *estará* inabilitado, por oito anos, para o exercício de qualquer função pública (FIORIN, 2010, p. 161).

No tocante ao quadro descrito a partir de Fiorin, quero destacar que o aspecto sempre foi entendido pela Linguística como “um ponto de vista do sujeito sobre o processo” (FLORES E OUTROS, 2009, p. 52). É na modulação que o *eu* narrador dá ao processo, modificando-o, por exemplo, de acabado para não acabado, de pontual para durativo, de contínuo para descontínuo, dentre tantas mudanças possíveis de serem operadas no discurso, que o fenômeno da dêixis encontra espaço para aportar à noção de mudança dêitica recategorizadora.

Vale ainda relembrar que esse sujeito não é uno, pois, na configuração discursiva, conforme mencionado em outro ponto deste trabalho, ele existe como um *eu* cognitivo e observador para quem a ação realizada pelo *eu* instalado no discurso aparece como o processo solicitado por Flores e outros. Isso significa dizer que, para encontrar o centro dêítico, o leitor não precisa olhar para fora do texto, pois as coordenadas são dadas pela forma como o sujeito da enunciação se enuncia na orientação do texto, como um ponto de referência para a interpretação de expressões dêíticas.

Em Monticelli (2005b), encontro eco para essa forma de pensar. Para o autor,

(...) quando interpretamos um texto narrativo, nós aplicamos o que poderíamos chamar de um procedimento de ‘hipostatização ficcional’: nós paramos em um dado momento o curso da construção do EU textual, para fixar uma cópia dele, que irá tomar uma posição como sujeito da enunciação, tornando-se assim um ponto de referência para a interpretação de dêíticos no texto (MONTICELLI, 2005b, p 210)

São pontos de vistas muito próximos ao que adotei como linha mestra deste meu trabalho, em que a intersubjetividade que se dá entre o falante, o discurso e o contexto de criação parece ser a mesma que ocorre dentro do mundo da narrativa, assunto que será abordado no próximo item.

4.3.4 A localização no mundo da narrativa

A localização no momento da elocução também se constitui significativa para a configuração do fenômeno da dêixis. Em gêneros com sequências narrativas, o centro dêítico espacial é mais proeminente que em outros gêneros, visto que os eventos

acontecem em um local, e parte da ação é geralmente estruturada por meio de movimentos de um espaço a outro. Ainda assim, alguns autores, dentre eles Genette (1972) e Fiorin (2010), concordam que a categoria da localização do falante, em relação às categorias de pessoa e tempo, se sobressai menos no discurso.

Genette chega a dizer que é possível contar uma história sem precisar o lugar onde ela se passa nem o lugar em que o autor faz a sua narrativa¹⁷⁴. Para ele, diferentemente da identificação do tempo, considerado imprescindível em relação ao ato narrativo, o lugar, por não ser muito pertinente, é raramente especificado. Fiorin ratifica a compreensão de que “essa categoria tem menor relevância no processo de discursivização” e acrescenta que “podemos falar sem dar nenhuma indicação espacial, quer em relação ao enunciador, quer em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado” (FIORIN, 2010, p. 258).

Até certo ponto é possível concordar com esses autores, conquanto eu prefira acompanhar aqueles que dizem o contrário. Maingueneau (2001a) encontra-se entre os autores para quem esse é um problema com o qual o narrador se confronta quando quer situar alguma coisa em seu texto. Na defesa dessa questão, adianta que “é difícil para o narrador se manter constantemente no ponto de vista de um narrador onisciente que eliminaria qualquer localização dêitica, quer a mesma se baseie na subjetividade narrativa, quer na das personagens” (MAINGUENEAU, 2001a, p. 28).

Se existe a dificuldade para o narrador, é provável que, em determinadas situações discursivas, o ouvinte/leitor também encontre alguma dificuldade em acompanhar a mudança de localização do *eu* na narrativa. Dentre as dificuldades, destaco a localização, que pode servir como ponto de referência espacial, de um ou outro participante, ou até de ambos, do ato de fala na narrativa. A respeito dessa problemática, Fillmore ([1984]1997) e Maingueneau (2001a) empregam exemplos bem próximos e advertem que as indicações de lugar tomam parte no sistema dêitico de uma língua em virtude de que, para muitas expressões locativas, a localização de um, ou de outro, ou de ambos os participantes do ato de fala, pode servir como um ponto de referência espacial.

Fillmore diz que uma expressão como *João está lá em cima* é facilmente compreendida pelo ouvinte, se ele tomar como ponto de referência o lugar de onde é enunciada a sentença, ou seja, *lá em cima* significa acima do lugar onde o falante está

¹⁷⁴ Genette exemplifica seu posicionamento dizendo que o lugar em que Proust escreveu sua obra *À la recherche du temps perdu* não é pertinente para o conhecimento da obra.

no tempo em que enuncia a sentença, embora o discurso imediatamente precedente tenha fornecido algum outro ponto de referência. Maingueneau (2001a, p. 28), por seu turno, diz que “as localizações efetuadas pelos romances oscilam entre uma localização ‘objetiva’ (não-dêitica) e uma localização dêitica”, motivo pelo qual uma expressão como *à esquerda da casa* revela-se ambígua. Se o enunciador estiver em frente à casa será uma localização dêitica, pois o leitor deverá tomar como ponto de referência à esquerda dele. Se, por outro lado, a localização for em relação à casa, será não-dêitica.

Em síntese, os autores querem chamar a atenção para a localização dêitica no discurso e para o fato de que posicionar-se (*estar em frente a, à esquerda de, à direita de*, dentre tantas e tantas outras expressões que fazem menção a lugar) e controlar as coordenadas presentes na enunciação não é tarefa tão simples quanto possa parecer. Corroborando com essa noção, acrescento ao quadro descrito o problema da dêixis espacial, quando as expressões dêiticas aparecem em uma cadeia referencial.

Costa¹⁷⁵, baseada nos proponentes da Teoria da Mudança Dêitica, já mencionada em outros instantes deste capítulo, trata do fenômeno dêitico e seu alcance na interpretação do discurso e traz contribuições à tese da recategorização dêitica, defendida nesta pesquisa, não obstante sua perspectiva de abordagem seja outra, conforme explico a partir do exemplo retirado de seu artigo.

[124] E correu para o mar, e nadou para o Oriente
E aos gritos de “**Volta!** Maluco! Pirado!
Tens que **vir** pra Porto Alegre com a gente”
Respondeu “chego **lá**, algum dia, e **pelo outro lado!**”

Nestes versos, a autora chama a atenção para dois fatos em relação à localização espacial: (i) os verbos de movimento inseridos no chamamento dos familiares, aliados à informação anterior de que o Surfista nadou para o Oriente, mostram o contraste entre a localização deste, que estaria no mar, e a da família, que teria ficado no continente; (ii) o **lá pelo outro lado**, dito pelo Surfista, referindo a Porto Alegre, além de assinalar uma marca do distanciamento dele em relação à capital gaúcha, permite ao leitor construir outras hipóteses de interpretação para a metáfora. Nessa possibilidade de construção do sentido dêitico pelo leitor é que se assenta parte da noção de que a expressão dêitica pode sofrer modificações ao longo do texto e, assim, ser recategorizada.

¹⁷⁵ A autora analisa o poema *Balada* de Luiz Fernando Veríssimo.

Por esses aspectos pontuados, merece destaque a relação estabelecida entre as referências espaciais, em textos literários com predominância de sequências narrativas, e a situação de enunciação. Alinho-me a Maingueneau (2001a) no tocante à enunciação literária não ter o caráter simétrico da interlocução, no sentido de que a noção de situação de enunciação – como um conjunto formado pelo enunciador, destinatário, momento e lugar – não apresenta uma face igualmente evidente quando se trata de textos literários. O autor adianta, inclusive, que “o texto literário aparece como um ‘pseudo-enunciado’, que só comunica pervertendo as regras do intercâmbio linguístico” (p.16), ou seja, as regras segundo as quais os interlocutores dialogam no mesmo lugar, remetendo diretamente a contextos fisicamente perceptíveis.

Defendo, portanto, a partir de Maingueneau, que os textos literários narrativos constroem suas cenas enunciativas, através de um jogo de relações internas ao próprio texto, e que, dada essa característica, as expressões dêiticas espaciais se tornam perceptíveis sem a intervenção da situação de enunciação, ou como assinala o autor, “na narrativa, os dêiticos são colocados no texto pela presença dos personagens e interpretados graças às informações contextuais.” (p.24).

A propósito disso, [125] é um bom exemplo de que são os enunciadores que dão sua referência. Nesse caso, o uso do pronome demonstrativo *isto* serve para dar à narrativa um efeito de autenticidade e, ao mesmo tempo, para permitir ao leitor reconhecer que há uma mudança no campo dêitico e que, a cada enunciação, o *isto* tem função distinta. O primeiro enuncia e dá espaço a que o outro se apresente e dê autenticidade ao texto. [125] ocasiona reconhecer que, na narração, as falas não são somente citadas, elas ocupam lugar numa narrativa.

[125] A cada novo pacote, a multidão vibrava. Nomeavam objetos em voz alta; isto é a barraca... Isto são as conservas... os remédios... as caixas de armas (A. Daudet. Tartarin de Tarascon, I, XIII. In. MAINGUENEAU, 2001a, p. 24)

A literatura aponta que as falas ocupam esses espaços através de discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

O discurso direto restabelece o discurso citado e dispõe de suas próprias marcas de subjetividade. Nele podem ser encontradas marcas como onomatopeias, interjeições, vocativos, exclamações, enunciados inconclusos.

O discurso indireto, longe de ser a transformação do discurso direto, como indicam as gramáticas, é ‘monopolizado’ por um único locutor que domina a situação discursiva, ou seja, os referentes podem ser narrados por uma infinidade de maneiras diferentes. A consequência imediata é a impossibilidade de os enunciados originais, muitas vezes, serem fielmente retomados, e, com a perda da autonomia enunciativa da citação, o discurso citante¹⁷⁶ controla a situação de enunciação, ou seja, apresenta um equivalente semântico integrado à enunciação. O discurso indireto “implica um único ‘locutor’ (grifo do autor), o qual se encarrega do conjunto da enunciação”. (MAINGUENEAU, 2001a, p. 109).

No caso dos dêiticos, ponho-me de acordo com o que foi dito pelo autor e aceito que, numa citação em discurso indireto, eles passam a depender da maneira como o enunciador se coloca no discurso. Essa “autoridade”¹⁷⁷ pode ser sentida em [126], exemplo retirado de Maingueneau (2001a).

[126] Paulo me afirmou que Lucas estava aqui e que partiria amanhã.
(MAINGUENEAU, 2001a, p. 110)

Concluo, portanto, com o autor, que os dêiticos do enunciado, *aqui* e *amanhã*, podem não ter sido ditos por Paulo, mas somente aparecem no discurso citante por designarem, respectivamente, o lugar e o tempo da enunciação.

O discurso indireto livre tem por característica principal ser uma forma de citação mais complexa. Nele, há a dissociação dos dois atos de enunciação, característica do discurso direto, ou seja, não são demarcadas, por exemplo, as falas do narrador e do personagem; assim também como a perda de autonomia dos embreantes do discurso citado, ou seja, o desaparecimento, por exemplo, de como se definem as relações entre os interlocutores, característica do discurso indireto. Maingueneau arguiu a esse respeito com o enunciado: “*você vem?*”, que em discurso indireto pode aparecer como “*ele lhe perguntou se ele queria ir*”.

Essa tentativa de associar estratégias empregadas pelos discursos direto e indireto pode ser sentida em [127]:

¹⁷⁶ Maingueneau (2001a, p. 103) diferencia discurso citado (que dispõe de suas próprias marcas de subjetividade, de seus embreantes) de discurso citante (ligado a uma outra instância, visto que as falas não são comente citadas, elas ocupam lugar numa narrativa).

¹⁷⁷ Grifo para destacar que, no discurso indireto, os traços de subjetividade podem ser questionados, se são do narrador ou se são do locutor citado

[127] Todavia Rosália teimava. Quando julgava ter uma boa ideia não a largava com facilidade. *A senhora não tinha razão em pensar que a sombra fazia mal. Talvez fosse antes a senhora que não desejava incomodar ninguém; mas enganava-se, a senhorita naturalmente não incomodaria pessoa alguma, porque ali não aparecia viva alma, o senhor não aparecia mais por ali, a senhora devia permanecer na praia até meados de setembro; era tão verdade aquilo, que a porteira pedira ao Zeferino que trabalhasse naquelas ruas com o ancinho, e havia dois domingos Zeferino e ela ali passavam as tardes. Oh! Era bonito, bonito demais!* (Uma página de amor, III, IV, p. 191. In: MAINGUENEAU, 2001, p. 116)

[127] exemplifica exatamente como a citação é feita e como a fala não pode ser atribuída apenas ao narrador ou à personagem. Nessa simbiose, porém, são percebidos dois enunciadores, postos em cena pela palavra do narrador, o qual se identifica com uma das vozes. A investigação de como a dêixis de pessoa se manifesta no discurso, principalmente, em textos literários, traz bastante luz para o encontro de vozes, para a identificação de pontos de vistas, para, enfim, a função discursiva de cada um desses *eus*.

Quanto aos espaços a que os *eus* do discurso se refere, Fiorin (2010), endossando os estudos de Vernant (1973), admite que o espaço, que aparece nos diferentes discursos, articula-se ainda com as categorias de interioridade *versus* exterioridade, fechamento *versus* abertura, fixidez *versus* mobilidade, que são homólogas à categoria feminilidade *versus* masculinidade. A mobilidade social ou não e o gênero são categorias que dizem respeito à relação do *eu* com o papel social desenvolvido por cada gênero e em esferas sociais distintas, assunto já abordado no item 2.2.3, que trata do *campo dêitico na esfera das práticas sociais*, em que busquei em Hanks (2008) o suporte teórico.

As discussões acerca da categoria dêitica espaço, travadas a partir deste ponto, serão fundamentadas em Fiorin (2010), primeiro pela clareza e detalhamento com que o autor aborda esta questão, segundo porque ele o faz seguindo uma linha voltada para a enunciação.

Fiorin reconhece que das três categorias da enunciação a menos estudada tem sido o espaço e, por isso, em comparação às posições do tempo e da pessoa tem menor relevância no processo de discursivização. Mesmo assim, o autor menciona o fato de que, ao longo de toda a trajetória humana, a compreensão do espaço sempre se fez presente. Na Grécia, desde os textos mitológicos (segundo Hesíodo, o nascimento dos deuses surgiu com Caos, o primeiro deus da mitologia grega, significando o espaço vazio) até textos ligados à geometria (demarcar limites de propriedades).

No âmbito da Linguística, faz-se necessário reconhecer que o espaço é por natureza temporal, e o tempo, espacial. Ainda assim, as línguas têm meios para distingui-los e conceptualizar o espaço de duas formas: o espaço linguístico e o espaço tópico.

O linguístico é o do *eu*, cujo interlocutor, na interação, aceita-o como seu, isto é, o *eu* se coloca como centro e ponto de referência da localização. O espaço tópico é determinado “quer em relação ao enunciador (por exemplo, “à minha esquerda”, “atrás de mim”), quer em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado (por exemplo, “na frente da igreja”, “à direita da estátua”)” (FIORIN, 2010, p. 262). O espaço tópico, portanto, é determinado pela presença do enunciador na enunciação ou pela presença no enunciado. Fiorin adverte que, quando “o actante não está presente no enunciado para servir como ponto de referência, é preciso construir um” (p. 262).

Isso equivale dizer que, na situação enunciativa, o enunciador pode dar uma informação, por exemplo, dizendo simplesmente *siga à esquerda*. Caso ele não esteja na situação enunciativa, deverá construir o referente e dizer *siga à esquerda, descendo a Av. Brigadeiro*. O espaço tópico facilita também a compreensão em casos relacionados, por exemplo, às margens (direita/esquerda) de um rio, cujo ponto de referência é definido a partir do curso das águas. Não faria sentido alguém tomar como ponto de referência sua própria posição em um enunciado como *siga à margem direita do rio X*. De igual modo, não faria sentido alguém desconsiderar informações implícitas em enunciados como, por exemplo, *determinado lugar fica à direita de tal prédio*, em que a fachada do prédio deve servir de referência.

Como assevera Fiorin (2010, p. 263), “o espaço linguístico comporta suas próprias demarcações e seus próprios limites, independentes daqueles do espaço tópico. Um aqui é o lugar de onde alguém fala”. Ou seja, o espaço linguístico é o espaço em que o *eu* se situa quando do ato de enunciação e que espera ter a aquiescência do interlocutor, aceitando-o como seu. A mesma concordância deve ocorrer quando da mudança de papéis no discurso. Essas informações são suficientes para a apreensão de que o espaço linguístico abriga aquele que se coloca como centro e ponto de referência da localização, enquanto o espaço físico, o lugar onde se desenrola a cena enunciativa.

As noções sobre tipos de discurso e sobre o funcionamento do espaço linguístico oportunizam que também seja pensado como a subjetividade é evidenciada pelo *eu* do narrador em diálogos e em monólogos. Em narrativas, os diálogos, quase sempre, somente são possíveis com a permissão do *eu* narrador que se reveste do poder

a ele atribuído pelo *eu* autor. Afora essa condição, as negociações entre as personagens ocorrem de modo bem semelhante ao que ocorre entre interlocutores em diálogos convencionais do mundo real.

Conforme postula Fiorin (2010, p. 263), “o espaço, como o tempo, tem um centro gerador e axial no espaço da enunciação que será sempre um *aqui*”. Seguindo as pegadas do autor, defendo que o espaço é reinventado cada vez que, na interlocução, alguém toma a palavra, porque, em cada ato enunciativo, surge um espaço novo a partir do centro dêitico do falante. De acordo com essa perspectiva, as oposições espaciais da língua surgem a partir do *aqui*, do ponto em que o falante se situa, que se desloca durante o discurso para possibilitar os espaços do *não-aqui* do ouvinte.

Acredito, diante do que acabei de expor, que a dificuldade, aludida em parágrafo mais acima, de o narrador “administrar” coerentemente o espaço discursivo se torna ainda mais evidente. Ao leitor, restará, a meu ver, dentre as possibilidades de administrá-lo, recorrer aos mecanismos dêiticos espaciais, pois são eles que lhe permitem fazer diferentes recortes do espaço linguístico. Em *João está aqui, lá adiante*, por exemplo, a cena enunciativa indicará que o *aqui* é um lugar comum aos participantes da enunciação (um auditório) e *lá*, um lugar diferente mesmo que englobado pelo espaço do *aqui* (várias fileiras de poltronas antes do ponto de referência e de enunciação). A dificuldade para o reconhecimento de tais expressões dêiticas seria a do partilhamento da situação enunciativa, isto é, os participantes de um ato de enunciação precisam saber onde se dá a enunciação, conforme já pontuei.

O espaço linguístico é expresso pelos demonstrativos e por certos advérbios de lugar e pode ser analisado, a partir do espaço tópico¹⁷⁸ (pluridimensional), conforme esquema de estudo utilizado por Fiorin (2010, p. 263-5), nas seguintes categorias: direcionalidade e englobamento. A categoria de direcionalidade articula verticalidade *versus* horizontalidade, que contempla a lateralidade e a perspectividade. A categoria de englobamento diz respeito à colocação de um espaço considerado em sua bi ou tridimensionalidade numa posição (altura, largura e comprimento) e articula-se em englobante e englobado.

¹⁷⁸ Quando se usa um espaço tópico, ele sempre estará precisando um espaço linguístico explicitamente manifestado ou não (FIORIN, 2010, P. 265).

As categorias de análise espacial são dinamizadas por duas operações de movimento: expansão e condensação que permitem descrever as mudanças de posição. Os movimentos podem ser simples ou complexos.

Movimentos simples referem-se à modificação de posição numa dada categoria espacial e compreendem as seguintes relações:

- a) direcional em que a expansão produz um afastamento, e a condensação, uma aproximação;
- b) de englobamento em que a expansão gera uma extensão no espaço, e a condensação, uma concentração, cujos resultados são a nuclearização e a pontualização.

O afastamento e a aproximação, resultantes da relação direcional, dão origem à distância entre um espaço e outro. A extensão e a concentração, resultantes da relação de englobamento, fazem aparecer a ocupação.

Movimentos complexos referem-se às relações que ocorrem entre categorias distintas (um tipo de movimento é feito com base numa categoria espacial e a análise do espaço em que ele ocorre é feito com base em outra categoria). As principais relações são:

- a) movimento direcional aplicado a uma relação de englobamento ocasiona uma transposição do espaço, podendo ser de expansão (saída) ou de condensação (entrada);
- b) movimento de englobamento aplicado a uma relação direcional determina uma difusão no espaço, podendo ser de expansão (dispersão) ou decondensação (reunião).

Vale destacar que para a análise de categorias espaciais é fundamental o ponto de referência: enunciativo (o do enunciador e o do enunciatário) ou enuncivo (ponto de referência inscrito no enunciado).

Os demonstrativos no sistema espacial dêitico

Nas reflexões a seguir procurei abstrair questões polêmicas da relação demonstrativos/tempo-espaço. Nesta perspectiva mais restrita dos demonstrativos como dêiticos de espaço, continuo seguindo o posicionamento de Fiorin (2010). Para o autor, assim como para Neves (2000), a natureza dos demonstrativos é fórica. Eles fazem referência ao contexto ou à situação do discurso, neste caso, atualizam um ser do discurso, situando-o no espaço.

Em função dêitica, o demonstrativo *este* indica o espaço do enunciador – está próximo do eu e coocorre com o *aqui*; *esse* indica o espaço do enunciatário – próximo a tu e coocorre com *aí*. Esses demonstrativos indicam o espaço da cena enunciativa, enquanto *aquele*, o que está fora dela, coocorrendo com *lá*.

[128] *Este* cachorro é meu! Gritei, chorando, o animalzinho apertado contra o peito.

Você se esquece que *esse* cálice aí era o seu e não o dela.

Sabe quem é *aquele* ali? (FIORIN, 2010, p. 266)

As formas *este/esse* apresentam no discurso, em língua portuguesa, uma neutralidade não abonada pela doutrina tradicional. O *aquele* marca o que foi dito há algum tempo (portanto, num momento não concomitante ao da enunciação) ou num contexto (fora do contexto da enunciação), porque sua função dêitica básica é situar fora da cena enunciativa.

Enquanto a neutralidade entre *este/esse* é reconhecida pela literatura recorrente ao assunto, o mesmo não ocorre com a oposição *este/aquele*, exatamente pelas funções discursivas que exercem. O *este* refere-se ao que foi dito por último; *aquele*, ao que foi dito primeiro.

[129] - Mas um homem e uma mulher loucamente apaixonados não são nenhuma novidade.

- Eu sei. A diferença é que *estes* fizeram um pacto de amor: *aquele* que traísse o parceiro seria morto por *este*.

(NEVES, 2000, p. 504)

Entre *este* ou *aquele*, indicando uma alternativa de possibilidades, as expressões são fixas, conforme exemplifica Neves.

[130] A formação de um consenso, sem dúvida, teria as vantagens de facilitar a votação do texto e de evitar que *esta* ou *aquela* corrente se sinta prejudicada em seus direitos.

(NEVES, 2000, p. 504)

A série *isto, isso, aquilo* é considerada neutra, pois esses demonstrativos neutralizam as oposições de gênero e de número e seus componentes não se prestam à função de remeter um elemento específico do contexto. Maingueneau (2001) refere-se a estes demonstrativos como dêiticos puros¹⁷⁹ por acompanharem um gesto do

¹⁷⁹ Para Maingueneau, os dêiticos espaciais se distribuem em dois grupos: demonstrativos e adverbiais. Os demonstrativos, por sua vez, se distribuem em dêiticos puros (os que acompanham um gesto do

enunciador. O autor, por outro lado, lembra que se deve confundir esses dêiticos com os de valor anafórico. Neves acrescenta que ocorrem sempre como núcleo do sintagma.

[131] E preciso de amor simplesmente para *isto*: para não morrer de isolamento e asfixia.
(NEVES, 2000, p. 493)

Na perspectiva da referenciação, o demonstrativo tem a função de encapsular informações, mas, ao mesmo tempo, de apontar, daí também seu caráter dêitico.

Além dos demonstrativos, os advérbios de lugar têm primazia no sistema dêitico espacial. Tanto Fiorin como Neves apontam *aqui*, *aí*, *ali*; *cá*, *lá* como enunciativos. *Aqui* e *aí*, marcam o espaço da cena enunciativa; *ali*, o espaço fora da cena enunciativa. *Cá* marca o espaço da enunciação. *Lá/acolá* também marcam espaço fora da cena enunciativa. O *lá* assinalado um lugar além do *ali*.

[132] *Aqui?* Mas os teus filhos estão *ali*.
De lá? *Ali* é uma rua sem saída? Deve ter sido por *aqui*.
Sabia que ia te encontrar *aí* sentada como uma vaca preta.
Eu sei que tu, Célia, os homens *lá* em baixo, os que me ajudam a tomar conta das minhas putas, os policiais, todo mundo tem raiva de mim.
Já vi que cabe muita gente aqui. (aponta para o compartimento de Isabel). *Ali* cabe mais uns três. *Lá* em cima cabe o dobro.
(FIORIN, 2010, p. 270)

Os advérbios enuncivos *algures*, *alhures*, *nenhures*, que retomam um espaço inscrito no enunciado, são que modernamente são apresentados por adjuntos adverbiais em algum lugar, em outro lugar, em nenhum lugar. Constituem-se também advérbios enuncivos as formas, *aí*, *ali*, *lá* ou *naquele lugar* quando em função anafórica.

[133] Continuando a descer, chegava-se à beira do rio, que se curvava em seio gracioso sombreado pelas grandes gameleiras e angelins que cresciam ao longo das margens. *Aí*, ainda a indústria dos homens tinha aproveitado habilmente a natureza para criar meios de segurança e defesa.
(FIORIN, 2010, p. 271)

Em outros contextos, *aí*, *ali*, *lá* podem ser usados com o valor de naquele lugar, para indicar lugares que, por se suporem sabidos na relação intersubjetiva, não precisam ou não devem ser mencionados.

enunciador) e por pronominalização (os que combinam sentido lexical e valor dêitico). Os adverbiais com estatuto de “complementos circunstanciais” (grifo do autor) distribuem-se em micro-sistemas de oposições: *aqui/aí/lá*, *perto/longe* etc. (MAINGUENEAU, 2001, p. 26)

[134] Isso mesmo: uma cueca provocantemente acompanhada por um *tweed* clássico, com o célebre logotipo dos dois ‘c’ entrelaçados e, como transgressão final, a camélia que se tornou um dos ícones do estilo Coco Chanel fincada bem *ali, ali mesmo*”
(Fiorin, 2010, p. 298)

As formas adverbiais caracterizadoras da situação de enunciação, consoante demonstrado pelo autor, assumem valores bem distintos em função do contexto em que ocorrem. *Aí* ou *aqui*, combinados com *ali*, *lá* ou *acolá*, indicam um espaço enuncivo indeterminado.

[135] Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí
Vá, doutor, e mais tarde volte cá, se não o agarrarem por aí.
Aires Gomes, fiel executor das ordens de seus amos, corria o mato havia boas duas horas. Todos os incidentes cômicos, possíveis ou imagináveis, tinham-se como que de propósito colocado em seu caminho.
Aqui era uma casa de maribondos que ele assanhava com o chapéu, e o faziam bater em retirada honrosa, correndo a todo estirão das pernas. Ali era um desses lagartos de longa cauda que filhado de improviso se enrolara pelas pernas do escudeiro com uma formidável chicotada.
Não disse? Eu conheço a catimba, a manhã, Mestre Egeu, papo, botequim, arranha daqui, cutuca acolá, mas no fim termina mesmo é lá no travesseiro da Joana. (Fiorin, 2010, p. 271)

O estudo detalhado de Fiorin comprova o que já havia sinalizado Fillmore ([1984]1997) a respeito dos dêiticos de lugar, em que advérbios e demonstrativos podem ser usados. Isso é constatado em Fiorin (2010) já na apresentação do espaço dominado – o que é o *aqui* de um centro dêitico, ou seja, que o *aqui* marca a área que é concebida como o centro dêitico; e na apresentação do espaço demarcado – o é espaço linguístico e espaço tópico. Além dessas descrições, o autor faz uma abordagem igualmente aprofundada sobre ocorrências espaciais no que ele denomina de espaços sistematizado, transformado, subvertido e desdobrado.

Com base nesses espaços definidos e na ampla divulgação de formas dêiticas elencadas, procederei, no capítulo 4, a análise das categorias presentes em cadeias dêiticas de espaço dos textos com compõem o exemplário de minha pesquisa.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE

Whenever something is said, someone must be saying it
Serge Doubrovsky

Neste capítulo, apresento a análise e a discussão dos resultados. Com base nos postulados assumidos em referência, pela abordagem sociocognitivo-discursiva na constituição dos processos referenciais, mostro como ocorre a dêixis, parte integrante desses processos, ao longo de um texto/discurso e como as ocorrências dêiticas contribuem para a construção dos sentidos.

Na primeira seção, apresento os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados. Justifico os recortes feitos e apresento as categorias de análise utilizadas na pesquisa. Na segunda seção, apresento a análise dos textos, para cada um, proponho uma discussão de como a cadeia dêitica foi construída; apresento, ainda, a discussão mais geral acerca das contribuições resultantes da análise. O redimensionamento da proposta de recategorização dêitica a partir desta pesquisa é feito nas considerações finais.

5.1. Quadro metodológico

5.1.1 A amostra

No que diz respeito à escolha da amostra a ser investigada, deixei-me influenciar, no âmbito da referência, por duas pesquisas que mais lançaram luz sobre o meu trabalho: a tese de Cavalcante (2000), pela diversidade de gêneros¹⁸⁰, e a de Ciulla (2008), pelo fato de a autora ter trabalhado, essencialmente, com contos literários, em que há também a predominância de sequências narrativas.

A escolha, portanto, de uma amostra textual específica, a exemplo de Ciulla, em lugar de uma investigação envolvendo textos pertencentes a diversos gêneros, a exemplo da pesquisa de Cavalcante, favorecia a análise das expressões dêiticas, tendo

¹⁸⁰ A autora tomou por base 54 escritos e 19 orais – dentre os quais estão: entrevista, carta pessoal, bilhete, conversa on-line, artigo de jornal assumidamente popular, propaganda, entrevista formal, aula, conferência, editorial, crônica, carta ao editor, notícia de jornal, instrução, ensaio, conto, ata de reunião, ata de julgamento, projeto e artigo científico.

em vista a possibilidade de os fenômenos discursivos se evidenciarem mais em determinados contextos. Orientada por essas considerações, defini como amostra da pesquisa alguns dos gêneros que, prioritariamente, apresentam sequências narrativas.

A escolha por tais gêneros justificou-se, então, pela frequência acentuada de expressões dêiticas que apresentam. Uma história tem sempre um narrador que se situa no tempo e no espaço. Fato comprovado por Costa (s/d), Bertrand (2005), Galbraith (1995), Monticelli (2005b), Zubin e Hewitt (1995) dentre tantos outros. Os trabalhos desses autores confirmam a mudança dêitica e fornecem grandes contribuições para a tese da recategorização dêitica, mas não ultrapassam esse limite. Sob a designação de recategorização não consegui levantar dados em nenhum dos trabalhos pesquisados.

A escolha deve-se ainda à convicção de que gêneros com sequências narrativas implicam necessariamente na inclusão da percepção ou do ponto de vista do enunciador (narrador e personagens, pela permuta de vozes) e no papel do coenunciador (no processo de interpretação de texto narrativo e na representação mental que pode resultar desse processo). Deve-se, enfim, à constatação de tais gêneros implicam na construção do processo referencial dêítico, mais especificamente, na forma como as expressões dêiticas ocorrem ao longo do texto/discurso e como os interlocutores estabelecem comunicação com a noção de diferentes centros discursivos presentes no texto.

Os textos analisados são os seguintes:

01. Falas de tirinha
02. Soneto: Via Láctea – Soneto XIII
03. Piada: Loucos
04. Falas de tirinha
05. Carta do leitor: Comissão Nacional da Verdade
06. Conto: Procurando palavras
07. Conto: Seguindo a minha estrela
08. Notícia: Israel destrói sede do governo em Gaza; Egito tenta um cessar-fogo
09. Conto: Eu sou aquele que come as flores do aniversário
10. Anúncio
11. Conto: Realizava sonhos entrelinhados: virava estrelinha
12. Diário: 20 de outubro de 1944
13. Letra de música: Emoções
14. Poema: Cântico negro
15. Poema: Conclusões de Aninha
16. Entrevista
17. Letra de música: Quem não quer sou eu
18. Letra de música: Tempos modernos
19. Conto: O velho e o banco
20. Entrevista

21. Notícia: Mulher de petista se irrita com jornalistas em visita a presídio
22. Crônica: Véu, grinalda e facadas
23. Conto: Sorriso de sereia
24. Conto: Trazida por uma rajada de vento
25. Letra de música: Geração Coca-cola
26. Fragmento de carta
27. Poema: Ali
28. Fragmento de romance
29. Poema: *Lasciate ogni speranza voi ch'entrate*
30. Conto: O Piano

A amostra contempla exemplares verbais e não verbais, como as tirinhas, cujas falas foram reproduzidas, e feita a descrição do cenário, quando necessária para a compreensão das falas.

A partir dessa amostra, pretendo dar conta do fenômeno da continuidade dêitica, fazendo análise dos fatores que interferem na formação de uma cadeia dêitica específica, a fim de entender como determinados referentes se apresentam e se transformam ao longo do discurso.

5.1.2 Procedimentos de coleta

Após o levantamento bibliográfico para detectar na literatura da área o que vem sendo discutido e pesquisado sobre o tema da mudança dêitica à luz da Linguística Textual, defini a amostra da pesquisa. Em seguida, fiz pesquisa em livros didáticos, jornais, revistas e internet para coletar diferentes textos com sequências narrativas e, ao mesmo tempo, com expressões dêiticas que integrassem uma cadeia dêitica. Para compor o *corpus* selecionei 30 textos que, ao serem digitados em documento do Word, tiveram as expressões dêiticas sombreadas em negrito e foram arquivados por grupos de cadeias (pessoal, temporal e espacial), que constituem as categorias de análise do presente trabalho. A seleção, contudo, não obedeceu a quaisquer critérios temáticos, visto que os objetivos da pesquisa não dependiam dessa análise.

5.1.3 Categorias de análise

Dentre os diferentes tipos de dêixis, selecionei para compor as categorias de análise as expressões dêiticas relacionadas à pessoa, ao tempo e ao espaço.

Para a categoria pessoa: foram incluídas as expressões que incidem sobre os referentes escolhidos. Segui os pressupostos da noção de que o *eu da narrativa não significa o falante do ato de comunicação, mas o que pressupõe um destinatário, uma voz que se instaura na história*. Nesse sentido, as análises levam em conta os diferentes *eus*, sujeitos falantes na história, a quem pode ser dada uma identidade sócio-discursiva, nas diferentes situações de enunciação de que participam.

Para a categoria tempo: foram consideradas as expressões referenciais adverbiais. Em algumas análises, contudo, foram consideradas também expressões verbais, baseadas na perspectiva dos sistemas: enunciativo e enuncivo, conforme Fiorin (2010). Para a categoria espaço: foram incluídas apenas as expressões referenciais adverbiais.

5.1.4 Procedimentos de análise

Para definir a configuração da cadeia dêitica e dos termos que a compõem, inicialmente, orientei-me por Lyons (1977)¹⁸¹ quanto à noção de um ponto de partida para as ocorrências temporais (o ponto zero temporal - t_0). Em seguida, busquei apoio em Charolles e Schnedecker (1993b)¹⁸², trabalho em que os autores defendem a evolução de referentes e propõem uma cadeia exclusivamente pronominal que se inicia com uma forma pronominal (NP_0). Esses autores me fizeram acreditar que a cadeia dêitica poderia ser definida, seguindo um processo transformador semelhante, não apenas quanto à dêixis de tempo ($t_0, t_1, t_2, \dots t_n$) nem tampouco quanto aos pronomes, explanados por Charolles e Schnedecker em ocorrências anafóricas ($NP_0, Ptr_1, NP_1, Ptr_2 \dots Ptr_n, NP_n$).

Avançando nas análises, percebi que o modelo proposto por Charolles e Schnedecker poderia ser aplicado a uma sequência de ocorrências dêiticas, em que uma expressão dêitica inicial (ExD_0), motivada por um elemento transformador ($PrTr_0$),

¹⁸¹ O autor, ao expor sobre a distinção entre passado, presente e futuro, diz que é possível identificar o ponto zero temporal da situação canônica de enunciação e definir uma variedade de distinções de potenciais de tempo em termos de simultaneidade *vs.* não simultaneidade, proximidade *versus* não proximidade, mais cedo que *versus* mais tarde que, etc. Lyons faz a representação dessas noções a partir da expressão t_0 , significando o ponto zero (referido pelo advérbio agora em inglês). (LYONS, 1977, p. 683).

¹⁸² Neste trabalho, os autores discutem a evolução dos referentes, falam de uma cadeia exclusivamente pronominal que se inicia com uma forma pronominal (NP_0). Para eles, contudo, essa cadeia é de frases distintas e sintaticamente independentes, que compreendem predicados verbais que funcionam como processos de transformação (Ptr_1). (Charolles & Schnedecker, 1993b, p. 201)

surgisse na cadeia referencial dêitica com algum traço de modificação (ExD₁), ao longo do texto. A estruturação dessa cadeia, enfim, teria a seguinte configuração:

$$\text{ExD}_0 \rightarrow \text{PrTr}_0 \rightarrow \text{ExD}_1 \rightarrow \text{PrTr}_1 \rightarrow \text{ExD}_2 \rightarrow \text{PrTr}_2 \rightarrow \text{ExD}_3 \rightarrow \text{PrTr}_3 \rightarrow \text{ExD}_4 \rightarrow \text{PrTr}_4 \rightarrow \text{ExD}_5 \rightarrow \dots \text{PrTr}_n \rightarrow \text{ExD}_n$$

Considerada a possibilidade da existência de uma cadeia referencial dêitica, procurei definir os termos e o seu papel discursivo na cadeia.

A representação ExD significa “expressão dêitica”. A indicação de ordem numérica significa a quantidade de ocorrências dêiticas, indo de zero ‘0’ ao número limite de expressões dêiticas presentes no texto em análise.

A representação PrTr significa “processo de transformação”. A indicação de ordem numérica segue o mesmo padrão utilizado na configuração das ExD. Na cadeia dêitica, o processo de transformação deve corresponder a algo que permita a entrada de uma ocorrência dêitica com algum tipo de mudança no centro dêítico e, por conseguinte, implique a recategorização da categoria em análise.

A expressão dêitica inicial de uma cadeia dêitica (ExD₀) se aplica a quaisquer das categorias estabelecidas para a análise (pessoa, tempo, lugar), que, sob a influência de um processo de transformação igualmente inicial (PrTr₀), ficam sensíveis a algum tipo de modificação. A alternância entre o processo de transformação e a expressão dêitica recategorizada é o que faz a cadeia progredir.

Na investigação do comportamento das expressões dêiticas ao longo do discurso, tomei por parâmetro os estudos sobre as mudanças dêiticas, principalmente, os dados apresentados por Monticelli (2005b), no intuito de identificar quais critérios eu poderia elencar para o tratamento da evolução de expressões referenciais dêiticas na dimensão da recategorização. Destaco que o autor analisa mudanças dêiticas, mas não faz menção a um enfoque da recategorização nem as aborda na perspectiva da formação de cadeias.

Resolvi fazer análises separadas, ou seja, em cada texto do exemplário priorizei um tipo de cadeia: pessoal, temporal ou espacial. Essa decisão foi tomada tendo em vista o reconhecimento de que as categorias dêiticas de pessoa, tempo e espaço se imbricam no contexto do discurso e que, em face dessa complexidade, investigar o comportamento discursivo das expressões dêiticas em contextos evolutivos e “em conjunto” extrapolaria o foco no aspecto de recategorização dentro de uma determinada cadeia. Isso não invalida, contudo, a hipótese de que a análise possa ser simultânea em todas as cadeias (pessoal, temporal e espacial) que orientam a construção

de um texto, até porque o centro dêitico não é formado apenas por uma dada coordenada. Ao contrário, a concepção da *origo* de Bühler permanece como base para as perspectivas da Teoria da Mudança Dêitica e da recategorização dêitica.

Outro procedimento adotado diz respeito à organização dos textos, feita conforme descrevo: a) os textos foram numerados de acordo com a ordem de apresentação no item reservado para a análise; b) os textos foram analisados por grupo de cadeias (pessoal, temporal e espacial); c) os textos mais curtos não foram reproduzidos no item Anexos; d) os textos mais longos estão reproduzidos na íntegra no item “anexos”, ficando no corpo deste capítulo apenas trechos que contêm as sequências que importam para a análise dos aspectos que contribuem para a recategorização dêitica.

Defendo, por fim, neste trabalho, uma análise que considere aspectos linguísticos, cognitivos, sociointeracionais e textual-discursivos e que o texto seja visto como um todo completo de sentido. Defendo, por essa perspectiva, que as expressões dêíticas sejam consideradas tanto sob o ponto de vista do narrador e dos personagens, como também do leitor, um observador fora do mundo da história. Um leitor não apenas ativo, mas também dotado de meios que lhe permitam acompanhar a evolução das categorias dêíticas como se ele estivesse munido de uma lente que lhe permitisse transitar, no todo do texto, por entre as várias instâncias das coordenadas dêíticas. Uma análise, enfim, que leve em consideração o conhecimento de mundo do leitor na interpretação das expressões dêíticas recategorizadas.

5.1.5 Tratamento dos dados

Nesta pesquisa fiz a rediscussão teórica dos estudos sobre o processo da referenciação, reavaliando os critérios que definem o fenômeno da dêixis como parte desse processo e orientam a sua análise pela literatura da área. Rediscuti também a teoria sobre a Recategorização e a teoria da Mudança Dêitica com o propósito de estabelecer os critérios de análise da dêixis como um fenômeno que pode ser recategorizado. Por este aspecto, meu trabalho aproxima-se de uma pesquisa bibliográfica, pois realizei uma ampla revisão da literatura pertinente ao tema. O estudo é, por conseguinte, de cunho qualitativo e descritivo, pois considero que há no discurso uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, o que não pode ser traduzido em números. Considero ainda que a interpretação das expressões dêíticas e a atribuição de

significados na perspectiva discursiva encontram suporte no modelo de uma pesquisa qualitativa.

O aspecto de natureza descritiva se justifica pela utilização do método indutivo empregado na análise dos dados. Adotei procedimentos, conforme por Lakatos e Marconi (1986; 1992), em que planos cada vez mais abrangentes surgem, indo das constatações mais específicas às genéricas. Por esse viés, partindo de ocorrências particulares, observei os fenômenos dêiticos que eram recorrentes no discurso de textos com predominância de sequências narrativas, procurando descobrir, primeiramente, as relações entre eles até chegar às relações mais gerais observadas entre tais ocorrências; em seguida, como as relações dêiticas ajudam a construir o quadro de recategorização.

O processo dêitico e o significado das expressões dêiticas no discurso/no texto são os focos principais de abordagem da presente pesquisa. Assim, defini os critérios que foram utilizados para a análise dos aspectos considerados como recategorizações a partir da observação dos processos dêiticos nos textos com sequências narrativas, partindo, no âmbito da Referenciação, dos trabalhos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (1995), Marcuschi (1998), Marcuschi e Koch (2002) e Cavalcante (2000, 2005); no âmbito da Teoria da Mudança Dêitica, parti das contribuições trazidas por Segal (1995), Zubin e Hewitt (1995), Galbraith (1995), Monticelli (2005b).

Observei no *corpus* a formação de cadeias referenciais dêiticas e considerei, para esse processo, as expressões dêiticas em que foram identificados aspectos discursivos de recategorização, sob o enfoque das contribuições dos dois grupos de estudos mencionados, em conjunção com os conceitos de base enunciativa trazidos por Fiorin (2010). Levei em consideração ainda o quadro classificatório de Ciulla (2008) e Cavalcante (2008) quanto às funções discursivas das expressões dêiticas na construção de cadeias referenciais.

5.2 Análises/discussão dos resultados

Para tratar da construção da cadeia dêitica, parto da concepção de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995 e 1999) de que os objetos de discurso são, por definição, evolutivos. A exemplo dos estudiosos aqui referidos, tomo, por empréstimo a Chastain

(1975¹⁸³), a expressão *chain*, para empregá-la nas análises que se seguem, visto que as sequências de expressões dêiticas que aparecem em um texto/discurso podem dizer respeito, igualmente, a outras sequências de expressões dêiticas.

As categorias de análise da construção da cadeia referencial dêitica, para o universo de pesquisa por mim investigado, fazem parte de gêneros com predominância de sequências narrativas e, em consequência, com maior recorrência dos processos dêíticos de pessoa, de tempo e de espaço.

5.2.1 *Análise da categoria de pessoa*

Para investigação da categoria de pessoa na formação de cadeias dêiticas, foram analisados os textos 01 a 05, dentre os quais se encontram falas de duas tirinhas, um soneto, uma piada e uma carta do leitor.

Nessa análise, foram observados todos os **PrTr** que motivavam as ocorrências de **ExD** e as funções que tais expressões exerciam no discurso.

Além dessa análise, foram elencados mais 05 textos (16 a 20), duas entrevistas, duas letras de música e um conto, em que foram sombreadas em negrito as expressões dêiticas da cadeia e para as quais teço algumas considerações adicionais à sustentação da tese da dêixis numa perspectiva de recategorização.

O texto [01] contém a reprodução de falas de uma tirinha. Seu campo dêítico revela a existência de uma cadeia dêitica de pessoa em que se alternam a posição de dois *eus*: a do pai e a do filho, as quais se modificam com o desenrolar do diálogo. A sequência de falas é amparada pela cena: o pai, segurando um livro, está sentado na cama do filho que se prepara para dormir.

Texto 01:

P- Era uma vez...

F- Peraí.

P - O que foi?

F - Esse livro é *best-seller*? O autor ganhou o *Pulitzer*? O *New York Times* recomendou?

Eu só quero ouvir histórias que sejam consagradas. Quem escreveu a orelha desse livro?

P - Bem... “era uma vez um moleque chato que passou a ir dormir sem ouvir histórias”

F - Fizeram um filme desse livro? Daria pra gente ver o vídeo?

(O Estado de São Paulo, 6.set.2004. In: KOCH; ELIAS, 2006, p. 47)

¹⁸³ (...) an anaphoric chain is “a sequence of singular expressions occurring in a context, such that if one of them refers to something then all the others also refers to it”. (CHASTAIN, 1975, 204-205).

A expressão iniciadora da cadeia referencial dêitica (**ExD₀** - “*Era uma vez*”) apresenta um *eu*, reconhecido pelo conhecimento de mundo do leitor, como o de um pai atento à importância de pais se fazerem presentes na vida dos filhos.

No processo de transformação da cadeia dêitica, tanto podem ser encontradas expressões lexicais como marcas suprasegmentais presentes nas diferentes vozes que orientam o discurso. Em se tratando de intercalação, como no caso do diálogo em uma tirinha, as marcas suprasegmentais são fundamentais para as posições assumidas pelo *eu* no discurso. Dessa forma, considero que as falas podem se constituir, simultaneamente, elemento de transformação da cadeia (**PrTr**) e expressão dêitica recategorizada (**ExD**).

Assim, na análise do texto 01, por exemplo, vejo que a fala do filho (“*Peraí*”) pode ser entendida como o **PrTr₀**, em relação a fala seguinte do pai, e a **ExD₁** da cadeia. Como **PrTr₀**, a linguagem informal, além de manifestar uma aproximação entre ele e o pai, revela uma voz de “comando” na situação comunicativa. Apesar de não haver sinalização de traços suprasegmentais como maiúsculas ou o uso simultâneo de exclamação, a expressão “*perai*” orienta a maneira como o pai irá se colocar no discurso. Como **ExD₁**, se constitui parte esperada da cadeia e exerce a função de marcar a voz do personagem pelo uso do discurso direto.

Na continuidade da cadeia dêitica, a segunda fala do pai (“*o que foi?*” - **ExD₂**) denota uma mudança tênue. Considero que a mudança é tênue, tendo em vista que, conforme disse acima, não há, na representação da fala do filho, marcas gráficas que provoquem uma reação mais expressiva. Entendo, ainda, que essa ausência orienta o leitor a ver que o pai, em sua fala, continuava firme no seu propósito de criar um bom momento no convívio entre os dois. Por este ângulo, o leitor deve recorrer, novamente, ao seu esquema mental de comportamento de pais ante filhos questionadores, para perceber que, mesmo assim, o *eu* se recategoriza. Ao fazer a pergunta, o *eu* se reveste do papel social de interlocutor que não deixará o outro monitorar o tom do discurso. Nesse caso, o pai assume seu lugar no diálogo, ou seja, não deixa que o filho monopolize o rumo da conversa. Defendo que aqui o *eu* pode recategorizar-se com a função de manter o tom do discurso.

Diferentemente do caso anterior, a **ExD₂** não ocupa na cadeia o papel de elemento de transformação. Isso se comprova pelo fato de, na fala seguinte do filho, ele reassumir de certa forma a posição antes declarada, ou seja, de não se retrair em seu comportamento.

A fala do filho possibilita perceber que ele reconhece o segmento “*era uma vez...*” como algo tirado de livro e, ao mesmo tempo, que ele deprecia o tipo de livro ou de história quando pergunta “*Esse livro é best-seller? O autor ganhou o Pulitzer? O New York Times recomendou?*”. Ainda nesse turno de fala, essa sequência, acrescida de “*Eu só quero ouvir histórias que sejam consagradas. Quem escreveu a orelha desse livro?*”, é na cadeia referencial dêitica a **ExD₃**, em que o *eu* tem a função de reafirmar a posição assumida no discurso, neste caso acentuando a atitude de chaticice.

Vale destacar que a reafirmação da **ExD₃** é assinalada pela explicitação do pronome “*eu*”, ou seja, de uma pessoa demarcada, *eu* é quem diz *eu*”; pelo uso de uma expressão verbal volitiva “*quero ouvir*” e ainda pelo uso do advérbio “*só*”, que empresta ao segmento uma modalização deôntica.

A exemplo da fala anterior do filho, a **ExD₃** se constitui também o elemento transformador da cadeia referencial dêitica, **PrTr₁**. Portanto, a atitude comunicacional da personagem, neste caso, além de exercer uma função discursiva, também se constitui um elemento do processo de transformação da cadeia em relação ao personagem pai.

Na última posição da personagem pai, há também uma recategorização da dêixis de pessoa, a **ExD₄**. Essa ocorrência pode ser percebida quando o *eu* se manifesta dando novos traços ao discurso. No enunciado “*Bem... ‘era uma vez um moleque chato que passou a ir dormir sem ouvir histórias’*”, destacam-se alguns aspectos como: a) a pausa no início da fala – marcada pelo uso de reticências – pode significar, dentre outras possibilidades, a dúvida em punir o filho ou a escolha da forma que usará para expressar a punição; b) a escolha dêitica de sobreposição de vozes, marcada inclusive pelo uso de aspas. Há, neste caso, a presença do narrador e a presença da personagem, que, por sua vez, é o enunciador da situação enunciativa.

Entendo que, em situações semelhantes de sobreposição de vozes, a recategorização tem a função de preservar a face em função da construção da imagem no discurso. A **ExD₄** se constitui, na visão de Fiorin 2010, um caso de pessoa multiplicada, em que pelo uso de aspas o narrador pode deslocar para outrem a responsabilidade do seu discurso. Na fala do pai, a punição de ir dormir sem ouvir histórias deixa de ser do *eu* enunciador, para ser do *eu* narrador.

A **ExD₄**, na cadeia referencial dêitica, desempenha também o papel de elemento transformador, ou seja, é ao mesmo tempo o **PrTr₂**, que influencia a mudança discursiva na tomada de turno. É exatamente porque o pai altera o tom do discurso que a fala do filho toma outro rumo, como é visto na expressão “*Fizeram um filme desse*

livro? Daria pra gente ver o vídeo?”, **ExD5**. Aqui, o *eu* abandona a posição de *eu*, que vinha tendo, demonstra interesse, subvertendo a pessoa do discurso pelo uso de uma terceira pessoa em lugar de uma primeira plural (a gente).

À luz dos estudos de Fiorin (2010), destaco ainda a mudança do campo dêitico pela mudança de tempos verbais enunciativos (“Esse livro *é best-seller*? Eu só **quero** ouvir histórias...”) para tempos verbais enuncivos (“**Fizeram** um filme desse livro? **Daria** pra gente ver o vídeo?”). Essa mudança de posição confirma no diálogo que a atitude de chatice é substituída pela atitude de gentileza, cuja forma verbal “daria” pode ser entendida também como “*seria possível?*”. Vale destacar ainda a respeito dessa mudança de tempos verbais que, se o *eu* da personagem filho tivesse mantido um tempo enunciativo, mesmo que de não-coincidência com MR presente, a atitude de gentileza seria minimizada. Essa compreensão se confirma quando imagino o filho falando “a gente verá o vídeo?”.

No caso da **ExD5** do *eu*, personagem filho, a subversão da pessoa do discurso indica que a recategorização tem a função de sinalizar a negociação de posições, ou, mais especificamente, de buscar na negociação a adesão do outro.

No gênero tirinha, a falta de conhecimento ilocucional, consoante a análise de Koch e Elias (2006), provoca o humor pela quebra de expectativa. Essa análise, contudo, pode na perspectiva da mudança dêitica ser compreendida como a adoção de nova posição nas coordenadas do discurso.

A formação da cadeia dêitica é, conforme demonstrei no texto 01, dependente não apenas da posição física dos sujeitos no ato de enunciação, como colocado por Bühler (1982), mas da interpretação da posição dos sujeitos na enunciação, ou seja, as coordenadas para a sua análise passam pelo crivo do leitor, pela forma como ele vê o(s) enunciador(es) na enunciação. Nesta perspectiva, vejo que o processo referencial dêitico pode ser abordado seguindo o aporte teórico de inspiração sociocognitiva e interacionista da linguagem, defendido por tantos estudiosos citados ao longo desta tese.

A cadeia dêitica observada no texto 02, Via Láctea – Soneto XIII de Olavo Bilac, é bastante rica no jogo discursivo assumido pelo verbo dicendi “dizer”, cuja função é indicar o interlocutor que está com a palavra.

Texto 02: Via Láctea – Soneto XIII

Olavo Bilac

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir o sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizes, quando não estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."
(<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/o/ouvir.htm>.
05/01/2015).

Último acesso:

Ao optar por esse verbo, aparentemente neutro, o narrador, através dos discursos diretos marcados pelo uso das aspas, simula um diálogo que se passa entre os interlocutores, em que os centros dêiticos se confundem. Ao mesmo tempo, cria um efeito de afastamento entre eles quanto ao ponto de vista adotado, reforçado pelo uso do segmento interjetivo iniciado com a interjeição “*ora*”, que exprime dúvida, e pela escolha do tempo verbal, que revela uma não-concomitância entre o momento da enunciação (ME), momento de referência (MR) e momento de acontecimento (MA), conforme Fiorin (2010).

Os versos “*Ora (direis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!*” chamam a atenção pela situação particular de enunciação. É preciso reconhecer que o segmento assinalado por aspas, que indicam a introdução da fala de um personagem, também contém, pela presença do verbo dicendi (*direis*), a presença do *eu* do narrador. Ao dizer “*ora*”, este, mesmo que minimamente, se manifesta no discurso, indiciando uma posição contrária a de descrença do seu interlocutor, que, na fala citada, deixa evidente a impossibilidade de ouvir estrelas. Como sua participação aparece entremeada à do personagem, considero que a cadeia dêitica se inicia com a pessoa indicada pela forma verbal “*direis*”, que se constitui a **ExD₀** da cadeia dêitica.

Na sequência da cadeia, o **PrTr₀** (*E eu vos direi, no entanto,...*) provoca uma mudança no posicionamento do enunciador. O *eu* aqui se opõe visivelmente à impossibilidade de ouvir estrelas. Na **ExD₁** (*eu vos direi ... que, para ouvi-las muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto..*), além da afirmação contrária à de seu interlocutor, o enunciador ainda reforça a sua presença no discurso pelo emprego explícito do pronome “*eu*” e pela repetição desinencial em “*desperto e abro*”.

Reconheço, na realização da **ExD₁**, que a expressão dêitica de pessoa foi recategorizada e exerce uma função argumentativa de atribuir força ilocucionária à posição assumida. Esta função é motivada pelo tipo de elemento transformador, mas também sofre influência do verbo dicendi, que abre espaço para a interpretação de que as duas instâncias enunciativas (o narrador e um interlocutor, que discorda do primeiro) se constituem uma mesma entidade. Essa compreensão se ampara no fato de que, se o poeta tivesse escolhido uma métrica que lhe permitisse dizer “*no entanto para ouvi-las muita vez desperto...*”, ao invés de “*e eu vos direis...*”, a força argumentativa da expressão dêitica seria minimizada.

Na progressão da cadeia, o verso “*E conversamos toda noite...*” tem como **PrTr₁** a conjunção “e”, que confere ao discurso um reforço na função argumentativa em curso, pois o enunciador defende que não é apenas um ouvinte ou um contemplador das estrelas, ele é um parceiro de “noitadas” (“*muita vez desperto e conversamos toda a noite*”). A **ExD₂** (“*conversamos*”) assinala os efeitos da pluralização da forma *nós*, inclusivo. Vale destacar que, não se manifestar mais na 1ª pessoa singular, é um aspecto que diz respeito não apenas à categorização dos dêíticos de pessoa, mas também à sua recategorização ao longo do discurso. No presente caso, essa posição do narrador tem a função de reforçar a argumentação.

Após uma breve sequência descritiva, a cadeia é retomada pelo **PrTr₂** (“*E (...) Inda as procuro pelo céu deserto*”), que reitera a direção argumentativa. Neves (2000, p. 748) ilustra esse entendimento com uma expressão correlata à deste elemento transformador da cadeia:

“ – Que o quê, o Zozá não é gente de tomar banho aí nessa imundície. **E, além do mais**, medroso como ele só”

Conforme defendido por Neves, o fato de o argumento vir em acréscimo é evidenciado pelo uso da expressão *além do mais*, que, no poema de Bilac, se traduz por (a)*inda*. Na cadeia dêitica de pessoa em análise, a **ExD₃** (“*E, (...) Inda as procuro pelo céu deserto*”) sofre esse tipo de influência e exerce a função de reiterar argumentos. Além disso, é possível dizer que o *eu* do narrador modifica o seu centro dêítico. No primeiro instante, ele busca as estrelas como se elas estivessem à sua espera. Confirmando-se essa hipótese, eles mantêm uma longa conversa, mas, nesse ponto da narrativa, ele fica só, como se abandonado por elas (“*céu deserto*”).

Nas últimas estrofes (“*Direis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizes, quando não estão contigo? E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas”*”), o narrador repete a forma inicial do soneto para apresentar o discurso: coexistência de dois sistemas enunciativos autônomos. Aqui, contudo, com uma diferença, pois, enquanto o interlocutor, conservando suas marcas dêiticas, aparece através do discurso direto, como nos dois primeiros versos, o narrador, igualmente conservando suas marcas de subjetividade, aparece com dois *eus* que designam a mesma pessoa, em que o discurso citante e o citado têm por locutores a mesma pessoa.

Detalhando, então, a progressão da cadeia dêitica de pessoa, destaco que o *eu* do interlocutor revela novamente a descrença no fato narrado, mas intensificando essa posição (“**Tresloucado amigo! Que conversas com elas?**”). A mudança, ou seja, a veemência de como diz, é introduzida pelo **PrTr3** (“*agora*”). Mais uma vez, ao exprimir dúvida, o *eu* passa para um sistema temporal de não-concomitância entre o momento da enunciação (ME), momento de referência (MR) e momento de acontecimento (MA). A **ExD4** (“*direis*”) da cadeia tem, nessa ocorrência, a função de atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso.

Finalmente, no verso (“*E eu vos direi: “Amai...”*”), o **PrTr4** (“*E*”) favorece a ocorrência da **ExD5** (“*direi*”) também com função de reiterar argumento. Encontro nesse segmento uma situação discursiva, explicitada por Maingueneau (2001a, p. 108), em que “o discurso citado só tem existência através do discurso citante, que constrói como que um simulacro da situação de enunciação citada”, uma encenação no interior da fala. Vale acrescentar, porém, a esta interpretação o fato de que o *eu* se mantém no sistema temporal de não-concomitância entre o ME, MR e MA do *eu* do interlocutor. Essa manutenção permite ao leitor inferir uma espécie de fronteira entre a possibilidade de entender estrelas, posição defendida no momento em que o *eu* aparece no MR presente (“*Desperto, abro, conversamos e procuro*”) e a impossibilidade de entendê-las, patenteada, inicialmente, por um MR de posterioridade do narrador (“*direi*”) e, em seguida, pelo conteúdo da mensagem citada. Essa imagem fronteira torna-se mais bem compreendida quando o *eu* do narrador, distanciando-se de si mesmo, enuncia “*Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz*”.

Sustento, tomando por parâmetro esta análise, a noção de que as mudanças observadas no *eu lírico* de um poema não podem ser percebidas apenas na perspectiva

dos traços estilísticos, pois o *eu*, ao “mover-se” no discurso, imprime muitos significados.

A cadeia dêitica do texto 03, uma piada, tem como característica principal a presença de discursos diretos.

Texto 03: Loucos

Um médico resolve fazer um exame com quatro loucos. Ele chama o primeiro e pergunta:

- Quem é você?

- Sou Ronaldinho, o melhor jogador do mundo, responde o louco.

O médico, ainda sério, chama o segundo e faz a mesma pergunta.

O louco responde: - Sou Albert Einstein, descobridor da teoria da relatividade.

O médico chama o terceiro louco e faz a mesma pergunta:

- Sou São Pedro, recebo as almas no céu.

O médico pergunta:

- Quem disse isso?

- Foi Deus!

Nisso, o quarto louco entra e diz:

- Mentira! Não fui eu, não!

(<https://www.google.com.br/search?q=textos+piadas+para+sala+de+aula&tbm=isch&tbo=u&source=uni&as>) (consulta em 22/04/2014)

A expressão dêitica de pessoa, iniciadora da cadeia dêitica (**ExD₀**), aparece no texto por meio do discurso direto (“- *Quem é você?*”), que torna o sujeito da enunciação totalmente evidente. Esse tipo de ocorrência é visto por Fiorin (2010) como um caso de pessoa multiplicada, em que o *eu* narrador, por um processo de debreagem no nível enunciativo, dá voz a um interlocutor na história.

A mudança no turno de fala se constitui naturalmente um elemento de transformação na cadeia dêitica de pessoa. Na oralidade, essa mudança é marcada quase sempre por entonação, pausa, dentre outros traços suprasegmentais; na escrita, em gêneros como a piada, o diálogo é assinalado pela presença do travessão e, muitas vezes, pela ausência do *eu* narrador.

No caso da presente análise, a indicação da mudança de centro dêítico é registrada pelo uso do travessão, que pode ser considerado o **PrTr₀** desta cadeia. Entre a manifestação do *eu* personagem médico e a do *eu* personagem primeiro louco, o narrador, que não está ausente, assume uma posição secundária, deixando que o personagem apareça em primeiro plano. Esse posicionamento (primeiro plano ou posição secundária) a que faço menção diz respeito às formas como, na progressão da narrativa, esses *eus* na mudança do centro dêítico são apresentados.

À luz de análises menos preocupadas com a apresentação dos sujeitos do discurso, enunciados como, por exemplo, “o louco responde: - *sou Ronaldinho...*” e “-

sou Ronaldinho..., responde o louco”, podem parecer ter igual valor discursivo. Contudo, à luz da análise de recategorização dêitica, em que o foco reside não apenas nas falas citadas, mas também no lugar que elas ocupam no cenário da narrativa, a mudança de centro dêítico (narrador, aparecendo primeiro *versus* personagem, sendo seguido pelo narrador) é significativa para o discurso. Isso se evidencia quando o leitor reconhece, apesar de certa obviedade, que o personagem pode aparecer no texto/discurso sem estar amparado pela presença do narrador. Evidencia-se mais ainda quando a fala do personagem é longa e o narrador aparece interrompendo-a, como se estivesse somente ratificando o entendimento do leitor de quem estava falando, conforme trecho abaixo:

[136] (...) Diukóvski pegou a vela e subiu na prateleira superior. Lá ele viu um corpo humano comprido, deitado imóvel sobre um edredom de plumas. O corpo emitia um leve ronco...
 - Está nos enganando, com os diabos! Este aqui não é ele! Quem está deitado aqui é algum idiota vivo. Ei, quem é você, com os diabos! – gritou Diukóvski.
 (TCHÉKHOV, Anton. *O fósforo sueco*)¹⁸⁴

Vejo, ainda, neste processo de transformação o que foi tratado por Bertrand (1982)¹⁸⁵ quanto ao discurso do enunciador na enunciação. Para o autor, o *eu* narrador é, conforme igualmente dito por Monticelli (2005b), responsável pelas seleções operadas e pelos traços manifestados em seu agenciamento, o que Bertrand chama de “disposição cognitiva particular”. Esse ‘poder do narrador’ é que lhe permite, como sujeito pragmático de enunciação, se inscrever na atividade de comunicação.

Para Monticelli (2005b), o *eu* narrador é situado em um nível enunciativo mais alto no texto e pode misturar sua enunciação com a do personagem, dando início a um sistema misto dêítico de discurso representado e pensado. Os dados da análise desta piada comprovam o posicionamento do autor, visto que, mesmo em falas breves dos

¹⁸⁴ TCHÉKHOV, Anton [1860-1904]. **Um negócio fracassado e outros contos de humor**. Tradução: SOARES, Maria Aparecida Botelho Pereira. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, p. 67-90.

¹⁸⁵ (...) le discours manifesté ne se contente pas de renvoyer à une instance d'énonciation: Il fait bien davantage que d'en désigner seulement la place: Il en forme “en creux” certains contours, il en dessine, à partir des sélections opérées et des traces manifestes de leur agencement, ce qu'on pourrait appeler La disposition cognitive particulière. Le sujet pragmatique d'énonciation – celui-là même qui s'inscrit dans l'activité de communication langagière. (BERTRAND, 1982, p. 35)

personagens, o *eu* do narrador está sempre por perto, orientando os outros *eus* da narrativa a assumirem o comando do centro dêitico.

A mudança do centro dêitico do *eu* personagem médico para o *eu* personagem primeiro louco (“- *Sou Ronaldinho....*”) assegura que a dêixis de pessoa não permanece no discurso em função de um mesmo referente. Esse caráter de dinamicidade, ocasionado pela mudança do centro dêitico e tornado evidente pelo discurso direto, que integra o processo de recategorização dêitica, é que me permite apontar na fala do primeiro louco a **ExD₁** da cadeia deste texto.

Conforme visto acima, o *eu* narrador exerce a função de orientar a fala dos *eus* personagens. No caso da piada em análise, em que essa função domina todas as mudanças de centro dêitico e em que as falas são breves, o papel do narrador fica esvaziado de outras funções, ou seja, o lugar do narrador no discurso, como outro *eu* que também ocupa o centro dêitico, fica minimizado (some-se a isso a posição secundária já aludida e observada em quase todos os enunciados em que o narrador aparece). Dentro dessa perspectiva, atribuo às falas do narrador a mesma função: orientar a mudança de centro dêitico. Ainda em razão do que foi dito, não as incluo na formação desta cadeia dêitica de pessoa, considerando-as apenas como elemento de transformação (**PrTr₁...PrTr₅**) para todas as demais ocorrências dêiticas.

Vale ressaltar, porém, que esse papel minimizado não invalida o que chamei de ‘poder do narrador’, conforme demonstro na passagem do centro dêitico do *eu* personagem primeiro louco para o *eu* personagem segundo louco (“- *Sou Albert Einstein...*”). Aqui, o narrador se apresenta na trama narrativa (“*O médico, ainda sério, chama o segundo*”), mas esconde o *eu* personagem médico em um discurso indireto (“*faz a mesma pergunta*”). Defendo que essa estratégia se justifica, na produção desse tipo de texto, mais por uma característica do gênero e menos por uma questão de repetição da pergunta “- *Quem é você?*”.

As ocorrências dêiticas: **ExD₁**: “- *Sou Ronaldinho...*”; **ExD₂**: “- *Sou Albert Einstein...*”; **ExD₃**: “- *Sou São Pedro...*”; **ExD₄**: “- *Quem disse isso?*”; **ExD₅**: “- *Foi Deus!*”; **ExD₆**: “- *Mentira*” *Não fui eu, não*”, por indicarem diferentes personagens no discurso, exercem a função de deixar clara a mudança de centro dêitico.

A simplicidade do fenômeno da mudança de centro dêitico em textos como a piada parece ser algo desnecessário para uma discussão à luz da enunciação. Reitero: “parece ser”, pois, se a piada tivesse sido construída apoiada apenas na marca formal de

entrada de personagem no discurso, conforme abaixo, a compreensão do texto demandaria muito mais esforço do leitor.

Um médico resolve fazer um exame com quatro loucos. Ele chama o primeiro e pergunta:

- Quem é você?
- Sou Ronaldinho, o melhor jogador do mundo, responde o louco.
- Sou Albert Einstein, descobridor da teoria da relatividade.
- Sou São Pedro, recebo as almas no céu.
- Quem disse isso?
- Foi Deus!
- Mentira! Não fui eu, não!

Dentre as dificuldades, estão as inferências quanto ao fato de que: a sequência de falas corresponde ao que foi dito, respectivamente, pelo segundo, terceiro e quarto loucos; a segunda pergunta foi feita pelo médico; o quarto louco chama-se Deus.

A análise da cadeia dêitica do texto 04 refere-se às falas de 04 quadrinhos de uma tirinha. No primeiro quadrinho, aparecem o Cebolinha, um papagaio (com expressão de dúvida) e Mônica, com ar de inquietação, supostamente, por ter sido informada pelo garoto que o papagaio sabe falar, provocando a ave a fazer tal demonstração.

Texto 04:

Reprodução das falas de uma tirinha do Maurício¹⁸⁶:

1º quadrinho:

Cebolinha: Eh, eh, eh!

Mônica: Vai, Papagaio! Fala!

2º quadrinho:

Papagaio: A Mônica é a galota mais linda do bailo! É elegante e tem lindos dentes...

3º quadrinho:

Papagaio: Mas na verdade é uma dentuça, baixinha e deselegante.

4º quadrinho:

Papagaio: papagaio não pode mais ter opinião, é?

O conhecimento de mundo que o leitor tem sobre papagaio permite-lhe depreender que a ave foi treinada para dizer algo. Contudo, a expressão de dúvida do papagaio e a impaciência da garota exigem que esse conhecimento de mundo se estenda sobre os personagens criados pelo Maurício de Sousa, ou seja, o leitor precisa saber que o Cebolinha e a Mônica estão sempre brigando e que ele diz coisas que a deixam

¹⁸⁶ ALVES, Rosemeire; BRUGNEROTTO, Tatiane. **Vontade de Saber Português – 8 vol.** São Paulo: FTD, 2012, p. 229.

zangada. O leitor irá inferir também que a ave foi treinada pelo garoto, mas, diferentemente de como ele costuma manifestar-se nas HQs, a fala do papagaio deverá agradar-lhe.

A cadeia dêitica de pessoa é iniciada com a repetição da interjeição que pode exprimir surpresa, espanto, receio, dentre outros sentimentos. Embora a expressão do garoto seja de tranquilidade, no cenário narrativo do 1º quadrinho, a **ExD₀**, “*Eh, eh, eh!*”, indicia receio de que algo dê errado. Essa possibilidade ganha forma no enunciado do *eu* personagem Mônica. A mudança do centro dêítico vem acompanhada da impaciência observada na fala da menina (uso de formas imperativas, de vocativo e de interjeições). O propósito ilocucionário de comando da **ExD₁**, “*Vai, Papagaio! Fala!*”, foi motivado pela demora em a ave pronunciar-se, fato que constitui o **PrTr₀** da cadeia. A função da **ExD₁**, neste caso, é indicar a força ilocucionária no discurso.

No 2º quadrinho, o *eu* do personagem Cebolinha, por acreditar que o papagaio irá falar o que é esperado por ele, surge no cenário da narrativa com ar confiante e tranquilo, chegando a fechar os olhos. Compondo este quadrinho, a menina fica alegre ao ouvir o que o papagaio fala.

Foi visto na análise do texto 03 – “loucos” que, em alguns gêneros, a mudança de centro dêítico ocorre naturalmente. Aqui, o **PrTr₁** da cadeia e, portanto, da presença do *eu*, personagem papagaio, deve-se não apenas a essa mudança de turno na oralidade, mas a imposição feita pelo interlocutor (“*Vai, Papagaio! Fala!*”).

Ao responder ao comando dado pela menina, reproduz uma fala anterior do Cebolinha “*A Mônica é a galota mais linda do bailo! É elegante e tem lindos dentes...*”. As marcas linguísticas da reprodução refletem-se pela troca da consoante vibrante alveolar “r” em consoante lateral alveolar “l”.

O fato de que não só as expectativas a respeito do propósito comunicativo do falante e da condução dos procedimentos são importantes, para atribuição de uma função discursiva, serve de argumento a favor do conhecimento dos papéis sociais.

Na tirinha, o *eu* personagem papagaio reproduz uma fala ouvida e “ensinada”, mas, nas práticas sociais, os falantes muitas vezes reproduzem falas, tomando por parâmetro que a produção do discurso é concebida dentro dos encaixes do mundo social e pelas posições dos agentes em um campo social, conforme argui em 4.1.2. Nesse sentido, o campo social coloca restrições a quem tem acesso aos papéis participantes, como igualmente (des)valoriza o discurso pela autoridade de falar de determinada forma discursiva (HANKS, 2008).

A análise da dêixis de pessoa na perspectiva de um processo de recategorização está me permitindo levantar uma questão: o *eu* do enunciador, ao fazer citações, além de uma análise à luz da intertextualidade, não mereceria ser avaliado em termos da referenciação dêitica? Ou por outras palavras, esse *eu* não mereceria ser recategorizado pelas mudanças discursivas assumidas?

É esse tipo de entendimento que me autoriza dizer, a partir de Hanks (2008), que a produção de sentidos das expressões dêiticas no campo dêítico social, além dos meios de indicialidade e de referenciação, tem, a exemplo da **ExD₂**, “*A Mônica é a galota mais linda do bailo! É elegante e tem lindos dentes...*”, a função de firmar posições ocupadas por agentes individuais e coletivos.

O 3º quadrinho apresenta o papagaio, ainda com ar de tranquilidade, dando continuidade a sua fala, enquanto Cebolinha demonstra desespero pelo que foi dito.

A passagem do 2º quadrinho para o terceiro e, conseqüentemente, a progressão da cadeia dêitica é assinalada pela manutenção do mesmo falante, contudo, com mudanças em sua posição no discurso. Pleiteio a favor de o uso das reticências ser um **PrTr** da cadeia de recategorização dêitica de pessoa, que permite, dentre outras possibilidades, o enunciador reelaborar sua fala, retomando ou não o mesmo foco discursivo, ou que, dado o prolongamento da pausa, dê espaço a entrada de um outro falante.

Na retomada do discurso pelo *eu* papagaio, é preciso admitir, porém, que não são as reticências que se constituem o **PrTr₂** da cadeia, e sim, a noção de oposição e a de modalização (*mas na verdade*). É exatamente a junção desses elementos linguísticos que permite a recategorização discursiva do *eu*, que: (i) apresenta um ponto de vista diferente do adotado em sua fala anterior; (ii) assevera uma opinião formada sobre a garota. A **ExD₃**, “*Mas na verdade é uma dentuça baixinha e deselegante*”, exerce a função de asseverar uma opinião.

A cena do 4º quadrinho mostra a Mônica saindo do cenário, depois de bater em Cebolinha que corre atrás do papagaio, que também tenta fugir.

A exemplo do **PrTr₁** dessa cadeia, a orientação discursiva do *eu* papagaio, no último quadrinho, é novamente motivada pelo comportamento do(s) interlocutor(es), ou seja, o *eu* papagaio reaparece no diálogo quando vê que a menina ficou chateada com o que lhe foi dito. A partir dessa motivação (**PrTr₂**), enuncia: “*Papagaio: papagaio não pode mais ter opinião, é?*” (**ExD₄**).

A quebra da expectativa, favorecendo o humor da tirinha, já havia sido realizada, isso poderia levar o leitor a se perguntar acerca do propósito comunicativo deste quadrinho. Para apontar uma função a essa nova manifestação dêitica, evoco o pensamento de Eco (2012) sobre as escolhas que o leitor tem que fazer diante de um texto narrativo, mais especificamente, sobre o “leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (p.15).

A análise revela que as duas últimas falas do *eu* papagaio não correspondem a uma simples reprodução de algo “ensinado” por Cebolinha. Em defesa desse argumento, lembro o ar confiante do garoto (1º quadrinho) em oposição a seu desespero (3º quadrinho). Eco (2012, p. 23) nos faz lembrar ainda que “o autor-modelo atua e se revela até no mais pífio dos romances pornográficos para nos dizer que as descrições apresentadas devem constituir um estímulo para nossa imaginação e para nossas realidades físicas”.

A recorrência ao autor, no tocante ao leitor-modelo de tirinha, consente a interpretação de que, nas histórias em quadrinhos, todos os personagens são dotados de voz; no que diz respeito ao autor-modelo, a interpretação pode estar associada à visão defendida por Hanks (2008). Nessa perspectiva, os “*eus papagaios*”, encontrados em diversas práticas sociais e, quando enunciam fora dos encaixes do mundo social, são censurados. Defendo, assim, que a **ExD4**, “*Papagaio: papagaio não pode mais ter opinião, é?*”, tem a função de romper com posições ocupadas por agentes individuais e coletivos.

A cadeia dêitica de pessoa do texto 05 refere-se ao gênero carta do leitor, em que as sequências narrativas amparam o ponto de vista do enunciador.

Texto 05: Carta do leitor

Comissão Nacional da Verdade

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) fez um trabalho de qualidade duvidosa ao analisar somente as versões de um único lado. Propor a revisão da Lei da Anistia nos dias atuais é absolutamente fora de contexto. (“Meia verdade e meio perdão?”, 17 de dezembro). Se essa lei não tivesse sido criada à sua época, provavelmente as décadas seguintes teriam sido de retaliações de ambas as partes, com consequências nefastas; e esse foi o seu propósito – apaziguar os ânimos. O fato de a Convenção Americana de Direitos Humanos pressionar para que essa revisão seja feita não deveria incomodar a nossa “diplomacia anã” – segundo qualificou um representante de Israel neste ano -, diplomacia essa já tão esculhambada pelos bolivarianos de plantão. (ALBUQUERQUE, Newton Cabral de. Carta do Leitor. Revista Veja, edição 2405 – ano 47 – nº 52, 24 de dezembro, 2014).¹⁸⁷

¹⁸⁷ Dada a importância do texto base para a análise da cadeia dêitica da presente carta do leitor, destaco a seguir os trechos a que fiz menção para a interpretação do posicionamento do enunciador da cadeia. Para

A introdução referencial da cadeia dêitica (**ExD₀**) é marcada pela participação no discurso do *eu* narrador, fazendo uma avaliação sobre o trabalho da CNV, assunto abordado na reportagem publicada em 17/12/2014 pela Revista Veja. No discurso, sobrepõe sua voz à do autor da matéria, conforme os trechos seguintes:

a) “*fez um trabalho de qualidade duvidosa...*” e “[os membros da comissão] produziram um relevante mas incompleto registro histórico...”;

Interpretando essa imbricação de vozes, admito que o *eu* da cadeia dêitica assume no início do texto a mesma posição que o autor da matéria.

b) “*ao analisar somente as versões de um único lado*” e “a comissão decidiu investigar apenas os atos perpetrados por ‘agentes públicos e servidores do Estado’...deixou de lado os sequestros, roubos e assassinatos cometidos por guerrilheiros”.

Nesse trecho, contudo, vejo que o *eu* narrador da carta do leitor silencia parte da informação retirada do texto original. Ao admitir que a CNV se deteve a analisar “*somente as versões de único lado*”, sem esclarecer que a comissão deixou de lado os crimes cometidos por guerrilheiros, o *eu* não deixa claro qual o seu posicionamento sobre a questão.

Não posso deixar de registrar que esse apagamento pode ter sido feito pela própria revista ao editar a carta do leitor, visto ser do conhecimento comum que revistas e jornais que mantêm a seção “Carta do leitor” não publicam os textos na íntegra. Neste caso, o propósito comunicativo em tal gênero sofre alterações e pode ter sua função discursiva desvirtuada.

Ao enunciar que “*a revisão da Lei da Anistia nos dias atuais é absolutamente fora de contexto*”, o *eu* narrador manifesta novo ponto de vista sobre o

evitar quaisquer dúvidas acerca da interpretação a partir da relação entre os enunciados dos dois textos, coloquei a matéria publicada na Revista Veja, como anexo nº 31 deste trabalho.

“Meia verdade e meio perdão? (...) membros da Comissão Nacional da Verdade – CNV – (...) Produziram um relevante mas incompleto registro histórico (...) a comissão decidiu investigar apenas os atos perpetrados por “agentes públicos e servidores do Estado”. Com isso, deixou de lado os sequestros, roubos e assassinatos cometidos por guerrilheiros (...) uma “comissão da meia verdade”, na definição do jurista Ives Gandra Martins (...) não é diplomaticamente correto para o Brasil ignorar as decisões do órgão encarregado de zelar pelos compromissos assumidos pelos países aderentes (...) Eros Grau, ministro-relator do processo que pedia a revisão da lei, em 2010, disse que ela não poderia ser examinada sob a ótica dos valores atuais, mas tinha de ser vista como a única saída negociada possível no fim da década de 70, de forma a possibilitar a volta da democracia sem derramamento de sangue”.

(ZALIS, Pieter. In: Revista Veja. São Paulo: Editora Abril. Edição 2404. Ano 47. Nº 52, 17 de dezembro de 2014).

fato narrado. O **PrTr**₀, “*somente*”, orienta a ocorrência da **ExD**₁ desta cadeia. O fato de a CNV ter feito um trabalho de qualidade duvidosa permitiu a discussão sobre uma proposta de revisão.

Contudo, a fala do *eu* narrador no texto e a indicação de sua fonte – “*Meia verdade e meio perdão?*”, 17 de dezembro” – “escondem outras vozes”, cuja recuperação depende, necessariamente, de informações presentes no texto citado, conforme aponto a seguir:

a) O ministro-relator do processo de revisão da lei disse que ela “não poderia ser examinada sob a ótica dos valores atuais”;

b) O título da matéria sobre o qual o leitor da carta faz referência, por sua vez, já é uma alusão ao que disse o jurista Ives Gandra Martins (conforme dados presentes na reportagem de 17/12/2014 – “uma comissão da meia verdade”).

Analisando a forma como o *eu* narrador manipula a informação para compor o seu enunciado, chego à conclusão de que esse *eu*, no gênero carta do leitor, se recategoriza ao reiterar, completar, contestar ou validar o ponto de vista do autor do texto que lhe serviu de apoio. Neste caso, portanto, a função da **ExD**₁ é introduzir uma voz às vozes do texto fonte.

Na sequência da cadeia dêitica, encontro um *eu* que reestrutura o texto original ([O ministro-relator do processo de revisão da lei disse que ela] “*tinha que ser vista como a única saída negociada possível, no fim de 70, de forma a possibilitar a volta da democracia sem derramamento de sangue*”) e se deixa mais visível no texto. Os trechos que possibilitaram essa mudança (a **ExD**₂ – “*essa lei não tivesse sido criada à sua época... as décadas seguintes teriam sido de retaliações... com consequências nefastas; e esse foi o seu propósito – apaziguar os ânimos*”) foram todos determinados pela escolha da partícula condicional “*se*”, o **PrTr**₁.

A visibilidade do *eu* narrador, nesse ponto do texto, deve-se principalmente à sua preocupação com os conflitos entre as partes (“*retaliações*”) que poderiam provocar “*consequências nefastas*” como derramamento de sangue, consoante opinião citada pelo autor do texto fonte, mas também destacar a importância de um apaziguamento (“*esse foi o propósito*”). Nesse sentido, compreendo que a função da **ExD**₂ nesta cadeia é a de dar visibilidade ao ponto de vista do *eu* narrador no gênero carta do leitor.

A expressão “*O fato de*” se constitui o **PrTr**₂ da cadeia dêitica, pois permite ao *eu* narrador introduzir outro ponto de vista sobre o assunto em questão, a **ExD**₃,

“*Convenção Americana de Direitos Humanos pressionar para que essa revisão seja feita não deveria incomodar a nossa ‘diplomacia anã’*”.

Ao introduzir novo ponto de vista, função da **ExD₃**, neste contexto, o *eu* narrador reforça a sua visibilidade pelo reconhecimento e uso de uma referência feita à diplomacia brasileira. Por outro lado, se credencia como um leitor com competência para fazer comentário sobre essa temática, visto que a alusão à “diplomacia anã” deve-se ao fato de o Brasil ser um membro signatário da Convenção Americana de Direitos Humanos e “não é diplomaticamente correto para o Brasil ignorar as decisões do órgão encarregado de zelar pelos compromissos assumidos pelos países aderentes”, consoante foi pontuado pelo autor da matéria.

Observando o modo como o *eu* apareceu no discurso, vejo que ele foi crescendo ao longo do texto, pois, primeiro ratificou vozes, depois deu visibilidade a si, reforçou sua presença no discurso para, finalmente, adicionar informação ao texto base, que, em nenhum momento, faz menção ao termo “bolivariano”.

Para introduzir essa informação, o *eu* narrador lança mão do **PrTr₃**, “*essa já tã*”, em relação à “diplomacia anã”, assunto sobre o qual estava se manifestando no discurso. Na expressão “*diplomacia esculhambada pelos bolivarianos de plantão*”, **ExD₄**, o *eu* narrador, ao introduzir informação ao texto base, revela seu desrespeito pela diplomacia brasileira (“*esculhambada*”), ao mesmo em que traz para o seu texto outra voz¹⁸⁸.

Conforme mencionei na abertura desta seção, além das cadeias dêiticas analisadas em todos os seus instantes (PrTr e ExD dos textos 01 a 05), compõem ainda o exemplário da pesquisa, cinco cadeias dêiticas de pessoa (textos 16 a 20). Nestas cadeias, foram analisadas, previamente, as expressões dêiticas que as constituem, mas, no presente espaço, faço apenas algumas considerações adicionais à sustentação da tese da dêixis numa perspectiva de recategorização

Destas cadeias, escolhi as dos textos 16 e 20 para discussão por considerar que o valor das expressões dêiticas, de certo modo, se condiciona às circunstâncias do discurso e que os traços dêíticos exigem uma referência às coordenadas da enunciação.

¹⁸⁸ “A Câmara derrubou nesta terça [29/10/2014] o decreto bolivariano de Dilma, aquele dos “conselhos populares” que o ministro Gilberto Carvalho tanto defendeu (por ser ele o canal entre governo e “movimentos sociais”, que assumiriam um poder imenso com esses “soviets”). O PMDB mostrou força ao reagir dessa maneira, mostrando que há um claro limite para as pretensões totalitárias do PT”. (<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/democracia/camara-derruba-projeto-bolivariano-de-dilma-nao-passarao/>. Consulta em 22/12/2014.).

A cadeia referencial dêitica do texto 16 é uma entrevista concedida por Hakan Buskhe¹⁸⁹ à Revista Veja, em que o *eu* assume pontos de vista distintos.

Texto 16: Entrevista Hakan Buskhe (pronuncia-se Rôkan Busquê)

A Suécia é modelo

O CEO da Saab, que vendeu os Gripen ao Brasil, diz como a educação e a necessidade de fazer mais com menos são a chave do sucesso da sua empresa e do seu país.

Veja: Quando o ex-presidente Lula anunciou em 2009, que o governo havia escolhido os caças franceses para recompor a Força Aérea Brasileira, qual foi a reação dentro da Saab (pronuncia-se zób)

HB: Eu ainda não estava na empresa, comecei em 2010, mas soube que, entre os executivos e funcionários da Saab, o anúncio do ex-presidente brasileiro foi como um raio que cai, de repente, num dia de céu azul, sem nuvens. (...) Feito o anúncio, **achou-se** durante certo tempo que a mensagem havia sido suficientemente clara, que a fatura estava liquidada. Mas, por alguma razão, ele não se materializou – e, então, **voltamos** ao jogo.

Veja: O senhor tem ideia do que possa ter ocorrido?

HB: Bem, em qualquer lugar do mundo, nesse tipo de grande concorrência, muito sensível também do ponto de vista estratégico, há diversos fatores que podem influenciar o resultado. (...) Enfim, **não sei dizer** o que aconteceu para o Brasil rever a decisão. (...).

Veja: Em que momento as conversações com o governo brasileiro recomeçaram?

HB: Mesmo após o anúncio de 2009, **nós nunca deixamos** de conversar, e sempre de modo bastante amigável, ressaltando exclusivamente as qualidades do nosso avião. **Creio** que posso resumir a nossa atitude da seguinte maneira: **nós**, suecos, que vivemos perto do Polo Norte, onde as condições são árduas – e **eu** nasci bem próximo de lá –, aprendemos rapidamente que há vezes em que você vence e outras vezes em que você perde. Por isso, **nunca falamos** mal dos nossos concorrentes.

Veja: Boa parte dos negócios da Saab é feita com países emergentes. A empresa enfrenta problemas de corrupção com essa clientela?

HB: No ramo em que **atuamos**, é inegável que aparecem questões éticas. Seria tolo afirmar que não há esse problema. Mas o **nosso grau de tolerância** com corrupção é zero, **somos** de uma rigidez absoluta. Acho ótimo, aliás, que sejam feitas avaliações internacionais de honestidade empresarial, porque se trata de uma ação educativa, e nós sempre nos **saímos** muito bem.

Veja: Quando se fala em transferência de tecnologia, o que isso quer dizer, exatamente?

HB: Significa que **nós transferiremos** tudo aquilo que permita ao Brasil desenvolver a sua próxima geração de jatos militares. **Trabalharemos** com uma imensa gama de empresas brasileiras, entre as quais a Embraer e a Akaer, e **acredito** que 80% da encomenda dos 36 caças poderá ser totalmente fabricada em solo brasileiro. **Nosso plano** é que o seu país seja uma base exportadora de Gripen – **estamos** construindo uma fábrica em São Bernardo do Campo que faz parte desse projeto, e haverá outras, decerto. Dependendo do êxito da empreitada, criaremos milhares de empregos.

<http://www.aereo.jor.br/2014/02/24/a-suecia-e-modelo/> - último acesso: 28/01/2015.

¹⁸⁹ Presidente e CEO da empresa criadora de Sistemas de Defesa Aeroespacial, com sede na Suécia.

Nos enunciados, “***Eu*** ainda não estava na empresa, ***não sei dizer*** o que aconteceu para o Brasil rever a decisão; ***Creio*** que posso resumir”, o *eu* que predomina é o *eu-Origo*.

Mesmo assim, ao manifestar seu ponto de vista sobre a reação dentro da Saab à escolha do governo brasileiro por outra empresa, põe em jogo um falante que assume perspectivas distintas: inicialmente, afasta-se do cenário (“*não estava na empresa; soube*”); a seguir, não deixa claro para o leitor se ele, no papel social de presidente da empresa, está ou não abrigado pela indeterminação do sujeito gramatical (“*achou-se*”); finalmente, assume uma posição (“*voltamos ao jogo*”), que, motivada pelo advérbio *então*, permite ao leitor inferir que ele já fazia parte do cenário anterior.

A propósito da mudança na orientação da coordenada de enunciação (eu para nós), é observado que os traços dêiticos nos enunciados permitem reconstituir os próprios atos enunciativos, ou seja, o “ego que se diz ego” pode tomar posições sociais distintas a partir de suas experiências e aparecer em seus enunciados revestido em formas igualmente distintas, conforme defendi em 3.2.2 *Pilares do sistema dêitico*.

Entendo que cadeias dêiticas arquitetadas dessa forma confirmam as pressuposições cognitivo-culturais apontadas por Goffman (2002) e ampliam a gama de propriedades identificáveis no comportamento linguístico-discursivo dêitico. Defendo ainda que as sequências dêiticas possibilitem correlacionar estrutura linguístico-discursiva à estrutura social. Enfim, por uma orientação de produção e interpretação da dêixis, como fenômeno linguístico, constituído na/pela prática social (HANKS, 2008), é possível também ultrapassar os atuais limites de classificação do processo referencial da dêixis. Essas considerações se sustentam pelos enunciados seguintes:

“***nós***, suecos vivemos perto do Polo Norte (...) e ***eu*** nasci bem próximo de lá (...) ***nunca falamos*** mal dos nossos concorrentes (...) ***nós nunca deixamos*** de conversar (...) No ramo em que ***atuamos*** aparecem questões éticas (...) Mas o ***nosso grau de tolerância*** com corrupção é zero (...) ***somos*** de uma rigidez absoluta (...) ***Acho*** ótimo que sejam feitas avaliações internacionais de honestidade empresarial (...) porque nós sempre nos ***saímos*** muito bem (...) ***nós transferiremos*** tudo aquilo que permita ao Brasil desenvolver jatos militares (...) ***Trabalharemos*** empresas brasileiras, entre as quais a Embraer e a Akaer, e ***acredito*** que 80% da encomenda dos caças poderá ser fabricada em solo brasileiro (...) ***Nosso plano*** é que o seu país seja uma base exportadora de Gripensa – ***estamos*** construindo uma fábrica em São Bernardo do Campo”.

A análise desta cadeia dêitica, portanto, é amparada pela noção de que a produção de sentidos das expressões dêiticas no campo dêitico social, além dos meios

de indicialidade e de referenciação, se firma nas posições ocupadas por agentes individuais e coletivos, conforme a Linguística Antropológica, cuja base foi evocada por Hanks (2008) neste trabalho.

Na cadeia referencial dêitica, observada no texto 20, uma entrevista com o Ziraldo, não há espaço para ocorrências dêiticas sob a orientação de um campo dêítico social, como o que foi apresentado na cadeia do texto 16.

Texto 20:

ESTADINHO – Como você conseguiu se lembrar de tanta coisa de sua infância?

ZIRALDO – **A gente** não se esquece, não. Inclusive **você** tem muito mais lembranças infantis nessa fase da vida. Aos 20 e poucos anos, **você** está pouco preocupado com sua infância. Aí, quando **você** fica mais velho e começa a recordar, as coisas reaparecem. Uma coisa engraçada: **eu** escrevi um livro, há uns três anos, chamado *O menino do Rio Doce*, em que **eu** conto a história de um menino que vive à beira de um rio. Na verdade, **eu** vivia à beira do Rio Doce quando **eu** era menino, dos 3 aos 6 anos. Uma idade em que **você** não tem uma memória sequencial. **Você** tem flashes. **Eu** nunca mais havia me lembrado dessa fase da minha infância. Quando fui escrever o livro, veio tanta coisa na minha cabeça, que **eu** fiquei besta! Tem gente que esquece por conveniência de sobrevivência. Pessoa que sofre muito na infância tende a bloquear. Como **eu** fui totalmente alienado, como diz no livro “**eu** ventava”, não tenho por que bloquear minha lembrança. Minha infância foi muito boa.

(Trecho da entrevista feita pelo jornal o Estado de S. Paulo, 10/4/2004. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 7 Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 241).

O processo se inicia a partir do interesse do entrevistador em saber como seu interlocutor conseguiu se lembrar de tanta coisa de sua infância, em que o foco discursivo é endereçado ao *eu* que orientará o discurso. As circunstâncias de enunciação apontam, portanto, para a formação de uma cadeia dêitica voltada para o *eu* “particular” do enunciador, que fará referência a si mesmo como falante.

Para tanto, ele faz uso de duas posições bem marcadas e que se alternam ao longo da cadeia.

Num primeiro instante, o enunciador se vale de formas como “*a gente e você*”; em seguida, se presentifica pelo uso de pronomes de primeira pessoa. Esse movimento se repete mais uma vez no texto/discurso.

As expressões dêiticas de primeira pessoa se identificam com o *eu-Origo*, “*eu escrevi um livro (...) eu conto a história (...). Na verdade, eu vivia à beira do Rio Doce quando eu era menino (...) eu fui (...) eu ventava, não Ø tenho (...) Eu nunca mais havia me lembrado dessa fase da minha infância. Quando Ø fui escrever o livro,*

(...) *eu fiquei besta! (...) Como eu fui (...) eu ventava, não Ø tenho por que bloquear minha lembrança. Minha infância foi muito boa*".

Em todos estes casos, as expressões dêiticas têm a função de dar visibilidade ao eu narrador em relação aos vários momentos de acontecimentos (MA) do texto.

Quanto às expressões “a gente e você”, observadas nos enunciados “A gente não se esquece, não. Inclusive **você** tem (...) **você** está pouco preocupado com sua infância. *Aí, quando **você** fica mais velho e Ø começa a recordar*”, a análise revelou que:

(i) o enunciador simula uma alternância de papéis “a gente e você”, chegando mesmo a imbricar, em várias ocasiões, esses papéis: “quando **eu** era menino, dos 3 aos 6 anos. Uma idade em que **você** não tem uma memória sequencial. **Você** tem flashes. **Eu** nunca mais havia me lembrado dessa fase da minha infância”;

(ii) essa simulação na alternância de papéis tem a função de aproximar o ponto de vista do enunciador com o do coenunciador;

(iii) a simulação, em razão do propósito discursivo, pode ser considerada uma mudança de centro dêitico, em relação a diferentes momentos de acontecimento: “A gente não se esquece, não. Inclusive **você** tem muito mais lembranças infantis nessa fase da vida. Aos 20 e poucos anos, **você** está pouco preocupado com sua infância. *Aí, quando **você** fica mais velho*”;

A aceitação desse aspecto é constatada ainda pela mudança do sistema verbal em que o enunciador se situa. Quando ele se apresenta com o *eu-Origo*, emprega sempre o sistema enuncivo, inclusive no enunciado “**eu** conto a história”, em que o tempo presente, na verdade, corresponde ao tempo pretérito “**eu** contei a história”. Vale destacar ainda que essas expressões dêiticas são coerentes com o propósito comunicativo dos interlocutores: lembrar da infância.

Por outro lado, quando o enunciador emprega as formas “a gente e você”, ele faz menção a um momento de referência presente para apresentar o seu ponto de vista, sobre como se lembrar da infância.

Em favor da tese de recategorização da dêixis, a estratégia discursiva empregada nesta cadeia dêitica constata o argumento de que, para a interpretação cognitiva do fenômeno dêitico, é necessário que autor e leitor compartilhem um mundo perceptivo. Reafirma também a linha mais voltada para o enunciado e as circunstâncias de enunciação, defendida por Monticelli (2005b) e Barbéris (2005), dentre outros a quem busquei subsídio teórico, para a defesa de que é necessário olhar a dêixis como

um fenômeno complexo e processual, em vez de dêiticos como unidades prontas de um repertório linguístico.

5.2.2 Análises da categoria de tempo

A investigação da categoria de tempo na formação de cadeias dêíticas foi realizada a partir da análise dos textos 06 a 10, dentre os quais se encontram três contos, uma notícia e uma propaganda. Na análise, observei todos os PrTr que motivavam as ocorrências de ExD e as funções que tais expressões exerciam no discurso.

Para a análise dessa categoria, foram selecionadas ainda mais 05 cadeias dêíticas de tempo presentes nos textos 21 a 25 (uma notícia, uma crônica, dois contos e uma letra de música), que integram o exemplário desta pesquisa. Na análise prévia, as expressões dêíticas de todas as cadeias foram sombreadas em negrito. Contudo, quanto a este bloco de cadeias, no presente espaço do meu trabalho, faço apenas algumas considerações adicionais à sustentação da tese da dêixis numa perspectiva de recategorização.

Entendo com Ducrot e Todorov (1991) que o sujeito da enunciação aparece frequentemente como o ponto de referência necessário das notações de tempo e procedo à análise da cadeia dêítica de tempo que orienta a organização do texto 06 e a de outros exemplos, envolvendo este tipo de dêixis, a partir desse posicionamento. Assumo, portanto, conforme expus em 4.3.3, que a coordenada temporal é constitutiva do *eu* que fala, em relação ao qual se arquiteta a possibilidade de construir intersubjetivamente uma noção de tempo.

Texto 06: Procurando palavras

Hoje é inadiável escrever. Durante muito tempo **vinha me negando** a isso: escrever simplesmente por escrever. (...) **Agora** compreendo que escrever é realmente algo sublime, mas de um sublime só concedido àqueles tão completamente humanos a ponto de ansiarem por um riso, um sonho, uma ideia, uma lágrima, uma pessoa, um desejo, uma dor, uma tarde, um rio, um cheiro e seus “etcéteras” tão intensamente sem motivo e explicação que podem ter tudo isso não ao alcance, mas dentro, da própria mão. E de dentro da minha mão, é que me vêm **agora** os quatro anos de faculdade que estão à beira do fim. Nesse tempo, conheci muitas pessoas e deixei de conhecer outras tantas. (...) Desses amigos, há um que foi o mais próximo e o mais distante. (...) Sempre que nos vemos, **hoje quase raramente**, ficamos na margem entre o dentro e o fora de nós. **Essa noite**, nos encontramos e meu amigo estava triste (...) Não levem a mal essa historinha, ela veio só porque **hoje é inadiável** escrever.

(SANTIAGO, Ceuline Maria Medeiros. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 39-40)

Nesse sentido, o *hoje* (“**Hoje** é inadiável escrever”) da cadeia acima se constitui a ExD₀, a expressão iniciadora do processo dêitico em que o *eu* é indiretamente projetado no texto. O texto deixa pistas de que a construção desse *eu* é pensada aqui como a de um narrador que passa de uma atitude de distanciamento, ou de menos presentificação, para a primeira pessoa em um impulso de se fazer presente (“*Durante muito tempo vinha **me** negando a isso*”).

A expressão adverbial *durante muito tempo* constitui-se a primeira ocorrência do processo de transformação (PrTr₀) da cadeia dêitica temporal em análise, assinalando uma espécie de oposição ao momento de acontecimento (MA) e ao momento de referência presente (MR). Segundo Neves (2000), essa expressão denuncia o aspecto frequência, sem que haja repetição de momentos ou períodos de tempo. Concordando com a autora, destaco ainda que essa expressão adverbial não faz indicação do momento da enunciação, mas é significativa para o processo dêitico instaurado, por possibilitar a recategorização da ExD₀, *hoje*, em *vinha me negando* (ExD₁). A mudança temporal de coincidência, entre o momento de enunciação (ME), o momento de acontecimento (MA - escrever) e o momento de referência (MR) presente, para a de não-coincidência de anterioridade justifica a recategorização da expressão dêitica, que tem a função de ratificar mudança entre os ME, MA e MR.

É preciso destacar ainda que a expressão transformadora (PrTr₀ - “*durante muito tempo*”) tem, nesta cadeia, pelo sentido opositivo, a força de fazer reaparecer o tempo presente, ou seja, constitui-se importante para a realização da ExD₂ (“*agora compreendo que escrever...*”). A expressão *agora*, nessa ocorrência, recategoriza, portanto, o tempo de não-coincidência e tem a função de retomar o ME presente. Defendo que, sem a presença de uma expressão temporal com tal função discursiva, os enunciados seguintes a “*vinha me negando*” permaneceriam também em uma relação de não-coincidência com o ME, como, por exemplo, “*compreendia que escrever...*”.

Postulo, também, que a posição enunciativa do *eu* (*compreendo*), fazendo-se presente na enunciação, além de reafirmar o campo dêitico, se constitui uma ocorrência fundamental na cadeia dêitica temporal em análise.

No processo gerador da cadeia, o narrador mais uma vez assume o centro dêitico, ao colocar, em si (“... *dentro da própria mão*”), a sublimidade do ato de escrever, encapsulada na expressão *tudo isso*. Apesar desse fato, vejo, no processo de transformação da cadeia dêitica temporal, que dá sustentação à ExD₃ (“*me vêm **agora** os quatro anos de faculdade...*”), uma característica particular. A expressão verbal “*vêm*”

faz com que o MR presente seja mantido, não como um termo da expressão de recategorização dêitica, e sim como um elemento do processo de transformação, constituindo-se, dessa forma, o PrTr₁ da cadeia e assinalando movimento de um espaço a outro.

Em defesa desse entendimento, vejo que poderiam ser encontradas as seguintes possibilidades, sem prejuízo da recategorização dêitica:

1. Um espaço de origem com realce como em: “*e dentro da minha mão, é que me vêm...*”;
2. Um espaço de origem sem realce como: “*e dentro da minha mão, me vêm...*”;
3. Um espaço de origem não explicitado, cujo sentido é recuperado pela cooperação do leitor: “*me vêm...*”;

De acordo com essa linha de compreensão, vale observar também que a recategorização (“...*me vêm agora*...” - ExD₃) não seria afetada dentro da cadeia dêitica em construção, mesmo que o elemento transformador (*vêm* - PrTr₁) estivesse em outro tempo verbal, aparentando uma não-coincidência de anterioridade (por exemplo, “vieram agora” – com ou sem um espaço de origem explicitado ou realçado na cadeia) ou de posterioridade (“viriam agora” – com ou sem um espaço de origem explicitado ou realçado no texto).

Sou favorável a que, em casos semelhantes, a expressão dêitica temporal tem a função não apenas de situar o *eu* em MR presente, como principalmente de apoiar a coincidência da relação ME/MA/MR (“vêm agora”), como a não-coincidência, quer de anterioridade, quer de posterioridade.

No trecho “*Sempre que nos vemos, **hoje quase raramente**, ficamos...*”, destaco:

- a) o elemento transformador da cadeia dêitica temporal (“sempre” – PrTr₂);
- b) as três ocorrências dêiticas que recategorizam o discurso.

O que dizer, então, da construção deste segmento textual: “*Sempre [que nos vemos], [**hoje quase raramente**,] ficamos na margem entre o dentro e o fora de nós*”?

(i) O elemento transformador (“sempre” – PrTr₂) possibilita a sequência ExD₄ (“*ficamos*”), ExD₅ (“*que nos vemos*”) e ExD₆, (“*hoje quase raramente*”). Novamente, é observada a presença de uma expressão temporal, denunciando aspecto de frequência por repetição (*sempre*), interferindo na constituição da cadeia dêitica;

(ii) Em razão da identificação temporal da forma verbal *ficamos* (presente ou pretérito) ser dependente do contexto, a ExD₄ poderia significar uma continuidade do tempo pretérito, em razão do trecho anterior (“*nesse tempo, **conheci** muitas pessoas e **deixei** de conhecer outras tantas*”) em que haveria uma mudança da coordenada temporal (presente *versus* pretérito). Contudo, a ExD₄, por sua correlação sintática com o tempo da ExD₅ (“*que nos **vemos***”), tem a função apenas de retomar o MR presente;

(iii) A ExD₅, por sua vez tem a função de elucidar outra ocorrência temporal. Conforme expus no item anterior, sem a presença do segmento “*que nos vemos*”, o leitor encontraria dificuldade em compreender a posição temporal assumida pelo enunciador;

(iv) A ExD₆, “*hoje quase raramente*”, além de exercer a função de retomar o MR presente, fortalecendo a relação entre ME/MR/MA, serve também de apoio a uma espécie de engajamento do enunciador com seu leitor, como a orientar, pelo comentário feito, a atenção deste em sua interpretação.

A entrada da ExD₇, “*essa noite*”, pode ser compreendida como motivada por um elemento transformador PrTr₃ elíptico de oposição. E a expressão dêitica, no caso, tem a função de particularizar um momento específico da MR presente mais geral, hoje. Conforme lembra Fiorin (2010), expressões enunciativas formadas pelo demonstrativo *este* + nome de intervalo temporal que indica parte do dia constituem duplo momento de referência.

A realização da ExD₈, “*hoje é inadiável*”, está amparada no elemento transformador “*só porque*”, o PrTr₄. Acredito que sua função no discurso seja de ênfasis o fato do MR presente já mencionado. A ênfase se justifica tanto pela repetição de todo o segmento quanto pela relação de causalidade modalizada. Vale salientar que, no que diz respeito aos diferentes momentos que determinam as referências dêiticas temporais, sem uma análise semelhante à que procedi, a estratégia textual de marcação do tempo ao longo do texto, provavelmente, seria interpretada, tão somente e quando muito, na perspectiva da reiteração.

As expressões temporais da cadeia dêitica do texto 07 organizam-se em torno do *eu* narrador.

Texto 07: Seguindo a minha estrela

Certa vez, numa daquelas madrugadas de insônia guardadas nas lembranças da *minha adolescência*, a vida *me* apresentou uma grande e brilhante estrela que *me* observava através das frestas da parede do *meu quarto*. Na santa matutice que **àquela época** *me* acompanhava, *abri* a janela e

me pus a admirar, qual um jovem enamorado, o desfile de sua magnitude. Só **então** notei que não era o único a cortejá-la. Um jovem buritizeiro que crescera no quintal da *minha casa*, sob a ação de um vento madrugador que rondava as cercanias, movimentava-se, desesperadamente, na tentativa de espetá-la com suas folhas pontiagudas.

Desprovido do necessário conhecimento, mas, **naquele momento**, embevecido pelos mais nobres sentimentos, *batizei-a* de “Grande Estrela da Madrugada” como se as demais (das imediatamente menores às quase imperceptíveis dispostas no céu) também não o fossem. E não adianta indagar por que assim *procedi*, porque não *saberia* explicar.

Eis que **naquele inusitado amanhecer** *eu*, inconscientemente, ganhara a mais fiel companheira e confidente que, certamente, alimentar-me-ia até o fim dos *meus dias*. O norteador da *minha vida*, o justificador dos diferentes rumos que *eu* iria tomar... (...).

Mas já nem *sei* quantas foram as estrelas que já *tive* a felicidade de abraçar; e quantas são as estrelas que, ainda **hoje**, vivo a cortejar...! (...)

(FILHO, Silvio dos Santos. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 125-12761)

O ponto de referência pretérito da expressão iniciadora desta cadeia referencial (ExD₀) está assinalado pela forma *certa vez*, considerada um marcador recorrente de tempo em textos narrativos. Essa forma, porém, não define o momento de referência (MR) do acontecimento que será narrado. É um *frame* que, muitas vezes, vem acompanhado de outra expressão que busca especificá-lo e indicia uma espécie de distanciamento entre o momento de referência (MR) e o momento de enunciação (ME – presente implícito), em que o enunciador se situa, conforme defendido por Fiorin (2010).

Em contos infantis, por exemplo, são comuns sequências tais como: “*certa vez, no tempo em que os bichos falavam...*”; “*certa vez, quando um príncipe foi transformado em sapo...*”. Essa maneira de apresentar o MR aparece também em outros textos narrativos, de ficção, conforme a cadeia do texto 07 em estudo, ou não, conforme trecho abaixo, em que a oração encaixada desempenha a função de especificar o tempo:

Certa vez, Jair Rodrigues cruzou com Pelé num aeroporto e, com seu jeito brincalhão, disse-lhe: “Tu tá rico, hein, Negão? Uma mala bonitona dessas eu nunca vou ter”.

Dias depois, Jair chegou em casa e deparou com uma mala de couro igualzinha à de Pelé. Perguntou à empregada quem trouxera aquilo. “Foi um negão que disse que era o Pelé, seu Jair. Vê se pode. Mas não se preocupa não. Nem deixei o homem entrar.”

<http://woesporte.blogspot.com.br/2010/10/pelealgumas-curiosidades-sobre-o-rei-do.html>. Consulta em 28/12/2014

Em casos como o desta cadeia, em que o (MR) necessita de uma expressão que o especifique, a ExD₀ desempenha também o papel de PrTr₀ na cadeia dêitica. Desse modo, a ExD₁, “*numa daquelas madrugadas...*”, tem a função de especificar o

MR (“*certa vez*”). Essa especificação também reforça o MR de anterioridade instalado no enunciado – “*de insônia guardadas nas lembranças da minha adolescência, a vida me apresentou uma grande e brilhante estrela que me observava através das frestas da parede do meu quarto*”.

Por outro lado, a presença do pronome demonstrativo de terceira pessoa contribui para um distanciamento do ME e faz com que seja invocado um saber comum aos leitores ou aos participantes da trama narrativa, que devem buscar, em sua memória, o referente proposto. Destaco ainda que as expressões dêiticas de pessoa (*minha, me e meu*) fortalecem a relação entre a coordenada temporal e a maneira como o *eu* aparece no estabelecimento deste tempo pretérito (“*apresentou, observava*”).

Os tempos verbais, conforme expus no item 4.3.3 *O paradoxo da categoria tempo*, organizam-se em sistemas de tempos enunciativos e enuncivos. No caso em tela, o pretérito perfeito (sistema enuncivo) marca anterioridade concomitante ao momento do acontecimento (MA - “a vida me *apresentou*; uma estrela me *observava*; a matutice *acompanhava*; *abri* a janela e me *pus* a admirar”)¹⁹⁰. Não considero, porém, em relação à próxima expressão dêitica da cadeia, que o jogo recorrente a textos narrativos entre os aspectos pretéritos de acabado/inacabado seja suficiente para atribuir-lhe uma função discursiva mais significativa.

Assim, evidencio que a ExD₂ (“*então*”) desta cadeia sofre essencialmente a influência do advérbio de exclusão “*só*”, PrTr₁, que permite ao leitor entender que ela aponta para o MR (“*numa daquelas madrugadas*”), particularizado nas ações “*abri, me pus a admirar*”, mas, principalmente, em “*notei*”, que corrobora para a função discursiva da ExD₂ de manter o MR, particularizando-o.

Vale destacar que as formas verbais que se seguem a ExD₂ estão todas centradas em um MR pretérito de concomitância, quer marcando um aspecto inacabado (“*crecera, rondava*”), quer um aspecto acabado, como em “*movimenta-se*”, apesar da forma verbal estar no presente. Intercedo, então, a favor de que, aqui, o esquema narrativo do autor “simula” uma mudança no sistema dêitico quando coloca o *eu* (jovem buritizeiro) em um momento presente, como se existisse a coincidência entre o MR (*movimenta-se*) e o momento de enunciação (ME).

¹⁹⁰ Vale acrescentar que o MA (estados e transformações) é ordenado em relação aos diferentes momentos de referência (FIORIN, 2010, p. 146)

O *eu* narrador, dando continuidade a sua narrativa, argumenta a favor de, mesmo sem conhecimento, ter batizado a estrela. A análise deixa ver que o argumento levantado é mais sobre o MR que sobre o MA, conforme demonstro a seguir.

Se o propósito comunicativo do narrador fosse dar destaque ao fato narrado, ou seja, ao MA, o esperado é que ele se valesse de uma estrutura semelhante a: “*Desprovido do necessário conhecimento, mas, (~~“naquele momento”~~) embevecido pelos mais nobres sentimentos, batizei-a de “Grande Estrela da Madrugada” como se as demais...*”. Essa interpretação me permite afiançar que a ExD₀ (*certa vez*), recategorizada pelas expressões “*numa daquelas madrugadas e então*”, reaparece nesse trecho (ExD₃ – *naquele momento*) com a função de argumentar sobre o MR, motivada pelo PrTr₂ “*mas*”.

O presente implícito a que me referi acima se comprova quando o narrador enuncia “*E não adianta indagar...*”. Nesse ponto da cadeia dêitica temporal, são vistos os dois sistemas temporais tomados como parâmetro para as análises desta tese: o sistema enunciativo (ME presente) e o sistema enuncivo, assinalando anterioridade (“*procedi*”) e posterioridade (“*não saberia*”). Não fiz a análise da mudança dêitica deste segmento por considerar que, novamente, o narrador se vale de um esquema de simulação. Neste caso, ele simula uma conversa com seu interlocutor, que não aparece no discurso, não havendo, portanto, mudança de campo dêitico.

A expressão dêitica temporal recategorizada *naquele inusitado amanhecer* (ExD₄) tem como processo de transformação a expressão adverbial modal *eis que* (PrTr₃). A articulação entre esta recategorização e a ExD₁, “*numa daquelas madrugadas...*”, deve-se, portanto, a repentinidade registrada entre os dois tempos, provocada pelo PrTr₃, “*eis que*”.

O autor retoma a estratégia do uso do pronome demonstrativo de terceira pessoa. Neste caso, a expressão dêitica, agora predicada (*naquele inusitado* amanhecer), dá ao leitor a falsa impressão de que o seu trabalho será o de recuperar o sentido do tempo narrado, voltando-se apenas para o tempo anterior (*naquele momento*) e, assim, dar continuidade à sequenciação dos fatos. Na verdade, o propósito do narrador é, através do efeito mostrativo (*naquele*) e da reiteração da ideia (*madrugadas/amanhecer*), retomar o MR, função discursiva da ExD₄.

Acerca da predicação da expressão dêitica temporal com marcas de reiteração, levanto a hipótese de que:

(i) ela ocorre, quando há intervalos entre os MR presentes no discurso, e algum MR específico precisa ser recuperado. Nestes casos, não é uma simples questão de recuperar o MR. Justifico essa hipótese a partir da formulação dos trechos:

“Eis que naquele *inusitado/mesmo* amanhecer”, e não simplesmente: “Eis que naquele amanhecer”;

(ii) a predicação recupera informações prestadas no intervalo do tempo.

Como visto no item 3.3.3, pode haver coincidência entre o MR e o ME, mesmo que não ocorra identidade durativa entre os dois momentos. No presente caso, embora o *eu* se situe em um tempo presente (*sei e vivo*), a concomitância entre o tempo do MR (*hoje*) e o ME (*hoje*) não é possível. Isso se justifica pelo fato de o MR *hoje* estar modificado pelo advérbio ainda, o PrTr₄, da cadeia. O *hoje*, ExD₅, indica que o acontecimento (viver a cortejar) ocorreu também anteriormente, fazendo ressurgir o campo dêitico pretérito, representado pela forma verbal *tive*.

Face ao que a análise revelou, infiro que é possível dizer que uma sequência de concomitância pode ser modificada para uma sequência de anterioridade e, assim, determinar a coocorrência de dois sistemas temporais dêiticos. Em assim sendo, a função da ExD₅ nesta cadeia é de possibilitar a coocorrência de dois sistemas temporais dêiticos.

As cadeias dêiticas temporais observadas em gêneros jornalísticos têm como característica situar o tempo a partir de informações prestadas no suporte. No caso da cadeia do texto 08, para saber a que *última quarta-feira* o autor se refere, o leitor deverá recorrer, necessariamente, à informação de que a matéria foi publicada em 18 de novembro de 2012.

Texto 08: Israel destrói sede do governo em Gaza; Egito tenta um cessar-fogo

Governo israelense coloca 75 mil reservistas de sobreaviso para possível operação por terra. Ao menos 42 palestinos e três israelenses morreram desde o início da ofensiva, na última quarta-feira.

A aviação israelense **ampliou ontem** sua ofensiva na faixa de Gaza com ataques ao quartel-general do grupo islâmico Hamas, em meio aos esforços do Egito para obter um cessar-fogo.

Entre os prédios destruídos por Israel, está o escritório do primeiro-ministro, Ismail Haniyeh, onde ele recebera **na sexta-feira** o premiê egípcio, Hisham Qandil.

Ao menos 42 palestinos e três israelenses morreram **desde o início da ofensiva, na quarta**. Israel colocou 75 mil reservistas de sobreaviso para possível ação terrestre.

Na noite de ontem, o presidente do Egito, Mohamed Mursi, disse que seu governo estava em contato com israelenses e palestinos e que um cessar-fogo poderia ser declarado "em breve".

Ontem, o chanceler israelense, Avigdor Lieberman, subiu o tom das declarações e disse que, se entrar em Gaza, o Exército "tem que ir até o fim".
(...)

O objetivo da operação é atingir a capacidade militar do Hamas e restaurar a paz no sul do país, que, nas últimas semanas, foi atingida por centenas de foguetes, sustenta o governo de Israel.

Já o Hamas e outros grupos islâmicos prometeram continuar a responder com foguetes à "agressão sionista". **Ontem**, o sul de Israel continuou sob o fogo da artilharia disparada a partir de Gaza.

(...)

Desde o início da ofensiva, militantes palestinos já lançaram mais de 400 foguetes contra Israel, só 27 atingiram áreas urbanas. O sistema Domo de Ferro interceptou 240.

(NINIO, Marcelo. Israel destrói sede do governo em Gaza; Egito tenta um cessar-fogo. Jornal Folha de S. Paulo; Ano 92; 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

A expressão iniciadora da cadeia de recatorização dêitica (ExD₀ - *desde o início da ofensiva, na última quarta-feira*) contém uma preposição que marca o início de um processo de um ponto de vista retrospectivo. Para recuperar o campo dêítico em ação, será ainda necessário saber que o dia da publicação da matéria foi um domingo e que, portanto, o conflito estava ocorrendo há quatro dias.

Em casos semelhantes ao desta cadeia, a interpretação requer que seja observado o fato de que o autor simula a existência de duas coordenadas temporais, como se fossem dois campos dêíticos distintos. A primeira seria a do momento de referência presente (MR), o *agora* (o governo *coloca*) da contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da enunciação (ME). A segunda, a do momento pretérito (*morreram*), é o ponto de partida para o *eu* avançar em sua narrativa. Esta estratégia se configura o PrTr₀ da cadeia e é utilizada tanto para atrair a atenção do leitor pela chamada inicial da notícia quanto para possibilitar que a referência temporal seja atualizada no discurso, a ExD₁ - *ampliou ontem*.

A progressão dêitica feita pela associação verbo/advérbio assinala, por sua vez, funções discursivas distintas, pois, enquanto a forma verbal simplesmente situa o fato no MR pretérito (*ampliou*), o advérbio (*ontem*), além de reforçar essa noção, especifica-a. Entendo, contudo, que essa junção é característica do gênero notícia, em que a forma verbal diz respeito ao *eu* narrador, fazendo parte do tempo em que ele vê o acontecimento, enquanto a forma adverbial diz respeito à orientação que o *eu* narrador quer dar ao *tu* implícito, ao leitor da matéria.

Na ExD₁ da cadeia, se o autor tivesse mencionado apenas a ação de ampliação da ofensiva, o leitor iria compreender que o fato ocorrera entre a última quarta-feira e o MR presente. Contudo, a orientação é mais precisa pelo uso de "*ontem*".

Em tais circunstâncias, a função discursiva pode ser compreendida pela união das duas formas, ou seja, no contexto, esta associação tem a função de orientar a localização de um referente no tempo, fazendo com que o leitor encontre o referente certo. Vejo nessa ocorrência a possibilidade de uma interpretação bem próxima à encontrada por Ciulla¹⁹¹, conforme exemplo [01], aqui repetido, para a classificação de funções referenciais, levando em consideração que os processos dêiticos e anafóricos ocorrem simultaneamente.

[01] “Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um mantinha de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval.

Encontraram-se de novo no baile infantil do clube, **no ano seguinte**. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomeçar o montinho (...)”

(Luis Fernando Veríssimo. *Conto de verão nº 2: bandeira branca*. In: CIULLA, 2008).

No exemplo de Ciulla, o leitor poderia inferir a informação em negrito pelo trecho “encontraram-se de novo no baile infantil do clube”, afinal, se não fosse no ano seguinte, possivelmente a trama tivesse novo desfecho, pois as crianças não teriam reforçado as imagens que guardavam consigo.

Acompanho o pensamento de Fiorin (2010) no tocante à temporalidade linguística e à sucessividade de eventos representados no texto, defendendo, assim, que a temporalidade ordena a geração e a sucessão dos fatos no texto. A cadeia dêitica temporal no gênero notícia jornalística apresenta, dentre outras características, a sucessão de fatos de acordo com a ordem natural dos acontecimentos.

O entendimento da expressão recategorizada (ExD₂ - *sexta-feira*) apresenta esse traço e exige que o leitor acompanhe o espaço de anterioridade temporal do *eu*

¹⁹¹ O trabalho de Ciulla (2008, p. 10-14) é voltado para a reformulação da abordagem discursiva da referência e a autora opta por uma classificação de funções referenciais, levando em consideração que os processos dêiticos e anafóricos ocorrem simultaneamente. Os processos referenciais observados nos contos, analisados por Ciulla, foram classificados de acordo com as diversas funções anafóricas e/ou dêiticas, ao mesmo tempo em que foram observadas as categorizações envolvidas. Ou seja, ela avalia de que modo, todos esses processos, em conjunto, contribuem para a negociação de sentido que é realizada no texto.

narrador para compreender mais sobre a amplitude da força ofensiva israelense. A ExD₂ também exerce a função de orientar a localização de um referente no tempo e, assim, evitar uma referência temporal genérica. Sem a menção ao tempo do acontecimento, a informação, inclusive, poderia significar algo ocorrido em um tempo qualquer do mandato do primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestiniense, Ismail Haniyeh. Além disso, a expressão dêitica “*na sexta-feira*” empresta saliência discursiva ao acontecimento (receber), reforçando ademais o perigo a que o ministro egípcio, que tentava um cessar fogo, se expusera. Tendo em vista as interpretações possíveis para a ExD₂, advogo, neste caso, em favor de uma coocorrência de funções dêiticas: orientar a localização de um referente no tempo e emprestar saliência discursiva ao referente.

Considero que a motivação para um olhar anterior (*sexta-feira*) a um fato pontual (*ontem* = sábado), ou seja, a mudança do campo dêitico entre as duas expressões recategorizadas (ExD₁ - *ampliou ontem*; ExD₂ - *sexta-feira*) se constitui o próprio processo de transformação (PrTr₁) da cadeia. Essa possibilidade me permite levantar a hipótese de que a recategorização dêitica pode ocorrer tanto motivada pela presença de elementos linguísticos, conforme análise da cadeia do texto 06¹⁹², como pela mudança do campo dêitico.

A expressão temporal “*desde o início da ofensiva, na quarta*”, já analisada como ExD₀ – expressão iniciadora da cadeia – reaparece no discurso. Esse fato não se constitui objeto de minha análise, mas acredito que a repetição de uma mesma expressão dêitica, sem acréscimo de informação do texto, se configura uma possibilidade em cadeias dêiticas temporais do gênero notícia.

Dando continuidade à análise desta cadeia, observo que a estratégia de simulação do campo dêitico no MR presente, utilizada na chamada da notícia, se confirma neste trecho que antecede a próxima recategorização (ExD₃ - *na noite de ontem*). A coordenada temporal é a mesma, dado que o *eu* narrador tem como ME um MR pretérito. Para manifestar a anterioridade, o *eu* narrador utiliza uma forma bem semelhante à sugerida por Fiorin (2010, p. 164): “em + artigo definido + nome designativo de divisão de tempo”.

¹⁹² Na cadeia do texto 06, *Procurando palavras*, o PrTr₀ foi a presença da expressão adverbial *durante muito tempo*, que, apesar de não fazer indicação do momento da enunciação, foi significativa para o processo dêitico instaurado, possibilitando a recategorização de *hoje* em *agora*.

A análise, sob esta perspectiva, me permite adiantar que esse tipo de recategorização temporal sofre a influência do gênero. Na notícia jornalística, o autor, para dar mais exatidão ao fato narrado, pode utilizar-se da estratégia de detalhamento da informação. Proponho que o detalhamento do tempo como, por exemplo, *ontem* em *ontem pela manhã*, *ontem à tarde*, *ontem à noite*, dentre outras possibilidades, possa operar na cadeia dêitica como elemento do processo transformador. A expressão dêitica *ontem* foi recategorizada, então, pela estratégia de detalhamento da informação (PrTr₂).

No caso em tela, a ação do presidente do Egito, Mohamed Mursi, leva o *eu* narrador para um espaço de tempo anterior ao que ele se situa, mesmo que essa “breve” mudança de campo dêitico não implique, necessariamente, em consequências para a situação narrada. É inegável, neste caso, que a interpretação da cadeia dêitica deste texto demanda do leitor a percepção de que a ampliação da ofensiva israelense deve ter ocorrido em um tempo anterior (uma fração do *ontem*, desde que não envolvendo a noite) à atitude do presidente do Egito.

Portanto, a análise da ExD₃, “*na noite de ontem*”, a exemplo dos resultados obtidos por Ciulla (2008) para as funções referenciais, permite dizer que ela desempenha no discurso a função de orientar a localização de um referente no tempo, contudo, não exatamente com os mesmos fins apontados pela autora (evitar uma referência genérica, evitar uma referência inadequada, desambiguar/encontrar o referente certo). Na ExD₃, a função tem o fim específico de particularizar um MR pretérito, destacando que este tipo de particularização pode ocorrer também com o MR presente (na tarde de hoje, por exemplo) ou com o MR futuro (na tarde de amanhã).

Vale destacar que o estudo da dêixis na perspectiva da recategorização facilita esta compreensão.

As ocorrências seguintes ocorrem motivadas, igualmente, pelo PrTr₂, estratégia de detalhamento de informações e se constituem expressões dêiticas temporais recategorizadas: ExD₄, “*ontem*, o chanceler”, e ExD₅, “*ontem*, o sul de Israel”. Essas expressões atribuem força ilocucionária a um longo trecho do discurso, dando destaque a uma série de fatos ocorridos no MR pretérito (ampliação da ofensiva de Israel em Gaza, subida no tom das declarações do chanceler israelense e ataque ao sul de Israel).

É válido dar relevância a dois aspectos relacionados ao momento de acontecimento (MA): (i) a ausência da particularização do MR não permite aos leitores compreenderem, na verdade, a ordem em que os fatos aconteceram; (ii) a ausência da

particularização do MR pretérito na orientação da localização de um referente no tempo indicia uma característica da cadeia dêitica temporal no gênero notícia.

Finalmente, a última expressão recategorizada (ExD₆ – *desde o início da ofensiva*) não se constitui mera repetição como pode parecer. Considerando a cadeia dêitica que se forma ao longo do discurso, advogo em favor de uma reafirmação do *eu* narrador (PrTr₃) como observador atento ao desenrolar do fato narrado. A repetição faz com que a ExD₆ inaugure um novo tópico, visto que a partir desse MR, o narrador iria tratar do sistema de segurança de Israel ou do poder ofensivo dos palestinos.

A cadeia referencial dêitica do texto 09 que analiso, em seguida, tem em seu título uma expressão que a inicia.

**Texto 09: Eu sou aquele que come as flores do aniversário
Sábado Cedo!**

Como de costume, levanta-se esticando músculos e ossos já utilizados, amiúde, por mais oito décadas. Passara a noite nu, porque o nu nunca lhe fora mais que beleza, liberdade corpórea, utilização da carne em prol da satisfação mútua dos corpos que, um dia, acolheram o seu em alcovas muito ou nada corretas – o que definitivamente não lhe importava – já que sexo nunca nada lhe mais fora que o prata emanado das estrelas e luas do caleidoscópio estridente de gozos bramidos noites adentro, pois todo homem que não presta e se preza faz sua mulher perder a vergonha, gemer e voltar sempre aos seus braços e beijos. Pois como a Lua excita a mente dos loucos, desperta o ciúme e a paixão dos poetas, levanta o nomadismo dos ciganos e faz com que o assassino vislumbre de longe a sua vítima, assim as mulheres e os homens livres de dogmas puritanos conduzem seus pares à sublimação e ao clímax... a Eros e Tanatos.

Não se queixava mais da vida, apesar de já ter perdido todos os “bicos” que fazia nos jornais, andando **agora** doente, os nervos escangalhados, o coração dando arrancos, muitas vezes infligindo-lhe noites em insônias rebeldes que o levavam a pensar em crimes, suicídios e outras coisas absurdas, satânicas até. Sim! A velhice havia-lhe chegado qual grades intransponíveis. Olhos mirados nos espelhos da escrita, enxergava-se **agora** espectro, um velho sem família, sem parentes ou amigos. (...).

Oito décadas e meia pelo setembro que se aproximava, já tantas vezes havia sentido a morte roçar-lhe sobre os ombros com seu carrilhão de plumas eriçadas como a cauda de um réptil venenoso, que no mundo nada mais o assustava. Preferia repetir Fernando Pessoa e “exigir de si mesmo o que sabe que não poderia fazer. Pois não é outro o caminho da beleza”. Ou Byron, “onde todas as coisas que nasceram, só nasceram para morrer. E a carne é uma erva que a morte ceifará”.

A manhã daquele sábado já deslizava para a tarde quando decidiu sair, deixando de lado o passado remoto que sempre teimava em aborrecer-lhe com coisas que só lhes serviam de entrave na vida.

Entretanto, **no final daquela manhã de sábado**, o monstro fabuloso resolveu parar seu bater de asas e mergulhar em direção ao chão. Seguiria andando, podendo, assim, ver e rever velhos conhecidos que lhe cumprimentavam quase em reverência sempre que seus pés e braços alados tocavam o solo infértil e relegado aos desprovidos de almas poéticas. (...).

(MONTEIRO, Marcus Túlio Dias. In: XI Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Book Editora 2008, p. 53-56).

O *eu sou* presentificado revela-se implicitamente como narrador, e, na expressão *sábado cedo!* (ExD₀), subverte o *frame* narrativo de sequência inicial (*era sábado cedo*). De qualquer modo, o *eu* parece não ter a intenção de ficar totalmente escondido, dado o uso da interjeição.

No primeiro parágrafo, o *eu* do narrador utiliza um modelo dêitico organizado em dois sistemas: ele está no aqui/agora da personagem (*levanta-se*) e, ao mesmo tempo, no aqui/agora do momento de referência (MR) pretérito (*passara a noite nu; nunca lhe fora; acolheram o seu [corpo]; não lhe importava*)¹⁹³. Alguns aspectos merecem ser assinalados: a) a transição súbita entre os dois sistemas é marcada pela expressão *como de costume*, indicando que os acontecimentos que serão narrados estão nos dois tempos; b) o jogo das formas pretéritas, por sua vez, tanto revela as coordenadas do *eu* narrador, ou seja, o ponto de vista de como o narrador vê a personagem e, por consequência, os efeitos que tais posições trazem para o discurso.

No trecho seguinte (*“Não se queixava mais da vida, apesar de já ter perdido todos os “bicos” que fazia nos jornais, andando **agora** doente ...”*), o olhar do narrador sobre a personagem apresenta traços bem distintos e ele transita entre uma posição pretérita mais remota e uma de simultaneidade durativa e iterativa que se confunde com o ME presente.

A primeira posição pode ser comprovada quando o enunciador diz: *não se queixava mais da vida*, em que denota revelar reminiscências da vida da personagem, enquanto a simultaneidade entre o MR e o MA é sentida pelo uso do gerúndio. Vale salientar que esta simultaneidade que asseguraria a concomitância de um tempo pretérito do MR e do MA (*se queixava* e *andando* [andando, neste contexto, equivale a andava]) não se mantém pelo aparecimento no texto/discurso da expressão dêitica “*agora*”.

Isso pode ser constatado se for feita a omissão do termo dêitico, que resultaria na sequência: *“Não se queixava mais da vida, apesar de já ter perdido todos os “bicos” que fazia nos jornais, andando [andava] **agora** doente, os nervos escangalhados”*.

É nesse sentido que o tempo é recategorizado, pois sofre mudança. A duratividade contínua, que diz respeito, mais especificamente, à continuidade do MR

¹⁹³ Vale lembrar que as demais formas verbais no tempo presente não fazem parte da cadeia dêitica, visto que não se constituem um fato do processo enunciativo. É o que Maingueneau (2001) chama de presente aorístico, referido por Fiorin (2010) como presente omnitemporal ou gnômico.

pretérito, como exemplificado em [112] e [113], passa a significar um agora da narrativa, momento de referência especial, usado para representar o momento presente dentro da história, conforme Almeida (1995), cujos dados apontaram também na mesma direção de estaticidade.

Essa mudança, contudo, é provocada pelo uso da forma adverbial *mais* que se constitui o elemento gerador do processo de transformação na cadeia dêitica temporal (PrTr₀), fazendo com que a ExD₁ exerça a função de retomar o MR presente, fortalecendo a relação entre ME/MR/MA.

A estratégia empregada, anteriormente, de imbricar os dois tempos (presente e pretérito) se repete mais uma vez na formação desta cadeia.

De acordo com o sistema de referência pretérito descrito no item 4.3.3, a concomitância entre o MA e o MR pode dar-se tanto pelo uso do pretérito perfeito, significando algo acabado, pontual, dinâmico, quanto pelo uso do pretérito imperfeito, significando algo inacabado, durativo, estático, não-limitado.

Esta característica pode ser observada no segmento: “*Sim! A velhice havia-lhe chegado qual grades intransponíveis. Olhos mirados nos espelhos da escrita, enxergava-se **agora** espectro, um velho sem família, sem parentes ou amigos (...).*”.

A confirmação (*sim!*) do acontecimento (*a chegada da velhice*) se constitui o elemento do processo de transformação da cadeia dêitica (PrTr₁), permitindo que a ExD₂, *agora*, exerça novamente a função de aproximar os dois tempos (pretérito e presente), ou seja, exerça a função de retomar o MR presente, acentuando o aspecto pontual e dinâmico de um uso durativo e estático.

Na continuação da cadeia, são encontradas as expressões dêiticas “*a manhã daquele sábado e no final daquela manhã de sábado*”. O tempo expresso na primeira dessas expressões é uma retomada do tempo manifestado em *sábado cedo!* (ExD₀), compondo, assim, a ExD₃ do processo de transformação. Ao passo que, o tempo expresso *no final daquela manhã de sábado*, a ExD₄, é uma retomada ao tempo manifestado tanto em ExD₀ como em ExD₃.

Nos dois casos, as expressões dêiticas exercem a função de particularizar um aspecto do MR já mencionado. É forçoso reconhecer que, na constituição da ExD₄, há uma ancoragem processual (*no final*) que acentua a função dêitica. Contudo, é forçoso reconhecer, igualmente, que o contexto de formação da cadeia não comportaria o uso isolado desta expressão, como exemplificado abaixo:

“Entretanto, *no final daquela manhã de sábado*, o monstro fabuloso resolveu parar seu bater de asas e mergulhar em direção ao chão”.

Estas ocorrências me levam a acreditar que a formação de uma cadeia dêitica mantém, de certa forma, uma correspondência com os critérios de formação de uma cadeia anafórica, significando dizer que os referentes presentes nessas cadeias estão, em primeiro lugar, a serviço da continuidade e da progressão textual, e a retomada a expressões do texto é um mecanismo comum aos dois processos.

Conforme expus em 5.1.1 *A amostra*, os textos selecionados abrangeriam, prioritariamente, sequências narrativas. Contudo, em razão da formação da cadeia dêitica do texto 10, incluí-o no *corpus*.

Texto 10: Hoje, a Petrobras está produzindo mais de 200 mil barris de petróleo no pré-sal. Desde o início da operação, já foram mais de 100 milhões de barris de petróleo do pré-sal. **Hoje**, a Petrobras já viabilizou o financiamento de 6,9 bilhões de reais para incentivar empresas de vários estados brasileiros. **Hoje**, existem mais de 88 mil pessoas que foram capacitadas para a indústria de óleo e gás. Ao todo serão qualificadas mais de 212 mil, em 185 categorias profissionais. **Hoje**, a Petrobras está investindo no pré-sal como nunca: serão quase 70 bilhões de dólares até 2016.

Pode comemorar. Tem muito de Petrobras em cada brasileiro.

A Petrobras investe em inovação e tecnologia porque acredita no futuro do Brasil e de todos nós. O pré-sal é uma realidade que já acontece em nossas vidas, com mais empregos para os brasileiros, força para a economia nacional e mudanças para um país que só faz crescer. Esse é o presente para quem está aqui e agora. E um marco para quem vai estar amanhã. Juntos **somos** mais, juntos **somos** Petrobras.

(Propaganda da Petrobras 59 anos. Revista Veja. Edição 2290. Ano 45. Nº 41 de 10 de outubro de 2012).

Esta cadeia exemplifica o fato de que é possível que todos os *eus* no texto/discurso sejam direta ou indiretamente projetados e construídos pelo modelo do enunciador, que também decide as posições no discurso, como pontos de referência dos vários sistemas dêiticos do texto. A ocorrência repetida da forma *hoje* não poderá significar na perspectiva de uma teoria da mudança dêitica e, menos ainda, na de recategorização que o *eu* enunciador permanece inalterado. Ao contrário, deve ser vista como fazendo parte do modelo do enunciador, como uma estratégia textual que estabelece a possibilidade para uma interpretação coerente dos diferentes sistemas dêiticos do texto.

Para compreender melhor tais estratégias, reivindico a favor de que a interpretação dos dêiticos é dependente do ponto de referência e que este pode ser buscado fora do enunciado com a intercalação de uma expressão de apoio. Monticelli

(2005b, p.208) defende que “independentemente de onde os dêiticos *agora* apareçam, o ponto de referência para sua interpretação deve sempre ser procurado fora do E, por exemplo, a intercalação *I realize(d)*¹⁹⁴”.

A presente análise, portanto, está fundamentada nesse pressuposto.

A expressão inicial da cadeia dêitica temporal (ExD₀ - *hoje*) aponta na direção de um *eu* enunciador impessoal. Como a descrição faz parte do gênero propaganda, esse *eu* pode ser identificado como a própria empresa, ou seja, a Petrobras que fala dela mesma. Por esse viés, não posso me abrigar apenas nos estudos de Fiorin (2010) nem mesmo em Monticelli (2005b), quando tratam da pessoa subvertida, em que uma terceira pessoa aparece no lugar da primeira, dado o caráter desse *eu*. Contudo, se considero que a empresa é dirigida por uma equipe que fala em nome dela, posso utilizar a estratégia da intercalação proposta pelo autor. Em ExD₀, então, procurando o enunciador fora do enunciado, posso aceitar que ele ocupe a posição de um *eu*, cujo campo dêitico é orientado pela coordenada *eu=diretor de Exploração e Produção*, aquele que sabe a respeito da evolução da produtividade da empresa.

A presente análise indicia que, dada a natureza do gênero anúncio, mesmo que ocorra a recategorização de expressões dêiticas, os processos de transformações (os PrTr da cadeia) podem não ser identificados por uma única forma na superfície do texto. No caso em tela, assumo que na reiteração dêitica (*hoje*) os elementos de transformação não são identificados, mas não assumo que se constitua condição *sine qua non* para outros casos. Vale lembrar que esta tese é formada por uma amostra de textos, e que outros estudos poderão acrescentar novos horizontes aos critérios adotados para esta análise.

A expressão dêitica temporal recategorizada (ExD₁ - segunda ocorrência de *hoje*) aponta na direção de um *eu*, cujo campo dêitico é orientado pela coordenada *eu=diretor de Abastecimento*, aquele que sabe a respeito de como a empresa administra seu patrimônio ativo para proporcionar-lhe mais ganhos.

A ExD₂, representada pela terceira ocorrência de *hoje*, traz, como traço de modificação do ponto de referência, um enunciador que se identifica como um *eu=diretor de Recursos Humanos*. É a pessoa mais indicada para falar a respeito da relação existente entre a capacitação funcional e a qualificação dos funcionários da empresa.

¹⁹⁴ (...) regardless of where the deictic *now* appears, the reference point for its interpretation must always be searched for outside the E, for example in the parenthetical *I realize(d)* (MONTICELLI, 2005b, p. 208)

Finalmente, a última ocorrência de *hoje* (ExD₃), que recategoriza o tempo em que o *eu* enunciador fala, deixa ver o *eu=diretor de Engenharia, Tecnologia e Materiais*. O objetivo de seu discurso (o investimento em tecnologia) é persuadir o leitor a aceitar as metas previstas (quase 70 bilhões de dólares) a serem atingidas.

Em casos como o desta cadeia, todas as ocorrências (ExD₀, ExD₁, ExD₂ e ExD₃) guardam entre si dois aspectos de similaridade: a) têm como PrTr da cadeia elementos lexicais dos enunciados, que identificam os diferentes *eus*. Assim, o PrTr₀, por exemplo, concentra os termos relativos ao financiamento de empresas; b) todas as ExD têm a função de atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso. Ou seja, as expressões dêiticas fazem com que os setores da Petrobras mencionados implicitamente¹⁹⁵ sejam destacados.

Mais uma vez a construção da cadeia dêitica parece sofrer o impacto do gênero, visto que o texto orienta para outro ponto de vista do enunciador. No enunciado “*Pode comemorar*”, a ExD₄, o *eu* assume um ME presente pelo uso do imperativo, colocando-se, assim, numa interlocução direta com o seu coenunciador. O tempo enunciativo, neste caso, está ordenado pela concomitância presente e pela coincidência entre o momento do acontecimento (MA - a situação patrimonial da Petrobras em 2012), momento de referência (MR - o ano de 2012) e momento de enunciação (ME - 2012 e não necessariamente o mês ou o dia de divulgação do anúncio pela Revista Veja).

Ademais, vale dar destaque também ao fato de que, ao estabelecer uma proximidade com o interlocutor, o enunciador inaugura um novo centro dêitico. Na ExD₄, o *eu* assume uma posição de pessoa subvertida em que estão incluídos todos os outros enunciadores. São eles juntos que argumentam em favor do sucesso da Petrobras (“*A Petrobras investe*”) para, nos enunciados seguintes, incluírem o interlocutor (“*Tem muito de Petrobras em cada brasileiro; todos nós; nossas vidas*”) e, assim, arrematarem seu propósito argumentativo com a ExD₅, “*Juntos **somos** mais, juntos **somos** Petrobras*”, que exerce a função de atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso. Considero que a repetição da forma deve-se mais a uma exigência do gênero que um dado da construção da cadeia dêitica.

¹⁹⁵ A menção feita a diferentes diretorias da Petrobras deve-se a inferências feitas por mim. Esclareço ainda que o organograma da empresa não deixa claro o que compete a cada uma das instâncias. <http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/organograma/> (último acesso: 23/01/2015)

A análise da cadeia dêitica do texto 10, portanto, demonstra que, apesar de não conter sequências narrativas, pode ser interpretada pelos mesmos princípios apontados por Monticelli (2005b) e Fiorin (2010)¹⁹⁶, segundos os quais só é possível explicar o *agora* com referência ao sistema dêitico proveniente da percepção ou do ponto de vista do enunciador.

Ainda de acordo com a concepção desse *eu*, as análises devem levar em conta recursos e estruturas que os participantes de uma interação tornam relevantes na forma como conduzem a interação. A ExD₄ revela um enunciador que deve ser entendido na perspectiva interdisciplinar esboçada no item 3.2 desta tese, e a análise da dêixis pode ser realizada em um “quadro teórico misto” (HANKS, 2008), em que se combinem tanto as tendências da egocentricidade bühleriana como aspectos cognitivo-discursivos, combinados à centralidade da interação de outras práticas sociais além da prática da linguagem.

Do bloco composto pelas cadeias dêiticas de tempo, contidas nos textos 21 a 25 (uma notícia, uma crônica, dois contos e uma letra de música), selecionei, respectivamente, as cadeias dos textos 21 e 23, para apresentar elementos que corroborem com a tese de recategorização do processo referencial dêitico.

Uma característica que se sobressai nas sequências narrativas de cadeias dêiticas temporais do gênero notícia é o jogo entre um momento pontual e uma série de sucessões e antecipações. O exemplo da cadeia do texto 21 apresenta essa arquitetura, em que o *eu* narrador transita entre o *agora*, o antes e o depois, formando um conjunto propício à constatação da proposta de recategorização da dêixis.

Texto 21. Mulher de petista se irrita com jornalistas em visita a presídio

Andrea Haas diz que imprensa ignora argumentos da defesa

Ao voltar à penitenciária de Modena **ontem pela segunda vez** para visitar Henrique Pizzolato, Andrea Haas, mulher do ex-diretor do Banco do Brasil, acusou os jornalistas de não considerarem os argumentos da defesa de seu marido e criticou a Rede Globo.

Irritada, Andrea repetiu a alegação da defesa de Pizzolato de que o dinheiro do Visanet, que abasteceu as contas do publicitário Marcos Valério, operador do mensalão, não era público, mas oriundo de um fundo privado.

“O dinheiro não era público e não era do BB. O dinheiro era privado, da Visanet, uma empresa privada. Era um dinheiro para propaganda”, afirmou.

¹⁹⁶ A visão dos autores sobre esse assunto foi discutida em 3.3.1 *O centro dêitico em textos narrativos*

Dirigindo-se a uma repórter da Rede Globo, ela disse que a emissora recebeu R\$ 5 milhões do fundo Visanet.

“Ele [Pizzolato] está preso e vocês da Globo estão devendo dinheiro público. Não pagaram imposto. Isso é vergonha. Mais de R\$ 700 milhões. O outro ali está preso e todo o dinheiro foi aplicado honestamente”, afirmou.

A Globo questiona uma autuação de R\$ 713 milhões aplicada pela Receita Federal em dezembro de 2009 por supostas irregularidades no pagamento do Imposto de Renda e da CSLL (Contribuição Social sobre Lucro Líquido).

Ontem, na primeira vez em que esteve no presídio de Modena, Andrea saiu cerca de 20 minutos depois sem ter conseguido visitar o marido – ela não explicou porquê.

Pizzolato foi condenado a 12 anos e sete meses de prisão no julgamento do mensalão. **No ano passado**, fugiu para a Itália usando documentos falsos.

Anteontem, a justiça italiana decidiu que ele terá de aguardar o julgamento do pedido de extradição na prisão.

(Folha de S.Paulo. 9 de fevereiro de 2014. Caderno A4)

O momento de referência (MR), em que o sujeito de enunciação aparece na expressão dêitica inicial da cadeia, é o presente pontual, cujas formas verbais (se *irrita, diz*) gravitam em torno do momento do acontecimento (MA - visita a presídio). Vale dar destaque ao fato de que a escolha do tempo presente prende-se à natureza do gênero, pois tanto o momento de enunciação (ME) quanto o momento de referência (MR) estão implicitamente relacionados ao momento pretérito de acontecimento, afinal a imprensa já vinha ignorando os argumentos em favor de Pizzolato.

Ao dar continuidade à narrativa, porém, o enunciador transfere o centro dêitico para uma coordenada pretérita (“*ontem na segunda vez*”) de concomitância com o MA (acusou e criticou). Essa interpretação encontra suporte no posicionamento de Fiorin (2010, p.146), para quem “se o momento de referência for anterior ou posterior ao momento da enunciação, deverá ser sempre explicitado”.

Esta cadeia apresenta ainda dois aspectos que a distinguem das cadeias de tempo analisadas no primeiro bloco. Uma diz respeito à predicação da expressão dêitica *ontem* (“*ontem na segunda vez; ontem na primeira vez*”) e a outra, à centralidade do presente que, nesta cadeia, está deslocada para trás (“*anteontem*”), conforme aponta a literatura sobre o assunto. Quanto ao primeiro aspecto, as expressões dêiticas, além de comprovarem a relação da dêixis com a forma como o tempo nas sequências narrativas é organizado, têm a função de particularizar um momento específico do MR.

Ocorrências dessa ordem evidenciam, ainda conforme Fiorin (2010, p 143), que “o tempo do discurso não é, assim, reportado às divisões do tempo crônico nem fechado numa subjetividade solipsista”. Demonstram sim que o tempo linguístico comporta suas próprias divisões e de acordo com as necessidades do enunciador.

De conformidade com a base teórica que deu sustentação à discussão da constituição da cadeia dêitica de tempo desta pesquisa, o centro gerador e axial do tempo linguístico é o presente da fala. O *agora*, portanto, é o momento da enunciação que ordena e gera os tempos linguísticos e o fundamento para as oposições temporais do discurso. Assim, a partir da instauração do *agora*, forma-se o eixo que determina as categorias da concomitância vs as da não-concomitância, as quais, por sua vez, organizam as relações entre acontecimento/referência/enunciação, ou seja, forma-se o centro dêitico que revela se há ou não a coincidência entre os três momentos: enunciação, referência e fato narrado (ME, MR e MA).

A seguir, algumas considerações acerca da cadeia dêitica do texto 23.

Texto 23: Sorriso de sereia

Nos últimos tempos, vinha desconfiando da mulher. Não sabia se era a diferença de idade, que o fazia sentir-se pai ou tio da menina, ou se era o sorriso de sereia que, vez ou outra, o levava a lembrar-se do quanto ela era insinuante.

Estavam juntos há sete anos e tinham uma filha. Deixara a casa, a esposa e os filhos. (...)

Via-a, **agora**, com muita frequência na janela e, à notinha, quando chegava do comércio, flagrava-a ouvindo músicas apaixonadas na pequena radiola, presente de aniversário dos primeiros tempos. O que mais o contrariava é que ela não se cansava de ouvir o Francisco José com o fado *Só nós dois*, que marcara o tempo em que começara a se interessar por ela. Melhor, o tempo em que ela começara a seduzi-lo, porque, para falar a verdade, todas as investidas foram dela. Ela o queria e fora à luta para fisgá-lo. Mas estava claro que os sentimentos despertados nela, **agora**, por aquelas músicas apaixonadas não lhe diziam respeito. E ele ficou de sobreaviso.

Começou a chegar inesperadamente em casa (...).

No domingo, disse que ia até a casa dos pais, no distrito de Pitombeiras. E só voltaria à noite. Estava disposto a surpreender os dois e a matá-la. Sim, só a ela. A ele não interessava o outro. Ele que desaparecesse de sua vista, que fosse saciar-se com outras. Sua questão era com ela, que o fizera abandonar a mulher e os filhos e o estigmatizara diante da sociedade. Seu problema era com ela, que o induzira a desafiar o mundo e **agora** o traía.

(...)

Em casa, a mulher e os filhos. Um casamento estável, de quinze anos. Estável é força de expressão: muito mais um querer que fosse do que propriamente um ser. Casara-se muito novo, mais para encaminhar-se na vida do que para realizar-se afetivamente (...)

A noiva não era lá essas coisas – magrinha, sem graça, sem personalidade – um arremedo de mulher, dava-se conta **agora**. Não, não, dera-se conta desde o começo, mas só **agora** media a distância entre ela e meninas como aquela que vinha tirando-lhe o sono nos últimos tempos.

Sabia que estava entrando em uma aventura irresponsável, cujos desdobramentos eram imprevisíveis. (...).

Costumava fechar o comércio às seis horas e ir para casa, mas **agora** começava a desviar o caminho, a desviar não, a torcer o caminho, uma vez que seguia um rumo oposto ao de sua casa. Era o caminho da casa dela. (...).

Olhando para a mulher, com o revólver na mão, ele perguntou pela filha. Fora com a avó passar o dia na casa da tia Joaquina. Ótimo! Ela não vai presenciar o pai matar a puta da mãe dela. E, sem que ela tivesse tempo de pensar em uma explicação, ou mesmo suplicar que a perdoasse em nome da

filha, ele disparou três tiros mortais: um no coração, outro na testa e o último na boa. Para matar aquela perigoso sorriso de sereia, que o alçara ao paraíso e **agora** o atirava ao inferno. (...).

(JAGUARIBE, Vicência. *Ancoragem em porto aberto*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010 p. 95-101).

A análise desta cadeia apresenta os seguintes aspectos que concorrem para a defesa da recategorização dêitica:

(i) há coincidência entre os ME, MR e MA. Isso significa que a coordenada temporal não está sendo reinventada, a cada vez que o enunciador se pronuncia no discurso;

(ii) apesar de o *agora* não estar sendo reinventado, a exemplo do mecanismo anafórico correferencial, em que é possível a reiteração de um mesmo referente, a expressão dêitica de tempo reaparece no texto/discurso várias vezes;

(iii) consoante posicionamento adotado, a partir de Cavalcante (2012) e Koch (2004c), no item 2.4.3 *Outras contribuições à proposta de Apothélos; Reichler-Béguelin*, uma expressão dêitica pode sofrer ou não modificação, ou seja, pode ou não ser recategorizada;

(iv) igualmente, a exemplo do mecanismo anafórico correferencial, a reiteração tem uma função discursiva. No caso do *agora*, atribuir força ilocucionária à concomitância das relações entre acontecimento/referência/enunciação.

Essas considerações me fazem concordar com Almeida (1995) que o ponto *agora* da narrativa é um momento de referência especial, usado para representar o momento presente dentro da história. Ao longo de todo este texto/discurso, o *agora* teve, na cadeia, o papel de situar o enunciador no momento pretérito, momento ‘presente’ em relação ao que ele se referia.

5.2.3 Análises da categoria de espaço

A investigação da categoria de espaço na formação de cadeias dêiticas foi feita a partir da análise dos textos 11 a 15, dentre os quais se encontram um conto, uma página de diário, uma letra de música e dois poemas. Na análise, foram observados todos os PrTr que motivavam as ocorrências de ExD e as funções que tais expressões exerciam no discurso.

Além destas cadeias dêiticas de espaço, fiz a análise de mais 05 cadeias presentes nos textos 26 a 30 (um fragmento de carta, dois poemas, um fragmento de romance e um conto), que fazem parte do exemplário desta pesquisa.

A cadeia do texto 11 objetiva persuadir os leitores a irem para um centro dêitico, para um lugar que foi descrito como o “aqui” do texto. Essa primeira impressão pode ser comprovada pela repetição de uma série restrita de expressões espaciais, a qual examino na perspectiva de uma proposta de recategorização.

Texto 11: Realizava sonhos entrelinhados: virava estrelinha

Ela estava **lá**. vestida de amarelo. o negro em seus cabelos. o azul em sua alma. sentada no meio-fio pintado de cal. as unhas crescidas, enfim parara de roê-las. (...). sentia um vento frio no pé da barriga. borboletas em seu estômago mas estava serena, como que despreocupada. como se só estivesse **ali** esperando o ônibus. Mas **ali** se iam dezenas de ônibus por minutos. e ela **lá**. O trânsito era caótico. ela não sentia mais o caos. olhou em seu pulso. lembrou que não havia relógio. há quanto tempo?! quando haveria perdido o relógio?! teria parado?! e quem liga?! (...). ela dança com as nuvens e **segue debaixo delas** para aproveitar a chuva. a chuva... as águas que caem do céu e lavam sua pele. lavam sua dor. escorrem por entre os lábios e celebram o existir. (...) ela era toda som. seu silêncio já dizia. seu murmuro explicitava. catou pedras. guardou no bolso. nenhum lago, lagoa, açude, represa. nenhuma poça de lama. o sol **lá em cima de** sua cabeça. a bolsa preta. o tênis preto. os anéis nos dedos. o anis do amaciante na roupa. cruzou as pernas. e começou a sentir medo. ela dificilmente sentia medo. só de baratas voadoras. mas o medo agora era medo-presente. ouviu um piano ao longe. (...). era quase um ritual. e ela gostava de vê-los manchados quando chorava. ela chorava. quis ser amélie poulain. ela era amélie poulain e tinha um fabuloso destino a tecer. realizava sonhos entrelinhados: virava estrelinha. ouviu novamente a canção no piano. o piano era **lá dentro. Dentro dela**. Era o ritmo cardíaco. ela se ouvia. se transpirava em celulosa. acendeu um cigarro de cravo. mas não fumou. ela não fuma mais. o ato *blasé* ainda é o que a atrai. o cheiro do cigarro na rua. não o cheiro do cigarro **dentro dela**. (...)

(LIMA, Anna Karine de Menezes. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 59-61)

A expressão iniciadora do processo (**ExD₀** – Ela estava *lá*) representa uma categoria de englobamento, cujo espaço é englobante, visto que a expressão “meio-fio” parece fazer parte do *lá*). O ponto de referência enunciativo é o espaço do *eu* narrador, que se mantém, ao longo de todo o texto, fora da cena enunciativa. Vale observar que o *lá* tem um sentido de indeterminação, é impreciso, indiciando que o narrador busca a participação do leitor, como se ambos soubessem exatamente qual era o lugar pretendido. A interpretação, evidentemente, seria outra se ele tivesse apresentado um referente lexical com indicação de espaço.

O **PrTro**, “*só*” (*como se só estivesse*), desta cadeia sofre a influência de todos os enunciados descritivos acerca da personagem (“*vestida (...) roê-las*”), que

culmina com as expressões “*não era hora de analisar*”, “*sentia um vento frio no pé da barriga*”, “*mas estava serena, como que despreocupada*”. Por esse viés, o **PrTr₀** facilita a nova ocorrência de “*ali*” (**ExD₁**), com a função de emprestar saliência discursiva ao referente.

Esta função se evidencia quando é feita a comparação entre os enunciados: “como se **estivesse ali** esperando o ônibus” e “como se **só estivesse ali** esperando o ônibus”. No primeiro caso, a expressão indicia significar mais uma ação realizada ao acaso (“*como se*”). Na segunda possibilidade, o “*ali*” do enunciado indica “o propósito” de apontar com exatidão o lugar, desfazendo assim uma interpretação equivocada, ou seja, a personagem está “*ali*” por um motivo determinado.

De conformidade com a base teórica de apoio comentada em 4.3.4, acrescento ainda, acerca da **ExD₁**, que ela é formada pela mudança no interior da categoria de englobamento, pois, enquanto o *lá* da expressão iniciadora é englobante, o *ali* é englobado. A noção implícita de lugar para apanhar o ônibus é mais ampla, mas a personagem está *ali* em um espaço que corresponde a um ponto no todo do lugar. O ponto de referência enunciativo é também o espaço do *eu* narrador, que continua, como já mencionei, fora da cena enunciativa.

Vale observar também que a oposição entre o *ali* e o *lá* é assinalada por um traço de distanciamento, visto que o *lá* pode ser acrescentado à “série *aqui, aí, ali* para assinalar uma localização além de *ali*” (CÂMARA, 1982, p. 124). Nesta ocorrência, o espaço tópico é o mesmo (*lá* = *ali*), contudo, o *ali* denota um espaço relacionado mais ao *eu* do narrador, à sua percepção.

O enunciador continua sem definir o referente, deixando essa incumbência para o seu interlocutor. Como não há informações definidas sobre o espaço, o leitor deverá compor o quadro a partir de pistas lexicais como meio-fio; parada de ônibus (“*ali esperando o ônibus*”); o trânsito; um lugar em que estavam outras pessoas (“*ela gargalhou, ninguém entendeu*”). Para a composição do cenário, o leitor pode inferir que a personagem tinha dois propósitos: um seria esperar alguém para quem ela queria mostrar-se bem (“*unhas crescidas, parara de roê-las; estava serena, como que despreocupada*”, mesmo sentindo um vento frio no pé da barriga); outro seria esperar um ônibus específico.

O leitor deverá entender que a recorrência seguinte ao lugar (“*Mas ali se iam dezenas de ônibus*”) não o autoriza a confirmar o segundo propósito. Essa decisão é

motivada pelo uso do “*mas*”, o **PrTr₁**, que leva à **ExD₂**, “*ali*”, com a função de engajar o leitor na perspectiva da personagem¹⁹⁷.

A **ExD₂** deixa claro que a expressão dêitica espacial *ali* também sofreu acréscimos em seu processo de referenciação pela presença do verbo *ir*. Segundo comentei em 4.3.4, *A localização no mundo da narrativa*, “*ali*” é um espaço em que há um movimento simples, numa relação direcional de expansão, produzindo um afastamento, em que a entidade em movimento (ônibus), que faz parte do espaço narrado (*ali*), se afasta da personagem.

Como postulado por Fillmore ([1984]1997), a dêixis de espaço tem a ver com a expressão linguística da percepção do falante de sua posição no espaço tridimensional. Nesse caso, o **PrTr₁** configura-se como um movimento não da personagem nem do narrador, mas da observação deste.

Na continuidade da cadeia, o processo de transformação (**PrTr₂**) que orienta a próxima recategorização é uma espécie de afirmação por parte do *eu* narrador de que ele está iniciando um novo ato de fala para reafirmar a presença da personagem no mesmo lugar. Neves (2000), ao tratar da adição de temas, exemplifica o uso do “*e*” apenas em situações de interrogação, mas, amparada na autora, admito que esse processo de transformação pode ser estendido também para casos de afirmação, em que a **ExD₃**, “*E ela lá*”, exerce no discurso a função de reforçar a ideia da permanência da personagem no mesmo lugar.

São ocorrências dessa natureza que comprovam a constituição de uma cadeia de recategorização dêitica. O advérbio *lá*, longe de ser uma simples repetição de forma, como é abonado pela gramática normativa, tem uma função discursiva distinta da primeira ocorrência. No segmento inicial (*Ela estava lá*), a expressão dêitica não diz quase nada sobre o espaço. Aqui, não. Diante da expressão “*E ela lá*”, o leitor deverá perceber que o sentido se reveste de outros traços. É um *lá*, em que há movimento, em que os ônibus, que poderiam transportar a personagem para outro espaço, passam e dela se afastam, porque ela preferiu ficar *lá*.

¹⁹⁷ Ciulla e Silva (2008, p. 174) considerou que o excerto – “Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. (Caio Fernando Abreu. *Aqueles dois*) – exercia a mesma função no que dizia respeito aos efeitos estético-estilísticos.

Na sequência da cadeia, o **PrTr₃** é marcado pela presença do verbo ‘seguir’ que, no enunciado, não indica o deslocamento da personagem, ao contrário denota a sua imobilidade, pois o que o enunciador quer dizer é que ela continuava *lá*. Esse estado é que permite que ela ocupe as duas posições categorizadas pela direcionalidade de verticalidade/horizontalidade.

Na expressão recategorizada (**ExD₄** – segue *debaixo* delas), o ponto de referência do narrador é o mesmo. O espaço é de concomitância (*lá*=*debaixo*). A categoria de direcionalidade está articulada à verticalidade, o que constata a pluridimensionalidade do espaço.

O que caracteriza o **PrTr₄** é o fato de o espaço enunciativo converter-se em espaço enuncivo. Essa mudança é observada pelas ações descritas (“*catou pedras. guardou no bolso*”) em que o *eu* narrador faz parte da cena enunciativa para a descrição enunciva (“*nenhum lago, lagoa, açude, represa. nenhuma poça de lama. o sol*”) que está em torno da expressão dêitica regategorizada.

A expressão dêitica espacial (**ExD₅** – o sol *lá em cima de sua cabeça*) recategoriza o espaço pela mudança da categoria de direcionalidade, cuja verticalidade tem outra direção. Entendo que o *lá* não faz parte da **ExD₅** como elemento de recategorização da cadeia dêitica. Seu papel no discurso é modalizar a expressão dêitica, indiciando um afastamento que intensifica a perspectiva de distância entre os dois espaços do cenário, o do sol e o da personagem.

O **PrTr₅** motivador para a recategorização da expressão dêitica seguinte é a mudança do espaço enunciativo para um plano de discurso indireto livre (“*ela quis ser amélie poulian, ela virava estrelinha*”)

O segmento, em que estão as expressões recategorizadas (**ExD₆** - *lá dentro*) e (**ExD₇** - *Dentro dela*), comporta as seguintes análises:

a) *lá dentro*¹⁹⁸ – é uma visão extensiva;

b) *dentro dela* – a partir da visão do narrador que é um observador se marcam posições e movimentos. O espaço é considerado em sua bidimensionalidade (exterior/interior), o *eu* narrador assinala um ponto de vista externo, sua percepção de algo interior à personagem.

¹⁹⁸ A propósito do uso de advérbios e de locuções prepositivas, Fiorin (2010, p 272) considera que “as posições são manifestadas pelos seguintes advérbios e preposições, a partir da visão de um sujeito observador: a) visão concentrativa (...); b) visão extensiva: o espaço é considerado em sua bi ou tridimensionalidade: dentro (de); (...) *lá dentro* (de) indica um ponto de vista externo.

A análise dessa cadeia sinaliza, por fim, que o paradigma da percepção, compreensão e recuperação do sentido dos acontecimentos está centrado no ponto de vista do *eu narrador*, cujo campo de visão/percepção é mais estendido que o do *eu personagem*.

Diferentemente da constituição desta cadeia, as expressões dêiticas de espaço do texto 12, uma página de diário, pertencem ao campo de visão/percepção do *eu personagem*.

Texto 12:

20 de outubro de 1944

Ainda estamos vivas. E juntas. Por **aqui** tudo é tão tranquilo e tão seguro que é difícil acreditar que todo o nosso passado recente seja real.

Será que o pesadelo acabou? Será que vamos viver assim até o fim da guerra e finalmente sobreviver? Durante o dia, quando o sol brilha através do minúsculo quadrado de nossa janela, eu penso que sim, é isso, nós escapamos. Mas quando acordo no meio da noite, imagens horripilantes retornam como uma torrente, o medo me arrepiando a alma e não consigo voltar a dormir. Então começo a pensar em nossa vida atual, em como nossa situação é de fato incerta e como estamos longe de nos sentirmos seguras. Porque eles ainda estão **aqui**, embora não se fale muito sobre isso.

Estão **aqui**, mandando **nesta tranquila zona rural**, nestas pessoas que nos abrigaram sob o seu teto.

E só estamos **aqui** porque eles ordenaram que os granjeiros locais acolhessem os deportados, da mesma forma que os obrigaram a entregar parte de seu gado para o terceiro Reich.

Os nazistas podem estar perdendo batalhas a oeste, podem estar feridos de morte ao leste, mas **aqui** exatamente eles estão em pleno comando.

E assim, a qualquer dia ou noite este período de tranquilidade pode facilmente chegar a um fim abrupto. Vamos supor que alguém **na aldeia** deteste judeus, ou tenha uma desavença com a família que nos abriga, ou deseje receber uma recompensa. Aposto que essa senhora e seus filhos não imaginam quem somos. Talvez nem mesmo consigam identificar um judeu pela aparência. Espero que não sejam fuzilados se os nazistas chegarem **até nós**. Afinal, só estão fazendo o que foram obrigados a fazer – acolher refugiados de Varsóvia. E é isso que somos, refugiados de Varsóvia. (...)

(Janina Bauman. Inverno na manhã – uma jovem no gueto de Varsóvia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 205-6. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 6 Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 184).

O título do texto 12 já indicia o gênero e, como todo texto narrativo, se dirige a um leitor específico, denominado por Eco (2012) de leitor-modelo. Esse leitor, ao se deparar com o enunciado de abertura do texto (*Ainda estamos vivas*) e associá-lo ao título, provavelmente acionará o esquema relacionado ao conflito da 2ª Guerra Mundial. Isso não impede, sem dúvida, que outros esquemas possam ser ativados para compor a cena narrativa (*Ainda estar viva; a tranquilidade e a segurança de um local; passado recente*).

A expressão dêitica inicial da cadeia (**ExD₀** - *Por **aqui** tudo é tão tranquilo*) resulta da combinação dos elementos recuperados pela memória do leitor, que o próprio *eu* narrador deixa antever como um colaborador, capaz de (re)criar o sentido do *aqui*.

O centro espacial é inicialmente referido como um lugar tranquilo e seguro, apesar de haver dúvidas (“*Será que o pesadelo acabou? Será que vamos viver assim até o fim da guerra e finalmente sobreviver?*”). Em seguida, quando, no meio da noite, imagens horripilantes retornam, a personagem pensa na vida atual, de incerteza e de insegurança, e constata que o *aqui* é diferente, porque eles estão naquele lugar (“*Porque eles ainda estão **aqui***”). Vale lembrar, na verdade, que o espaço físico não sofreu mudanças e, conforme argumenta Maingueneau (2001a), a localização dêitica e, portanto, a transformação do lugar, neste caso, está baseada na subjetividade da personagem.

A mudança de ponto de vista foi ocasionada pela conjunção *porque*, o **PrTr₀** da cadeia, que leva à recategorização do espaço e, assim, a **ExD₁** tem a função de promover a mudança de ponto de vista acerca de um referente.

A recategorização da **ExD₁**, por outro lado, se justifica, também, por uma representação, cujo centro espacial pode estar em uma localização presumida pelo leitor-modelo (ECO, 2012). Por esta perspectiva, o *aqui* não é visto mais pelas lentes do *eu* personagem, mas, sim, pelas do leitor, que é convidado a refazer fatos históricos e a imaginar um local onde existem sobreviventes e, próximo ao fim da guerra, ainda é ocupado pelos nazistas. Por este caminho, a **ExD₁** tem a função de possibilitar o leitor a atualizar conhecimento.

Além dessas interpretações sobre a **ExD₁**, entendo que há uma outra função, no mínimo, complementar à segunda, que não pode deixar de ser considerada, pois é impossível não levar em conta a força discursiva que o *ainda* traz ao texto. Quando o enunciador diz que “*eles ainda estão aqui*”, significa que o seu interlocutor já sabia que eles, os nazistas, dominavam aquele lugar. Por esta linha de interpretação, a **ExD₁** exerce a função de promover um convite para uma busca/ativação da memória, para acionar o esquema cognitivo de permanência dos nazistas no espaço em questão.

Ciulla (2008) encontrou, em seus dados, um caso que ela analisou como uma função de promover um convite para uma busca/ativação da memória, mas atribuiu ao mesmo tempo uma simulação de conhecimento compartilhado, conforme abaixo:

Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: **aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho**, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. (Caio Fernando Abreu. *Aqueles dois*. In: CIULLA, 2008, p. 174).

A **ExD₁** difere do caso apresentado pela autora, tendo em vista que não é uma simulação de compartilhamento de conhecimentos.

No trecho “*Estão **aqui**, mandando **nesta tranquila zona rural***”, torna-se visível que o centro espacial se move em direção ao *eu* personagem, se aproximando dele. A volta ao centro da cena enunciativa pela personagem se caracteriza o elemento do processo de transformação (**PrTr₁**), enquanto o *aqui, nesta tranquila zona rural*, lugar do conhecimento apenas da personagem, se constituem, respectivamente, as **ExD₂** e a **ExD₃** da cadeia dêitica. A primeira com a função de atribuir força ilocucionária ao discurso; a segunda, a **ExD₃**, tem o papel de orientar a localização do referente no espaço e evitar uma referência genérica, visto que o *aqui* poderia referir-se, por exemplo, ao país em que a personagem se encontra. Dessa forma, a função se explica pela categoria de englobamento (FIORIN, 2010).

A concessão feita (*E só estamos **aqui***) pelos nazistas, manifestada pelo *eu* narrador, desencadeia o processo de transformação (**PrTr₂**) para que a personagem retorne ao lugar em que, apesar de o sol brilhar através do minúsculo quadrado de janela, é uma tranquila zona rural. Considero que a expressão dêitica *aqui* se torna uma expressão recategorizada (**ExD₄**) pela consciência do *eu* personagem e exerce no texto/discurso a função de reafirmar um referente.

No trecho “*Os nazistas podem estar perdendo batalhas a oeste, podem estar feridos de morte ao leste, mas **aqui** exatamente eles estão em pleno comando*”, a percepção do *eu* personagem destaca dois lugares. Em um, os nazistas estão em desvantagem, em outro, não. A marca discursiva de adversidade (*mas*, o **PrTr₃**) acentua essa oposição espacial e encaminha para uma recategorização da cadeia dêitica presente no texto.

A **ExD₅**, *aqui*, é portanto um lugar, em relação ao qual o *eu* personagem tem a certeza e a consciência de que, para as pessoas daquele espaço, a Guerra não acabou. É uma expressão cuja função é atribuir força ilocucionária ao discurso. Em busca do leitor-modelo, aquele que, ao ler o relato, vai aceitá-lo como verdadeiro, há também

uma espécie de modalização epistêmica da expressão dêítica, como se o *eu* personagem dissesse: “nesse exato lugar”, no lugar de onde ele se projeta no discurso.

O centro espacial, no segmento

E assim, a qualquer dia ou noite este período de tranquilidade pode facilmente chegar a um fim abrupto. Vamos supor que alguém **na aldeia** deteste judeus, ou tenha uma desavença com a família que nos abriga, ou deseje receber uma recompensa. Aposto que essa senhora e seus filhos não imaginam quem somos. Talvez nem mesmo consigam identificar um judeu pela aparência. Espero que não sejam fuzilados se os nazistas chegarem **até nós**.

articula-se pela categoria de englobamento (presença de espaço englobante: *na aldeia*; e de espaço englobado: *até nós*), realizada por um movimento simples de relação direcional (há uma aproximação: *chegar*).

A formação da expressão dêítica recategorizada (**ExD₆** - *até nós*) apoia-se na presença da preposição ‘até’, o **PrTr₄**, que denota que o ponto de referência foi atingido ou considerado como atingido, conforme menciona Fiorin (2010). Vale destacar que a expressão *até nós*, na verdade, significa o *até aqui*. Neste caso, a **ExD₆** tem a função de focalizar o centro espacial.

A cadeia dêítica espacial do texto 12 desta pesquisa, construída, quase que totalmente, a partir do uso de uma mesma forma linguística (*aqui*), mas com traços discursivos distintos, serve de estímulo a que a dêixis seja estudada na perspectiva da recategorização. Advogo que dizer: “*aqui* é uma ocorrência adverbial que se repete ao longo do texto”, conforme a visão estritamente gramatical, é inconcebível; dizer: “*aqui* é um dêitico de lugar” que se repete ao longo do texto/discurso, conforme a visão da Linguística Textual, é insuficiente.

A cadeia dêítica analisada no texto 13, a seguir, aponta, conforme fundamentos da Teoria da Mudança Dêítica, que a localização dentro do mundo da narrativa, como o centro a partir do qual as expressões dêíticas devem ser interpretadas, pode sofrer mudanças, visto que o *aqui* é encontrado dentro de um modelo mental, que representa o mundo do discurso.

Texto 13: Emoções

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Quando eu estou **aqui**

Eu vivo esse momento lindo

Olhando pra você

E as mesmas emoções sentindo

São tantas já vividas

São momentos que eu não esqueci
Detalhes de uma vida
*Histórias que eu contei **aqui***
 Amigos eu ganhei
 Saudades eu senti, partindo
 E às vezes eu deixei
 Você me ver chorar, sorrindo
 Sei tudo que o amor
 É capaz de me dar
 Eu sei já sofri
 Mas não deixo de amar
 Se chorei
 Ou se sorri
 O importante
 É que emoções eu vivi
São tantas já vividas
São momentos que eu não esqueci
Detalhes de uma vida
*Histórias que eu contei **aqui***
 Mas eu estou **aqui**
 Vivendo esse momento lindo
 De frente pra você
 E as emoções se repetindo
 Em paz com a vida
 E o que ela me traz
 Na fé que me faz
 Otimista demais
 Se chorei
 Ou se sorri
 O importante
 É que emoções eu vivi
 Se chorei
 Ou se sorri
 O importante
 É que emoções eu vivi
 (<http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/emocoes-letras.html> - último
 acesso: 22/01/2015)

A introdução dêitica de lugar, a **ExD₀**, “*aqui*”, está relacionada ao momento de referência (MR) presente (“*Quando eu estou, Eu vivo*”) e há a concomitância entre este momento, o da enunciação (ME) e o do acontecimento (MA), que aponta, assim, para “*viver o momento lindo, olhar para o seu interlocutor e sentir as mesmas emoções*” no ato da enunciação.

As formas, “*as mesmas e já*”, nos versos “*E as mesmas emoções sentindo São tantas já vividas*”, correlacionam os tempos presente e pretérito, que aparecem no texto na forma gerundial “*sentindo*”, evocando, na memória do leitor, que o *aqui* é, e já foi, palco de tais emoções. Essa interpretação se consolida no uso da anáfora encapsuladora “*momentos*”, retomada em seguida pelas anáforas “*detalhes*” e “*histórias*”.

Além disso, as expressões, “*as mesmas e já*”, se constituem o **PrTr₀** da cadeia. Defendo que, na realização da **ExD₁** de espaço (“*contei aqui*”), a exemplo da anáfora, há uma correferência, visto que o *aqui* empresta ao discurso um sentido já mencionado no texto, em que a mudança de percepção do personagem prende-se apenas à correlação entre os dois tempos. Neste caso, a expressão dêitica exerce a função de reafirmar um referente.

Na segunda apresentação do refrão da letra, “*São tantas já vividas, São momentos que eu não esqueci, Detalhes de uma vida, Histórias que eu contei aqui*”, contudo, não há uma nova ocorrência dêitica, ou seja, este *aqui* não tem força discursiva e sua presença deve-se ao gênero que recorre a reiteraões, muitas vezes, mais para simples efeito musical que mesmo para provocar novos sentidos.

Quando, porém, o personagem enuncia “*Mas eu estou aqui Vivendo esse momento lindo*”, a cadeia tem continuidade. O “*mas*” funciona como o **PrTr₁** para a realização das **ExD₂** e **ExD₃**. A expressão dêitica de espaço tem a função de atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso, pois, apesar de o enunciador reconhecer os sentimentos que o amor proporciona – “*já sofri, Mas não deixo de amar, Se chorei, Ou se sorri*”, ainda assim, ele retorna ao lugar onde viveu as emoções.

A **ExD₃**, “*de frente*”, se justifica pela categoria de englobamento (presença de espaço englobante: *aqui*; e de espaço englobado: em frente à pessoa amada. A locução prepositiva, conforme defende Fiorin (2010), pode indicar, como neste caso, uma visão horizontal, uma posição no eixo da perspectiva, a partir de um ponto onde está ou se supõe estar o olhar do observador.

Em síntese, a análise desta cadeia demonstra dois aspectos que pontuei em alguns instantes deste trabalho: os dêiticos só podem ser corretamente interpretados se forem apropriadamente ancorados na situação enunciativa; as expressões dêiticas de espaço remetem a um elemento referente às coordenadas de pessoa, tempo e ao próprio espaço, que instituem novos referentes no discurso.

Dando continuidade à investigação de como se organizam as cadeias dêiticas de espaço e que funções exercem no discurso, selecionei o texto 14 para proceder à análise seguinte.

Texto 14. Cântico negro

“Vem por **aqui**” – dizem-me alguns com olhos doces,
estendendo-me os braços, e seguro
de que seria bom que eu os ouvisse
quando me dizem: “vem por **aqui**”!

Eu olho-os com olhos lassos,
 (há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por **ali**...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidade!
 Não acompanhar ninguém.
 - que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre de minha mãe.
 Não, não vou por **aí**! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
 Por que me repetir: “vem por **aqui**?”
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por **aí**...
 (...)

(José Régio. *Poemas de Deus e do diabo*. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 3, Ensino Médio. Editora Atual, 2004, p. 128).

A apresentação da **ExD₀** da cadeia (“*Vem por **aqui***”) é realizada pela estratégia do discurso direto (DD) e o espaço é colocado, implicitamente, na perspectiva do enunciador do DD, que tenta ‘seduzir’ o *eu personagem* pelo olhar e braços estendidos.

Esta compreensão se justifica pelo fato de que as sequências narrativas, em que esta cadeia dêitica se ampara, me permitem inferir que existe um contexto do qual participam outros *eus* além do eu personagem. A propósito da participação deste *eu personagem*, em torno de quem a perspectiva do espaço é vista, vejo-o como um sujeito de consciência, apto não apenas a dar conta das vozes na narrativa, mas também responsável pela percepção visual e subjetiva do lugar. A propósito de outros participantes da narrativa, embora mencionados pelo verbo *dicendi* e pelas expressões em discurso diretor, vejo-os como sujeitos que não expressam sua percepção do espaço.

Essas considerações são comprovadas na análise das expressões dêiticas da cadeia.

No trecho “quando me dizem: “vem por **aqui**!””, O **PrTr₀** é a reintrodução do DD, enquanto a **ExD₁** da cadeia, *aqui*, perspectiva do eu personagem que se reporta ao DD, tem a função de reafirmar o referente.

No segmento “*Eu olho-os com olhos lassos, (há, nos meus olhos, ironias e cansaços) E cruzo os braços, E nunca vou por **ali**...*”, a passividade do *eu personagem* (cruzar os braços) se constitui o **PrTr₁** da cadeia e motiva a reafirmação do referente

dêitico, observada na **ExD₂**, *ali*, e na intensificação dessa reafirmação pela negação (nunca).

Na ocorrência seguinte, o centro dêitico é ocupado não por um participante ‘manipulado’, mas pelo *eu personagem*, visto que ele assume com muita clareza a posição da qual a perspectiva do espaço é dependente (“*minha, eu vivo, Ø rasguei*”). Contudo, quando ele enuncia “*Não, não vou*” (**PrTr₂**), abre espaço a que a expressão dêitica “*ai*”, a **ExD₃** da cadeia, possa aparecer como uma entidade transformada, unicamente, pelos esquemas mentais acessados pelo próprio *eu personagem*. Sua função, portanto, é ativar da memória um referente do discurso.

No enunciado seguinte, aponto a forma interrogativa “*por que me repetir: vem por aqui?*” como o **PrTr₃** que possibilita à expressão dêitica de espaço (*aqui*, a **ExD₄** da cadeia), ser recategorizada com a função de reintroduzir o espaço na perspectiva do eu participante, pela retomada do discurso direto.

Na última sequência da cadeia, o **PrTr₄** é constituído pelos eventos “*redemoinhar e arrastar*”, iniciados por “*preferir*”, que servem de oposição e, ao mesmo tempo, de reafirmação à negação de ir por *ai*, a **ExD₅** deste processo.

A análise da cadeia do texto 14 reafirma o posicionamento de Lyons (1977) de que os advérbios *here, there* são principalmente dêíticos e, quando eles têm essa função, são interpretados em relação à localização dos participantes, e a distinção entre uma forma e outra depende da proximidade do ponto-zero do contexto dêitico. Reafirma, principalmente, o pensamento de Cavalcante (2000) de que as expressões dêíticas mantêm o traço de subjetividade do procedimento dêitico.

Assim, os resultados desta análise, à luz de tais ideias, clareiam a discussão sobre a força ilocucionária do discurso, para a qual a noção de envolvimento do enunciador é central.

As expressões dêíticas de espaço presentes na cadeia do texto 15 dão continuidade à análise, sob o enfoque da recategorização dêitica, aqui empreendida.

Texto 15: Conclusões de Aninha

Estavam **ali** parados. Marido e mulher.

Esperavam o carro. E foi que **veio aquela** da roça tímida, humilde, sofrida.

Contou que o fogo, **lá longe**, tinha queimado seu rancho, e tudo que tinha **dentro**.

Estava **ali no comércio** pedindo um auxílio para levantar novo rancho e comprar suas pobrezinhas.

O homem ouviu. Abriu a carteira tirou uma cédula, entregou sem palavras.

A mulher ouviu. Perguntou, indagou, especulou,
aconselhou,
se comoveu e disse que Nossa Senhora havia de ajudar.
E não abriu a bolsa.
Qual dos dois ajudou mais?
Donde se infere que o homem ajuda sem participar
e a mulher participa sem ajudar.
Da mesma forma aquela sentença:
“A quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar.”
Pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada,
o anzol, a chumbada, a isca, apontar um poço piscoso
e ensinar a paciência do pescador.
Você faria isso, Leitor?
Antes que tudo isso se fizesse
o desvalido não morreria de fome?
Conclusão:
Na prática, a teoria é outra.

Conforme defendi em 4.3.4, *A localização no mundo da narrativa*, uma das dificuldades na compreensão das oposições espaciais surge exatamente pelo fato de o *aqui*, ponto em que o falante se situa, deslocar-se durante o discurso para espaços do *não-aqui* do ouvinte. Esse fato é, porém, contornado pelo narrador que procura deixar pistas que sinalizem por ‘onde andam os personagens’.

Resta, contudo, a dificuldade para o reconhecimento de tais expressões dêiticas. Para Zamponi (2005), devem se criar as condições de acesso ao referente. Uma dessas condições é que os participantes de uma interação devem trabalhar juntos sobre uma base de conhecimentos comuns, ou seja, deve haver o partilhamento da situação enunciativa, pois os participantes de um ato de enunciação precisam saber onde se dá a enunciação.

A expressão referencial dêitica de introdução da cadeia, **ExD₀** - “*ali parados*”, pode ser compreendida como uma ocorrência em que é preciso o leitor se valer de algumas âncoras e inferir sobre o espaço da narrativa. No segmento, o *ali* pode ser entendido como, por exemplo, uma rua qualquer de um ponto qualquer de uma cidade, tendo em vista a noção de englobamento, em que a expansão gera uma extensão no espaço (FIORIN, 2010).

Este espaço reaparece na cadeia no trecho “*veio aquela da roça tímida, humilde, sofrida. Contou que o fogo, lá longe, tinha queimado seu rancho*”. Na primeira ocorrência, o **PrTr₀** é a expressão temporal (“*e foi que*”) e leva à realização da **ExD₁**, “*veio aquela*”, assinalando a função de propiciar uma aproximação, resultante de uma relação direcional entre os participantes da interação. No segundo caso, o **PrTr₁** se expressa pelo uso do discurso indireto (“*contou*”) e abre espaço para a **ExD₂**, “*lá longe*”

que, por sua vez, propicia um afastamento, também resultante de uma relação direcional.

Mesmo defendendo esta linha de interpretação, vejo na expressão dêitica a possibilidade de se falar de uma introdução referencial dêitica “relacionada” a outro referente já mencionado no discurso e não totalmente nova. Defendo, outrossim, que a confirmação ou não dessa suposição mereceria novos estudos, para os quais, de acordo com o escopo da presente pesquisa, não me vejo compelida a fazer quaisquer avanços.

A **ExD₂**, “dentro”, é motivada pelo mesmo **PrTr₁** do discurso indireto. A categoria de espaço está amparada pela relação de englobamento, visto que o espaço em que tudo foi queimado faz parte do cenário mais amplo, ou seja, do lugar *lá longe* em que o fogo se encontrava. A função neste contexto é a de evitar uma referência genérica.

O espaço linguístico, expresso pelo advérbio de lugar, no segmento “*estava ali*”, pode ser analisado, a partir do espaço tópico, “*no comércio*”, conforme estudo feito à luz do trabalho de Fiorin (2010). Nesse sentido, a **ExD₃**, “*ali no comércio*”, tem como **PrTr₂** da cadeia um sentido de oposição (o rancho queimava, mas ela estava no comércio) e exerce no texto/discurso a função de reforçar a ideia da permanência da personagem no mesmo lugar.

Ainda a respeito desta expressão dêitica, vale salientar o seu caráter de deiticidade e acrescentar que o advérbio também pode ser levado para o centro de conflito de limites entre anáfora e dêixis. É preciso destacar ainda dois aspectos na sua interpretação:

a) se o narrador tivesse empregado apenas o advérbio, o processo dêítico por reiteração da expressão poderia gerar uma ambiguidade, visto que o lugar do pedido de ajuda se restringiria ao espaço em que estava o casal. Por esse caminho, outras inferências teriam que dar sustentação ao texto;

b) se o narrador tivesse usado apenas a expressão nominal, a introdução referencial não poderia prescindir da ocorrência dêitica, sob pena de chamar para o contexto a presença de dois espaços distintos.

Além das cadeias dêiticas de espaço acima analisadas, em que busquei dar conta de todos os processos de transformação e de todas as funções discursivas das expressões dêiticas, selecionei das cadeias presentes nos textos 26 a 30 e analisadas previamente, duas delas para tecer mais considerações sobre o fenômeno dêítico na perspectiva de recategorização: as cadeias dos textos nº 27, o poema *Ali* de Paulo Leminski, e n 30, o conto *O Piano* de Vicência Jaguaribe.

Texto 27: Ali

só
 ali
 se
 se Alice
 ali se visse
 quando Alice viu
 e não disse
 se ali
 ali se dissesse
 quanta palavra
 veio e não desce
 ali
 bem ali
 dentro de alice
 só alice
 ali se parece.

(Paulo Leminski. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 7 Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 51).

A leitura do poema chama atenção para o “ali”, empregado no texto/discurso como um jogo sonoro-semântico entre “ali se” e “alice”. Selecionei esta cadeia para outras considerações acerca de recategorização dêitica de espaço, primeiro por entender que suas expressões dêiticas poderão ser interpretadas equivocadamente por muitos leitores, em particular, leitores ainda em formação. Sua escolha deve-se ainda ao fato de que, dado o jogo sonoro-semântico já mencionado, nem todas as formas devem ser entendidas como advérbios.

Quando o *eu lírico* enuncia “*só ali se*”, ele faz uma alusão a uma única mulher, a quem devota seus sentimentos. Vejo que o grau específico de acessibilidade mental, requerido por Ariel (2004), vai além da fronteira de conhecimentos comuns partilhados entre os interlocutores, conforme proposto, dentre outros estudiosos, por Zamponi (2005). É preciso reconhecer no recorte discursivo a função do advérbio *só* e perceber que o contexto do discurso não autorizaria as escolhas para o sentido de *só ali*, equivalendo a *só naquele lugar*.

Em seguida, o *eu lírico* acrescenta “*se Alice ali se visse*”, fazendo uso de uma expressão dêitica. O espaço linguístico, aqui, abriga aquele que se coloca como centro e ponto de referência da localização. É possível inferir que o *eu lírico* pretenda que Alice veja sua própria imagem, o *ali*, então seria um espelho. É possível também a aceitação de que pretenda que Alice se veja num determinado lugar, antes imaginado por ele.

Essa possibilidade ganha forma nos versos seguintes “*quando Alice viu e não disse*”, ou seja, quando ela se viu no espaço idealizado pelo *eu lírico*, não se

manifestou. Na sequência do texto, os versos “*se ali ali se dissesse quanta palavra veio e não desce*” contribuem para o entendimento de um determinado espaço do conhecimento do *eu lírico e de sua personagem*, agora reafirmado pela reiteração da expressão dêitica *ali*, motivada por um elo condicional.

A cadeia apresenta ainda as expressões dêiticas “*ali bem ali dentro de alice*”, em que o narrador muda a perspectiva de sua percepção do espaço, pois Alice estaria agora num lugar específico do seu próprio *eu*. Na mudança de perspectiva, o enunciador, além de especificar o lugar, reforça-o pela modalização da reiteração.

Por fim, o enunciador se refere novamente ao *ali*, nos versos “*só Alice ali se parece*”. A reiteração das formas “*ali se*” e “*alice*” exige, segundo a noção de contexto partilhado cultural (GIVÓN, 2002), que o leitor recupere o sentido de “Alice” para Leminski¹⁹⁹ e, assim, amplie sua compreensão de que, no espaço de interioridade do *eu da personagem (ali, dentro dela)*, ela é única, *só Alice se parece*.

A perspectiva de interioridade que norteou a formação da cadeia do texto 27 não se constituiu um padrão nas demais cadeias dêiticas de espaço analisadas nesta pesquisa. As expressões dêiticas *ali*, que compõem, por exemplo, a cadeia do texto 30, *O Piano*, apontam para um espaço exterior.

Texto 30: O Piano

Os ouvidos do agrônomo, que estava **ali** a trabalho, surpreenderam-se ao distinguir, executados por mãos hábeis e sensíveis (algo inconfundível) acordo do *Concerto para Piano e Orquestra nº 21*, de Mozart. Eram onze e quarenta de uma manhã de setembro, e ele, caminhando pelas ruas mal calçadas e pouco arborizadas, amaldiçoava o chefe que o fizera aventurar por **aquele fim de mundo**.

(...)

E, pelo que estava ouvindo, não era uma atividade só para inglês ver, não. Havia **ali** um artista excepcional, cujas execuções se distinguiam pela sensibilidade das interpretações e pelas inovações nos arranjos tradicionais. Quem tocava com tanta competência em uma terra de pés rachados? Quem, **ali**, tinha a sensibilidade de introjetar o sentimentalismo quase excessivo de *For Elise*, ou a sensualidade quase impertinente da *Habanera*, da *Carmen*, de Bizet? (...)

Apurou os ouvidos. Os acordes vinham de uma casa grande e antiga, construída ao lado da igreja. Ele tentou orientar-se pelos sons do piano, que naquele momento iniciava a delicada *Canção de Ninar*, de Brahms. Parou na calçada do casarão, que conservava fechadas até a metade as portas interiores das duas varandas. Não teve coragem de tentar vislumbrar, mesmo por segundo, o interior da residência, os mistérios da *casa do piano*. Recolheu-se intimamente e assim ficou, parado, até que a criança de Brahms finalmente adormecesse. (...)

(JAGUARIBE, Vicência. *Ancoragem em porto aberto*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010 p.28-30).

¹⁹⁹ Leminski fez vários poemas em homenagem a sua mulher, Alice Ruiz.

Por outro lado, a referência dêitica de introdução *ali* e todas as suas formas de reiteração apontam para um espaço exterior de conhecimento apenas do *eu narrador*. É possível inferir apenas que o espaço se refere a um lugar propício à agricultura, já que a personagem era “agrônomo” e “estava *ali* a trabalho”. A expressão dêitica reaparece com um atributo “*fim de mundo*”, que lhe justifica o caráter de recategorização.

A recategorização pode ser encontrada ainda nas sequências narrativas em que o narrador transita em um espaço, orientado pela relação de englobamento, entre um lugar de extensão (“*havia ali um artista*” – o fim de mundo, com ruas mal calçadas e pouco arborizadas) e um lugar mais restrito (“*quem ali*” – os acordes vinham de uma casa grande e antiga). Essa passagem da extensão à concentração, resultantes da relação de englobamento, segundo Fiorin (2010) fazem aparecer a ocupação.

A análise desta cadeia dêitica demonstrou que, na perspectiva da referenciação, o advérbio de lugar tem também a função de encapsular informações.

De um modo geral, a análise das cadeias dêiticas de espaço revelou os seguintes fatos:

(i) o *aqui* marca a área que é concebida como o centro dêítico, conforme a visão de Bühler; e orienta a localização dentro do mundo da narrativa como o centro a partir do qual as expressões dêiticas devem ser interpretadas, conforme a visão da Teoria da Mudança Dêítica;

(ii) no mundo da narrativa, os interlocutores mudam seu centro dêítico (situação do mundo real) para o de uma imagem de si mesmos (local dentro do mundo da história), conforme menciona Segal (1995);

(iii) as expressões dêiticas formadas por advérbios de lugar, que têm primazia no sistema dêítico espacial, comprovaram os estudos tanto de Fiorin (2010) como de Neves (2000): *aqui*, *aí*, *ali*; *cá*, *lá* como enunciativos. *Aqui* e *aí*, marcam o espaço da cena enunciativa; *ali*, o espaço fora da cena enunciativa. *Cá* marca o espaço da enunciação. *Lá/acolá* também marcam espaço fora da cena enunciativa. O *lá* assinalado um lugar além do *ali*;

(iv) a categoria de espaço, em relação às de pessoa e tempo, se sobressai menos no discurso, não exatamente conforme se posicionaram Genette (1972) e Fiorin (2010). Os dados revelaram que os interlocutores de sequências narrativas (narrador, personagens e leitor) precisam fazer uso de uma base sociocognitiva, visto que, conforme destaca Maingueneau (2001a), é difícil ao narrador manter-se constantemente no ponto de vista de um narrador onisciente.

6 CONCLUSÃO

Em busca de caminhos que orientassem a proposta desta tese, lancei mão, em um primeiro momento, de uma vasta literatura sobre referenciação e, em particular, sobre o processo referencial da dêixis. Assim, discuti desde os ensinamentos dos chamados teóricos clássicos até estudos mais atuais, dentre os quais incluo, principalmente, os de pesquisadores brasileiros. Esse percurso foi essencial para definir a dêixis como um fenômeno referencial que exerce funções discursivas ao longo de um texto/discurso.

Amparada nesta compreensão, busquei também as bases da noção de recategorização. Da teoria revisitada, vi que existe um processo referencial sustentado por vários componentes, em que se destacam aspectos linguísticos, sociais, cognitivos e discursivos. Dos resultados apresentados por pesquisas consultadas, constatei o reconhecimento de funções discursivas em expressões dêíticas, contudo, em ocorrências pontuais. Ou seja, não encontrei nesses trabalhos uma percepção dos mecanismos discursivos dêíticos à semelhança do que já era apontado, em grande número, para a anáfora.

A análise prévia do exemplário levantado para a pesquisa, porém, impulsionou-me cada vez mais a seguir em frente. Baseada na teoria de *référents évolutifs*, redesenhei o modelo de transformação referencial, que serviu de base aos primeiros estudos sobre a recategorização. Propus, então, que as expressões dêíticas, ao reaparecerem no texto/discurso, podem apresentar traços de mudanças, ocasionadas por aspectos linguístico-pragmáticas da situação enunciativa.

Após a definição das categorias de análise e dos procedimentos metodológicos a serem seguidos, dei início à investigação e à análise, de cujos resultados, apresento as considerações mais significativas.

Da formação da cadeia dêítica de pessoa:

1. Os processos de transformação, necessários à recategorização nesse tipo de cadeia, podem ser as próprias falas dos personagens, em gêneros em que há sequências de diálogos, como as que ocorrem nas falas de uma tirinha (Texto 01). Isso significa dizer que a recategorização por mudança no “tom” do discurso ocorre motivada não somente pelos propósitos do enunciador, mas pela posição discursiva assumida pelo outro. Dessa forma, considero que as falas, não apenas pelo intercâmbio *eu/tu* do ato de comunicação ocasionam mudança de centro dêítico, como podem se

constituir, simultaneamente, elemento de transformação da cadeia (**PrTr**) e expressão dêitica recategorizada (**ExD**), pela posição que o *eu* ocupa no texto/discurso.

Entendo que esses dados sobre a constituição de cadeias dêíticas de pessoa, pela mudança de turno, podem motivar pesquisas, em gêneros orais, como o debate, a entrevista, o depoimento, dentre outros, que elucidariam outros aspectos textuais relacionados aos papéis sociais dos sujeitos do discurso;

2. Depreendo da formação da cadeia dêítica de pessoa, em gêneros como a carta do leitor (texto 05), que o enunciador pode valer-se da estratégia de afirmar outros conhecimentos relacionados à temática em questão, para valorizar o seu *eu enunciador* e credenciar-se como bom comentarista de um determinado assunto. Nesses casos, então, a avaliação é mais sobre o objeto da matéria do texto base, que mesmo ao tratamento dado ao assunto pelo *eu enunciador*.

Na perspectiva de que, no gênero carta do leitor, o propósito comunicativo do *eu enunciador* sofre alterações e pode ter sua função discursiva desvirtuada, acredito que a análise conjunta da progressão textual – recategorização dêítica de pessoa e recategorização anafórica – poderia revelar outros dados acerca dessa hipótese;

Das funções da cadeia dêítica de pessoa:

Um aspecto bem pontuado pela literatura recorrente é a mudança de centro dêítico pela alternância no turno da fala. Os dados desta pesquisa acrescentam a este aspecto que esta mudança é central à constituição da cadeia dêítica de pessoa.

Embora o exemplário da pesquisa contenha cadeias cujos gêneros facilitariam esta característica, e, assim, haveria uma predominância da função “dar visibilidade ao *eu narrador ou eu personagem*”, foram encontradas outras funções discursivas como: reiterar argumentos, atribuir força ilocucionária ao discurso, firmar/romper posições discursivas, introduzir/asseverar ponto de vista, dentre outras.

Da formação da cadeia dêítica de tempo:

1. As expressões dêíticas de tempo as observadas nas cadeias analisadas comprovaram que a organização linguística do tempo é egocêntrica, ou seja, o conceito de *eu* na perspectiva da teoria da enunciação traz subsídios para a compreensão de que uma expressão dêítica temporal pode exercer funções discursivas;

2. A presença dos advérbios de tempo, embora significativa na formação desta cadeia dêítica, é insuficiente para elucidar os processos de coincidência/não-coincidência entre os momentos de referência (MR), momentos de enunciação (ME) e momentos do acontecimento (MA);

3. A insuficiência dos advérbios de tempo na formação de cadeias dêiticas de tempo é suprida pelas formas verbais, cujos sistemas temporais enunciativo (momento de enunciação presente - ME) e enuncivo, assinalando anterioridade e posterioridade, exercem influência decisiva para os processos de recategorização;

4. O enunciador do *agora*, na formação de cadeias dêiticas de tempo de gêneros jornalísticos com predominância de sequências narrativas, pode usar a estratégia de simular a existência de duas coordenadas temporais: uma do momento de referência presente (MR); outra, do momento pretérito, conforme visto na análise da cadeia do texto 08. Vale lembrar que essa simulação aproxima os três momentos: enunciação/referência/acontecimento.

Na perspectiva de que o emprego desse jogo temporal discursivo possa ser significativo para o envolvimento do leitor desses gêneros, os dados desta pesquisa podem servir de ponto de partida para investigações quanto ao posicionamento do enunciador, em relação a assuntos distintos, por exemplo, política, economia, futebol, dentre outros.

5. A análise das expressões dêiticas de tempo, na perspectiva da formação de uma cadeia, permite compreender que a marcação do tempo ao longo do texto não seja interpretada, tão somente e quando muito, na perspectiva da reiteração, conforme os dados verificados na cadeia do texto 06. Isso implica que a reiteração das expressões merece ser analisada quanto às funções discursivas.

Das funções da cadeia dêitica de tempo:

A base teórica sobre a realização de expressões dêiticas na formação de cadeias me fez inferir, durante a análise prévia, que as funções mais recorrentes seriam as relacionadas à mudança entre os momentos de enunciação, de referência e de acontecimento. De fato, a análise minuciosa comprovou essa expectativa, visto que foram bem significativas as funções de ratificar mudança entre os ME, MA e MR, retomar o MR presente situar o *eu* em MR presente, apoiar a coincidência da relação ME/MA/MR, enfim, relativas à mudança do centro dêítico. Contudo, além dessas funções foram observadas funções envolvendo mais o *eu enunciador ou personagem* quanto a: reiterar argumentação, atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso, firmar ou romper posições ocupadas por agentes individuais e coletivos, asseverar opiniões, ratificar as vozes do texto, introduzir novo ponto de vista, enfim, dar visibilidade ao eu narrador.

Da formação e das funções da cadeia dêitica de espaço:

A noção de espaço dentro de uma cadeia dêitica é organizada também a partir do *eu*, cujo interlocutor, na interação, aceita o espaço como seu, isto é, o *eu* se coloca como centro e ponto de referência da localização.

A análise das cadeias demonstrou que os advérbios, de fato, desempenham essencialmente funções dêitico-discursivas.

Foram encontradas funções que diziam respeito mais aos próprios referentes de espaço como, por exemplo, reintroduzir o espaço na perspectiva do *eu participante*, focalizar o centro espacial, propiciar aproximação/afastamento entre os participantes da interação, reforçar a ideia da permanência da personagem no mesmo lugar, dentre outras.

Foram também encontradas funções que falavam mais da relação enunciador/situação de enunciação como, por exemplo, emprestar saliência discursiva ao referente, engajar o leitor na perspectiva da personagem, promover a mudança de ponto de vista acerca de um referente, possibilitar o leitor a atualizar conhecimento, promover um convite para uma busca/ativação da memória, atribuir força ilocucionária ao discurso, evitar uma referência genérica, reafirmar um referente, promover a mudança de ponto de vista acerca de um referente.

Aspectos observados na formação de todas as cadeias:

1. Para o processo de recategorização das expressões dêiticas que compõem uma cadeia, foi levantada a hipótese de que haveria sempre um **PrTr** que motivaria tais ocorrências. Os resultados, contudo, apontaram que expressões dêiticas podem reaparecer no texto/discurso com traços de recategorização, sem haver necessariamente a presença de um elemento de transformação, conforme constatei, por exemplo, na análise das cadeias dos textos nº 03;

2. Os resultados demonstraram, ainda, que expressões dêiticas podem motivar novas ocorrências dêiticas no texto/discurso com traços de recategorização, ou seja, exercem a função também de elemento motivador de transformação dêitica (**PrTr**). Esse fato foi observado, por exemplo, na análise das cadeias dos textos nº 01 e 08.

Por fim, os resultados apresentados comprovam a noção de que uma introdução referencial pode se constituir também um dêitico e favorecem a proposta de que os referentes dêíticos podem ser recategorizados, visto que eles reaparecem no texto/discurso e respondem por diversas funções.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Michael J. Time in narratives. In: DUCHAN, J.F.; BRUDER, G.A.; HEWITT, L.E. (Org.) **Deixis in narrative – a cognitive perspective**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1995, p. 159-169.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Editora Ars Poética, 2004.
- APOTHÉLOZ, D; DOEHLER, P. Nouvelles perspectives sur la référence: des approches informationnelles aux approches interactionnelles. **Verbum**, XXV, 2003.2, p.109-136.
- APOTHÉLOZ, D. Réferer sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des sequences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. In: Enikö Németh (ed.). **Pragmatics in 2000**: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference, Vol. 2. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001. p. 30-38.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of pragmatics**, 31, 1999, p.363-397.
- APOTHÉLOZ, D. Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle. Obra em português: Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica do texto. In: In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Editora Contexto, ([1995] 2003, p.18-43).
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. **Construction de la référence et stratégies de désignation**. Université de Fribourg, 1995, p. 1-37).
http://www2.unine.ch/files/content/sites/linguistique.francaise/files/shared/documents/D_A_Construction.pdf (consulta em 26/07/2013).
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Parábola, 2004.
- ARIEL, M. Referring and accessibility. **Journal of pragmatics**, 8, p. 627-648, 1988
- ARIEL, M. Accessibility marking: discourse functions, discourse profiles, and processing cues. **Discourse processes**, 37(2), p. 91-116, 2004.
- BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. Tradução: BEZERRA, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, [1992], 2011.
- BARBÉRIS, J-M. Subjectivité em même (idem), subjectivité em soi-même (ipse): le “là” existentiel em français. In: MONTICELLI, D.; PAJUSALU, R.; TREIKELDER, A. **From utterance to uttering and vice versa**: multidisciplinary views on deixis. Tartu: Tartu University Press, 2005, p. 35-48.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Editora Pontes, [1966],1991.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Editora Pontes, ([1974], 2006)

BERTRAND, D. Deixis et operations énonciatives. In: MONTICELLI, D.; PAJUSALU, R.; TREIKELDER, A.. **From utterance to uttering and vice versa: multidisciplinary views on deixis**. Tartu: Tartu University Press, 2005, p. 171-185.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

BÜHLER, K. **Theory of language: the representational function of language**. Philadelphia: John Benjamins B.V., [1934], 2011.

BÜHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. **Speech, place, & action studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley & Sons Ltd., 1982, p.9-30.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência**. Campinas: Autores Associados. 2003.

CAVALCANTE, M.M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2000. 212p.

CAVALCANTE, M.M. Anáfora e Dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

CAVALCANTE, M.M.; KOCH, I. V. A acessibilidade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 9-39.

CAVALCANTE, M.M. et al Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. IN: BENTES, A. C. e LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

CAVALCANTE, M.M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M.M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M.A.P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. **Português linguagens 7º ano**. São Paulo: Atual, 2010.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens**. vol. 3, Ensino Médio. São Paulo: Editora Atual, 2004.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 7, Ensino Fundamental. São Paulo: Editora Atual, 2010.

CHAFE, W. Cognitive constraints on information flow. In: TOLMIN, R. S. **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1987, p. 21-51.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAROLLES, Michel. L'anaphore associative: problèmes de délimitation. **Verbum**, 13 (3): 119-148, 1990.

CHAROLLES, M.; SCHNEDECKER, C. Coréférence et identité. Le problème des référents évolutifs. **Langages**, 112, 1993, p.106-126.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2008. 205p.

CORNISH, F. English demonstratives: discourse deixis and anaphora. A discourse-pragmatic account. Chapter for **Interpreting utterances: pragmatics and its interfaces**. Essays in honour of Thorstein Fretheim. (eds. R.S. Nilsen, N. Aba Appiah Amfo and K. Borthen. Oslo: Novus Press, 2007, pp. 147-166.

CORNISH, F. When indexicals target discursively subsidiary information: how foregrounding and backgrounding in discourse affect indexical reference. **Discours. Numéro 3**. Éditeur: Laboratoire LATTICE, UMR 8094 ENS/CNRS, 2008.

CORNISH, F. Indexicality by degrees: Deixis, “anadeixis”, and (discourse) anaphora. In: **Symposium “Quel sens pour La linguistique?” organised to mark the award of docteur honoris causa to Professor Sir John Lyons**, Université de Toulouse-Le Mirail, 23-24 april 2009a.

http://w3.erss.univ-tlse2.fr:8080/index.jsp?perso=cornish&subURL=web/Pap_Symp_Hon_J-Lyons_UTM.pdf (visitado em 19/10/2013).

CORNISH, F. Anaphoric and discourse-deictic uses of demonstratives in structuring discourse: how are they to be distinguished, and what are their discourse-structuring roles? In: **International Conference “Linguistic and Psycholinguistic Approaches to Text Structuring”**, Ecole Normale Supérieure, 45 Rue d’Ulm, 75005 Paris, 21-23 September 2009b.

http://w3.erss.univ-tlse2.fr/textes/pagespersos/cornish/web/Pap_ana_LPTRS.pdf (visitado em 19/10/2012).

CORNISH, C. Indexical reference within a discourse context: anaphora, deixis, “anadeixis” and ellipsis. **Journée d’Étude “Ellipse et anaphors”**, Institut Charles V. Université Paris, octobre 2011.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes** – um convite à reflexão. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. 214f.

COSTA, M. H. A. O fenômeno dêitico e seu alcance na interpretação do discurso. In: KAZUÊ, S. et al. **III Colóquio Regional I ALED Brasil** – Discurso e práticas sociais. Anais Eletrônicos p. 2255-2266. s/d.

CUNHA-LIMA, M. L. **Indefinido, anáfora e construção textual da referência**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004. 194p

CULIOLI, A. La formalisation en linguistique. **Cahiers pour l'analyse**, 9, 1968, 106-117.

CULIOLI, A. Sur quelque contradictions en linguistique. **Communications**, 20, 1973, p. 83-91.

DELBECQUE, N. **A linguística cognitiva compreender como funciona a linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006. Tradução: Fernanda Oliveira.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das ciências da linguagem**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, [1994], 2012.

ERLICH, K. Anaphora and deixis: same, similar, ou different? In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. **Speech, place, & action studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley & Sons Ltd., 1982, p. 315-338.

FELTES, H. P. de M. **Semântica cognitiva ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FILLMORE, C. J. Towards a descriptive Framework for spatial deixis. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. **Speech, place, & action studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley & Sons Ltd., 1982, p. 31-59.

FILLMORE, C. J. **Lectures on deixis**. California: CSLI Publications Stanford, [1984]1997.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação**. São Paulo. SP. Editora Ática. 2010.

FLORES, V. do N. e outros. **Enunciação e Gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

FLORES, V. do N. e outros. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FONSECA, F. I. **Deixis, tempo e narração**. Porto: Fundação Eng. A. de Almeida, 1992.

GALBRAITH, M. Deictic Shift Theory and the Poetics of involvement in narrative. In: DUCHAN, J.F.; BRUDER, G.A.; HEWITT, L.E. (Org.) **Deixis in narrative – a cognitive perspective**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1995, p. 19-59.

GENETTE, G. **Figuras – coleção debates 57**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. **Linguística e ensino do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1973. Tradução de ILARI, Rodolfo.

GIVÓN, T. **Bio-lingüistics: the Santa Barbara lectures**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2002.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P.M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 13-20.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GRICE, H.P. Logique et conversation. **Communications**, **30**, 1979, p. 57-72.
http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1979_num_30_1_1446 - acesso em 08/03/2014.

HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. **Cohesion in english**. London: Longman, 1976.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**. BENTES, A. C. e outros (Org.). São Paulo: Editora Cortez. 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Trad. Carlos Piovezani Filho. **Análise da conversação princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2010.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation**. Armand Colin. Paris. 2011.

KLEIBER, G. Deictiques, embrayeurs, 'token-reflexives', symboles indexicaux etc.: comment les définir? **L'information grammaticale**, n. 30, 1986, p. 3-22.

KOCH, I. V. **A Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L.A. Processo de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, vol. **14**, nº especial, 1998, 169-190.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A, C. (orgs). **Introdução à linguística**. fundamentos epistemológicos volume 3. São Paulo: Editora Cortez, 2004a.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

KOCH, I. V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M.J.; OLIVEIRA, R.P. **Sentido e significado em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004c.

KOCH, I. V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

LAHUD, M. **A propósito da noção de deixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M.. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LEITE, R. L. **Meteforização textual**: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2007, 210p.

LIMA, S. M. C. de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia**: um estudo de processos de recategorização. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2009.

LYONS, J. **Linguagem e linguística uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S/A, 1987.

LYONS, J. **Semântica**. V. 1. Lisboa: Editorial Presença, Ltda., 1977a.

LYONS, J. **Semantics**. V. 2. New York: Cambridge University Press, 1977b.

McCAULEY, R. The role of theories in a theory of concepts. In: NEISSER, U. (ed) **Concepts and conceptual development**: ecological and intellectual factors in categorization. New York: Cambridge University Press, 1987, p. 288-308.

MAINGUENEAU, D. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, Ingedore G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Org.). **Gramática do português falado – volume VIII**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M.J.; OLIVEIRA, R.P. **Sentido e significado em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, H. Três Caminho na Filosofia da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**. Fundamentos Epistemológicos volume 3. São Paulo: Editora Cortez, 2004, p. 439-473.

MARTINS, E. F. M. **O percurso sócio-cognitivo das recategorizações metafóricas: construção de sentidos na retórica neopentecostal**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011. 215f.

MATOS, J. G. **As funções discursivas das recategorizações**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2005. 146f.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation. TRANEL. 1995, p.273-302. Obra em português: Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTICELLI, D. Introduction: the many places of deixis in language and theory. In: MONTICELLI, D.; PAJUSALU, R.; TREIKELDER, A. **From utterance to uttering and vice versa: multidisciplinary views on deixis**. Tartu: Tartu University Press, 2005a, p.9-33.

MONTICELLI, D. Some ideas for a textual approach to deixis. In: MONTICELLI, D.; PAJUSALU, R.; TREIKELDER, A. **From utterance to uttering and vice versa: multidisciplinary views on deixis**. Tartu: Tartu University Press, 2005b, p. 204-219.

MORATO, E.M. Interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**. fundamentos epistemológicos volume 3. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

NEVES, M. H. de M.. **A Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PRINCE, E.F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed) **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981, p. 222-255.

RENATE, P.; PAJUSALU, K. Ways of showing and concealing the person: the conditional in Estonian conversation. In: MONTICELLI, D.; PAJUSALU, R.; TREIKELDER, A. **From utterance to uttering and vice versa: multidisciplinary views on deixis**. Tartu: Tartu University Press, 2005, p. 67-79.

SEGAL, E. M. Narrative Comprehension and the role of Deictic Shift Theory. In: DUCHAN, J.F.; BRUDER, G.A.; HEWITT, L.E. (orgs.) **Deixis in narrative** – a cognitive perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1995, p. 3-17.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Petrópolis. RJ. Editora Vozes. [1961], 2001.

ZAMPONI, G. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

ZUBIN, D.A.; HEWITT, L.E. The deictic Center: a theory of dêixis in narrative. In: DUCHAN, J.F.; BRUDER, G.A.; HEWITT, L.E. (orgs.) **Deixis in narrative** – a cognitive perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1995, p. 129-155.

ANEXOS

Texto 06: Procurando palavras

Hoje é inadiável escrever. Durante muito tempo vinha me negando a isso: escrever simplesmente por escrever. Sempre fui levada a achar que escrita era algo tão além de minhas forças, algo tão sublime, que eu não teria o direito de me valer disso, mesmo que nunca o deixasse de fazer às escondidas. **Agora** compreendo que escrever é realmente algo sublime, mas de um sublime só concedido àqueles tão completamente humanos a ponto de ansiarem por um riso, um sonho, uma ideia, uma lágrima, uma pessoa, um desejo, uma dor, uma tarde, um rio, um cheiro e seus “etcéteras” tão intensamente sem motivo e explicação que podem ter tudo isso não ao alcance, mas dentro, da própria mão.

E de dentro da minha mão, é que me vêm **agora** os quatro anos de faculdade que estão à beira do fim. Nesse tempo, conheci muitas pessoas e deixei de conhecer outras tantas. Não fiz muitas amizades, dessas a que se pode, sem pestanejar, chamar de amizade, mas fiz algumas. Desses amigos, há um que foi o mais próximo e o mais distante. Parece estranho? Talvez seja! No começo, ele não me via com bons olhos, mas as circunstâncias, sempre elas, trataram de nos colocar perto um do outro, fazendo trabalhos, apresentando o resultado de nossos estudos. Enfim, éramos colegas de turma. Uns tempos depois, andávamos juntos pelos corredores, almoçávamos juntos, passávamos tardes inteiras lendo um único poema de Pessoa ou Cecília Meireles, ou um conto de Clarice. Ah, aí então não havia mais jeito, poemas têm um poder devastador. Fomos devastados. Não podemos nos esconder diante de um poema, mesmo que fiquemos calados. Nossas palavras e também a ausência delas fez com que nos conhecêssemos e que nos interpretássemos. Claro que, ao interpretar, sempre corremos o risco de não entender exatamente o que foi pretendido pelo outro: palavras enganam, não esqueçamos. Fizemos, com palavras, a nossa amizade, daí ficarmos tão próximos. Mas fizemos, apenas com palavras, a nossa amizade, por isso termos ficado tão distantes. Sempre que nos vemos, **hoje quase raramente**, ficamos na margem entre o dentro e o fora de nós. **Essa noite**, nos encontramos e meu amigo estava triste, cansado, perdido (tenho que usar essas palavras). Nos falamos por meio de uma espécie de código composto de meias palavras e reticências, que acabamos desenvolvendo ao longo de nossas conversas. Não sei se chegamos a compreender o que dissemos um ao outro. Não sei. Meu amigo esperava, certamente, algumas outras palavras de mim, mas essas eu não tinha ou não sabia onde estavam. Queria lhe dizer alguma coisa, mas não pude fazer isso com minha voz. Tive de arranjar um outro meio de lhe dizer minhas palavras. Não poderia deixar que ele fosse embora sem elas. Quando se levantou para sair, levantei também e escrevi nele um abraço forte. Espero que tenha conseguido ler. Espero que minha palavra cifrada tenha chegado ao meu amigo tão próximo, tão distante.

Não levem a mal essa historinha, ela veio só porque **hoje é inadiável** escrever.

(SANTIAGO, Ceuline Maria Medeiros. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 39-40)

Texto 07: Seguindo a minha estrela

Certa vez, **numa daquelas madrugadas** de insônia guardadas nas lembranças da minha adolescência, a vida me apresentou uma grande e brilhante estrela que me observava através das frestas da parede do meu quarto. Na santa matutice que

àquela época me acompanhava, abri a janela e me pus a admirar, qual um jovem enamorado, o desfile de sua magnitude. Só **então** notei que não era o único a cortejá-la. Um jovem buritizeiro que crescera no quintal da minha casa, sob a ação de um vento madrugador que rondava as cercanias, movimentava-se, desesperadamente, na tentativa de espetá-la com suas folhas pontiagudas.

Desprovido do necessário conhecimento, mas, **naquele momento**, embevecido pelos mais nobres sentimentos, batizei-a de “Grande Estrela da Madrugada” como se as demais (das imediatamente menores às quase imperceptíveis dispostas no céu) também não o fossem. E não adianta indagar por que assim procedi, porque não saberia explicar.

Eis que **naquele inusitado amanhecer** eu, inconscientemente, ganhara a mais fiel companheira e confidente que, certamente, alimentar-me-ia até o fim dos meus dias. O norteador da minha vida, o justificador dos diferentes rumos que eu iria tomar... A representação simbólica maior de tudo aquilo que eu almejasse conquistar. Perdi a conta dos alvoreceres em que nela me vi refletir, que dela me despedi e de tantas coisas que, a ela, agradeci. Acho, até, que data daqueles tempos a minha mania de pouco dormir. Se vida efetiva ela tivesse, tenho certeza de que muito riria de mim.

E foi de estrelas e mais estrelas, a partir de então, que se disfarçaram as preferências do meu coração. Os meus anseios mais inusitados, os meus sonhos de garoto dos mais imediatamente esperados aos mais postergados converteram-se numa grande estrela que eu deveria conquistar. E tantas foram as estrelas que persegui, e tantas foram as estrelas que perdi...

Mas já nem sei quantas foram as estrelas que já tive a felicidade de abraçar; e quantas são as estrelas que, ainda **hoje**, vivo a cortejar...!

De faceta em faceta, aquele velha estrela matutina incrustada na minha retina, se vem renovando como uma nova sina. Foi, um dia, uma canoa; uma casa melhorada. Uma simples namorada...! Já foi uma vida boa. Hora, era uma menina; a mulata que passava; o amor que não chegava... A família que eu sonhava. Nas vitórias conquistadas ela foi o meu troféu. Nas derrotas engasgadas, vi-a riscando o céu.

Sabe daquelas situações, em que a gente se vê num estado de total isolamento e louco para conversar com alguém e não consegue? Pois é quando uma simples companhia equivale a mais brilhante estrela que podemos imaginar. Em tais momentos, se não tivermos uma estrela firma na mente, a gente se perde.

Estrelas brilham no céu, estrelas brilham na terra, estrelas brilham no ar. Uma estrela é uma luz – um objeto de desejo que queremos conquistar.

(FILHO, Silvio dos Santos. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 125-12761)

Texto 08. Israel destrói sede do governo em Gaza; Egito tenta um cessar-fogo

Governo israelense coloca 75 mil reservistas de sobreaviso para possível operação por terra

Ao menos 42 palestinos e três israelenses morreram **desde o início da ofensiva, na última quarta-feira**

A aviação israelense **ampliou ontem** sua ofensiva na faixa de Gaza com ataques ao quartel-general do grupo islâmico Hamas, em meio aos esforços do Egito para obter um cessar-fogo.

Entre os prédios destruídos por Israel, está o escritório do primeiro-ministro, Ismail Haniyeh, onde ele recebera **na sexta-feira** o premiê egípcio, Hisham Qandil.

Ao menos 42 palestinos e três israelenses morreram desde o início da ofensiva, na quarta. Israel colocou 75 mil reservistas de sobreaviso para possível ação terrestre.

Na noite de ontem, o presidente do Egito, Mohamed Mursi, disse que seu governo estava em contato com israelenses e palestinos e que um cessar-fogo poderia ser declarado "em breve".

O governo israelense admitiu que havia negociações em curso sob mediação dos egípcios. O premiê, Binyamin Netanyahu, teria dito a líderes estrangeiros estar pronto para um cessar-fogo se o Hamas concordasse em parar com os lançamentos de foguetes, segundo o jornal "Haaretz".

De acordo com a imprensa israelense, a condição do Hamas é que Israel se comprometa a suspender as execuções de líderes do grupo no futuro. O governo israelense, segundo os relatos, rejeitou.

Ontem, o chanceler israelense, Avigdor Lieberman, subiu o tom das declarações e disse que, se entrar em Gaza, o Exército "tem que ir até o fim". Já o ministro do Interior, Eli Yishai, afirmou, segundo a imprensa israelense, que a operação visa "mandar Gaza de volta à Idade Média".

Gaza viveu o quarto dia de forte bombardeio, que deixou as ruas desertas e o comércio fechado, sob o impacto frequente dos mísseis. O Exército israelense disse que mais de 200 alvos foram atacados, incluindo túneis usados para contrabando na fronteira egípcia, depósitos de armas e 120 lançadores de foguetes.

Batizada em hebraico de "Coluna de Nuvem", nome inspirado em passagem do Antigo Testamento, a ofensiva de Israel é a maior em Gaza desde a guerra de 2008-09, que durou 22 dias e terminou com 1.300 palestinos e 13 israelenses mortos.

O objetivo da operação é atingir a capacidade militar do Hamas e restaurar a paz no sul do país, que, nas últimas semanas, foi atingida por centenas de foguetes, sustenta o governo de Israel.

Já o Hamas e outros grupos islâmicos prometeram continuar a responder com foguetes à "agressão sionista". Ontem, o sul de Israel continuou sob o fogo da artilharia disparada a partir de Gaza.

Mais de 200 projéteis foram disparados em poucas horas. Um deles deixou cinco feridos ao atingir uma área residencial da cidade de Ashdod.

Embora Israel diga que seus ataques à infraestrutura do Hamas são "cirúrgicos", metade dos mortos em Gaza é de civis, incluindo oito crianças e uma grávida, segundo o grupo.

O Hamas voltou a mirar Tel Aviv, onde soou o alerta para proteção. Mas o foguete foi interceptado por Israel.

Nos últimos dias, Tel Aviv e Jerusalém foram alvo de ataques pela primeira vez em décadas, levando o Hamas a comemorar a mudança no equilíbrio estratégico a seu favor.

Desde o início da ofensiva, militantes palestinos já lançaram mais de 400 foguetes contra Israel, só 27 atingiram áreas urbanas. O sistema Domo de Ferro interceptou 240.

(NINIO, Marcelo. Israel destrói sede do governo em Gaza; Egito tenta um cessar-fogo. Jornal Folha de S. Paulo; Ano 92; 18 de novembro de 2012. Nº 30.545).

Texto 09: Eu sou aquele que come as flores do aniversário

Sábado Cedo!

Como de costume, levanta-se esticando músculos e ossos já utilizados, amiúde, por mais oito décadas. Passara a noite nu, porque o nu nunca lhe fora mais que beleza, liberdade corpórea, utilização da carne em prol da satisfação mútua dos corpos que, um dia, acolheram o seu em alcovas muito ou nada corretas – o que definitivamente não lhe importava – já que sexo nunca nada lhe mais fora que o prata emanado das estrelas e luas do caleidoscópio estridente de gozos bramidos noites adentro, pois todo homem que não presta e se preza faz sua mulher perder a vergonha, gemer e voltar sempre aos seus braços e beijos. Pois como a Lua excita a mente dos loucos, desperta o ciúme e a paixão dos poetas, levanta o nomadismo dos ciganos e faz com que o assassino vislumbre de longe a sua vítima, assim as mulheres e os homens livres de dogmas puritanos conduzem seus pares à sublimação e ao clímax... a Eros e Tanatos.

Não se queixava mais da vida, apesar de já ter perdido todos os “bicos” que fazia nos jornais, andando **agora** doente, os nervos escangalhados, o coração dando arrancos, muitas vezes infligindo-lhe noites em insônias rebeldes que o levavam a pensar em crimes, suicídios e outras coisas absurdas, satânicas até.

Sim! A velhice havia-lhe chegado qual grades intransponíveis. Olhos mirados nos espelhos da escrita, enxergava-se **agora** espectro, um velho sem família, sem parentes ou amigos. Um trapo, um bicho indefeso atirado aos abutres amontoados em colinas pontiagudas e labirínticas que certamente ocultam dragões, herdeiros, talvez, daquele que habitou – e por lá ainda durma pesado sono – as profundezas do Alto dos Angicos, pedaço do Ceará que o Coronel-garanhão Antônio José Nunes, em século já ido, arrebatou das mãos dos Tremembés.

Trinca-se o espelho da imagem envelhecida. Que se fossem, malditamente, para o mais abissal dos Infernos de Dante as lembranças de tempos, felicidades, sofrimentos e corpos passados. Valia-lhe mais o ali e o presente.

Oito décadas e meia pelo setembro que se aproximava, já tantas vezes havia sentido a morte roçar-lhe sobre os ombros com seu carrilhão de plumas eriçadas como a cauda de um réptil venenoso, que no mundo nada mais o assustava. Preferia repetir Fernando Pessoa e “exigir de si mesmo o que sabe que não poderia fazer. Pois não é outro o caminho da beleza”. Ou Byron, “onde todas as coisas que nasceram, só nasceram para morrer. E a carne é uma erva que a morte ceifará”.

A manhã daquele sábado já deslizava para a tarde quando decidiu sair, deixando de lado o passado remoto que sempre teimava em aborrecer-lhe com coisas que só lhes serviam de entrave na vida. O dia estava quase pelo meio e flunar pelas ruas com ou sem saída da velha Gentilândia seria o remédio maior para o tédio que o invadia. Era o revelho dragão que mais uma vez deixava a Vila Cordeiro para serpentear os ares da cidade que escolhera para servi-lhe de caverna.

Voos tranquilos rumo ao centro da cidade, quase nunca repetia percursos, algo assim sem querer deixar pistas, rastros aéreos de seu Norte Verdadeiro: a Literatura! E como escrevia furiosamente bem aquele sábio dragão, riscando os céus da prosa e da poesia com a maestria pertinente apenas aos guardiães da literariedade de primeira linha.

Entretanto, **no final daquela manhã de sábado**, o monstro fabuloso resolveu parar seu bater de asas e mergulhar em direção ao chão. Seguiria andando, podendo, assim, ver e rever velhos conhecidos que lhe cumprimentavam quase em reverência sempre que seus pés e braços alados tocavam o solo infértil e relegado aos

desprovidos de almas poéticas. Nessas horas, transmutava-se em humano, disfarçando-se para não dar na vista, nem ser perseguido pela legião de admiradores que arrebatara desde seus primeiros anos de escrita.

Entretanto, desistir de seu voo e descer ao solo tornou-se erro fatal. Ao tentar mudar de calçada, não percebeu que em sua direção um outro dragão se aproximava impiedoso, alta velocidade, urrando em voo rasante e nefasto.

Foi pego com a guarda baixa o maior dos dragões brasileiros.

A pancada sofrida por seu frágil disfarce humano lançou-lhe longe, o asfalto como campo de batalha recebendo gotas de seu sangue real. Sem lhe dar chances de defesa, seu algoz o atingira em cheio no tórax e cabeça, incapacitando-o de ruflar asas e voltar a sua toca, onde certamente curaria as feridas como tantas vezes já acontecera em combates passados.

Estava ferido de morte, o monstro áleo de Santana do Acaraú.

Ainda transmutado em corpo de homem, foi levado a hospitais onde bravamente agonizou por mais quase um dia, sob os cuidados dos sinceros amigos que sabiam de sua secreta identidade. Outros de sua estirpe? De uma casta linhagem que atravessou os séculos misturando-se entre homens comuns para acalmá-los nas horas de mais angústia e ânsia por poesias e um pouco de paz? Nunca saberemos!

Foi sepultado, como era de seu desejo, em solos da Fazenda do Dragão, encravada nas terras de São Francisco do Estreito, onde, segundo narra certa lenda, até nascera em forma de gente.

Naquela mesma tarde, dizem os que por lá estavam presentes, um vento Aracati insistentemente soprava aos ouvidos dos iniciados um poema há muito escrito pelo Dragão que se fora:

O menino jaz atropelado:

Nossa Senhora salve o menino!

Deixe que eu morra em seu lugar.

Deixe que eu morra por ti, menino.

Deixe que eu morra atropelado.

Nossa senhora Salve o menino!

(MONTEIRO, Marcus Túlio Dias. In: XI Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Book Editora 2008, p. 53-56).

Texto 11: Realizava sonhos entrelinhados: virava estrelinha

Ela estava **lá**. vestida de amarelo. o negro em seus cabelos. o azul em sua alma. sentada no meio-fio pintado de cal. as unhas crescidas, enfim parara de roê-las. a sobancelha por fazer. os dentes brancos. calça jeans daquelas que se usa a semana inteira. sentia-se confortável. esperava por minutos. esperava por uma vida inteira. o tempo não havia se arrastado. os quilômetros nunca existiram. o oceano nunca separou seus inquietos corações. agora não era hora de analisar. ela não analisava. sentia um vento frio no pé da barriga. borboletas em seu estômago. mas estava serena, como que despreocupada. como se só estivesse **ali** esperando o ônibus. Mas **ali** se iam dezenas de ônibus por minutos. e ela **lá**. O trânsito era caótico. ela não sentia mais o caos. olhou em seu pulso. lembrou que não havia relógio. há quanto tempo?! quando haveria perdido o relógio?! teria parado?! e quem liga?! um relógio não conta mesmo o seu tempo. o dela é como as nuvens. às vezes lenta. às vezes correria. ela dança com as nuvens e **segue debaixo delas** para aproveitar a chuva. a chuva... as águas que caem do céu e lavam sua pele. lavam sua dor. escorrem por entre os lábios e celebram o existir. seria capaz de

reconhecê-lo, sua completude da alma, anos-luz mais tarde no meio de uma rodoviária em véspera de carnaval somente pela lembrança do seu cheiro. pelo brilho do olhar. pelo fio invisível que estaria esticado, unindo-os. era mais que carnal. era mais que mágico e milagroso. era divino. e ela esperava. dentro, nenhuma confusão. a cabeça vivia cenas francesas de filmes apaixonantes. trilhas sonoras. ela era toda som. seu silêncio já dizia. seu murmuro explicitava. catou pedras. guardou no bolso. nenhum lago, lagoa, açude, represa. nenhuma poça de lama. o sol **lá em cima de** sua cabeça. a bolsa preta. o tênis preto. os anéis nos dedos. o anis do amaciante na roupa. cruzou as pernas. e começou a sentir medo. ela dificilmente sentia medo. só de baratas voadoras. mas o medo agora era medo-presente. ouviu um piano ao longe. lembrou das personagens dos livros. as personagens que mais gostava, as que mais sofrera junto com elas. annas, clarices, vivians, karens... ela era as personagens. todas. desejou a tecla *backspace* apagando a história. livrá-la do conflito. acabar os pontos finais. o piano parou. buzina. a nuvem ainda no mesmo formato. formigas em seu pé. ela tem crise de risada quando formiga seu pé. e gargalhou. ninguém entendeu. ela entendeu. estava começando a ficar nervosa. o tempo nas passava. podia ir embora se quisesse. chegou uma hora adiantada. ansiedade. ela precisava ansiar. não passou batom. não escovou o cabelo. não quis mostrar-se mais bonita. ele sabia que era bela. ela sabia quem era ela. lápis nos olhos ela tinha. era quase um ritual. e ela gostava de vê-los manchados quando chorava. ela chorava. quis ser amélie poulain. ela era amélie poulain e tinha um fabuloso destino a tecer. realizava sonhos entrelinhados: virava estrelinha. ouviu novamente a canção no piano. o piano era **lá dentro. Dentro dela.** Era o ritmo cardíaco. ela se ouvia. se transpirava em celulosa. acendeu um cigarro de cravo. mas não fumou. ela não fuma mais. o ato *blasé* ainda é o que a atrai. o cheiro do cigarro na rua. não o cheiro do cigarro dentro dela. ela respira outros ares. descruzou as pernas. e ele cruzou a esquina. os olhares se cruzaram. passou o carro de som. liquidação nas lojas maia. o tempo congelou. o sinal abriu. as nuvens pararam. o piano tocava mais alto que o carro de som. violinos e flautas. ele vinha de vermelho, *le petit prince*, os cabelos comportados. as mãos nos bolsos. o brilho no olho. centímetros que os distanciavam. ela ficou na ponta dos pés. milésimos de segundo que antecederam o esperado. e o beijo. borboletas multicoloridas visitaram seu estômago.

(LIMA, Anna Karine de Menezes. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 59-61).

Texto 16: Entrevista Hakan Buskhe (pronuncia-se Rôkan Busquê)

A Suécia é modelo

O CEO da Saab, que vendeu os Gripen ao Brasil, diz como a educação e a necessidade de fazer mais com menos são a chave do sucesso da sua empresa e do seu país.

Veja: Quando o ex-presidente Lula anunciou em 2009, que o governo havia escolhido os caças franceses para recompor a Força Aérea Brasileira, qual foi a reação dentro da Saab (pronuncia-se zób)

HB: Eu ainda não estava na empresa, comecei em 2010, mas soube que, entre os executivos e funcionários da Saab, o anúncio do ex-presidente brasileiro foi como um raio que cai, de repente, num dia de céu azul, sem nuvens. (...) Feito o anúncio, **achou-se** durante certo tempo que a mensagem havia sido suficientemente clara, que a fatura estava liquidada. Mas, por alguma razão, ele não se materializou – e, então, **voltamos** ao jogo.

Veja: O senhor tem ideia do que possa ter ocorrido?

HB: Bem, em qualquer lugar do mundo, nesse tipo de grande concorrência, muito sensível também do ponto de vista estratégico, há diversos fatores que podem influenciar o resultado. (...) Enfim, **não sei dizer** o que aconteceu para o Brasil rever a decisão. (...).

Veja: Em que momento as conversações com o governo brasileiro começaram?

HB: Mesmo após o anúncio de 2009, **nós nunca deixamos** de conversar, e sempre de modo bastante amigável, ressaltando exclusivamente as qualidades do nosso avião. **Creio** que posso resumir a nossa atitude da seguinte maneira: **nós**, suecos, que vivemos perto do Polo Norte, onde as condições são árduas – e **eu** nasci bem próximo de lá –, aprendemos rapidamente que há vezes em que você vence e outras vezes em que você perde. Por isso, **nunca falamos** mal dos nossos concorrentes.

Veja: Boa parte dos negócios da Saab é feita com países emergentes. A empresa enfrenta problemas de corrupção com essa clientela?

HB: No ramo em que **atuamos**, é inegável que aparecem questões éticas. Seria tolo afirmar que não há esse problema. Mas o **nosso grau de tolerância** com corrupção é zero, **somos** de uma rigidez absoluta. Acho ótimo, aliás, que sejam feitas avaliações internacionais de honestidade empresarial, porque se trata de uma ação educativa, e nós sempre nos **saímos** muito bem.

Veja: Quando se fala em transferência de tecnologia, o que isso quer dizer, exatamente?

HB: Significa que **nós transferiremos** tudo aquilo que permita ao Brasil desenvolver a sua próxima geração de jatos militares. **Trabalharemos** com uma imensa gama de empresas brasileiras, entre as quais a Embraer e a Akaer, e **acredito** que 80% da encomenda dos 36 caças poderá ser totalmente fabricada em solo brasileiro. **Nosso plano** é que o seu país seja uma base exportadora de Gripensa – **estamos** construindo uma fábrica em São Bernardo do Campo que faz parte desse projeto, e haverá outras, decerto. Dependendo do êxito da empreitada, criaremos milhares de empregos.

<http://www.aereo.jor.br/2014/02/24/a-suecia-e-modelo/> - último acesso: 28/01/2015.

Texto 17: Quem não quer sou eu

Seu Jorge

Vou ficar a noite em claro sem pegar no sono

Meditando sobre o que de fato aconteceu

Eu até pensei que fosse terminar na cama

Como era de costume entre você e eu

Eu fiz de tudo mas era tarde

*Foi o que **eu** podia dar você não entendeu*

Eu quis ir fundo e você com medo

*Tirou onda pois agora quem não quer sou **eu***

*É... Quem não quer sou **eu***

Quem não quer sou eu

Pois é...

E vai a noite, vem o dia

E **eu** aqui pensando

Um cigarro atrás do outro

E **eu** fumo sem parar

Da janela **eu** vejo o trânsito congestionado
 No meu peito o coração parece buzinar
Eu fiz de tudo mas era tarde
Foi o que eu podia dar você não entendeu
Eu quis ir fundo e você com medo
Tirou onda pois agora quem não quer sou eu
É... Quem não quer sou eu
Quem não quer sou eu
 Pois é...

<https://www.google.com.br/#q=letra+da+musica+quem+n%C3%A3o+quer+sou+eu> (acesso: 02/05/2014)

Texto 18: Tempos modernos

Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isto por cima de um muro de hipocrisia
 Que insiste em nos rodear
Eu vejo a vida mais farta e clara
 Repleta de toda satisfação
 Que se tem direito
 Do firmamento ao chão
Eu quero crer no amor numa boa
 Que isto valha pra qualquer pessoa
 Que realizar
 A força que tem uma paixão
Eu vejo um novo começo de era
 De gente fina, elegante e sincera
 Com habilidade
 Pra dizer mais sim do que não
 Hoje o tempo voa amor
 Escorre pelas mãos
 Mesmo sem se sentir
 Que não tempo que volte, amor
Vamos viver tudo o que há pra viver
Vamos nos permitir

(Lulu Santos. In: CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 3, Ensino Médio. São Paulo: Editora Atual, 2004, p. 142).

Texto 19: O velho e o banco

A insônia de que **eu** vinha sofrendo nas últimas noites era decorrência de uma vida cansada e ordinária, onde tudo se resumia a levantar-se da cama pela manhã, procurar algo para comer, ouvir os noticiários da tarde, pôr a refeição dos gatos e... deitar-se novamente à noite. Simples e constrangedor assim.

O pior de tudo é que não havia nada que pudesse ser adicionado a essa rotina paradigmática. Entrava dia, saía dia – e **eu** sempre tentando dormir na minha cama rangendo, remoendo pensamentos que iam do mais simplista ao mais inaudito. Tudo isso na vã esperança de adormecer, por mais leve e curto que fosse o sono.

Quando meu cérebro se tomava.

Era por uma dessas ruelas de pedra que **eu** andava.

De todos os lugares tidos como públicos, os bancos daquela praça eram certamente os mais irritantes (...).

Ontem ocorreu algo semelhante comigo, o tanto quanto extraordinário. Foi mais ou menos assim:

Ele (um velho desgrenhado de seus 64 anos): - Como vai, homem?

Eu (um escritor reprimido de 30 anos que, ocasionalmente, era tido como recluso e casmurro, além de sofrer de insônia): - Tudo bem.

Limitei-me a acender um cigarro e a lançar-lhe um olhar enviesado. Mas avistei somente a nuca calva do homem (...).

Não me irritei. Era só alguém que tinha de enfrentar a vida como qualquer outro ser humano condenado. Continuei a fumar sorradeira e despretensiosamente. A insônia de que **eu** vinha sofrendo era mais merecedora de atenção.

Mesmo assim, contra todas as expectativas, ele recomeçou:

- Às vezes me pergunto o que pessoas como você fazem por aqui. Quero dizer, um homem assim, aos trinta ou trinta e cinco anos, deveria estar em casa.

- Também acho.

Minha carreira como escritor não estava indo muito longe. As coisas que eu escrevia, os contos e crônicas que eu redigia, estavam sendo bem aceitos (...), mas, de qualquer forma, eu me sentia falido. A inspiração de que os escritores tanto precisam não me invadia mais (...).

Eu sabia que um dia ela iria me abandonar. Não havia mais o que fazer. A capacidade de escrever me deixaria sozinho, lamuriando.

- Perdi a inspiração – me ouvi dizendo.

Ele, atrás de mim, sem pestanejar, acatou:

- Ah, não se preocupe, é sempre assim. As pessoas acham que perdem a inspiração, mas ela reaparece quando **nós** menos esperamos.

- Você também escreve?

- Não tenho mais tempo para isso.

Me perguntei o que poderia roubar o tempo de uma pessoa para que ela se visse incapacitada de escrever. O que poderia ser mais importante? Escrever é uma forma de terapia. Escrever desabafa todas as emoções sufocadas, aquelas que **nós** tanto repudiamos e que, ainda assim, insistimos em guardá-las dentro de **nós**. Escrever chuta todas as nossas cóleras para o alto.

- Minha mulher me deixou recentemente.

Foi ele quem disse isso. Surpreendi-me (...).

- Minha garota me deixou há pouco tempo eu disse.

Ficamos em silêncio (...).

Ele arrematou logo em seguida:

- E o Ano Novo? Você irá passar ao lado de seus familiares, em casa?

Soltei uma baforada de fumaça do meu cigarro.

- Que nada, moro sozinho. Os poucos amigos que eu tenho me visitam apenas esporadicamente. Não preciso de pessoas.

(...)

- Eu também moro só. As pessoas me deprimem. Eu já faço muito boa companhia para mim mesmo – ele disse.

Notei um certo quê de melancolia em suas palavras.

(...)

Ao cabo de uns três minutos, quando me virei para finalmente encará-lo e para me apresentar oficialmente àquele sujeito, o velho simplesmente tinha sumido. Evaporado. Não se via mais rastro nenhum dele por ali.

(...) o que teria impulsionado o idoso a me deixar sozinho. Que falta de educação!

Não **me contive**. Ainda intrigado com isso, **levantei-me do banco e fui caminhando** até um funcionário da praça na qual me achava. **Perguntei-lhe** sobre o sujeito, ao cabo do que ele me respondeu, escorado em sua vassoura gasta:

- Velho? Sentado naquele banco? Não, não senhor... A única pessoa que vi ali foi você, virando a cabeça para trás de vez em quando.

(LOPES, Marlo Renan Rocha. *O velho e o banco*. XI Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Book Editora, 2008).

Texto 20:

ESTADINHO – Como você conseguiu se lembrar de tanta coisa de sua infância?

ZIRALDO – **A gente** não se esquece, não. Inclusive **você** tem muito mais lembranças infantis nessa fase da vida. Aos 20 e poucos anos, **você** está pouco preocupado com sua infância. Aí, quando **você** fica mais velho e começa a recordar, as coisas reaparecem. Uma coisa engraçada: **eu** escrevi um livro, há uns três anos, chamado *O menino do Rio Doce*, em que **eu** conto a história de um menino que vive à beira de um rio. Na verdade, **eu** vivia à beira do Rio Doce quando **eu** era menino, dos 3 aos 6 anos. Uma idade em que **você** não tem uma memória sequencial. **Você** tem flashes. **Eu** nunca mais havia me lembrado dessa fase da minha infância. Quando fui escrever o livro, veio tanta coisa na minha cabeça, que **eu** fiquei besta! Tem gente que esquece por conveniência de sobrevivência. Pessoa que sofre muito na infância tende a bloquear. Como **eu** fui totalmente alienado, como diz no livro “**eu** ventava”, não tenho por que bloquear minha lembrança. Minha infância foi muito boa.

(Trecho da entrevista feita pelo jornal o Estado de S. Paulo, 10/4/2004. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 7 Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 241).

Texto 21. Mulher de petista se irrita com jornalistas em visita a presídio

Andrea Haas diz que imprensa ignora argumentos da defesa

Ao voltar à penitenciária de Modena **ontem pela segunda vez** para visitar Henrique Pizzolato, Andrea Haas, mulher do ex-diretor do Banco do Brasil, acusou os jornalistas de não considerarem os argumentos da defesa de seu marido e criticou a Rede Globo.

Irritada, Andrea repetiu a alegação da defesa de Pizzolato de que o dinheiro do Visanet, que abasteceu as contas do publicitário Marcos Valério, operador do mensalão, não era público, mas oriundo de um fundo privado.

“O dinheiro não era público e não era do BB. O dinheiro era privado, da Visanet, uma empresa privada. Era um dinheiro para propaganda”, afirmou.

Dirigindo-se a uma repórter da Rede Globo, ela disse que a emissora recebeu R\$ 5 milhões do fundo Visanet.

“Ele [Pizzolato] está preso e vocês da Globo estão devendo dinheiro público. Não pagaram imposto. Isso é vergonha. Mais de R\$ 700 milhões. O outro ali está preso e todo o dinheiro foi aplicado honestamente”, afirmou.

A Globo questiona uma autuação de R\$ 713 milhões aplicada pela Receita Federal em dezembro de 2009 por supostas irregularidades no pagamento do Imposto de Renda e da CSLL (Contribuição Social sobre Lucro Líquido).

Ontem, na primeira vez em que esteve no presídio de Modena, Andrea saiu cerca de 20 minutos depois sem ter conseguido visitar o marido – ela não explicou porquê.

Pizzolato foi condenado a 12 anos e sete meses de prisão no julgamento do mensalão. **No ano passado**, fugiu para a Itália usando documentos falsos.

Anteontem, a justiça italiana decidiu que ele terá de aguardar o julgamento do pedido de extradição na prisão.

(Folha de S.Paulo. 9 de fevereiro de 2014. Caderno A4)

Texto 22. Véu, grinalda e facadas

Recebo um convite de casamento. Anexado a ele, o nome da loja onde se encontra a lista de presentes. Suspiro fundo. Noivos não andam brincando. Escolhem endereços bem sofisticados. Como **agora**. Ao entrar, ouço o tilintar dos cristais, percebo o fulgir das pratarias. “Estou perdido”, reflito. A vendedora me atende, solícita, e fornece o rol de preciosidades eleito pelo casal. Quase desmaio.

(...)

- Você não pode fingir que errou ao marcar a lista e eu levo o cinzeiro?

Ela me encara como se eu fosse um facínora. Digo que vou pensar e fujo. Começa minha peregrinação. Satisfazer a ambição dos noivos anda difícil já lista de casamento com tapete persa incluso. O pior é ser convidado para padrinho. Houve época em que era pura alegria, quase uma forma de parentesco. **Agora**, a escolha parece fazer parte de um projeto financeiro. (...)

(Walcyr Carrasco. *Crônica brasileira contemporânea*. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 8, Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 149).

Texto 23: Sorriso de sereia

Nos últimos tempos, vinha desconfiando da mulher. Não sabia se era a diferença de idade, que o fazia sentir-se pai ou tio da menina, ou se era o sorriso de sereia que, vez ou outra, o levava a lembrar-se do quanto ela era insinuante.

Estavam juntos há sete anos e tinham uma filha. Deixara a casa, a esposa e os filhos. (...)

Via-a, **agora**, com muita frequência na janela e, à notinha, quando chegava do comércio, flagrava-a ouvindo músicas apaixonadas na pequena radiola, presente de aniversário dos primeiros tempos. O que mais o contrariava é que ela não se cansava de ouvir o Francisco José com o fado *Só nós dois*, que marcara o tempo em que começara a se interessar por ela. Melhor, o tempo em que ela começara a seduzi-lo, porque, para falar a verdade, todas as investidas foram dela. Ela o queria e fora à luta para fisgá-lo. Mas estava claro que os sentimentos despertados nela, **agora**, por aquelas músicas apaixonadas não lhe diziam respeito. E ele ficou de sobreaviso.

Começou a chegar inesperadamente em casa (...).

No domingo, disse que ia até a casa dos pais, no distrito de Pitombeiras. E só voltaria à noite. Estava disposto a surpreender os dois e a matá-la. Sim, só a ela. A ele não interessava o outro. Ele que desaparecesse de sua vista, que fosse saciar-se com outras. Sua questão era com ela, que o fizera abandonar a mulher e os filhos e o estigmatizara diante da sociedade. Seu problema era com ela, que o induzira a desafiar o mundo e **agora** o traía.

(...)

Em casa, a mulher e os filhos. Um casamento estável, de quinze anos. Estável é força de expressão: muito mais um querer que fosse do que propriamente um ser. Casara-se muito novo, mais para encaminhar-se na vida do que para realizar-se afetivamente (...)

A noiva não era lá essas coisas – magrinha, sem graça, sem personalidade – um arremedo de mulher, dava-se conta **agora**. Não, não, dera-se conta desde o começo, mas só **agora** media a distância entre ela e meninas como aquela que vinha tirando-lhe o sono nos últimos tempos.

Sabia que estava entrando em uma aventura irresponsável, cujos desdobramentos eram imprevisíveis. (...).

Costumava fechar o comércio às seis horas e ir para casa, mas **agora** começava a desviar o caminho, a desviar não, a torcer o caminho, uma vez que seguia um rumo oposto ao de sua casa. Era o caminho da casa dela. (...).

Olhando para a mulher, com o revólver na mão, ele perguntou pela filha. Fora com a avó passar o dia na casa da tia Joaquina. Ótimo! Ela não vai presenciar o pai matar a puta da mãe dela. E, sem que ela tivesse tempo de pensar em uma explicação, ou mesmo suplicar que a perdoasse em nome da filha, ele disparou três tiros mortais: um no coração, outro na testa e o último na boca. Para matar aquela perigoso sorriso de sereia, que o alçara ao paraíso e **agora** o atirava ao inferno. (...).

(JAGUARIBE, Vicência. *Ancoragem em porto aberto*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010 p. 95-101).

Texto 24: Trazida por uma rajada de vento

Naquela manhã, ninguém percebeu quando Ela entrou nas asas do vento. Chegou lentamente, porque o vento era pouco. Apeou e sentou-se à mesa da sala de jantar, onde ele tomava sozinho café da manhã. Fixou nele o olhar e teve a certeza, pelo seu jeito meio desinteressado, de que **o dia era aquele**. Não **naquele momento**. Ele teria mais **algumas horas**. **Até lá**, Ela faria outras visitas.

O homem levantou-se da mesa e foi trocar de roupa, para ir à fábrica de redes da família, que ficava na outra rua. Sentiu um leve estremecimento quando passou por Ela, mas achou que poderia estar febril, desde a noite anterior parecera-lhe que iria gripar novamente.

(...)

Ela arredou um pouco o médico e assumiu o controle da situação. Segurou as mãos do moribundo, fechou-lhe a boca, apertou-lhe as narinas, pressionou-lhe os ouvidos e cerrou-lhe os olhos. Tirou um grande relógio do bolso do sobretudo e travou o ponteiro das horas – 3h15min. Terminara sua tarefa. Precisava ir. Tinha outros compromissos.

Todos sentiram quando soprou uma rajada mais forte de vento acompanhada de areia, mas ninguém viu que Ela tomara carona naquela lufada e fora-se. Fora-se sutil como chegara.

(JAGUARIBE, Vicência. *Ancoragem em porto aberto*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010 p.21-4).

Texto 25: Geração Coca-cola (Renato Russo)

Quando nascemos fomos programados

A receber o que vocês

Nos empurraram com os enlatados dos USA, de 9 às 6.

Desde pequenos nós comemos lixo

Comercial e industrial

Mas agora chegou nossa vez

Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola.

Depois de vinte anos na escola

Não é difícil aprender

Todas as manhas do seu jogo sujo

Não é assim que tem que ser?

Vamos fazer nosso dever de casa

E aí então, vocês vão ver

Suas crianças derrubando reis

Fazer comédia no cinema com as suas leis.

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola.

Depois de vinte anos na escola

Não é difícil aprender

Todas as manhas do seu jogo sujo

Não é assim que tem que ser?

Vamos fazer nosso dever de casa

E aí então, vocês vão ver

Suas crianças derrubando reis

Fazer comédia no cinema com as suas leis.

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola.

<http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/geracao-coca-cola.html#ixzz30bchR4F5>
(acesso: 02/05/2014)

Texto 26:

“**Dali** houvermos vista de homens que andavam pela praia, cerca de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, porque chegaram primeiro. **Ali** lançamos os batéis e esquifes à água e vieram logo todos os capitães das naves a esta nau do Capitão-mor e **ali** conversaram. E o capitão mandou no batel, a terra, Nicolau Coelho para ver aquele rio; e quando começou a ir para lá acudiram, à praia, homens, aos dois e aos três. Assim, quando o batel chegou à foz do rio estavam ali dezoito ou vinte homens, pardos, todos nus, sem nenhuma roupa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas vinham todos rijos para o batel e Nicolau Coelho fez-lhes sinal para que deixassem os arcos e eles os pousaram. Mas não pôde ter deles fala nem entendimento que aproveitasse porque o mar quebrava na costa.”

(fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 1, Ensino Médio. Editora Atual, 2004, p. 160).

Texto 27: Ali

só
ali
se
se Alice
ali se visse
quando Alice viu
e não disse
se ali
ali se dissesse
quanta palavra
veio e não desce
ali
bem ali
dentro de alice
só alice
ali se parece.

(Paulo Leminski. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 7 Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 51).

Texto 28:

“(…) Estendido no marquesão, o senhor do engenho arquejava. A mulher perto dele chorava enquanto os cabras já estavam no quarto rebulindo em tudo. Foi quando se ouviu um grito que vinha de fora. Apareceu o velho Vitorino, acompanhado de um cangaceiro:

- Capitão, este velho apareceu na estrada, dizendo que queria falar com o senhor.

- Quem é você, velho?

- Vitorino Carneiro da Cunha, um criado às ordens.
 - E o que quer de mim?
 - Que respeite os homens de bem.
 - Não estou **aqui** para ouvir lorotas.
 - Não sou loroteiro. O Capitão Vitorino Carneiro da Cunha não tem medo de ninguém. Isto que estou dizendo ao senhor disse na focinheira do Tenente Maurício.

(...)

Mas quando ia mais adiantada a destruição das grandezas do Santa Fé, para ou cavaleiro na porta. Os cangaceiros pegaram os rifles. Era o Coronel José Paulino, do Santa Rosa. O chefe chegou na porta.

- Boa noite, Coronel.

- Boa noite, Capitão. Soube que estava **aqui** no engenho do meu amigo Lula e vim até **cá**.

E olhando para o piano, os quadro, a desordem de tudo:

- Capitão, **aqui** estou para saber o que quer o senhor, do Lula de Holanda. E vendo D. Amélia aos soluços, e o velho estendido no marquesão:

(...)

- Capitão, me desculpe, mas essa história de ouro é conversa do povo. O meu vizinho não tem nada. Soube que o senhor estava **aqui** e **aqui** estou para receber as suas ordens. Se é dinheiro que quer, eu tenho pouco, mas posso servir.

Vitorino apareceu na porta. Corria sangue de sua cabeça branca.

(...)

- Coronel, eu me retiro. **Aqui** eu não vim com o intento de roubar a ninguém. Vim pedir. O velho negou o corpo.

- Pois eu lhe agradeço, capitão.

(...)”

(REGO, José Lins do. *Fogo morto*. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 3, Ensino Médio. São Paulo: Editora Atual, 2004, p. 182).

Texto 29: *Lasciate ogni speranza voi ch'entrate*

Aqui a asa não sai do casulo, o azul
 não sai da treva, a terra
 não semeia, o sêmen
 não sai do escroto, o esgoto
 não corre, ao jorra
 a fonte, a ponte
 devolve ao mesmo lado, o galo
 cala, não canta a sereia, a ave
 não gorjeia, o joio
 devora o trigo, o verbo envenena
 o mito, o vento
 não acena o lenço, o tempo
 não passa mais, adia,
 a paz entedia, para
 o mar, sem maremoto,
 como uma foto, a vida,
 sem saída, **aqui**,
 se apaga a luz, acaba
 e continua

(ANTUNES, Arnaldo. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 3, Ensino Médio. São Paulo: Editora Atual, 2004, p. 198).

Texto 30: O Piano

Os ouvidos do agrônomo, que estava **ali** a trabalho, surpreenderam-se ao distinguir, executados por mãos hábeis e sensíveis (algo inconfundível) acordo do *Concerto para Piano e Orquestra nº 21*, de Mozart. Eram onze e quarenta de uma manhã de setembro, e ele, caminhando pelas ruas mal calçadas e pouco arborizadas, amaldiçoava o chefe que o fizera aventurar por **aquele fim de mundo**.

(...)

E, pelo que estava ouvindo, não era uma atividade só para inglês ver, não. Havia **ali** um artista excepcional, cujas execuções se distinguiam pela sensibilidade das interpretações e pelas inovações nos arranjos tradicionais.

Quem tocava com tanta competência em uma terra de pés rachados? Quem, **ali**, tinha a sensibilidade de introjetar o sentimentalismo quase excessivo de *For Elise*, ou a sensualidade quase impertinente da *Habanera*, da *Carmen*, de Bizet? (...)

Apurou os ouvidos. Os acordes vinham de uma casa grande e antiga, construída ao lado da igreja. Ele tentou orientar-se pelos sons do piano, que naquele momento iniciava a delicada *Canção de Ninar*, de Brahms. Parou na calçada do casarão, que conservava fechadas até a metade as portas interiores das duas varandas. Não teve coragem de tentar vislumbrar, mesmo por segundo, o interior da residência, os mistérios da *casa do piano*. Recolheu-se intimamente e assim ficou, parado, até que a criança de Brahms finalmente adormecesse. (...)

(JAGUARIBE, Vicência. *Ancoragem em porto aberto*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010 p.28-30).

Texto 31: Meia verdade e meio perdão?

A Comissão da Verdade produziu um documento histórico sobre atrocidades na ditadura. Mas erra ao contestar o acordo que assegurou a transição pacífica para a democracia.

Da boca das 1121 pessoas que se sentaram diante dos **membros da Comissão Nacional da Verdade (CNV)** ao longo dos últimos dois anos e sete meses saíram relatos que agora viram história. Eles reavivaram as tintas de um quadro sombrio ao expor detalhes excruciantes das torturas infligidas por membros da ditadura militar a seus opositores. Iluminaram cantos invisíveis desse quadro ao revelar o destino de corpos de homens e mulheres assassinados pelo regime. Redimensionaram o tamanho do arbítrio ao incluir ainda mais mortos e desaparecidos numa lista já grande demais. **Produziram um relevante mas incompleto registro histórico.**

Instalada em 2012 com o propósito de “examinar e esclarecer graves violações de direitos humanos” cometidas entre 1946 e 1985, **a comissão** reduziu seu escopo três meses depois, quando **decidiu investigar apenas os atos perpetrados por “agentes públicos e servidores do Estado”**. Com isso, **deixou de lado os sequestros, roubos e assassinatos cometidos por guerrilheiros** que se engajaram na luta armada para trocar a ditadura militar pela comunista, concentrando-se em virar, na prática, **uma “comissão da meia verdade”, na definição do jurista Ives Gandra Martins. A**

estimativa é que 121 pessoas tenham sido mortas durante o regime militar por ação de grupos de esquerda.

Já fazia parte do roteiro essa abordagem capenga definida pela ideologia hegemônica da comissão, em mais uma demonstração de que os vitoriosos escrevem a história. A novidade foi a proposta de “responsabilizar agentes públicos que cometeram crimes contra a humanidade”. Na prática um pedido de revisão da Lei da Anistia, a proposta mira os servidores públicos, civis e militares, que conduziram ou participaram de sessões de tortura. A Lei da Anistia, de 1979, estabeleceu o perdão judicial a todos os que cometeram crimes, fosse a serviço do Estado brasileiro, fosse a serviço de ideologias de esquerda, cujos militantes eram treinados e financiados por potências como a União Soviética e a China. Não se pode esquecer que o plano inicial do governo era perdoar legalmente apenas seus agentes, mas a esquerda, preocupada com os crimes cometidos por seus próprios extremistas, exigiu nas ruas que a anistia fosse “ampla, geral e irrestrita”. E assim foi.

Não é a primeira vez que se tenta revogar o perdão legal só para criminosos do lado do governo. Em 2010, uma ação da Ordem dos Advogados do Brasil nesse sentido foi derrotada por 7 votos a 2 no Supremo Tribunal Federal. O relator do processo foi o ministro Eros Grau, que deixou o STF naquele mesmo ano. Advogando para opositores do regime militar, Eros Grau também foi preso e torturado, o que não abalou sua fé na Justiça. Escreveu ele: “A anistia é mesmo para ser concedida a pessoas indeterminadas e não a determinadas pessoas”.

Como signatário da Convenção Americana de Direitos Humanos, **não é diplomaticamente correto para o Brasil ignorar as decisões do órgão encarregado de zelar pelos compromissos assumidos pelos países aderentes**. Esse órgão, a Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), em uma decisão de 2010 que responsabiliza o Brasil pelo desaparecimento de guerrilheiros comunistas na região do Araguaia entre 1972 e 1975, deu ímpeto a novas contestações da Lei da Anistia que ainda podem vir a ser julgadas pelo STF. A CIDH não tem poderes coercitivos, mas suas decisões incomodam. Revoltado por uma condenação da CIDH, o então presidente da Venezuela, Hugo Chávez, desligou seu país da entidade.

Na discussão recente sobre a Lei da Anistia, a voz mais sensata foi a da presidente Dilma Rousseff, justamente ela, que, presa e condenada por participação em um grupo armado, sofreu nos cárceres do regime militar. Na cerimônia de entrega do documento, na quarta-feira passada, em um discurso interrompido pelas lágrimas, ela colocou a questão em seu eixo correto ao afirmar que não há lugar para “revanchismo”: “Assim como reverenciamos todos os que lutaram pela democracia e tombaram nessa luta de resistência, também reconhecemos e valorizamos os pactos políticos que nos levaram à redemocratização”. Rever a Lei da Anistia, que viabilizou o processo de redemocratização do Brasil, é sempre uma opção legal. Mas, antes de analisar os aspectos técnicos, é preciso saber responder se essa é a opção mais sábia.

A ANISTIA CONTESTADA – a lei de 1979 perdoou perseguidores e perseguidos na ditadura. Mas, agora, querem mudar a regra do jogo.

O que diz a Lei? Que serão anistiados, ou seja, receberão o perdão da Justiça, “todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes”.

Quem ela beneficia – De guerrilheiros que sequestraram, assassinaram e assaltaram bancos em nome da luta contra a ditadura a agentes públicos que sequestraram, torturaram, assassinaram e sumiram com corpos em nome da defesa do regime militar - ou seja, todos os que cometeram crimes “de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política”.

O que quer a comissão: que a lei seja revista de forma a punir envolvidos em sequestros e tortura. Uma das teses é que alguns crimes, como o sequestro, ainda não acabaram, já que os corpos jamais foram encontrados, e por isso os culpados poderiam ser julgados.

Por que o STF decidiu que a lei não pode ser revista – **Eros Grau, ministro-relator** do processo que pedia a revisão da lei, em 2010, **disse que ela não poderia ser examinada sob a ótica dos valores atuais, mas tinha de ser vista como a única saída negociada possível no fim da década de 70, de forma a possibilitar a volta da democracia sem derramamento de sangue.**

(ZALIS, Pieter. In: Revista Veja. São Paulo: Editora Abril. Edição 2404. Ano 47. Nº 52, 17 de dezembro de 2014).